

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO**  
**Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção**

**JOSÉ SETEMBRINO DE MELO**

**Leitura Cristológica da *Familiaris Consortio***

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia Sistemática, com concentração em Dogma à comissão julgadora da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, sob orientação do Côn. Prof. Dr. Antônio Manzatto.

**São Paulo - 2006**

*Parecer da Banca Examinadora*

*Nota:.....*

## *Dedicatória*

*Dedico este trabalho a Deus-Trindade,  
Comunidade de Vida e de Amor,  
que em Jesus Cristo participou efetivamente da história humana.*

*Ao saudoso Santo Padre, o Papa João Paulo II que,  
por sua vida e ministério apostólico,  
inspirou-me ao amor, ao serviço e ao anúncio do  
Evangelho da vida e da família.*

*À minha família amada,  
comunidade de vida e de amor e lugar das mais ricas experiências humanas e cristãs,  
ampliada por novas gerações:*

*meus pais, Antônio Avelino de Melo e Maria Luíza de Melo (sempre presente);  
minha irmã, Sônia Maria de Melo Silva, seu esposo Benedito Augusto da Silva e sua prole:*

*Amanda Camila Silva e Tobias Augusto de Melo Silva;*

*minha irmã, Isabel Rita de Melo Ribeiro, seu esposo João Batista Ribeiro e sua prole:*

*João Pedro de Melo Ribeiro;*

*meu irmão, Márcio Avelino de Melo, sua esposa Maria Rita Peçanha de Melo e sua prole:*

*Maria Clara Peçanha de Melo e Luís Felipe Peçanha de Melo.*

*A todos aqueles que acreditam firmemente na família,  
alicerçada no matrimônio como sacramento,  
futuro e esperança da humanidade e da Igreja.*

*A todos os seguidores de Jesus histórico, o Cristo Ressuscitado, nosso Redentor.*

## *Agradecimentos*

*Às famílias que me acolheram ao longo da vida.*

*A Dom Ricardo Pedro Chaves Pinto Filho que acreditou no meu potencial e à querida Arquidiocese de Pouso Alegre, a quem devo minha vocação e estudos.*

*Aos Padres amigos e incentivadores da caminhada acadêmica: Marco Aurélio Gubiotti,*

*Wilson Mário de Moraes, José Eugênio da Fonseca, Simão Cirineo Ferreira,*

*Jésus Benedito dos Santos, Maurício Pieroni, Sebastião Camilo,*

*Edson Aparecido e Dom José Francisco Resende Dias.*

*À querida Paróquia de São Francisco de Paula, Ouro Fino/MG,*

*sacrificada muitas vezes pela presença parcial de seu Pároco,*

*aos funcionários e, especialmente, a Pe. Cláudio Antônio Braz que suportou o “peso” pastoral.*

*Às eficientes colaboradoras na correção da obra, Maria Regina Oliveira Goulart,*

*Stela Gubiotti Ribeiro de Miranda, Dalila de Jesus Lopes, Cíntia Zoratini.*

*Aos amigos especiais: famílias da Equipe de Nossa Senhora Rosa Mística; comissão arquidiocesana de Pastoral Familiar, especialmente Takumi e Rubia Noda;*

*Às amigas do coração Maria Ângela Kallás, Vera Faria, Hilda Carneiro e*

*minha primeira e querida incentivadora Regina Gonçalves da Silva.*

*Meu orientador, Côn. Prof. Dr. Antônio Manzatto, que acreditou e incentivou minha caminhada.*

*Às muitas pessoas que ao longo do Mestrado me auxiliaram na leitura e correção da obra.*

*Aos professores de Mestrado que testemunharam a fé e compartilharam com os alunos*

*o conhecimento de Deus, muito especialmente Ir. Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Freire da Silva.*

*A todos os meus colegas de Mestrado, especialmente Clotilde Prates de Azevedo e Jesus Azarten,*

*com quem compartilhei momentos de alegrias, angústias, esperanças e tequilas.*

## SIGLAS

//	Paralelo
a.C.	Antes de Cristo
AA	<i>Apostolicam Actuositatem</i> (Vat. II)
AAS	Acta Apostolicae Saedis
AG	<i>Ad Gentes</i> (Vat. II)
AIBI	A Interpretação Bíblica na Igreja (Pontifícia Comissão Bíblica – 1993)
AT	Antigo Testamento
CA	<i>Centesimus Annus</i> (João Paulo II)
can.	Cânon.
CC	<i>Casti Connubii</i> (Pio XI)
cc.	Cânones.
CCS	Carta ao Cardeal Suhard (Pontifícia Comissão Bíblica – 1948)
CD	<i>Christus Dominus</i> (Vat. II)
Cf. Ou cf.	Conforme, conferir, confere.
CIC	<i>Cordex Iuris Canonici</i> (Código de Direito Canônico – 1983)
CIGC	Catecismo da Igreja Católica.
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CONIC	Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil
CtAn	Carta aos Anciãos (João Paulo II)
CtFm.	Carta às famílias (João Paulo II)
d.C.	Depois de Cristo
DAFS	<i>Divino Affante Spiritu</i> (Pio XII)
DH	<i>Dignitatis Humanae</i> (João Paulo II)
DI	<i>Dominus Iesus</i> (Congregação para a Doutrina da Fé)
dir.	Direção
DPF	Diretório da Pastoral Familiar (CNBB)
DV	<i>Dei Verbum</i> (Vat. II)
DZ	<i>Denzinger</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i> (Paulo VI)

ES	<i>Ecclesiam Suam</i> (Paulo VI)
Et seq.	<i>Et sequentia</i> (o que segue)
Et seq.	<i>Et sequentia</i> (e o que segue)
et. al.	Vários
Fasc.	Fascículo
FC	<i>Familiaris Consortio</i> (João Paulo II)
FiRa	<i>Fides et Ratio</i> (João Paulo II)
GE	<i>Gravissimum Educationis</i> (Vat. II)
GS	<i>Gaudium et Spes</i> (Vat. II)
i.e.	isto é
LG	<i>Lumen Gentium</i> (Vat. II)
MD	<i>Mulieris Dignitatem</i> (João Paulo II)
MM	<i>Mense Maio</i> (Paulo VI)
n.	número ou números
NT	Novo Testamento.
org.	Organizador da obra
p.	página ou páginas
PD	<i>Providentissimus Deus</i> (Leão XIII)
PP	<i>Populorum Progressio</i> (Paulo VI)
REB	Revista Eclesiástica Brasileira
RH	<i>Redemptor Hominis</i> (João Paulo II)
RMi	<i>Redemptoris Missio</i> (João Paulo II)
s.	seguinte ou seguintes
S. Th.	Summa Theologiae (obra principal de S. Tomás de Aquino).
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i> (Vat. II)
SME	<i>Sancta Mater Ecclesia</i> (Pontifícia Comissão Bíblica - 1964)
SP	<i>Spiritus Paraclitus</i> (Bento XV)
v. ou V.	Volume ou Tomo
Vat.	Vaticano
VS	<i>Veritatis Splendor</i> (João Paulo II)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I A EXORTAÇÃO APOSTÓLICA <i>FAMILIARIS CONSORTIO</i>.....</b>	<b>13</b>
1. O Magistério Eclesiástico na vida da Igreja.....	16
1.1 A pedagogia de Jesus Cristo de Nazaré: primazia do Ensino.....	26
1.2 A pedagogia dos discípulos de Jesus: primazia do Ensino.....	43
1.3 O Magistério Eclesiástico: primazia do Ensino.....	57
2. O Pontificado de João Paulo II: primazia do Ensino.....	65
2.1 Karol Josef Wojtyła.....	65
2.2 O Evangelho da família e da vida no Pontificado de João Paulo II.....	76
3. Contexto histórico, conteúdo e estrutura da <i>Familiaris Consortio</i> .....	88
3.1 Perspectivas teológico-pastorais para o matrimônio e a família.....	88
3.2 Sínodo dos Bispos para a família.....	92
3.3 Síntese estrutural e conceitual da <i>Familiaris Consortio</i> .....	100
<b>CAPÍTULO II O MISTÉRIO DE CRISTO NA <i>FAMILIARIS CONSORTIO</i>.....</b>	<b>112</b>
1. A cristologia: ponto de partida da teologia.....	112
2. Vida conjugal e familiar: “lugar teológico” à luz do Mistério de Cristo.....	118
3. Elementos de Cristologia na Exortação Pós-Sinodal <i>Familiaris Consortio</i> .....	122
3.1 Mistério da Sagrada Família: Encarnação do Filho de Deus e a vida escondida de Jesus	125
3.1.1 O mistério de Nazaré: Reino do Amor divino.....	126
3.1.2 O mistério da Encarnação.....	132
3.2 Jesus: a pregação do Reino e a família dos discípulos.....	139
4. A significação da morte e ressurreição de Jesus como Salvação da família cristã.....	149

<b>CAPÍTULO III ACREDITAR NA FAMÍLIA É CONSTRUIR O FUTURO.....</b>	<b>160</b>
1. Do Sacramento do Matrimônio, nasce a família cristã.....	160
2. Perspectivas teológicas antigas e novas sobre o matrimônio e a família.....	172
2.1 A família reflete a vida trinitária.....	172
2.2 A família de Nazaré reflete a Trindade.....	183
2.3 Família: imagem da Igreja.....	191
2.4 Teologia do matrimônio como sacramento.....	201
2.4.1 Perspectiva histórica do matrimônio como sacramento.....	201
2.4.2 O sacramento do matrimônio na teologia sistemática atual.....	206
3. Pastoral familiar: ação da Igreja em favor da família.....	212
3.1 O sacramento do matrimônio: fundamento da família cristã.....	212
3.2 A ação da Igreja em favor da família.....	215
3.2.1 Abrangência da ação pastoral em favor da família.....	216
3.2.2 Pastoral familiar: experiências que deram certo.....	219
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>223</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>229</b>

## INTRODUÇÃO

O texto-fonte do trabalho, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Familiaris Consortio*, tem sido, desde sua publicação em 22 de novembro de 1981, Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, no quarto ano de Pontificado de João Paulo II (de saudosa memória), um documento magisterial de grande graça e benefício para a Igreja, em questões relacionadas à família cristã, alicerçada no matrimônio como sacramento.

O objetivo principal do documento papal foi refletir a identidade da família cristã e sua tarefa no mundo atual, num contexto cultural pluralista, exigente e em constante mutação. As profundas mudanças sociais incidem, entre luzes e sombras, diretamente na família cristã, “igreja doméstica e santuário da vida” (Gs 11 e AA 11). Entre as patologias sociais, a “família é a mais enferma”, afirmavam os Papas, Pio XII e João Paulo II.

Sob diferentes ângulos, as abordagens feitas pelos estudiosos das mais variadas áreas do saber científico, sobre a *Familiaris Consortio*, referem-se às dimensões antropológica, sociológica e pastoral. A abordagem sociológica, por exemplo, que contempla a “questão-família”, na magnitude dos problemas sociais emergentes das múltiplas culturas, não pode, hoje, deixar de incluir outras disciplinas, como a dimensão antropológica. Esta, por sua vez, deve considerar o sujeito a partir de uma concepção de pessoa humana e de suas exigências fundamentais. Necessariamente, surgem outras abordagens, psicológicas e educacionais. Os múltiplos olhares científicos emergem das múltiplas e diferenciadas dimensões da complexa

realidade da família, que têm feito dela, segundo Pe. João Carlos Petrini, “privilegiado objeto de análise científica”.

A dimensão cristológica da *Familiaris Consortio* parece não ter sido, ainda, amplamente explorada pelos autores. Propomo-nos assumir a difícil tarefa de colaborar na investigação mais ampla e profunda sobre a Verdade fundamental do binômio matrimônio-família, em defesa da vida, atendendo ao apelo de João Paulo II que exortou teólogos e especialistas a contribuírem na compreensão de tão complexa realidade. Toda reflexão teológica deve partir da realidade assumida na vida, na prática e na mensagem de Jesus histórico, que conduz ao Cristo Ressuscitado. A realidade familiar e conjugal, “lugar de sentido, por isso, lugar teológico”, plataforma comum das ciências, é o ponto de partida do objeto a que este trabalho se propõe: a cristologia. Certamente, a proposta não ambiciona explorar o tema à exaustão, mas, tão somente, indicar caminhos para a compreensão da pessoa de Jesus Cristo e seu seguimento, através da mediação vida-matrimônio-família.

Algumas perguntas possibilitam refletir o núcleo central da obra: é possível e se justifica uma leitura cristológica da *Familiaris Consortio*? Há ou não elementos de cristologia na *Familiaris Consortio*? No caso positivo, aparecem duas outras questões conexas sobre a possível cristologia da *Familiaris Consortio*: ela é fundamento da identidade e da missão da família cristã no mundo contemporâneo? Ela é categoria básica sob a qual os desafios atuais deverão ser enfrentados, estabelecendo-se assim, critérios fundantes de novas relações familiares? A partir da *Familiaris consortio* pode-se desenvolver uma cristologia que contempla a família como “lugar teológico”, de seguimento de Jesus Cristo e de vivência da experiência salvífica de Deus que transforma o mundo? Como Jesus é apresentado na Exortação Pós-Sinodal? Tem a cristologia de João Paulo II uma contribuição original para a missão da família no mundo de hoje?

Utilizando o método da pesquisa bibliográfica, o trabalho é apresentado em três Capítulos consecutivos:

O Capítulo I, o mais extenso, devido às inúmeras citações literais do texto-fonte, que justificam os dados obtidos, apresenta a contextualização histórica, estrutural e conceitual da *Familiaris Consortio*. As Escrituras Sagradas mostram que Jesus priorizava o Ensino da verdade revelada, exemplo seguido pelos discípulos e consolidado pela Tradição. A autoridade do Magistério Vivo da Igreja emerge da obediência da fé, consignada nas Escrituras e comentadas pela Tradição. João Paulo II levou para o exercício de seu magistério Petrino as convicções humanas e cristãs enraizadas nas experiências vitais, isto é, culturais e familiares. Falava com autoridade, Ensinando a Verdade sobre os desígnios de Deus Criador e Salvador. O Concílio Ecumênico Vaticano II (1960-1965), do qual participou e colaborou diretamente, além de ser sua inspiração, foi, também, uma determinação, pois, propôs-se a colocá-lo em prática no decorrer de sua missão Apostólica. Preocupado com cada um dos seres humanos, colocou em seu coração especial amor pelas famílias, lugar privilegiado de todo homem. O Sínodo dos Bispos (1980) sobre as tarefas da família cristã no mundo de hoje ofereceu as proposições que, mais tarde, resultou na Exortação Apostólica em questão.

O Capítulo II, ponto central do trabalho, apresenta a leitura cristológica da *Familiaris Consortio*. A partir do texto-fonte e da plataforma matrimônio-família, emerge a cristologia da Exortação Pós-Sinodal. Sequencialmente são apresentados, a importância da cristologia para a teologia; a vida conjugal e familiar como “lugar teológico” à luz do mistério cristão; os elementos de cristologia da *Familiaris Consortio*, a partir da vida, prática e mensagem de Jesus, fruto da experiência das primeiras comunidades cristãs; o elemento cristológico central da Exortação, ou seja, a Redenção (vida, prática, Ensino, Reino, Encarnação, paixão, morte, ressurreição e

exaltação do Senhor). A idéia-exigência que perpassa o Capítulo é o seguimento de Jesus de Nazaré.

O Capítulo III, por fim, apresenta a teologia sistemática referente ao matrimônio-família, sacramento do evento salvífico, e a ação pastoral da Igreja como materialização do seguimento de Jesus e do “Evangelho da vida e da família”. A família cristã nasce do matrimônio como sacramento. A teologia contribui eficazmente para a sistematização dogmática. Novos paradigmas para a família, refletem sua realidade inserida em Cristo e sua missão profética, sacerdotal e real. A Pastoral familiar contempla a família cristã e todas as famílias necessitadas de salvação em Cristo, ao mesmo tempo em que pode significar a resposta material e coerente da Igreja no cumprimento da missão a ela confiada pelo próprio Senhor.

Esta proposta pretende contribuir para um novo amanhecer da cristologia na vida familiar e matrimonial. Jesus Redentor salva toda a realidade humana, inclusive aquela mais humana e escola de humanidade: a família. A família cristã, comunidade de discípulos-seguidores de Jesus, Senhor e Salvador, é chamada a tornar sempre mais viva sua singular significação para a vida da Igreja e do mundo: “É necessário que as famílias do nosso tempo tomem novamente altura! É necessário que sigam Cristo” (FC Conclusão).

# CAPÍTULO I

## A EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *FAMILIARIS CONSORTIO*

A Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* do saudoso Pontífice João Paulo II, assinada em Roma no dia 22 de novembro de 1981, Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, quarto ano de seu pontificado, foi o marco histórico de seu ministério petrino em questões que dizem respeito à situação da família. Mais ainda, foi um testemunho vivo do Exercício Magisterial de um Papa que, verdadeiramente, Ensinou a Verdade de Jesus Cristo sobre o matrimônio e a família: anunciou a Boa-Nova da família!

“Seguindo a Cristo que ‘veio’ ao mundo ‘para servir’ (Mt 20,28), a Igreja considera o serviço à família uma das suas obrigações essenciais”<sup>1</sup>. A família tem sua origem mesmo no Amor Criador, confirmado no Amor Redentor.

A família tem a sua origem naquele mesmo amor com que o Criador abraça o mundo criado, como se afirma já ‘no princípio’, no livro do Gênesis (1,1). Uma suprema confirmação disso mesmo, no-la oferece Jesus no Evangelho: ‘Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho Unigênito’ (Jo 3,16). Filho unigênito consubstancial ao Pai, ‘*Deus de Deus, Luz da Luz*’, *entrou na história dos homens através da família*: ‘Pela sua encarnação, ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem’. [...]. Se é certo que Cristo ‘revela plenamente o homem a si mesmo’ (GS 22), fá-lo a começar da família onde ele escolheu nascer e crescer. Sabe-se que o Redentor passou grande parte da sua vida no recanto escondido de Nazaré, [...]”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> CtFm 2.

<sup>2</sup> CtFm 2.

“Jesus Cristo é o caminho principal da Igreja [...] e é também o caminho para cada homem”<sup>3</sup>. Ele mesmo confiou o homem à Igreja “como ‘via’ da sua missão e ministério”<sup>4</sup>, portanto, “*O homem é a via da Igreja*”<sup>5</sup>. Esse homem é “a única criatura sobre a terra, querida por Deus por si mesma”<sup>6</sup>, é o homem existencial, concreto, histórico, tal como foi amado, querido, eternamente escolhido por Deus.

Aqui, portanto, trata-se do homem em toda a sua verdade, com a sua plena dimensão. Não se trata do homem ‘abstrato’, mas sim real: do homem ‘concreto’, ‘histórico’. Trata-se de ‘cada’ homem, porque todos e cada um foram compreendidos no mistério da redenção, e com todos e cada um Cristo se uniu, para sempre, através deste mistério<sup>7</sup>.

O homem é “o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento de sua missão: *ele é a primeira e fundamental via da Igreja*, via traçada pelo próprio Cristo e via que imutavelmente conduz através do mistério da Encarnação e da Redenção”<sup>8</sup>. A verdade plena desse homem no âmbito pessoal, familiar, cultural, comunitário e social está ameaçada. A situação desse homem no mundo não é uniforme e as múltiplas diferenças têm causas históricas e éticas<sup>9</sup>.

Dentre as inúmeras estradas [do homem], “*a primeira e a mais importante é a família*: uma via comum, mesmo se permanece particular, única e irrepetível, como irrepetível é cada homem; uma via da qual o ser humano não pode separar-se. Com efeito, normalmente ele vem ao mundo no seio de uma família, podendo-se dizer que a ela deve o próprio fato de existir como homem.”<sup>10</sup>.

---

<sup>3</sup> RH 13.

<sup>4</sup> CtFm 1.

<sup>5</sup> RH 1; cf. CtFm 1; GS 22.

<sup>6</sup> GS 24; cf. RH 13.

<sup>7</sup> RH 13.

<sup>8</sup> RH 14.

<sup>9</sup> Cf. RH 14-17.

<sup>10</sup> CtFm 2.

“O mistério divino da Encarnação do Verbo está, pois, em estreita relação com a família humana”<sup>11</sup>. O Filho de Deus, na Encarnação, “se uniu a cada homem”<sup>12</sup>, analogicamente, o Filho de Deus se uniu à família de Nazaré e, de certo modo, a todas as famílias<sup>13</sup>.

A Igreja, iluminada pela fé, que lhe faz conhecer toda a verdade sobre o precioso bem do matrimônio e da família e sobre os seus significados mais profundos, sente mais uma vez a urgência de anunciar o Evangelho, isto é, a ‘Boa Nova’ a todos indistintamente, em particular a todos aqueles que são chamados ao matrimônio e para ele se preparam, a todos os esposos e pais do mundo. Ela está profundamente convencida de que só com o acolhimento do Evangelho encontra realização plena toda a esperança que o homem põe legitimamente no matrimônio e na família<sup>14</sup>.

Ensinar a verdade sobre o matrimônio e a família segundo o desígnio de Deus Criador e Redentor é a eminente tarefa da Igreja missionária e ministerial, Povo de Deus em comunhão e participação, colegiada e corresponsável<sup>15</sup>.

No plano de Deus Criador e Redentor a família descobre não só a sua «identidade», o que «é», mas também a sua «missão», o que ela pode e deve «fazer». As tarefas, que a família é chamada por Deus a desenvolver na história, brotam do seu próprio ser e representam o seu desenvolvimento dinâmico e existencial. Cada família descobre e encontra em si mesma o apelo inextinguível, que ao mesmo tempo define a sua dignidade e a sua responsabilidade: família, «torna-te aquilo que és»!<sup>16</sup>

A família, “Igreja Doméstica”<sup>17</sup>, no amor conjugal e familiar, e com a Igreja universal, deve seguir Cristo e dispor-se a edificar o Reino de Deus na história mediante as realidades cotidianas e a sua condição de vida.

É então no *amor conjugal e familiar* - vivido na sua extraordinária riqueza de valores e exigências de totalidade, unicidade, fidelidade e fecundidade - que se exprime e se realiza a participação da família cristã na missão profética, sacerdotal e real de Jesus

---

<sup>11</sup> CtFm 2.

<sup>12</sup> GS 22; cf. CtFm 2.

<sup>13</sup> Cf. CtFm 2.

<sup>14</sup> FC 3.

<sup>15</sup> Cf. FC 5.

<sup>16</sup> FC 17.

<sup>17</sup> LG 11; AA 11.

Cristo e de sua Igreja: o amor e a vida constituem portanto o núcleo da missão salvífica da família cristã na Igreja e pela Igreja<sup>18</sup>

“É necessário que as famílias do nosso tempo tomem novamente altura! É necessário que sigam a Cristo”<sup>19</sup>. É necessário Ensinar a verdade evangélica e a riqueza de sua Tradição a todos, pois, “*O futuro da humanidade passa pela família!*”<sup>20</sup>.

## 1. O Magistério Eclesiástico na vida da Igreja

A verdadeira compreensão sobre a validade e a missão do Magistério Eclesiástico na vida da Igreja se dá a partir de dentro do Mistério de Deus, revelado no Mistério de Cristo e esclarecido pela ação do Espírito Santo, que nele atua em todos os períodos da história, até a consumação dos tempos<sup>21</sup>.

O Mistério de Jesus Cristo, perfeito revelador do Mistério de Deus como Trindade imanente e econômica, é chave de compreensão do Mistério da Igreja, lugar e fonte da identidade e da missão do Magistério Eclesiástico. Fora do Mistério de Jesus Cristo e da Sua Igreja o Magistério Eclesiástico seria reduzido a mero exercício de um poder temporal de efeito meramente ideológico e sociológico<sup>22</sup>.

A revelação neotestamentária e a Tradição eclesial exprimem o que é o Magistério vivo e sua missão na vida da Igreja, especialmente através dos Concílios Ecumênicos e os testemunhos

---

<sup>18</sup> FC 50.

<sup>19</sup> FC Conclusão.

<sup>20</sup> FC Conclusão.

<sup>21</sup> Cf. SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 7; ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 13-117; SAARINEN, R. Magistério. In: LACOSTE, J – Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073-1075.

<sup>22</sup> Cf. SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 7; ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 47-78.

dos Santos Padres<sup>23</sup>. As fontes primárias que fundamentam e justificam a existência, a missão e a função do Magistério Eclesiástico são: a Sagrada Escritura e a Tradição viva da Igreja.

No transcurso da história, a figura do Magistério apresenta-se com significados e variantes diversos, conforme as exigências e as circunstâncias históricas de cada época e os inúmeros desafios que se lhe impuseram a realidade cultural e eclesial. As ameaças heréticas e a incidência dos poderes temporais na vida da Igreja muito contribuíram para delinear o perfil que hoje expressa a sua figura magisterial. Entender o Magistério em si mesmo, sua ação e função, suas normas e interpretações, sem a Sagrada Escritura e a Tradição, torna-se tarefa impossível<sup>24</sup>.

A teologia do Magistério tem por base “o paradoxo assinalado desde o período patrístico: o Magistério exerce uma autoridade que exige obediência.”<sup>25</sup>. O Magistério da Igreja é “*ministério da fé, [...], a serviço da fé e da verdade do Evangelho e deve a essa verdade evangélica obediência exemplar*”<sup>26</sup>. Sua autoridade, contudo, se entende a partir de sua identidade e missão dentro da Igreja de Jesus Cristo<sup>27</sup>. Entre a Escritura e a Tradição exerce o ofício de intérprete da Palavra de Deus, de forma subordinada: “o Ensino do Magistério não pode sustentar-se por si só; ele é essencialmente relativo àquilo que constitui a sua norma. Ensina com

<sup>23</sup> Cf. BECKER, V. K. J. *O ministério sacerdotal: natureza e poderes do sacerdócio segundo o magistério da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 7-8; DENZINGER, H; HÜNERMANN, P. *El magistério de la Iglesia: enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus difei et morum*. 2. ed. Barcelona: Herder, 2000. Passim; ALTANER, B.; STUIBER, A. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. 3. ed. São Paulo, Paulus, 1972. Passim; LIÉBAERT, J. *Os Padres da Igreja*. V. 1: séculos I-IV. São Paulo: Loyola, 2000; SPANNEUT, M. *Os Padres da Igreja*. V. 2: séculos IV-VIII. São Paulo: Loyola, 2002; ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995. Passim.

<sup>24</sup> Cf. SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p.19-72. BECKER, V. K. J. *O ministério sacerdotal: natureza e poderes do sacerdócio segundo o magistério da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1976, 10-35; ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 79-85; SAARINEN. R. Magistério. In: LACOSTE, J–Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073-1074.

<sup>25</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 61.

<sup>26</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 8; DV 10: o magistério entre a Escritura e a Tradição, o papel de intérprete, mas subordinado à Palavra de Deus.

<sup>27</sup> Cf. LG 12: a relação Magistério infalível e a infabilidade do *sensus fidei* universal dos fiéis; LG 21: a ordenação episcopal e o múnos de ensinar, santificar e reger; SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 61-64; ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 227-257; SAARINEN. R. Magistério. In: LACOSTE, J – Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073-1075.

autoridade porque em primeiro lugar *escuta*”<sup>28</sup>. A Igreja de Jesus Cristo é uma realidade visível e espiritual:

Cristo, Mediador único, constitui e sustenta indefectivelmente sobre a terra, como organismo visível, a sua Igreja santa, comunidade de fé, de esperança e de caridade, e por meio dela comunica a todos a verdade e a graça. Contudo, sociedade dotada de órgãos hierárquicos e corpo místico de Cristo, assembléia visível e comunidade espiritual, Igreja terrestre e Igreja já na posse dos bens celestes, não devem considerar-se como duas realidades, mas constituem uma realidade única e complexa, em que se fundem dois elementos, o humano e o divino. [...] Esta é a única Igreja de Cristo, que no símbolo professamos una, santa, católica e apostólica, e que o nosso Salvador, depois de sua ressurreição, confiou a Pedro para que a apascentasse (cf. Jo 21,17), encarregando-o, assim como aos demais apóstolos, de a difundirem e de a governarem (cf. Mt 28,18ss), levantando-a para sempre como ‘coluna e sustentáculo da verdade’ (1Tm 3,15). Esta Igreja, como sociedade constituída e organizada neste mundo, subsiste na Igreja católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele, ainda que fora do seu corpo se encontrem realmente vários elementos de santificação e de verdade, que, na sua qualidade de dons próprios da Igreja de Cristo, conduzem para a unidade católica<sup>29</sup>.

O exercício Magisterial e a missão dos bispos estão intimamente vinculados à natureza da Igreja, à sua identidade e missão<sup>30</sup>. A Igreja e seus servidores, para comunicar aos homens o fruto da Salvação, deve seguir o mesmo caminho de Jesus Cristo que “consumou a obra de redenção na pobreza e na perseguição”<sup>31</sup>. A Igreja, ao ver e encontrar Jesus Cristo na vida do povo, especialmente dos pecadores e dos pobres, e sendo ela mesma da mesma condição de seus membros, necessita sempre de conversão, de cuidado e discernimento para que use dos recursos humanos necessários ao cumprimento de sua missão de forma humilde e abnegada, sem glórias

<sup>28</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 56-57; cf. DV 7-10; ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 105-114.

<sup>29</sup> LG 8; cf. DZ 6-9; ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 57-131. 103-114; SAARINEN, R. Magistério. In: LACOSTE, J – Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1074-1075.

<sup>30</sup>: Cf. ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005, 105-131: sobre a identidade da Igreja e o seu agir no mundo.

<sup>31</sup> LG 8; cf. ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 115-131.

terrenas<sup>32</sup>. Os bispos são “como o sumo sacerdote de seu rebanho, em quem tem origem e de quem depende, de algum modo, a vida dos fiéis em Cristo”<sup>33</sup>. Os bispos, com o povo-ecclesial e não sem ele, são pastores, sacerdotes, guias e mestres do rebanho:

A Igreja ‘continua o seu peregrinar entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus’ (Santo Agostinho), anunciando a paixão e a morte do Senhor, até que ele venha (cf. 1Cor 11,26). No poder do Senhor ressuscitado encontra a força para vencer, na paciência e na caridade, as próprias aflições e dificuldades, internas e exteriores, e para revelar ao mundo, com fidelidade, embora entre sombras, o mistério de Cristo, até que no fim dos tempos ele se manifeste na plenitude de sua luz<sup>34</sup>.

Graças às transmutações, conceitual e prática, porque passaram o Magistério, as conotações que lhes deram a realidade ecclesial e cultural, os diferentes modos como seu ministério foi exercido no decurso da história<sup>35</sup>, conclui-se que:

Por um lado, a autoridade do magistério é legítima e necessária para que a Igreja se mantenha na *obediência* à mensagem da revelação que este tem o ofício de expor com fidelidade e cujo depósito deve conservar; o **valor do seu ensinamento**<sup>36</sup> vem, portanto, da sua própria obediência que **faz da palavra magistral um ensinamento apostólico**<sup>37</sup>. Por outro lado, o magistério está estabelecido com autoridade, como uma garantia da fidelidade da Igreja a esse depósito. Por isso dispõe do carisma da inerrância

<sup>32</sup> Cf. LG 7-8; GS 1; ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 115-177. 191-225.

<sup>33</sup> SC 41.

<sup>34</sup> LG 8. sobre a natureza e missão ecclesial: corresponsabilidade entre Povo de Deus, hierarquia e cristãos leigos, cf. LG 9-38.

<sup>35</sup> Cf. BECKER, V. K. J. *O ministério sacerdotal: natureza e poderes do sacerdócio segundo o magistério da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 153.154: genericamente, a evolução no “magisterium” deve considerar duas espécies de historicidade: a história do próprio magistério e a história da definição de magistério. O próprio magistério é também histórico e suas manifestações em forma de recordações ou definições, tomadas em conjunto, estão sujeitas a uma evolução. O magistério de uma época apresenta uma verdade para a Igreja de uma época que, simultaneamente, é uma válida como verdade para a Igreja de todas as épocas, pois, toda definição é válida para sempre. Em sentido teológico, através da Igreja, uma definição dogmática quanto mais antiga, mais significativa. A razão disso é que a definição dogmática não foi do interesse e não foi dirigida só para a Igreja da época, mas da Igreja para todas as épocas, algo do interesse dos séculos subsequentes; SAARINEN. R. Magistério. In: LACOSTE, J-Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073-1075.

<sup>36</sup> O grifo é nosso.

<sup>37</sup> O grifo é nosso.

fundamental com relação à manutenção fundamental da fé. Deve-se conservar juntas as duas coisas, articuladas em sua fé<sup>38</sup>.

Bernard Sesboüé orienta: “Deve-se conservar juntas as duas coisas, articuladas em sua solidariedade dialética”<sup>39</sup>, pois, a articulação entre os dois lados oferecerá o equilíbrio que evitará os extremos opostos: por um lado, reconhecer merecer obediência à autoridade doutrinária da Igreja na medida de sua fidelidade à Escritura, mas, problema sem solução consiste em saber que instância é capaz de julgar essa fidelidade; por outro lado, achar que o Ensino Magisterial basta por si mesmo a partir da verdade de sua autoridade legítima, erro ocorrido no século XIX, século em que o Magistério reforçou o princípio de autoridade e fez pronunciamentos em exagero<sup>40</sup>.

O Magistério deve apresentar as “credenciais escriturísticas e tradicionais do seu Ensino”<sup>41</sup>, a fim de que sua autoridade seja devidamente reconhecida pelos católicos e, ao mesmo tempo, seja ponto de partida para o diálogo ecumênico<sup>42</sup>.

[...], devemos sem cessar, do lado católico, restabelecer a circulação entre os diversos lugares teológicos lembrados pelo Cânon 760 do novo Código: “O ministério da palavra deve basear-se na Sagrada Escritura, na Tradição e na liturgia, no magistério e na vida da Igreja”. Isto quer dizer que, se a Escritura deve ser compreendida à luz das decisões magisteriais que a interpretam autenticamente, reciprocamente devem essas decisões ser compreendidas como relativas à Escritura e a partir dela<sup>43</sup>.

<sup>38</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 61.

<sup>39</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 61.

<sup>40</sup> Cf. SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 61; cf. também: p. 43-53; SAARINEN. R. Magistério. In: LACOSTE, J-Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073-1074.

<sup>41</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 62; cf. PD 25-48; SP 8-14; SAARINEN. R. Magistério. In: LACOSTE, J-Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073-1075.

<sup>42</sup> Cf. SAARINEN. R. Magistério. In: LACOSTE, J-Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1077.

<sup>43</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 62.

O Magistério é de instituição divina<sup>44</sup>. Sua missão, essencialmente correlata e intimamente ligada, inseparavelmente conexa e vinculada à Sagrada Escritura e à Tradição viva da Igreja, é específica, inconfundível, um exercício insubstituível no mundo contemporâneo, como o foi no passado, pois, ele está a serviço do Mistério de Deus<sup>45</sup>.

A histórica e complexa relação entre o modelo teórico e o exercício do Magistério da Igreja tem sido ainda hoje motivo de crítica por parte de muitos seguidores da Igreja. Dois críticos sérios da atuação do Magistério atual são José Comblin e Dom Aloísio Cardeal Lorscheider. Segundo eles, infelizmente, a Cúria Romana excluiu o termo “Povo de Deus”<sup>46</sup> do vocabulário eclesiástico. A categoria teológica “Povo de Deus” exige do Magistério uma nova postura prática no tocante ao exercício magisterial, o sentido de colegialidade<sup>47</sup>.

Depois do Vaticano I o Episcopado viu-se reduzido em seu poder de participação na vida da Igreja. As nomeações realizadas por Pio IX, mais controladas ainda por Pio XII, baseavam-se em total submissão à Cúria Romana. João XXIII, ao contrário do que muitos esperavam, surpreendeu o mundo e a Igreja ao convocar o Concílio Vaticano II, suscitando reações contrárias e até movimento de sabotagem da parte da Cúria Romana. A nova esperança colegiada do

<sup>44</sup> Cf. LG 17-21; SAARINEN. R. Magistério. In: LACOSTE, J-Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073.

<sup>45</sup> Cf. BECKER, V. K. J. *O ministério sacerdotal: natureza e poderes do sacerdócio segundo o magistério da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1976, p 7-8: as definições e posicionamentos do magistério são vinculados à Tradição, sempre fundamentadas em uma época e em documentos fundadores e sempre necessários na história. Tais definições são, em certo grau, uma Tradição, por ser a expressão da fé de sempre, e só podem ser compreendidas plenamente através da história da precedente Tradição e sua incidência em posteriores processos históricos; cf. DV 7-10; GS 18-29; LG 17-23; verifique também vários documentos Papais e Cartas da Pontifícia Comissão Bíblica, relativos ao Magistério e Tradição, sua relação com autoridade e Bíblia: In: DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos sobre a Bíblia e sua interpretação (1893-1993)*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 26, 31, 58, 69-70, 109, 136, 152-159, 160, 162, 168, 170, 176, 182-183, 202-205, 217, 222, 235, 241-256, 261, 264; SAARINEN. R. Magistério. In: LACOSTE, J – Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073-1075.

<sup>46</sup> LG 9; cf. LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 58. 56-60; COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 9. 5-51.

<sup>47</sup> Cf. LG 18-29, especialmente LG 22 e 23: sobre o colégio dos bispos e a sua cabeça e a relação dos bispos dentro do colégio; *Christus Dominus*, Decreto sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja. In: DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 241-272.

Magistério trazida pelo Concílio, numa avaliação após 40 anos, tornou-se mais difícil e fechada ainda<sup>48</sup>.

A compreensão sobre a “identidade teológica do Concílio Vaticano II”<sup>49</sup> e seus desdobramentos históricos contribuem para alicerçar e esclarecer a tarefa da teologia em diálogo com o mundo moderno. Os elementos teológicos mais importantes que influenciaram Igreja e Pontificado de João Paulo II e sua doutrina sobre o matrimônio foram: a história como o “campo da experiência humana de Deus”, do homem que acolhe na fé o primado da Palavra de Deus; a “compreensão acerca da Igreja [como] mistério revelado na história”, valorizando-se a “tradição apostólica transmitida e desdobrada em tradições capazes de explicitarem a veracidade da fé da Igreja presente na natureza, na estrutura e na vida da mesma Igreja”; uma nova compreensão antropológica, chave da nova compreensão da antropologia teológica, onde o ser humano histórico e transcendental é “um mistério inserido no mistério divino e relacionado com ele. [...] Com isso, a revelação passou a ser desenvolvida na perspectiva histórico-pessoal, ressaltando a centralidade de Cristo na *história salutis*, em suas dimensões humana e divina”<sup>50</sup>.

---

<sup>48</sup> Cf. COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 9. 8-15; LORSCHIEDER, A linhas do Concílio Ecumênico Vaticano II. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 39. 44-45; COMBLIN, J. As sete palavras-chaves do Concílio Vaticano II. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 56-62; BEOZZO, J. O. O Concílio Vaticano II: etapa preparatória. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p.9-37; LIBANIO, J. B. Concílio Vaticano II: os anos que se seguiram. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 76-78; SOUZA, N. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 17-29; GONÇALVES, P. S. L. A teologia do Concílio Vaticano II e suas conseqüências na emergência da Teologia da Libertação. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p 70-77; CATÃO, F. A. C. O perfil distintivo do Vaticano II: recepção e interpretação. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 95-104.

<sup>49</sup> GONÇALVES, P. S. L. A teologia do Concílio Vaticano II e suas conseqüências na emergência da Teologia da Libertação. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 69.

<sup>50</sup> GONÇALVES, P. S. L. A teologia do Concílio Vaticano II e suas conseqüências na emergência da Teologia da Libertação. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p 76.

Se, por um lado, a Igreja retrocede no exercício da colegialidade, por outro lado, o Magistério continua atuante e exercendo um papel eminente, sem jamais perder sua autoridade que emana do mistério fundante de sua missão e se expressa no pleno exercício de sua função. Desse modo, o sentido do termo *magisterium*, como é entendido e exercido pela Igreja contemporânea só é compreendido mediante estudo minucioso do significado semântico do termo ao longo da história da Igreja<sup>51</sup>. Verifica-se, portanto, mesmo que sua significação seja modificada em cada época cultural, um vocabulário que conserva seu sentido originário e permanente, que perpassa todas as épocas: a missão de ensinar (pregar, proclamar e anunciar), o serviço de governar (vigilantes, supervisores), a função reguladora da fé (defesa da verdade da fé, defesa do depósito da fé). O olhar para o passado nos permite algumas reflexões, pois a história comprova a necessidade, a indispensável e insubstituível missão do Magistério<sup>52</sup>.

O funcionamento dos Concílios Ecumênicos reflete um modo de exercício do Magistério vivo, aprofunda a noção de Magistério na história da Igreja e da teologia, e contribui para a compreensão e a justificação de sua necessidade e grandeza na vida da Igreja:

A decisão conciliar é um ato jurídico em matéria de fé. É um julgamento que determina a interpretação ortodoxa da fé original. Seu elemento regulador é primordial, dado que o alvo do ensinamento é manter a verdade da fé diante do erro. Mas esse ato jurídico não basta por si só, visto que é o ato de interpretação de uma mensagem fundadora e de um documento fundador que é a Escritura. Neste sentido, as decisões conciliares são também atos de jurisprudência que nos vinculam em nossa interpretação da Escritura e

<sup>51</sup> Cf. SAARINEN, R. Magistério. In: LACOSTE, J – Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1074; SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 48. O sentido moderno do termo magistério entrou nos documentos pontifícios com Gregório XVI, em 1835. Na definição, a Igreja dispõe, por instituição divina, de um poder de “magistério para ensinar e definir aquilo que se refere aos costumes e interpretar a Sagrada Escritura sem nenhum perigo de erro”; LG 18-29.

<sup>52</sup> Cf. SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 7-20. 19-54. 61-64. 223-255; COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 356-366; BECKER, V. K. J. *O ministério sacerdotal: natureza e poderes do sacerdócio segundo o magistério da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1976, p 7-8. 15-17. 153; PALACIO, C. *Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo: teologia aos 40 anos do Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2001. Passim; RAHNER, K. *Vaticano II: um começo de renovação*. São Paulo Herder, 1966, p. 6-22; GS 18-29.

da fé. [...] a Igreja deve sempre “fazer” a verdade do seu texto fundador, a Escritura, atualizando-a em contextos históricos e culturais diferentes. [...]. Essa condição histórica permite distinguir o sentido das palavras, aquilo que é irreformável na intenção, e aquilo que se acha sujeito à eventual caducidade no vocábulo empregado. É precisamente essa condição histórica do ser humano e de seu conhecimento, e da própria revelação, tanto em seu desenvolvimento como em sua compreensão, que exige a existência de um magistério vivo, cujo discurso nunca se encerra por definição, porque a fé deve ser sempre transmitida e ensinada ao presente das culturas<sup>53</sup>.

A Bíblia é “palavra de Deus em palavras humanas”<sup>54</sup>. Os responsáveis pelo vasto material bíblico e o conteúdo literário e teológico da comunidade foram os legisladores, os profetas, os mestres. Juntamente com eles contribuíram os redatores e compiladores na seleção e aprimoramento do rico e vasto material bíblico<sup>55</sup>.

A autoridade divina e humana da Bíblia, como palavra de Deus e palavra humana, é inquestionável. A revelação também tem sua evolução. Os movimentos históricos e acontecimentos específicos da vida do Povo da Aliança, as mudanças no estilo de vida nômade para um estilo de vida sedentário, contribuíram para a evolução e a mudança da Bíblia que, também, crescia e mudava com o povo até se estabilizar nos cânones.

A inspiração bíblica se manifestou, deste modo, “dinâmica e atuante em situações e acontecimentos comuns”<sup>56</sup>. A atividade divina dava autoridade aos hagiógrafos que recebiam da comunidade dos fiéis o reconhecimento oficial do caráter inspirado das tradições religiosas tidas como inspiradas. O julgamento humano está sujeito a erros, e a compreensão humana é limitada, mas a Palavra de Deus é fidedigna. A diversidade da “tradição bíblica” não causava divisão na

<sup>53</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 36.

<sup>54</sup> BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 1: Introdução, Pentateuco, Profetas Anteriores. São Paulo: Loyola, 1999, p. 13.

<sup>55</sup> Cf. BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 1: Introdução, Pentateuco, Profetas Anteriores. São Paulo: Loyola, 1999, p. 14.

<sup>56</sup> BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 1: Introdução, Pentateuco, Profetas Anteriores. São Paulo: Loyola, 1999, p. 13; cf. Também vários documentos Papais e Cartas da Pontifícia Comissão Bíblica, relativos ao Magistério e Tradição, sua relação com autoridade e Bíblia: In: DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos sobre a Bíblia e sua interpretação (1893-1993)*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 26, 31, 58, 69-70, 109, 136, 152-159, 160, 162, 168, 170, 176, 182-183, 202-205, 217, 222, 235, 241-256, 261, 264.

comunidade por ser a essência ou identidade do Povo de Deus. Eles entendiam a si mesmos como Povo de Deus, uma identidade que moldou o seu caminho na história e garantiu sua sobrevivência. A autoridade para definir a autenticidade da inspiração bíblica reside no auto-entendimento do povo de Israel e da comunidade primitiva<sup>57</sup>.

Para eles, ser ‘o povo de Deus’ significava que Deus os chamara e os conduzia e protegia. Acreditavam ser destinatários da revelação. Na medida em que expressam com autenticidade o auto-entendimento fundamental do povo, tais tradições podem ser consideradas munidas de autoridade<sup>58</sup>.

O auto-entendimento da comunidade primitiva está na seqüência dessa “tradição bíblica” com autoridade, mas num constante crescer. O evento Cristo trouxe grande impacto sobre o povo de Deus, forçando-o a rever suas crenças. A radical diferença das outras revelações é que o evento Cristo “Não foi apenas outra revelação de Deus – os fiéis insistem que foi *a revelação de Deus*. Por essa razão, tradições mais primitivas podem agora ser vistas sob uma luz inteiramente nova”<sup>59</sup>. Instaura-se a passagem da religião do livro (judaísmo) para a religião do Cristo vivo (cristianismo). Jesus é a autoridade divina invocada pela comunidade cuja mensagem não é uma doutrina, mas uma pessoa.

A fé transmitida como palavra humana está sujeita às condições e vicissitudes humanas, em função da evolução histórico-cultural. Por esse fato, necessita de uma instância que garanta uma regulação autorizada. A necessidade e a grandeza do Magistério garantem essa regulação porque procede do próprio mistério da encarnação, a Palavra viva que se tornou humana. Jesus Cristo confiou sua mensagem e a gestão de seus mistérios ao povo que constituiu como Igreja que se mantém infalível na fé por sua graça, pois, a fé deveria permanecer intacta e inviolável até

<sup>57</sup> Cf. BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 1: Introdução, Pentateuco, Profetas Anteriores. São Paulo: Loyola, 1999, p. 13-37.

<sup>58</sup> BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 1: Introdução, Pentateuco, Profetas Anteriores. São Paulo: Loyola, 1999, p. 15.

<sup>59</sup> BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 1: Introdução, Pentateuco, Profetas Anteriores. São Paulo: Loyola, 1999, p. 7. 17.

sua volta. A Igreja tem a missão de transmitir o Evangelho vivo da Salvação e da Vida, Jesus Cristo, o Salvador e Senhor. A transmissão deve ser “feita” do mesmo modo que Jesus Cristo o fez, de forma humana, como no dizer de Sesbouè, como palavra viva de geração em geração. As Escrituras continuam como a base da fé no Senhor Jesus. Ele é a luz e a chave hermenêutica das Escrituras<sup>60</sup>.

A verdade do Magistério, sua necessidade e grandeza, verificam-se no decorrer da história, a partir da própria Escritura e da Tradição, a vida da Igreja, e segue o curso da história no cumprimento de sua missão. A pedagogia de Cristo é modelo para o Magistério Eclesiástico.

### **1.1 A pedagogia de Jesus Cristo de Nazaré: primazia do Ensino**

Jesus Cristo, “Sabedoria de Deus”<sup>61</sup> e “mestre de sabedoria”<sup>62</sup>, veio para Anunciar e Salvar<sup>63</sup> com autoridade. Revelar-se grande Mestre e Pedagogo<sup>64</sup> através do modo próprio de suscitar a fé nos discípulos. Seu ensinar e agir era com autoridade, a autoridade divina em íntima relação com a “sabedoria extraída da vida diária”<sup>65</sup>.

---

<sup>60</sup> Cf. SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 7; BINGERMER, M. C. L. Deus: experiência histórica e rosto humano – alguns elementos sobre a questão de Deus no Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p 187-205.

<sup>61</sup> FC 10.

<sup>62</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 8; cf. FC 8-10.

<sup>63</sup> Cf. EN 6: “O testemunho que o Senhor dá de si mesmo e que São Lucas recolheu no Evangelho, ‘Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus’ (Lc 4,43), tem, sem dúvida nenhuma, uma grande importância, porque define, numa frase apenas, toda a missão de Jesus: ‘Para isso é que fui enviado’ (Lc 4,43). Estas palavras assumem o seu significado pleno [...] Cristo tinha aplicado a si próprio as palavras do Profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para evangelizar os pobres” (Lc 4,18; cf. Is 61,1).”

<sup>64</sup> Cf. SESBOÛÈ, B. *Pedagogia do Cristo: elementos de cristologia fundamental*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 5.

<sup>65</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 8.

Jesus tinha autoridade, ensinava com autoridade e dava autoridade a seus discípulos<sup>66</sup>. A veracidade de um ensinamento com autoridade parte da “experiência pessoal e o senso comum do ouvinte”<sup>67</sup> que é levado ao encontro das necessidades e da recuperação da pessoa humana. A *experiência* cotidiana para Jesus constituía-se fonte de sabedoria e de orientação. Ele ensinava seus discípulos a “consultar a própria *experiência* para serem sábios e tomarem as atitudes corretas”<sup>68</sup>. As parábolas oferecem indicações para um correto agir do homem em relação à íntima união com Deus e com os outros, seja individual ou comunitariamente. As parábolas e as experiências do cotidiano da vida do povo exemplificam claramente e esclarecem melhor a ação pedagógica e magisterial do Mestre e Sábio Jesus<sup>69</sup>.

Jesus de Nazaré pregava, proclamava e ensinava<sup>70</sup>, extasiava as multidões, até mesmo as autoridades e os opositores<sup>71</sup>, encantava os discípulos e apóstolos, reconhecido como quem falava

<sup>66</sup> Cf. Mt 7,29; 9,6; 10,1; 21,23-27; 28,18-20; Mc 1,22; 2,10; 3,13-15; 6,7; 11,28-33; 13,36; Lc 4,32; 5,24; 9,1-2; 10,17-20; 19,11-27; 20,1-8; 22,24-27; Jo 5,25-26; 10,18; 17,2.

<sup>67</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 8.

<sup>68</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 8; Lc 10: episódio do samaritano solidário.

<sup>69</sup> Cf. a: experiência da tentação no deserto demonstra Jesus amando Deus perfeitamente – Mt 4,1-11; b: a parábola do Samaritano solidário – Lc 10, 29-37; c: o olho é lâmpada do corpo – Mt 6,22-23; d: os dois caminhos – Mt 7,13-14; e: Jesus é mestre com o fardo leve – Mt 11,28-30; f: parábola do sementeiro – Mt 13,3-9; g: parábola do Joio – Mt 13,24-30; h: parábola do grão de mostarda e do fermento – Mt 13,31-33; i: parábolas do tesouro, da pérola e da rede – Mt 13,44-51; j: parábola dos trabalhadores enviados à vinha – Mt 20,1-16; l: a figueira estéril e seca – Mt 21,18-22; m: parábola dos dois filhos, dos vinhateiros homicidas e do banquete nupcial – Mt 21,28-46–22,1-14; n: sal da terra e luz do mundo – Mt 5,13-16.

<sup>70</sup> Cf. “Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando em suas sinagogas [...]” (Mt 4, 23); “Disse-lhes: ‘Vamos a outros lugares, [...] a fim de pregar também ali, pois foi para isso que eu vim’. E foi por toda a Galiléia, pregando em suas sinagogas e [...]” (Mc 1, 38-39); “Jesus percorria todas as cidades e povoados ensinando em suas sinagogas e pregando o Evangelho do Reino [...]” (Mt 9, 35); “E este Evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testemunho para todas as nações. Então verá o fim.” (Mt 24, 14); Cf. também: Mt 4, 17; 13, 54; 26,13.55; Mc 1, 21-22; 6, 2; 4, 49; 14, 9; Lc 4, 15; 8, 1; 19, 47; SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 20-21: Dois vocábulos do Novo Testamento são igualmente empregados a Jesus e aos discípulos, “proclamar ou anunciar” (*Keruso*), “ensinar” (*didasko, didaskalia, didackè*). “Mais tarde, na Vulgata, Jerônimo irá sistematicamente traduzir *didaskalos* por *magister*”.

<sup>71</sup> Cf. “Vendo ele as multidões, subiu à montanha. Ao sentar-se, aproximaram-se dele os seus discípulos. E pôs-se a falar e os ensinava [...]” (Mt 5, 1-2); “Aconteceu que ao terminar Jesus essas palavras, as multidões ficavam extasiadas com o seu ensinamento, porque as ensinava com autoridade e não como os seus escribas” (Mt 7, 28-29); Cf. também: Mc 1,23; 4, 1-2; Lc 4,32; “Enviaram-lhe, então, alguns dos fariseus e dos herodianos para enredá-lo com alguma palavra. Vindo eles disseram-lhe: ‘Mestre, [...], mas ensinas, de fato, o caminho de Deus’” (Mc 12, 13-14a.); Lc 20, 21; Jo 7, 14; 8,28.

com autoridade<sup>72</sup>. Ele reconhecia a autoridade dos Sábios Profetas Judeus anteriores. Referia-se à autoridade deles, mas ensinava e agia explicando as tradições pelo próprio mérito e autoridade, recorrendo diretamente à autoridade divina. Não ensinava como os fariseus que recorriam à autoridade da tradição dos anciãos<sup>73</sup>. Para os discípulos, Jesus é a autoridade<sup>74</sup>. Jesus estava profundamente imerso nas Escrituras e nas tradições antigas de seu povo, base de sua sabedoria, porém, “[...] para as decisões e a orientação práticas, cotidianas, sobre como viver fielmente de acordo com as tradições, a chave [...], é a sabedoria extraída da vida diária”<sup>75</sup>.

Jesus Cristo soube viver bem e ensinar o bem-viver. Redentor da humanidade, historicamente situado, teve histórias, crenças, valores e práticas que unificaram e orientaram sua vida em “relação a Deus enquanto origem e meta da existência humana”<sup>76</sup>. A Pessoa toda de Jesus Cristo de Nazaré é revelação, proclamação, anúncio e ensinamento, a começar pelo

---

<sup>72</sup> Cf. “Quando Jesus acabou de dar instruções a seus doze discípulos, partiu dali para ensinar e pregar nas cidades deles” (Mt 11, 1); “Tendo partido dali, caminhava através da Galiléia, mas não queria que ninguém soubesse, pois ensinava aos seus discípulos e dizia-lhes: ‘O Filho do Homem será entregue às mãos dos homens e eles o matarão e, morto, depois de três dias ele ressuscitará’” (Mc 9, 30-31); cf. também: Mc 16, 15.20; Lc 9, 1-2.60; 11, 1; 24, 47.

<sup>73</sup> Cf. “não como os seus escribas” (Mt 7,29), nota (a). In: BIBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1716: “Que baseavam todos os seus ensinamentos na ‘tradição’ dos anciãos (cr. 15,2). – Ad. ‘e os fariseus’”.

<sup>74</sup> Cf. “Aconteceu que ao terminar Jesus essas palavras, as multidões ficaram extasiadas com o seu ensinamento, porque as ensinava com autoridade e não como os seus escribas” (Mt 7,28-29; // Mc 1,23; Lc 4,32); No episódio da transfiguração: “E lhes apareceram Elias com Moisés, conversando com Jesus” (Mc 9,4); “E eis que dois homens conversavam com ele: eram Moisés e Elias que, aparecendo envoltos em glória, falavam de seu êxodo que se consumaria em Jerusalém” (Lc 9,30-31); no ensino sobre o divórcio: “O que vos ordenou Moisés?” (Mc 10,3.4-9); na parábola do homem rico e do pobre Lázaro – evoca a autoridade de Abraão, Moisés e os Profetas: “Abraão, porém, respondeu: ‘Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos [...] Mas Abraão lhe disse: ‘Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, nem mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão’” (Lc 16,29.31); o episódio de Emaús e a interpretação das Escrituras: “Ele, então, lhes disse: ‘Insensatos e lentos de coração para crer em tudo o que os Profetas anunciaram!’ E, começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes as Escrituras o que a ele dizia respeito” (Lc 24,25-27); “Porque a Lei foi dada por meio de Moisés” (Jo 1,17); o episódio da cura do cego de nascença e o interrogatório dos fariseus cf. Jo 9,1-41//Jo 5, 45-47: “Não pensais que vos acusarei diante do Pai; Moisés é vosso acusador, ele, em quem pusestes a vossa esperança. Se crêdesseis em Moisés, haveríeis de crer em mim, porque foi a meu respeito que ele escreveu. Mas se não credes em seus escritos, como creereis em minhas palavras?”; BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 1: Introdução, Pentateuco, Profetas Anteriores. São Paulo: Loyola, 1999, p. 18; Mt 7,29; 9,6; 21,23; 22,16; 28,18; Mc 1,22; 2,10; 3,15; 11,28; Lc 4,6.32; 5,24 19, 47; 20,2.

<sup>75</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 8.

<sup>76</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 9 e 253; cf. MANZATTO, A. O paradigma cristológico do Vaticano II e sua incidência na cristologia latino-americana. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 208-218.

mistério da sua encarnação, perpassando toda a sua vida, até a realização plena do mistério da Redenção, na sua morte e ressurreição<sup>77</sup>. Seu agir é o agir de Deus e Sua palavra é a Palavra de Deus. Sua missão de Ensinar e Anunciar transparece nas palavras e em todas as suas ações. Sua sabedoria consiste em dirigir as pessoas para Deus e para as relações humanas, ajudando-as obter discernimento entre ações aconselhadas e desaconselhadas: “como lidar, com sucesso e lealdade, com a família, os amigos, os parceiros de negócios, os líderes civis, os jovens, os idosos, os estrangeiros, os tolos?”<sup>78</sup>.

A sabedoria na literatura sapiencial de Israel está inserida na ampla literatura sapiencial do Antigo Oriente da qual emerge a sabedoria grega, mãe de sua primeira civilização<sup>79</sup>. A sabedoria familiar e de clã foi pertinente e relevante no mundo antigo, pois, era preciso aprender a “lidar com a vida no mundo”<sup>80</sup>. Por isso, ela dizia respeito aos indivíduos e a seu modo de existir no mundo, à vida no lar e no clã. “A formalização dessa sabedoria num conjunto coerente de pressupostos e conclusões sobre a vida e o mundo, veio a surgir espontaneamente a partir das necessidades de criação e educação da nova geração”<sup>81</sup>. Os Sábios eram hábeis na arte de falar, na arte de analisar e descrever a existência, e versáteis na arte de tratar com os outros.

<sup>77</sup> Cf. MANZATTO, A. O paradigma cristológico do Vaticano II e sua incidência na cristologia latino-americana. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 209.

<sup>78</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 9; cf. “Aconteceu que ao terminar Jesus essas palavras, as multidões ficaram extasiadas com seu ensinamento, porque as ensinava com autoridade e não como os escribas” (Mt, 7,28-29); nota (a) BÍBLIA: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003, p. 1714: “Que baseavam todos os seus ensinamentos na “tradição” dos anciãos (cf. 15, 2)”; “Nesse tempo, chegaram-se a Jesus fariseus e escribas vindos de Jerusalém e disseram: “Porque os teus discípulos violam a tradição dos antigos? Pois não lavam as mãos quando comem” (Mt 15, 1-2); cf. Nota (d) In: BÍBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1731: “Tradição oral que, sob o pretexto de assegurar a observância da lei escrita, ia mais longe do que ela. Os rabinos faziam-na remontar, através dos “artigos”, a Moisés”.

<sup>79</sup> Cf. BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. V.3.2: os livros poéticos: Salmos, Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 114-310.

<sup>80</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 14.

<sup>81</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 14. 14-20; cf. BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. V.3.2: os livros poéticos: Salmos, Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 114.

Ensinar corresponde a educar e revelar. Significa, simultaneamente, apreender a Lei ouvida e praticá-la para reconstruir o ambiente social, familiar e religioso. Na Escritura Veterotestamentária, em Ex 3,4-12, Moisés fez a experiência de Deus. No monte Horeb, a montanha de Deus ou da teofania, do meio de uma sarça, Deus entra em diálogo com Moisés. Por livre iniciativa, Deus põe-se a ensinar revelando algo sobre si mesmo<sup>82</sup>. Demonstrou que para libertar é necessário adquirir conhecimento, falar, ser ouvido e praticar. Deus ensina, dando-se a conhecer.

A tradição Javista apresenta a estreita relação entre Êxodo e Sinai que emerge da experiência da sarça, em dupla dimensão: reverência e continuidade histórica.

O que emerge dessa passagem é a dupla dimensão de reverência e de continuidade histórica. A reverência se expressa no gesto de Moisés tirar as sandálias por causa da santidade intrínseca do encontro com o Senhor – a presença do Senhor santifica o solo. Por conseguinte, Moisés cobre o rosto. A continuidade histórica é articulada no v. 6. O Deus que fala a Moisés tem estado atuante através dos séculos em sua preocupação por este povo. O Deus de Moisés é também o Deus dos patriarcas (veja também 3,16)<sup>83</sup>.

A tradição Eloísta, por sua vez, apresenta o encontro de Moisés com seu sogro Jetro. Na montanha próxima ao Sinai, montanha do encontro, não da teofania<sup>84</sup>, Moisés conta a Jetro os feitos do Senhor. Jetro parece reagir com alegria, como que reconhecendo a superioridade do Deus de Israel<sup>85</sup>. O encontro se caracteriza por dois acontecimentos significativos: primeiro, o encontro culmina com o banquete de uma aliança<sup>86</sup>; segundo, por sugestão de Jetro, diante de

---

<sup>82</sup> Cf. CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 21-37; BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. V.3.2: os livros poéticos: Salmos, Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 154-155.

<sup>83</sup> BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 1: Introdução, Pentateuco, Profetas Anteriores. São Paulo: Loyola, 1999, p. 95.

<sup>84</sup> Cf. Ex 18,1-27.

<sup>85</sup> Cf. Ex 18, 8-11.

<sup>86</sup> Cf. Ex 18,1-12.

uma população grande e sedentária, se desenrola a descentralização judicial da autoridade de Moisés com a nomeação dos juízes menores<sup>87</sup>.

O temor divino, um tema da tradição Eloísta, é enfatizado no texto para garantir o bem comum e evitar o suborno: “escolhe do meio do povo homens capazes, tementes a Deus, seguros, incorruptíveis, e estabelece-os como chefes” (Ex 18,21)<sup>88</sup>. Deus falava ao Povo da Aliança pela boca e presença de Moisés, a quem se dirigiam “para consultar a Deus” (Ex 18,17) e conhecer seus decretos e suas leis<sup>89</sup>. Deus ensinou a Moisés através de Jetro, o sábio e conselheiro.

O sogro de Moisés lhe disse: ‘Não é bom o que fazes! Certamente desfalecerás, tu e o povo que está contigo, porque a tarefa é muito pesada para ti; não poderá realizá-la sozinho. Agora, pois, escuta o conselho que te darei para que Deus esteja contigo: representa o povo diante de Deus, e induze as suas causas junto de Deus. Ensina-lhes os estatutos e as leis, faze-lhes conhecer o caminho a seguir e as obras que devem fazer. Mas escolhe do meio do povo homens capazes, tementes a Deus, seguros, incorruptíveis, e estabelece-os como chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez. Eles julgarão o povo em todo o tempo. Toda causa importante a trarão a ti, mas toda causa menor eles mesmos julgarão. Assim será mais leve para ti, e eles levarão a carga contigo. Se assim fizeres, e Deus to ordenar, poderás então suportar este povo, que por sua vez tornará em paz ao seu lugar’. (Ex 18,17-23).

A verdadeira sabedoria e inteligência do povo eleito estão no apego a *Iahweh* e na prática fiel de seus estatutos e normas pela qual Israel obtém a vida e testemunha *Iahweh* a outros povos.

Agora, pois, ó Israel, ouve os estatutos e as normas que hoje vos ensino a praticar, a fim de que vivais e entreis para possuir a terra que vos dará *Iahweh*, o Deus de vossos pais. [...]; quanto a vós, porém, permanestes apegados a *Iahweh* vosso Deus, e hoje estais todos vivos. Eis que vos ensinei estatutos e normas conforme *Iahweh* meu Deus me ordenara, para que os ponhais em prática [...]. Portanto, cuidai de pô-los em prática, pois isto vos tornará sábios e inteligentes aos olhos dos povos. Ao ouvir todos esses estatutos dirão: ‘Só existe um povo sábio e inteligente: é esta grande nação!’ De fato! Qual a

<sup>87</sup> Cf. Ex 18, 13-27; cf. BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 1: Introdução, Pentateuco, Profetas Anteriores. São Paulo: Loyola, 1999, p. 18.

<sup>88</sup> Cf. Dt 16,19.

<sup>89</sup> Cf. BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 1: Introdução, Pentateuco, Profetas Anteriores. São Paulo: Loyola, 1999, p. 18.

grande nação cujos deuses estejam tão próximos como *Iahweh* nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? E qual a grande nação que tenha estatutos e normas tão justas como toda esta Lei que eu vos proponho hoje? (Dt 4,1-8).

A *Tôrah*, em sentido próprio, “introdução ou direção dada”<sup>90</sup>, refere-se à globalidade dos “estatutos e normas” (Dt 4,5). Ela inclui o culto a *Iahweh* e a conduta humana inspirada pelo crescente conhecimento e aprofundamento consciente da Aliança, proposta e selada por Deus (cf. Gn 15). A visão ampla da Lei ou *Tôrah* vai dominar e determinar toda a vida religiosa de Israel.

Cada vez mais a revelação de Deus e o ensinamento transmitido pelos textos antigos e pelos profetas animarão a ‘vida’ inteira do povo (Dt 4,1; 8,3+; 30,14+; Sl 19,8-15; 77,1; 94,12; 119,1+; Eclo 1,26; 24 etc.; cf. At 7,38+). Jesus declarará ter vindo para “cumprir” a Lei e os profetas (Mt 5,17+; Cf. Mt 22,34-40p), e Paulo explicará de que modo “a Lei” foi substituída pela fé em Cristo (Rm 3,27+; 10,4)<sup>91</sup>.

*Iahweh* é o Deus fiel que se revela misericordioso e se comunica na história e na vida com seu povo, até que todos se voltem para Ele “no fim dos tempos” (Dt 4,30). Esse “tempo” é o tempo escatológico, quando se estabelecerá definitivamente o Reino de Deus: “E acontecerá, no fim dos dias, que a montanha da casa de *Iahweh* estará firme no cume das montanhas e se levantará acima das colinas. Então, povos afluirão para ela” (Mq 4,1). A família e as gerações de famílias ocupam lugar privilegiado e primário no ensino e na prática da *Tôrah*, até que todos se voltem para *Iahweh*: “Apenas fica atento a ti mesmo! Presta muita atenção em tua vida, para não te esqueceres das coisas que teus olhos viram, e para que elas nunca se apartem do teu coração, em nenhum dia da tua vida. Ensina-as aos teus filhos e aos teus netos” (Dt 4,9)<sup>92</sup>.

<sup>90</sup> Nota (a). In: BÍBLIA: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000, p. 262; cf. CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 21-30.

<sup>91</sup> Nota (a). In: BÍBLIA: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003, p. 262.

<sup>92</sup> Cf. Dt 4,10-14.29-31.

O Livro dos Provérbios é “uma coleção de coleções”<sup>93</sup> e o primeiro na ordem do tempo dos livros sapienciais. Os gêneros literários que caracterizam o Livro dos Provérbios são *Provérbios e Instrução*, enfatizando a teologia educacional da sabedoria e os sábios de Israel.

A atividade intelectual e a conduta moral são igualmente igualadas e necessárias para se adquirir sabedoria. A atividade intelectual significa estudar com diligência e desenvolver a capacidade de bem julgar com disciplina: “‘Disciplina’ é a educação formal nas mãos de um mestre”<sup>94</sup>. O comportamento moral do sábio é conter justiça, equidade, retidão e, o fundamental, a piedade e a fidelidade religiosa: “o temor de *Iahweh* é o princípio de conhecimento: os estultos desprezam sabedoria e disciplina” (Pv 1,7; cf. 1,1-7). Desse modo, um provérbio não é só um conselho edificante, antes, é uma lição e um modelo a ser seguido<sup>95</sup>. Conhecimento e prática são, simultaneamente, relevantes e pertinentes no ensino ou instrução proverbial:

---

<sup>93</sup> BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. V.3.2: os livros poéticos: Salmos, Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 192: Provérbios, “fundamentalmente significa *semelhança, comparação*, ou, como derivado, *provérbio* ou *semelhança moral* [... Provérbio popular que] também se encontra nos livros históricos (1Sm 10,12; 19,24; 1Rs 20,11) e proféticos (Is 10,15; Jr 23,28; Ez 18,2). [... podemos] definir Provérbios como um conjunto de ensinamentos religiosos-morais, baseados sobre a experiência e expressos habitualmente com imagens que requerem certo esforço a serem apreendidos”; cf. BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 2: Profetas posteriores, Escritos, Livros Deuteronomícos. São Paulo: Loyola, 1999, p. 235 cf. também: p. 235-238; CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 54-73; LAURENTINI, G. *Provérbios*. In: BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. V.3.2: os livros poéticos: Salmos, Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 191-192.

<sup>94</sup> BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 2: Profetas posteriores, Escritos, Livros Deuteronomícos. São Paulo: Loyola, 1999, p. 239; cf. CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 61-63.

<sup>95</sup> Cf. Nota (a). In: BÍBLIA: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003, p. 1023: “O ‘temor de *Iahweh*’, na Bíblia (cf. Ex 20,20+; Dt 6,2+), é, aproximadamente, o que chamamos de religião ou piedade para com Deus. É o mesmo tempo o princípio (Pv 9,10; 15,33; Jó 28,28; Sl 111,10; Eclo 1,14.20) e o coroamento (Eclo 1,18; 19,20; 25,10-11; 40,25-27) de uma sabedoria inteiramente religiosa na qual se desenvolve uma relação pessoal com o Deus da Aliança, de maneira que temor e amor, submissão e confiança coincidem (cf. Sl 25,12-14; 112,1; 128,1; Ecl 12,13; Eclo 1,27-28; 2,7-9.15-18 etc)”: BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 2: Profetas posteriores, Escritos, Livros Deuteronomícos. São Paulo: Loyola, 1999, p. 239-240; CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 61-65.

Assim, a sabedoria especial de liderança e julgamento própria de reis está sendo oferecida a todos os que se submetem ao estudo disciplinado. Os homens tornam-se sábios pelo estudo e são capazes de crescer no entendimento, mas nunca sem instrução<sup>96</sup>.

Os ensinamentos de Provérbios consecutivamente são: precaver-se contra os maus companheiros e fugir à indiferença<sup>97</sup>; conhecer os benefícios da sabedoria que se encontram na bênção<sup>98</sup>; adquirir a sabedoria e possuir a alegria dos sábios pela bênção de fidelidade a Deus<sup>99</sup>; o valor da sabedoria que faz o sábio encontrar entendimento e boa relação com as pessoas da sociedade<sup>100</sup>; o chamado para adquirir a sabedoria e a sua transmissão através da família<sup>101</sup>; saber escolher sabiamente entre os dois caminhos<sup>102</sup>; os verdadeiros amores do sábio e os perigos da libertinagem<sup>103</sup>; o discurso paterno e advertência contra o adultério<sup>104</sup>; a sabedoria, a liberdade e o segundo discurso sobre a sabedoria, régia e criadora – o convite supremo<sup>105</sup>; a parábola dos dois banquetes, o da dona sabedoria e o da dona insensatez<sup>106</sup>.

A natureza intelectual da pessoa humana participa da “luz da inteligência divina”<sup>107</sup>. Sua perfeição se encontra na sabedoria que “suavemente atrai a mente do homem na busca e no amor da verdade e do bem, e graças à qual ele é levado por meio das coisas visíveis até às invisíveis”<sup>108</sup>. O futuro do mundo está ameaçado pela própria pessoa humana que tem medo das

<sup>96</sup> BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 2: Profetas posteriores, Escritos, Livros Deuteronomícos. São Paulo: Loyola, 1999, p. 239.

<sup>97</sup> Cf. Pr 1,1-19.

<sup>98</sup> Cf. Pv 2,1-22; CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 61-66.

<sup>99</sup> Cf. Pv 3,1-12.

<sup>100</sup> Cf. Pv 3, 13-35.

<sup>101</sup> Cf. Pv 4, 1-9.

<sup>102</sup> Cf. Pv 4,10-27.

<sup>103</sup> Cf. Pv 5,1-23; 6,1-19.

<sup>104</sup> Cf. Pv 6,20-35.

<sup>105</sup> Cf. Pv 7,1-27; 8,1-36; CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 61-66; LAURENTINI, G. *Provérbios*. In: BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. V.3.2: os livros poéticos: Salmos, Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 200-209.

<sup>106</sup> Cf. Pv 91-18; BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 2: Profetas posteriores, Escritos, Livros Deuteronomícos. São Paulo: Loyola, 1999, p. 240-245.

<sup>107</sup> GS 15. 22.

<sup>108</sup> GS 15. 22.

obras de suas próprias mãos<sup>109</sup>. O futuro do mundo depende de homens de sabedoria que saibam humanizar as descobertas humanas: “Pelo Espírito Santo, o homem chega, na fé, a contemplar e saborear o mistério do plano divino”<sup>110</sup>.

O Livro da Sabedoria de Salomão, uma das mais notáveis literaturas do Antigo Testamento, foi elaborado nos decisivos final do século I a.C. e início do século I d.C. Sabedoria, representa o vivo movimento sapiencial dos círculos judaicos contemporâneos a Jesus e às primeiras comunidades cristãs. Paradoxalmente, Sabedoria representa busca de diálogo fecundo de Israel com as culturas invasoras, helênicas e romanas, e, ao mesmo tempo, resistência à imposição de seu domínio cultural, econômico, político e bélico, excludente e discriminatório. O autor da Sabedoria busca habilidosamente contemplar as escolas filosóficas gregas, integrando o conhecimento grego ao modo diferente de aprender conhecimento, das tradições judaicas<sup>111</sup>. A profunda espiritualidade do Livro da Sabedoria pretende levar o fiel, o individual e coletivo, diante da ameaça de abandono da religião e de seu legado judaico, a “uma religiosidade e um compromisso intenso com o Deus de Israel. [...] a uma união íntima com Deus”<sup>112</sup>. Era preciso levar os judeus à fidelidade a *Iahweh*, o Deus da Revelação e, paralelamente, usufruir de toda a riqueza helenista<sup>113</sup>.

---

<sup>109</sup> Cf. RH 8-17; GS 15. 22; FC 8.

<sup>110</sup> GS 15; cf. GS 12-22.

<sup>111</sup> Cf. Para aprofundar situação socioreligiosa do tempo de Jesus cf.: MATEOS, J.; CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992. Passim; CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 155-162. 186-195; VIRGULIN, S. *Sabedoria*. In: BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. V.3.2: os livros poéticos: Salmos, Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 283-310.

<sup>112</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 155; cf. “Os que nele confiam compreenderão a verdade, e os que são fiéis permanecerão juntos a ele no amor, pois graça e misericórdia são para seus santos, e sua visita é para seus eleitos” (Sb 3,9); notas (d) e (e): In: BÍBLIA: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003, p. 1109: “a verdade” → “uma ‘verdade’ que justificará sua confiança e lhes revelará o desígnio de Deus”; “junto a ele no amor” → “ou então, separando a frase de outra maneira: ‘e os que são fiéis no amor permanecerão juntos a ele’”.

<sup>113</sup> Cf. BÍBLIA: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003, p. 1103-1104; cf. VIRGULIN, S. *Sabedoria*. In: BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. V.3.2: os livros poéticos: Salmos, Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 286.

Anthony R Ceresko, autor de *A Sabedoria no Novo Testamento*, vê grande e penetrante influência dos escritos sapienciais sobre o Novo Testamento, “atingindo quase todos os aspectos dos primeiros escritos cristãos. Essa influência pode igualmente ser identificada na pessoa e nos ensinamentos da figura neotestamentária central, Jesus Cristo”<sup>114</sup>.

Jesus é Profeta escatológico opondo-se claramente, por ensinamentos e ações, à generalizada injustiça social de sua época. Denunciou o violento e explorador regime romano e os judeus atrelados ao injusto poder. O conteúdo central de sua pregação foi o Reino de Deus escatológico, pois, agora “Ele inaugurou um novo estágio na história das relações de Deus com a humanidade”<sup>115</sup>.

Vida e ministério de Jesus demonstram-no rico em tradições, mestre da verdade e de sabedoria, um Profeta e Sábio que falava em parábolas, causando grande impacto sobre os ouvintes e seguidores<sup>116</sup>. As Parábolas, histórias de comparação narrativa, estratégicas dos Profetas para “oporem-se às injustiças da ordem vigente e, de maneira implícita, conclamarem a uma contra-ordem mais razoável e mais justa”<sup>117</sup>. Apesar da influência da Sabedoria Profética e do uso das parábolas, Jesus ultrapassa a autoridade Profética e a literatura sapiencial. Sua sabedoria era “Sabedoria revelada e palavra profética renovada”<sup>118</sup> porque sua procedência era direta de Deus.

---

<sup>114</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 186.

<sup>115</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 186; cf. MATEOS, J.; CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 9-76; KOUBETCH, V. *Da criação à parusia: linhas mestras da teologia oriental*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 143-171; HORSLEY, R. A. *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova ordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 12-152.

<sup>116</sup> Cf. CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 187 e o capítulo 6, p. 46-53, onde se vê o uso de Parábolas na literatura sapiencial, recurso utilizado em abundância por Jesus.

<sup>117</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 187; cf. 1Sm 12,1-5: o uso de uma parábola pelo Profeta Natã, expondo o orgulho de Davi e seus pecados de adultério e assassinato.

<sup>118</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 187.

Jesus parece ser uma continuação e um desenvolvimento dessa compreensão e da atividade do sábio. Jesus também ensinou ‘com autoridade’ (Mc 1,27; Mt 7,29; Lc 4,32). Suas parábolas e conselhos percorrem uma linha tênue que separa o ensinamento sapiencial baseado na observação e na reflexão, de um lado (“os pássaros no ar... os lírios do campo” [Mt 6,16,28]), da sabedoria revelada e da profecia, do outro. Pode-se ver esse aspecto revelatório dos ensinamentos de Jesus em Mateus 11,25-30; no v. 27, por exemplo, Jesus diz: ‘Meu Pai entregou tudo a mim. Ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar’<sup>119</sup>.

Jesus pertencia ao extrato mais baixo da sociedade, era popular e não letrado, não pertencia a nenhuma das classes e grupos estabelecidos. Ele não reivindicava para si “nenhuma capacidade ou formação especiais e na interpretação da Tora”<sup>120</sup>, e não se identificava com nenhuma das propostas libertadoras de seu tempo. Por fim, Jesus era, de certo modo, a personificação da Sabedoria: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde do coração, e *encontrareis descanso para vossas almas*, pois meu jugo é suave e meu fardo é leve” (Mt 11,28-30).

A cristologia primitiva atribui a Jesus, a seu poder divino “criador, salvador, revelador e orientador”, aquela “personalidade” atribuída pelos Sábios do Antigo Testamento<sup>121</sup>. Jesus é a personificação da Sabedoria:

Essa personificação da sabedoria na figura da Sabedoria, proporcionou a linguagem e as imagens mediante as quais os primeiros cristãos puderam articular a significação salvífica e a identidade de Jesus de Nazaré. Assim teve início o processo de transferência, para a pessoa histórica de Jesus, das palavras, das funções e das

<sup>119</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 187-188.

<sup>120</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 188; cf. MATEOS, J; CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 18-57. 77-118.

<sup>121</sup> Cf. Livro de “Jó 28. Provérbios 1-9, Eclesiástico 24 e Sabedoria 6-9”. Ins: CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 191-195; Mt 11, 28-30; 12,42; Lc 11,31; Jo 1,14.13.20-21; 7,28.

características dessa Sabedoria personalizada. Vemos Jesus apresentado como o enviado ou mensageiro da Sabedoria, ou mesmo como a própria Sabedoria. Um bom exemplo desse tipo de identificação ocorre em Colossenses 1,15-20. Os primeiros versículos da passagem exprimem a íntima associação entre Cristo e a obra da Criação: “*Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogênito, anterior a qualquer criatura; porque nele foram criadas todas as coisas, tanto as celestes como as terrestres, as visíveis como as invisíveis: tronos, soberanias, principados e autoridades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas, e tudo nele subsiste*”<sup>122</sup>.

O termo Sabedoria é utilizado em múltiplos sentidos pelo Papa no desenvolvimento temático da *Familiaris Consortio*<sup>123</sup>. Primeiramente, João Paulo II retomou, ampliou e atualizou temas antropológicos, sociológicos e culturais da *Gaudium et spes*<sup>124</sup>, aplicando-os à realidade do matrimônio e da família. O medo que o homem tem de si mesmo, as produções de suas mãos, as ameaças científico-tecnológicas das recentes descobertas, a dura realidade de pobreza e miséria a que pessoas e famílias estão situadas, colocam em perigo o futuro e o destino do mundo e da pessoa humana. O mundo necessita de homens cheios de sabedoria, capazes da construção de nova cultura e novo humanismo<sup>125</sup>.

A antropologia cristã oferece uma visão de ser humano à luz de Deus Criador e Redentor capaz de contribuir para “humanizar as novas descobertas dos homens”<sup>126</sup> e para construir o “novo humanismo”<sup>127</sup>. Mas, para efetivar tal construção faz-se necessário o aprendizado e a prática dos valores fundamentais da dignidade da vida humana e de homens “cheios de sabedoria”<sup>128</sup>. O novo humanismo apresentará homens novos, cheios de sabedoria, edificadores

---

<sup>122</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 191; na citação de Cl 1,15-17, o itálico é meu; cf. também Sabedoria que menciona a Sabedoria personificada – fazendo um paralelo com Colossenses 1,15-20: “Ela é reflexo da luz eterna, espelho nítido da atividade de Deus e imagem da sua bondade. Embora seja única, ela tudo pode. Permanece sempre a mesma, mas renova tudo. [...] Ela se estende vigorosamente de um extremo a outro, e governa retamente o universo” Sb 7,26-27; 8,1.

<sup>123</sup> Cf. FC 8-11. 26-27. 33. 38. 40. 43. 77.

<sup>124</sup> Cf. FC 8; GS 15.22; FC 2.

<sup>125</sup> Cf. FC 3-10; RH 13-17.

<sup>126</sup> GS 15.

<sup>127</sup> FC 8; cf. RH 1-12.

<sup>128</sup> FC 8 e GS 15.

de estruturas sociais e morais mais justas a partir de uma “nova cultura, intimamente evangelizada”<sup>129</sup>, As produções humanas não mais serão ameaças, abrindo novas possibilidades que não se oponham à dignidade e à promoção humana.

A educação da consciência moral, que faz o homem capaz de julgar e discernir os modos aptos para a sua realização segundo a verdade originária, torna-se assim uma exigência prioritária e irrenunciável. É a aliança com a sabedoria divina que deve ser mais profundamente reconstituída na cultura moderna. De tal Sabedoria cada homem foi feito participante pelo mesmo gesto criador de Deus. E é só na fidelidade a esta aliança que as famílias de hoje estarão em grau de influenciar positivamente na construção de um mundo mais justo e fraterno<sup>130</sup>.

Que Sabedoria refere-se o Papa da qual “cada homem foi feito participante pelo mesmo gesto criador de Deus?”<sup>131</sup>. A Igreja, “real e intimamente ligada ao gênero humano e sua história”<sup>132</sup>, através da evangelização inculturada, contribui eficazmente para a geração de uma nova cultura e uma nova humanidade: “É mediante a «inculturação» que se caminha para a reconstituição plena da aliança com a Sabedoria de Deus, que é o próprio Cristo”<sup>133</sup>. Cristo, então, é a Sabedoria de Deus, a “Luz dos povos”<sup>134</sup>, Aquele que realiza plenamente a “união íntima com Deus e da unidade de todo genero humano”<sup>135</sup> na Aliança eterna e definitiva na sua morte e ressurreição.

A “Fonte Q”, documento da Antigüidade cristã, reflete a influência da literatura sapiencial na vida de Jesus, apresentando-o mais grandioso que o rei Salomão, mensageiro, enviado ou porta-voz da Sabedoria<sup>136</sup>.

---

<sup>129</sup> FC 8.

<sup>130</sup> FC 8.

<sup>131</sup> FC 8. 10; cf. RH 7.

<sup>132</sup> GS 1.

<sup>133</sup> FC 10.

<sup>134</sup> LG 1.

<sup>135</sup> LG 1; cf. FC 12.

<sup>136</sup> Cf. CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 192; cf. “Mas aqui está algo mais do que Salomão!” Mt 12,42; Lc 11,31; Mateus foi além do documento Q, Jesus é mais que o enviado da Sabedoria; é a personificação da Sabedoria, a própria Sabedoria.

‘Fonte Q’ ou documento ‘Q, ou ainda ‘Fonte dos Ditos’, foi reconstruído pelos eruditos a partir de seus estudos dos ‘Evangelhos Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas). Consistia numa coletânea dos ditos de Jesus reunidos pelas comunidades cristãs primitivas da Palestina ou da parte oeste da Síria. Tanto na forma como no conteúdo, reflete a influência da tradição sapiencial veterotestamentária<sup>137</sup>.

O Evangelho de João ultrapassa a noção dos Sinóticos sobre a Sabedoria personificada e avança em sua cristologia adicionando a “noção de Sabedoria preexistente”<sup>138</sup>: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1). O Verbo, “pelo qual tudo foi feito” (Jo 1,1)<sup>139</sup>, que “No princípio, estava com Deus” (Jo 1,2), “se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1,14). O *Logos*<sup>140</sup> que se encarna, assume um corpo em Jesus de Nazaré: “O Verbo se fez carne e viveu entre nós” (Jo 1,14). Em João, a Sabedoria (Jesus)<sup>141</sup> grita pelas ruas, ensina no Templo, convida a todos a ir até Ela para beber, comer, aprender a verdade, a fim de que sejam conduzidos à vida e à imortalidade.

Jesus é aquele que ensina a partir de sua origem divina e humana:

Quando a festa estava pelo meio, Jesus subiu ao Templo e começou a ensinar. Admiravam-se então os judeus, dizendo: ‘Como entende ele de letras sem ter estudado?’ Jesus lhes respondeu: ‘Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém quer cumprir sua vontade, reconhecerá se minha doutrina é de Deus ou se falo por mim mesmo. Quem fala por si mesmo procura a própria glória. Mas aquele que

<sup>137</sup>: CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 192.

<sup>138</sup> CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 193.

<sup>139</sup> Cf. Gn 1,1; Sl 33,6-9; Sb 9,1; Eclo 42,15.

<sup>140</sup> Cf. “Ainda que o autor do Evangelho use o termo grego *Logos* (“Verbo, palavra”) aqui, o vocábulo hebraico *hokmá* (“sabedoria”; em grego *sophia*) é claramente um dos principais elementos incluídos nessa afirmação acerca da identidade de Jesus. O início do Evangelho de João postula a preexistência desse Verbo [Palavra]/Sabedoria: ‘No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas vieram a existir por meio dele, e sem ele coisa alguma veio a existir’ (Jo 1,13)”: CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 193; o texto pode ser lido em paralelo a Pr 8,22-23, 27, 29-31.

<sup>141</sup> Cf. CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 193-194; Pr 9,1-6//Jo 6,35; Pr 4,13; 8,7.32-35 e Sb 6,18-19.22//Jo 11,25-26: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome...” (Jo 6,35) e “Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá... Crês nisso?” (Jo 11,25-26).

procura a glória de quem o enviou é verdadeiro e nele não há impostura. Moisés não vos deu a Lei? No entanto, nenhum de vós pratica a Lei'. (Jo 7,14-19b).

A Bíblia de Jerusalém<sup>142</sup>, comentando João 7,14-52, considera o trecho compor-se de “diferentes fragmentos ligados por um tema comum: há um equívoco sobre a origem de Jesus”. Compilo abaixo o trecho do comentário, a fim de demonstrar que Jesus é aquele que ensina de forma humana com autoridade divina. Sua autoridade divina de ensinar reside na sua origem divina de onde foi enviado para ensinar e para curar. Assim, seu ensinamento traz, conjunta e simultaneamente, a cura do homem por “inteiro”, de cada uma e de todas as pessoas humanas, pois, sua salvação destina-se à humanidade inteira, da criação à parusia:

Sua origem humana oculta sua origem divina: como pode saber, se não frequentou a escola dos rabinos? (vv. 14-18); conhece-se a sua infância – ele não pode ser o Cristo (vv. 25,30); 2. Crê-se que ele nasceu em Nazaré – não pode, então, ser o Cristo (vv. 40-52). O tema da “partida” de Jesus (vv. 33-36; cf. 8,21-23) liga-se ao de sua origem divina: o Cristo-homem parte para onde sempre esteve (por sua divindade (cf. vv. 29 e 34).

De fato, Jesus Cristo é a pessoa humana, que revela o mistério de Deus ao homem e o mistério do homem ao próprio homem. Por Ele, fonte e plenitude de todas as coisas, toda pessoa humana é justificada pela fé e “encontra no amor de Deus e no dom do Espírito Santo a garantia da Salvação”<sup>143</sup>. “O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmos e da história”<sup>144</sup>. A Igreja, assim como a família, em Cristo deve preocupar-se com o ensino e a prática dos valores humanos e cristãos da pessoa humana, especialmente da prole:

A família cristã, de fato, é a primeira comunidade chamada a anunciar o Evangelho à pessoa humana em crescimento e a levá-la, através de uma catequese e educação progressiva, à plenitude da maturidade humana e cristã. [...] Na verdade, enquanto comunidade educativa, a família deve ajudar o homem a discernir a própria vocação e a assumir o empenho necessário para uma maior justiça, formando-o desde o início, para

<sup>142</sup> Cf. Nota (e). In: BIBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1860.

<sup>143</sup> Nota (a). In: BIBLIA: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003, p. 1973; cf. Rm 5; cf. GS 22; RH 1-12.

<sup>144</sup> RH 1; cf. GS 22.

relações interpessoais, ricas de justiça e de amor. [...] Num momento histórico em que a família é alvo de numerosas forças que a procuram destruir ou de qualquer modo deformar, a Igreja, sabedora de que o bem da sociedade e de si mesma está profundamente ligado ao bem da família, sente de modo mais vivo e veemente a sua missão de proclamar a todos o desígnio de Deus sobre o matrimônio e sobre a família, para lhes assegurar a plena vitalidade e promoção humana e cristã, contribuindo assim para a renovação da sociedade e do próprio Povo de Deus<sup>145</sup>.

É preciso entrar no jogo da Sabedoria personificada. Jesus, a Sabedoria, convida seus discípulos a entrar na Sabedoria como Eclesiástico também o faz:

Com toda a tua alma aproxima-te dela e com toda a tua força segue-lhes os caminhos. [...] Seu jugo será ornamento de ouro; seus grilhões, fitas de púrpura. Eclo 6,26.30.

Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e *encontrareis descanso para vossas almas*, pois meu jugo é suave e meu fardo é leve. Mt 11,28-30.

O discipulado de Cristo deve ter plena consciência de sua vocação e missão na Igreja e no mundo, no que se refere a ensinar e a praticar os ensinamentos de Cristo que se traduz em uma palavra: seguimento!<sup>146</sup>. Dentre todos os discípulos, cabe maior responsabilidade aqueles que foram chamados a ser apóstolos do Senhor: “Fiz meu primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o começo, até o dia em que foi arrebatado ao céu, depois de ter dado instruções aos apóstolos que escolheu sob a ação do Espírito Santo” (At 1,1-2); “Amados, [...], procurando despertar o vosso pensamento sadio com algumas admoestações, a fim de vos trazer à memória as palavras preditas pelos santos profetas e o mandamento dos vossos apóstolos, a eles confiado pelo Senhor e Salvador” (2Pd 3,1-2).

---

<sup>145</sup> FC 2-3.

<sup>146</sup> Cf. ES 51; 1-50.

## 1.2 A pedagogia dos discípulos de Jesus: primazia do Ensino

A Igreja existe para Ensinar fielmente a Fé<sup>147</sup> recebida dos Apóstolos e conservada intacta pela Tradição. No Antigo Testamento, a fé significa Crer, “[...] *entregar-se a Deus* (Gn 15,6; Ex 14,31; Nm 14,11), entregar-se à palavra salvífica de um Deus que conduz a história e que fez aliança primeiro com os pais e depois com ‘seu povo’, Israel”<sup>148</sup>. Crer no Deus da Aliança, no Deus de Israel como o único salvador, solicita a fé<sup>149</sup>. Israel nasce da fé, da experiência da fé, da experiência de Crer “no poder, na preeminência e na solicitude de *Jhwh*, o Deus da aliança (Ex 19,1)”<sup>150</sup>.

No Novo Testamento o “objeto de fé é definido de maneira mais concisa e a importância do caminho a percorrer se impõe mais explicitamente”<sup>151</sup> que no Antigo Testamento, pois, “em Jesus Cristo se opera a fusão da história da salvação com o Verbo encarnado”<sup>152</sup>. Nos sinóticos, a exigência primária de Jesus é a fé, condição suficiente para a salvação; nos Atos, a exigência é a

---

<sup>147</sup> Cf. “A Fé, segundo a Escritura, [...] é a resposta integral do homem a Deus, que se revela como Salvador. Ela acolhe as palavras, as promessas e os mandamentos de Deus; é simultaneamente submissão confiante a Deus que fala, e adesão do espírito a uma mensagem de salvação. O Antigo Testamento insiste no aspecto da confiança; o Novo salienta mais o assentimento à mensagem. No que tange ao vocabulário fundamental da fé, ele evoca a solidez daquele em quem a fé se apóia, assim como a segurança e a confiança de quem se apóia em Deus”: LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 319; LACOSTE, J – Y; LOSSKS, N. Fé. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 718-733.

<sup>148</sup> LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 319; cf. LACOSTE, J–Y; LOSSKS, N. Fé. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 718-719.

<sup>149</sup> Cf. Dt 6,20-24; 26,5-9; Js 24,2-13; Ne 9,5-25; LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 319-324; . LACOSTE, J–Y; LOSSKS, N. Fé. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 718-719.

<sup>150</sup> LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 319; cf. LACOSTE, J–Y; LOSSKS, N. Fé. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 718-719.

<sup>151</sup> LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 319; cf. LACOSTE, J–Y; LOSSKS, N. Fé. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 719-721.

<sup>152</sup> LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 319; cf. LACOSTE, J–Y; LOSSKS, N. Fé. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 719-721.

purificação do coração e a aceitação de Jesus Cristo, a Salvação; em João “a fé é o caminho do homem inteiro – conhecimento e compromisso – que se dirige à pessoa de Jesus Cristo”<sup>153</sup>.

Devido a seu caráter interpessoal, esta fé é naturalmente semelhante à do NT. É respectivamente confiança e entrega a Deus, presente na palavra e na ação de Jesus (sinótico); obediência que torna o crente semelhante ao crucificado-ressuscitado e que dá o Espírito dos filhos de Deus (Paulo); adesão ao testemunho do Pai e do Filho (João)<sup>154</sup>.

O crente, de forma mais intensa no Novo Testamento que no Antigo, entende a fé como seu “consentimento numa mensagem”<sup>155</sup> apresentada pelos evangelizadores sob aspectos diversos:

Anúncio do Reino de Deus e proclamação do amor misericordioso do Pai, nos sinóticos; evangelho da morte e da ressurreição de Jesus, Senhor e único salvador de todos os homens, nas cartas de Paulo e nos Atos dos Apóstolos; em João, é a própria pessoa de Jesus, Verbo feito carne, cheio de graça e de verdade, em quem contemplamos a glória do Pai. Caminho do homem, a fé encontra todavia sua fonte originária em Deus. Ela é suscitada pelo poder salvífico de Deus, em ação na palavra e na atividade de Jesus (sinóticos). Para Paulo e para o autor dos Atos, a fé deriva dessa ação escatológica de Deus, que é a ressurreição de Jesus e a pregação que a anuncia. No evangelho de João, a fé nasce da atração por obra do Pai, que convida e associa à vida da Trindade<sup>156</sup>.

A fé é uma atividade, um ato verdadeiramente humano que procede das faculdades humanas, portanto, diz respeito ao homem e encontra nele as condições de seu surgimento. As condições para o surgimento da fé encontram-se no espírito humano aberto à transcendência, à eternidade e ao infinito<sup>157</sup>. Tudo o que é estranho ao homem, não lhe diz respeito. A fé, no

<sup>153</sup> LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 319; cf. LACOSTE, J-Y; LOSSKS, N. Fé. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 720.

<sup>154</sup> LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 319; cf. LACOSTE, J-Y; LOSSKS, N. Fé. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 719-721.

<sup>155</sup> LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 319.

<sup>156</sup> LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 319-320.

<sup>157</sup> Cf. DV 2; 4-10; LACOSTE, J-Y; LOSSKS, N. Fé. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 721-730.

pensamento cristão, não é um “ato de rendição ou uma capitulação do espírito, mas é o soberano exercício com que o homem faz seu o pensamento de Deus”<sup>158</sup>. Pela obra percebe-se o seu artífice<sup>159</sup>. A fé tem em Deus mesmo sua fonte originária, mas, da parte do homem ela é uma “resposta a um chamado interior e gratuito por parte de Deus”<sup>160</sup>.

A fé, apresentada sob diversos aspectos, possui um caráter de unidade que opera, também, de modos diversos e intimamente conexos: forma, conteúdo e unidade da fé. Formalmente a fé é “acolhimento da própria realidade de Deus e adesão à revelação que ele faz de si mesmo”<sup>161</sup>. O conteúdo da revelação expressa o processo, de forma homogênea, da ação de Deus que se dá a conhecer e da ação humana que o acolhe. Jesus Cristo de Nazaré é a unidade da fé para o crente que reúne nele forma e conteúdo<sup>162</sup>.

Finalmente, a fé encontra sua unidade viva na pessoa de Cristo Jesus. Com efeito, em Cristo, dom absoluto de Deus à família humana, a fé encontra seu fundamento, seu objeto e seu fim. A fé funda-se antes de tudo em Cristo, como único mediador da plenitude da revelação. ‘Tudo foi-me dado pelo meu Pai; ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho queira revela-lo’ (Mt 11,27). [...]. Mediador da fé, Cristo lhe é também objeto pleno [Cf. 1Cor 2,1-2]. Em Jesus Cristo, Filho de Deus, encontra-se a totalidade do mistério que nos é revelado: Trindade, encarnação redentora, filiação adotiva mediante o dom do Espírito de Jesus. É Cristo, enfim, que dá impulso à fé para o bem ou para o fim que a fé persegue. ‘Em nenhum outro existe salvação’ (At 4,12), proclama Pedro diante do Sinédrio. [Cf. Gl 4,4-6]. Efetivamente, Deus reconcilia-nos consigo enquanto nos une a

<sup>158</sup> LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 320.

<sup>159</sup> Cf. Sl 104; 111; Ec 3,10-11; 7,14; 8,17; Is 29, 64,7-8; 66,9; Mt 5,16; Jo 6,22-36; Ef 2, 10; Fp 1,6; Tt 1, 16; Hb 1,10.

<sup>160</sup> LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 321; cf. DV 1-5; LACOSTE, J-Y; LOSSKS, N. Fé. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 730-733.

<sup>161</sup> LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p.323.

<sup>162</sup> Cf. DV 2; LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 323-324.

seu Filho querido; e a alegria que solicita o crente é participação na condição de Cristo ressuscitado<sup>163</sup>.

A Carta de Judas descreve sua preocupação em salvar a comunidade dos falsos doutores-hereses que colocavam em perigo a verdadeira fé cristã. Os falsos doutores são censurados pela impiedade, pela licenciosidade moral e pela blasfêmia<sup>164</sup>, pois, “negam Jesus Cristo, nosso único mestre e Senhor” (Jd 4). A fé é um dado objetivo que exige a fidelidade da comunidade cristã que não deve esquecer-se dos ensinamentos apostólicos recebidos por tradição: “uma vez por todas confiada aos santos” (Jd 3) e “das palavras de antemão preditas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo” (Jd 17).

Judas, servo de Jesus Cristo, irmão de Tiago, aos que foram chamados, amados por Deus Pai e guardados em Jesus Cristo, [...]. Amados, enquanto estava todo empenhado em escrever-vos a respeito da nossa salvação comum, tive de fazê-lo por uma razão especial, para exortar-vos a combaterdes pela fé, uma vez por todas confiada aos santos. De fato, infiltraram-se entre nós alguns homens já há muito marcados para esta sentença, uns ímpios, que convertem a graça do nosso Deus num pretexto para licenciosidade e negam Jesus Cristo, nosso único mestre e Senhor. [...]. Vós, porém, amados, lembrai-vos das palavras de antemão preditas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo, pois vos dizem: ‘No fim do tempo surgirão escarnecedores, que levarão vida de acordo com as próprias concupiscências ímpias’. São estes os que causam divisões, estes seres ‘psíquicos’, que não têm o Espírito. Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos na vossa santíssima fé e orando no Espírito Santo, guardai-vos no amor de Deus, pondo a vossa esperança na misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna. Procurai convencer os hesitantes; a outros procurai salvar, arrancando-os ao fogo; de outros ainda tendes misericórdia, mas com temor, aborrecendo a própria veste manchada pela carne. Àquele que pode guardar-vos da queda e apresentar-vos perante sua glória irrepreensíveis e jubilosos, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo nosso Senhor, glória, majestade, poder e domínio, antes de todos os séculos, agora e por todos os séculos! Amém. (Jd 1-4.17-25).

---

<sup>163</sup> LANGEVIN, G. Fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 324.

<sup>164</sup> Cf. Jd 4.8-10.

Judas nos ajuda a entender o sentido do termo “Depósito da fé”<sup>165</sup>:

‘Depósito’ é o termo que encerra aquela fé e aquela forma de vida deixada por herança pelos apóstolos e por seus colaboradores às Igrejas por eles fundadas com a proclamação da boa-nova de Jesus Cristo. Os apóstolos deixaram por herança uma estrutura coerente de fé, de ensinamentos e de prática de interpretação bíblica, de culto e de estrutura de serviço na comunidade e de vida no mundo, de acordo com a palavra e os exemplos do Senhor Jesus. Fiel ao patrimônio apostólico, expresso de modo especial nos escritos do Novo Testamento, o povo de Deus de cada época mantém sua fé, esforça-se por viver na santidade e renova a própria percepção da verdade revelada (cf. DV8). Em decorrência de sua potencialidade inerente ao legado apostólico, assume formas diversas em épocas diversas, porque a igreja é guiada pelo Espírito a viver de acordo com a norma e a inspiração outorgada no início. Mas fonte e norma do ensinamento da igreja é o ‘depósito’ deixado por aqueles que Jesus enviou como seus emissários para transmitirem sua revelação e seus dons divinos<sup>166</sup>.

Pedro escreve duas cartas à comunidade cristã declarando seu objetivo: “[...] procurando em ambas despertar o vosso pensamento sadio com algumas admoestações, a fim de vos trazer à memória as palavras preditas pelos santos profetas e o mandamento dos vossos apóstolos, a eles confiado pelo Senhor e Salvador” (2P 3,1-2). Claramente, a Igreja sempre entendeu ser sua tarefa conservar intacta a fé que não pode ser modificada. A fé explicitada no decorrer dos séculos em novos contextos deve ser a fé de sempre. O depósito da fé recebido dos Apóstolos deve ser guardado, ensinado e vivido, pois, é o Mistério de Deus Criador, Redentor e Santificador revelado plenamente no Mistério de Jesus Cristo de Nazaré, ou seja, na Pessoa do Verbo Encarnado, Morto e Ressuscitado que Voltará:

Por isso, não levando em conta o tempo da ignorância, Deus agora notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam, porque ele fixou o dia no qual julgará o mundo com justiça por meio do homem a quem designou, dando-lhe crédito diante de todos, ao ressuscitá-lo dos mortos (At 17,30-31).

---

<sup>165</sup> WICKS, J. Depósito da fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 203-212.

<sup>166</sup> WICKS, J. Depósito da fé. In: *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994, p. 203.

Nesta tarefa da Igreja, o Magistério Eclesiástico tem missão específica, pois, Apóstolos de Cristo:

Apostolado e pregação equivalem-se em certo sentido. A pregação é o primeiro apostolado. Sabemos muito bem estas coisas, mas parece-nos conveniente recordá-las agora, para a nossa ação pastoral tomar a direção justa. Devemos voltar ao estudo, não já da eloquência ou da retórica vã, mas sim da arte genuína da palavra sagrada. Devemos buscar as leis da sua simplicidade, limpidez e força, e também da sua autoridade para vencermos a imperícia natural no emprego de tão alto e misterioso instrumento espiritual como é a palavra [...] <sup>167</sup>.

Paulo VI, em sua primeira Encíclica *Ecclesiam Suam* (1965) “sobre os caminhos da Igreja” traçou alguns rumos da nova consciência eclesial e sua tarefa no mundo <sup>168</sup>. Ele destacou dentre os novos caminhos da Ação Pastoral da Igreja, capaz de torná-la sábia e Mestre, o empenho pela paz, pelo desenvolvimento e pela dialética do diálogo <sup>169</sup>. Deste modo, para a Ação Pastoral Eclesial tomar a direção justa a primazia e “Supremacia insubstituível da pregação” <sup>170</sup> da Palavra de Deus deve ser o primeiro Apostolado da Igreja. A própria Sagrada Escritura mostra a primazia do Apostolado para a eficácia da evangelização, tanto no Ensino e no Agir de Jesus de Nazaré quanto na vida dos Apóstolos, que leva à conversão e à Salvação: “Pois a fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Cristo” (Rm 10,17). A Igreja toda é Mestre <sup>171</sup>.

Paulo VI, ainda, citando a *Mystici Corporis* de Pio XII exorta:

‘É necessário que nos habituemos a ver Cristo na Igreja. Pois é Cristo quem vive na sua Igreja, quem por ela ensina, governa e confere a santidade. É também Cristo quem se manifesta de vários modos nos seus vários membros da sua sociedade’ <sup>172</sup>.

<sup>167</sup> ES 51-52.

<sup>168</sup> Cf. ES 13-18.

<sup>169</sup> Cf. ES 34-68; MM Passim; PP 5.

<sup>170</sup> ES 51.

<sup>171</sup> Cf. COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 40-51. 119-226. 320-410.

<sup>172</sup> ES 15; cf. MC 35.

O mistério da Igreja é “presença de Cristo, mais, a própria vida dele”, operante no conjunto de seu Corpo Místico, pelo exercício da fé viva e vivificante, que fará: ‘Cristo habitar pela fé em vossos corações’, segundo a palavra do Apóstolo (Ef 3,17)”<sup>173</sup>. Paulo VI influenciou o pensamento dos padres do Concílio Vaticano II, especialmente a *Lumen gentium*, que retomou a Igreja em seu mistério, na história e na vida do ser humano<sup>174</sup>. É relevante e pertinente recordar a consciência da Igreja sobre si mesma, no tocante à missão de Ensinar, pois, por meio dela, isto é, da comunidade de discípulos, o próprio Cristo Vive, Ensina, Governa e Santifica<sup>175</sup>.

Paulo VI, na Carta Encíclica *Populorum Progressio*, após afirmar que “o homem só é verdadeiro homem, na medida em que, senhor das suas ações e juiz do valor destas, é autor do seu progresso, em conformidade com a natureza que lhe deu o Criador, cujas possibilidades e exigências ele aceita livremente.”<sup>176</sup>, considera a importância do conhecimento como fator de enriquecimento pessoal, de integração social e, para a sociedade, fator de “progresso econômico e desenvolvimento”<sup>177</sup>. Há urgente necessidade de se promover um “humanismo total”<sup>178</sup>, ou seja,

---

<sup>173</sup> ES 16.

<sup>174</sup> Cf. COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p.21-51. 81-87; LORSCHIEDER, A. Linhas mestras do Concílio Ecumênico Vaticano II. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 39-49; COMBLIN, J. As sete palavras-chave do Concílio Vaticano II. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 51-70.

<sup>175</sup> ES 15; cf. SUSIN, L. C. “Para conhecer Deus é necessário conhecer o homem” – Antropologia teológica conciliar e seus desdobramentos para a América Latina. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 369-380; LORSCHIEDER, A. Linhas mestras do Concílio Ecumênico Vaticano II. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 39-49; COMBLIN, J. As sete palavras-chave do Concílio Vaticano II. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 51-70; SOUZA, N. de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 42-52; BINGEMER, M. C. L. Deus, experiência histórica e rosto humano – Alguns elementos sobre a questão de Deus no Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 187-205; SUSIN, L. C. “Para conhecer Deus é necessário conhecer o homem” – Antropologia teológica conciliar e seus desdobramentos para a América Latina. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 369-380.

<sup>176</sup> PP 34.

<sup>177</sup> PP 35.

<sup>178</sup> PP42; cf. GS 19.

“o desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens”<sup>179</sup>. O verdadeiro humanismo integra os valores espirituais e Deus, um humanismo excludente é desumano<sup>180</sup>. A família tem grande incidência sobre o homem:

Mas o homem só é homem quando integrado no seu meio social, onde a família desempenha papel de primeira ordem. [...]. Porém, a família natural, monogâmica e estável, tal como o desígnio de Deus a concebeu (cf. Mt 19,6) e o cristianismo a santificou, deve continuar a ser esse ‘lugar de encontro de várias gerações que reciprocamente se ajudam a alcançar a sabedoria mais plena e a conciliar os direitos pessoais com as outras exigências da vida social’ (GS 52)<sup>181</sup>.

O pregador do Evangelho e Ministro da Palavra não deve entregar-se à fadiga e ao cansaço no “ministério da palavra e da instrução” (1Tm 5,17), mas, deve distribuir com “retidão a palavra da verdade” (2Tm 2,15), porque “a apresentação da mensagem evangélica não é para a Igreja uma contribuição facultativa: é um dever que lhe incumbe, por mandato do Senhor Jesus, a fim de que os homens possam acreditar e ser salvos”<sup>182</sup>.

Sim, esta mensagem é necessária; ela é única e não poderia ser substituída. Assim, ela não admite indiferença nem sincretismo, nem acomodação. É a salvação dos homens que está em causa; é a beleza da Revelação que ela representa; depois, ela comporta uma sabedoria que não é deste mundo. Ela é capaz, por si mesma, de suscitar a fé, uma fé que se apóia na potência de Deus (cf. Lc 4,3). Enfim, ela é a Verdade. Por isso, bem merece que o apóstolo lhe consagre todo o seu tempo, todas as suas energias e lhe sacrifique, se for necessário, a sua própria vida<sup>183</sup>.

Os vocábulos proclamar, anunciar e ensinar, atribuídos a Jesus foram aplicados igualmente aos discursos e, estes, por sua vez, os aplicaram aos seus sucessores e enviados. Ao

<sup>179</sup> PP 42.

<sup>180</sup> Cf. PP 42; cf. atitudes necessárias à humanização: diálogo, desenvolvimento, solidariedade e paz em, PP 43-85; a igreja é a garantia dos verdadeiros valores humanos e a defesa da vida em, HV 1-26.

<sup>181</sup> PP 36; cf. SUSIN, L. C. “Para conhecer Deus é necessário conhecer o homem” – Antropologia teológica conciliar e seus desdobramentos para a América Latina. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 369-380.

<sup>182</sup> EN 5; cf. LIBANIO, J. B. Da apologética à teologia fundamental: a revelação cristã. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 166-185.

<sup>183</sup> EN 6.

aparecer ressuscitado aos discípulos, Jesus soprou sobre eles e lhes concedeu o Espírito Santo. A autoridade de Jesus estava com eles para testemunhá-lo, proclamá-lo, anunciá-lo e para, em seu nome, conferir a Salvação. Para isso enviou seus discípulos em missão:

Jesus aproximou-se deles e falou: ‘Todo poder foi-me dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo o que vos ordenei. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!’ (Mt 28,18-20)

E disse-lhes: ‘Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura’ (Mc 16, 15)

A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio (Jo 20, 21)..

A fonte do ministério e da missão apostólica é o próprio Senhor<sup>184</sup>. A função dos Apóstolos já era entendida como um ministério, não em sentido atual, mas como testemunha e serviço do Senhor. O episódio da substituição de Judas em Atos 1,15-26, especificamente nos versos vv. 24-26, Barsabás e Matias, atestam:

E fizeram esta oração: ‘Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, mostra-nos qual desses dois escolheste a fim de ocupar, no ministério do apostolado, o lugar que Judas abandonou, para dirigir-se ao lugar que era seu. Lançaram sorte entre eles e a sorte veio a cair sobre Matias, que foi então associado aos onze apóstolos’. (At 1,24-26).

Aquele que “Deus o constituiu Senhor e Cristo, Jesus a quem vós crucificastes” (At 2,36) foi o objeto da proclamação dos discípulos<sup>185</sup>. O episódio de Pentecostes em At 2,14-47 apresenta o conteúdo da pregação apostólica em forma de querigma, as primeiras conversões e como era a vida das primeiras comunidades cristãs. Pedro, juntamente com os Onze, “repletos do Espírito Santo” (At 2, 4), levantou a voz e proclamou o primeiro discurso apostólico-querigmático<sup>186</sup>. O

<sup>184</sup> Cf. EN 6-16; cf. SAARINEN. R. Magistério. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073.

<sup>185</sup> Cf. At 14, 22; 19, 8.13; 20, 25; 28, 23.31; Rm 14, 17; 1Cor 15, 24.50; Gl 5, 21; Ef 5, 5; 1Ts 2, 12; Hb 1, 8; 11, 33; 12, 28; 2Pd 1, 11; Ap 1, 6; EN 6-7.

<sup>186</sup> Cf. Cinco discursos ou *querigma* de Pedro: At 2, 14-39; 3, 12-26; 4, 9-12; 5, 29-32; 10, 34-43; Também um discurso querigmático de Paulo em At 13, 16-41.

centro do conteúdo querigmático da pregação apostólica foi o testemunho<sup>187</sup> e o objeto, a morte, a ressurreição e a exaltação de Jesus Cristo<sup>188</sup>. A partir do discurso de Pedro Jesus foi sempre e interruptamente, até hoje, proclamado pelos discípulos e, em seu nome e em sua autoridade, agiram<sup>189</sup>.

Os vocábulos que designam “ministros” ou “funções dos ministros” remetem à missão de Ensinar: apóstolo, profeta, doutor e pastor<sup>190</sup>. Ao lado disso, à realidade dos fatos, a medida que a evangelização se expande e as comunidades aumentam, surge uma “nova preocupação que vem marcar o múnus de Ensinar em nome de Jesus na Igreja, a de manter a autenticidade da fé diante dos desvios ameaçadores”<sup>191</sup>. Esses ministros<sup>192</sup> exercem, em situações difíceis, a missão de vigilância ou de supervisão com objetivos específicos: “manter ao mesmo tempo a comunidade na unidade da fé e da caridade, e com esse intuito conservá-la na “sã doutrina” ou no “são ensinamento” (1Tm 1,10; 2Tm 4, 3; Tt 1, 9; 2,1), ou ainda na “fé sã” (Tt 13; 2, 2)”<sup>193</sup>.

A realidade antiga não utilizou o termo Magistério, mas exprime o conceito com vocábulos ou categorias magistras que hoje são utilizados e conservados em sua essência. A evolução do campo semântico introduziu uma nova palavra como conseqüência de uma necessidade emergente, cuja significação, implicações e desafios merecem investigação. Às categorias magistras somam-se, no decurso das épocas, as “figuras”, na expressão de Sesboüè, muito diferentes do exercício da função do Magistério. Isso significa que o exercício da função

---

<sup>187</sup> Cf. At 2, 32.

<sup>188</sup> Cf. At 2, 22-24.30-33.36.

<sup>189</sup> Cf. Cura de um aleijado em At 3, 1-10; Filipe, Paulo e Pedro proclamavam a Cristo At, 8, 5; 9, 20; 10, 42.

<sup>190</sup> Cf. 1Cor 12, 28; Ef 4,11.

<sup>191</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 22; cf. também: Rm 12, 7; 1Cor 12, 10; 1Tm 1, 3; 6,3; 2Pd 2, 21; Jo 4, 1.

<sup>192</sup> Cf. a tarefa e função do episcopo ou do pastor em 1Tm 3, 1.2; 6, 20; 2Pd 2, 12; Tt 1, 7; At 20, 28; 2Tm 1, 12.14; 4, 2-3.

<sup>193</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 23; cf. SAARINEN. R. Magistério. In: LACOSTE, J – Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073-1075.

do Magistério sofreu ao longo das épocas modificações consideráveis, não faltaram riscos e perigos, que Sesboüè chama de “servidão ou perigos”<sup>194</sup>. O Magistério não tem autoridade em si mesmo, não é a norma de si mesmo, não tem o domínio da fé, ao contrário, é o “ministério da fé”<sup>195</sup>; sua autoridade nasce do serviço e da obediência à fé. Afirmar a própria autoridade no exercício da função reguladora que possui como missão não consiste em tarefa fácil, pois, perceber as águas divisoras, o limite para não ir além do que se deve, nem sempre foi a realidade do Magistério na Igreja.

Bernard Sesboüè vê no conjunto de dados vocálicos apresentados o que seria mais tarde denominado “Magistério” que exprime já dupla função: a função pastoral ou anúncio da Palavra de Jesus Cristo e a regulação desse anúncio. Regulação, no dizer dele, significa simplesmente verificação da autenticidade do Anúncio ou Ensino em confronto com o evento fundador, o mistério de Cristo, com a pregação original, a pregação apostólica<sup>196</sup>.

No período da patrística, especialmente nos três primeiros séculos antes do início dos grandes concílios ecumênicos, iniciados com Nicéia (325), a preocupação fundamental dos Padres da Igreja era o Evangelho procedente do Senhor Jesus, aquele que por Deus foi enviado e enviou, por sua vez, aqueles que deveriam ser as suas testemunhas, e em seu nome pregar e anunciar o Evangelho. Algumas obras comprovam essa verdade: Clemente de Roma, Irineu de

---

<sup>194</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 19-20.

<sup>195</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 7-12; cf. SAARINEN. R. Magistério. In: LACOSTE, J – Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073-1073.

<sup>196</sup> Cf. SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 23; SESBOÛÈ, B. (dir.). *História dos dogmas*. V. 1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002, p. 17-66.

Lião, a Didaqué, denominada de “Doutrina dos Doze Apóstolos”, Inácio de Antioquia, Tertuliano, Pastor de Hermas, Cipriano<sup>197</sup>.

Nos três primeiros séculos, a Igreja vivia em torno do bispo em profunda solidariedade recíproca (bispo e Igreja, Igreja e bispo). O bispo não exercia sozinho, mas de forma sinodal, o seu múnus e missão de Ensinar e regular a fé. A forma sinodal no século II tornou-se regional, modo de manter a comunhão entre as Igrejas, mas sempre em ligação com Roma, a *cathedra Petri*, que nas expressões de Inácio de Antioquia presidia à caridade e instruía as outras Igrejas<sup>198</sup>. Bernard Sesbouë afirma que o bispo de Roma, “concretamente, intervém em casos de urgência, de necessidade ou de apelo. O bispo de Roma exerce em benefício da sua comunidade a sua responsabilidade de doutor da fé no sentido pastoral do termo; em face das outras Igrejas, exerce uma função reguladora em casos de conflitos ou ameaças heréticas, quer sozinho, quer em união com os diferentes sínodos”<sup>199</sup>.

O Bispo é a autoridade na fé que salvaguarda intacta o depósito e mantém a comunidade na autenticidade da fé apostólica. Obedecer ao bispo consistia, para a comunidade, na obediência à regra de fé, isto é, à fé de sempre conservada íntegra pela Igreja e não meramente princípios a serem cridos porque ditos ou propostos pela autoridade. Neste sentido tem maior peso a Escritura e a Tradição que o “Magistério Vivo”. Escritura, Tradição e Magistério formam uma tríade de

---

<sup>197</sup> Cf. SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 24-29; SESBOÛÉ, B. (dir.). *História dos dogmas*. V. 1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002, p. 17-120; LIÉBAERT, J. *Os Padres da Igreja*. V. 1: séculos I-IV. São Paulo: Loyola, 2000, p. 25-163; SAARINEN, R. Magistério. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073-1074.

<sup>198</sup> Cf. SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 30; LIÉBAERT, J. *Os Padres da Igreja*. V. 1: séculos I-IV. São Paulo: Loyola, 2000, p. 25-179.

<sup>199</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 31; cf. SESBOÛÉ, B. (dir.). *História dos dogmas*. V. 1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002, p. 51-66. 157-201; SAARINEN, R. Magistério. In: LACOSTE, J – Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073-1074.

compreensão teológica conexas entre si, de modo que, a ausência ou a supressão de uma delas, comprometeria a verdade da revelação<sup>200</sup>.

No período dos grandes Concílios Ecumênicos, de Nicéia (325) à Calcedônia (451), o Magistério enfrenta inúmeras heresias e há transformação radical da Igreja que passa de um ambiente judaico para um ambiente helenista. Surgem as grandes definições dogmáticas que eram proclamadas em forma de doxologia, a vivência obediente da fé. Não uma nova fé, mas a proclamação e a exposição da mesma fé tornada mais compreensível diante de novas situações de conflitos e ameaças heréticas. Apesar da conotação jurídica que os Concílios sempre carregaram consigo, sobressai o sentido de determinação ortodoxa da fé original, isto mostra que por si só o jurídico nada significa, mas esse tem o sentido de ato regulador que visa o ensinamento e manutenção da verdade da fé diante de ameaças errôneas, é a interpretação de uma “mensagem fundadora e de um documento fundador que é a Escritura”<sup>201</sup>.

Ao tornar o texto fundador compreensivo para cada cultura e época, aparece o problema da recepção. O problema jurídico é perfeitamente compreensivo, mas a dimensão teológica nem sempre é clara, por isso, surgem as dificuldades de compreensão e interpretações dos concílios.

Na Idade Média e Início dos Tempos Modernos, a semântica do termo Magistério foi sendo modificado. Com a cristandade surge a teologia medieval e, nos tempos modernos, a Igreja se depara com uma nova forma de existir, o cristianismo. Novos desafios impostos pela modernidade, combatida pela Igreja que não soube dialogar com o mundo, se fazem sentir. O Magistério muda completamente seu funcionamento. O modo de Ensinar torna-se autoritário com

---

<sup>200</sup> Cf. SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 33; BECKER, V. K. J. *O ministério sacerdotal: natureza e poderes do sacerdócio segundo o magistério da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 7-8; SESBOÛÈ, B. (dir.). *História dos dogmas*. V. 1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002, p. 67-242; SAARINEN, R. Magistério. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073-1074; Ef 3,1-21.

<sup>201</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 35-37; cf. ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 8-120; SAARINEN, R. Magistério. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073-1075.

tom de imposição. Aos poucos novas exigências emergem da modernidade e fazem a Igreja priorizar a figura do Papa como autoridade máxima, abrindo a discussão polêmica e complexa da infalibilidade papal<sup>202</sup>.

João XXIII quer retornar ao sentido de Ensino da fé como era na Igreja antiga de forma positiva e atualizada, e não como se vinha exercendo com base na regulação autoritária. Convoca o Concílio no dia 25 de janeiro de 1959 e torna-se realidade o Concílio Vaticano II (1962-1965). Concretiza-se em grande evento histórico e em grande acontecimento teológico<sup>203</sup>. Vive-se o encontro da Igreja com a modernidade; abre-se o diálogo com o mundo e a sociedade. Para isso, dá-se uma nova visão do conceito do Magistério da Igreja e um rumo totalmente diferente do seu funcionamento<sup>204</sup>.

“O Magistério se exerce de maneira *ordinária* (no ensino e na pregação dos bispos e do papa) ou *extraordinariamente* (ensinamento de um concílio ou decisão dogmática do papa)”<sup>205</sup>. Em qualquer uma das maneiras de Exercício do Magistério, *ordinário ou extraordinário*, tem primazia o Ensino ou a Pregação.

---

<sup>202</sup> Cf. SAARINEN, R. Magistério. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073; LIBANIO, J. B. *Cenários da Igreja*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999, p.11-47.

<sup>203</sup> Cf. SOUZA, N. de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 17-67; BECKER, V. K. J. *O ministério sacerdotal: natureza e poderes do sacerdócio segundo o magistério da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 87-94; COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 5-15; LORSCHIEDER, A. Linhas mestras do Concílio Ecumênico Vaticano II. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 39-49; COMBLIN, J. As sete palavras-chave do Concílio Vaticano II. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 51-70; BEOZZO, J. O. O Concílio Vaticano II: etapa preparatória. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 9-37.

<sup>204</sup> Cf. SAARINEN, R. Magistério. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1074; LIBANIO, J. B. *Cenários da Igreja*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999, p.149-67.

<sup>205</sup> SAARINEN, R. Magistério. In: *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1073.

### 1.3 O Magistério Eclesiástico: primazia do Ensino

O clima anterior ao Concílio Vaticano II (1962-1965) pode ser caracterizado, essencialmente, pelo desencontro ou embate entre a Igreja e a modernidade. Não havia de modo algum diálogo<sup>206</sup>, principalmente, por parte da Igreja. Não aceitava os avanços nem a autonomia dos poderes e realidades temporais, notadamente, das ciências e a valorização da soberania da razão. No entanto, a modernidade penetra, paulatinamente, na Igreja católica, sendo que com mais profundidade no mundo protestante. Ela se vê obrigada a elaborar uma “Nova Teologia”. Recorrendo aos métodos crítico-históricos ao interpretar a Escritura, busca assumir alguns princípios da modernidade e a dialogar com a ciência na busca de atualização da teologia aos tempos modernos. Destacam-se o movimento bíblico, o movimento litúrgico, o movimento ecumênico e o movimento dos leigos. Todos decisivos no processo da nova mentalidade que seria confirmada e instaurada com o Concílio Vaticano II<sup>207</sup>.

O Magistério dos Papas e da Igreja não pode ser lido isolado do contexto histórico cultural em que a Igreja está inserida. Pio XII (1938-1958), foi considerado um glorioso Pontífice ao enfrentar em seu Pontificado tempos de guerra<sup>208</sup> e os mais variados problemas pós-guerra e crises dentro da Igreja.

Pio XII pensava numa ordem verdadeira para toda a humanidade. Em vista dela, existem os poderes espiritual e temporal, uma lei natural a ser observada e uma lei divina

---

<sup>206</sup> Cf. LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 13-35; SOUZA, N. de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 17-67.

<sup>207</sup> Cf. LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 37-60; PALACIO, C. *Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo: teologia aos 40 anos do Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 17; SOUZA, N. de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 17-67; BEOZZO, J. O. O Concílio Vaticano II: etapa preparatória. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 9-37.

<sup>208</sup> Cf. LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 61; a dizimação e perseguição nazista contra os Judeus, invasão do exército alemão na Itália, o bombardeio de Roma.

transmitida pela Igreja. O mal da atual humanidade vem do abandono de Deus e da negação da autoridade da Igreja. Falta-lhes a sanção de uma autoridade legítima e o mundo ficará então entregue às falsas filosofias, às autoridades de ditadores sem lei. 'Esta era segundo ele julgava, a tragédia do século XX, a causa profunda de suas guerras brutais e de suas ditaduras não brutais' (Ph. Hughes)<sup>209</sup>.

Todas as suas manifestações e escritos propunham soluções à crise religiosa e ética da humanidade, sentindo-se chamado a ser intérprete da lei divina e a autoridade autorizada, admoestando a humanidade dos riscos e conseqüências de sua negação<sup>210</sup>.

Cardeal Roncalli, aos 77 anos de idade, foi eleito Papa, adotando o nome de João XXIII. Muitos não davam crédito à sua eleição, mas destacou-se como grande homem de Deus, exímio diplomata, de personalidade dócil e amorosa para com a humanidade. Convocou o Concílio Vaticano II aos 25 de Janeiro de 1959 e, em seqüência, abordou problemas sócio-econômicos e culturais emergentes, através das encíclicas sociais *Mater et magistra* (1961) e *Pacem in terris* (1963), sendo considerado entre certos teólogos um Papa de transição entre os Concílios de Trento e Vaticano I e a limiar do Concílio Vaticano II. Ouvir o Espírito Santo no momento presente e procurar respostas para os terríveis, graves e difíceis problemas pelos quais passavam a Igreja e a humanidade eram os grandes desafios e, ao mesmo tempo, as grandes metas. Esse foi um Papa em diálogo com o mundo<sup>211</sup>: João XXIII fez a Igreja aproximar-se mais do povo cristão e das realidades concretas em que viviam. O mundo laico aproximou-se mais da Igreja ao

---

<sup>209</sup> LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 62.

<sup>210</sup> Cf. LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 61-63; BEOZZO, J. O. O Concílio Vaticano II: etapa preparatória: In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 9-37; SOUZA, N. de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 17-67.

<sup>211</sup> Cf. LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 63-69.

perceber que o Papa, “com suas encíclicas, [...] abriu caminho para um futuro eclesiástico mais preocupado com a justiça social”<sup>212</sup>.

Compreendem-se, portanto, a intenção e a inspiração de João XXIII ao convocar um Concílio Pastoral e Ecumênico, e válido para os futuros cristãos, conforme expressa no discurso inaugural de 11 de outubro de 1962: “Em primeiro lugar João XXIII diz que rejeita a visão pessimista do mundo atual: ‘é necessário discordar desses profetas da desgraça’. [...] ‘agora a esposa de Cristo prefere fazer uso do remédio da misericórdia mais do que da severidade.’”<sup>213</sup>; “abrir a doutrina tradicional ao pensamento moderno e promover a unidade da família cristã e humana”<sup>214</sup>; “O que o Espírito Santo quis e quer dizer à Igreja por intermédio da história?”<sup>215</sup>. Um concílio que não condena e nem proponha definir mais explicitamente o depósito da fé já bem seguro, mas enfrentar o grande desafio da evangelização do mundo contemporâneo ou moderno sem condenação de erros, mas voltado à compreensão de uma humanidade que pudesse acolher e compreender a mensagem de Jesus. Isso constituiu a inspiração de todos os trabalhos conciliares<sup>216</sup>.

O Período pós-conciliar foi de grande tensão: dialogar com o mundo contemporâneo; tarefa ainda, extremamente, complexa e difícil. O Pontificado de Paulo VI (1963-1978) sofreu o impacto das tensões. Paulo VI iniciou seu pontificado (1963) dando continuidade ao Concílio até

---

<sup>212</sup> LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 71; cf. BEOZZO, J. O. O Concílio Vaticano II: etapa preparatória. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 9-37; SOUZA, N. de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 17-67.

<sup>213</sup> COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 6-7.

<sup>214</sup> LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 70.

<sup>215</sup> PALACIO, C. *Deslocamentos da teologia, mudanças do cristianismo: teologia aos 40 anos do Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 34; cf. SOUZA, N. de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 17-67.

<sup>216</sup> Cf. COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 6-7; BEOZZO, J. O. O Concílio Vaticano II: etapa preparatória. In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 9-37; SOUZA, N. de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 17-67.

sua conclusão em 1965 e implantou várias decisões estabelecidas pelo Concílio, mas veio a falecer ainda no início do movimento de restauração. Sua grande missão foi a evangelização no mundo, como a de Paulo apóstolo. Empenhou-se em grandes viagens onde foi grande defensor dos direitos humanos e lutou pela paz. Com isso procurava colocar em prática o que dizia o Concílio: “a Igreja por força do Evangelho que lhe foi confiado proclama os direitos dos homens e admite e aprecia muito o dinamismo do tempo de hoje, que promove esses direitos por toda parte”<sup>217</sup>.

O momento contextual do cristianismo no período do Concílio, com a profunda crise interna da Igreja e muitos opositores, ilumina o pós-Concílio que enfrentou o velho problema, ainda atual, da recepção<sup>218</sup>. A dimensão dialética com o mundo impõe-se à Igreja hoje, pelos novos desafios culturais e éticos, força avassaladora da identidade e da missão eclesial, como exigência vital, mais necessária e urgente. Uma solução plausível, inteligente e coerente dos primeiros responsáveis pela unidade da missão e pela “hermenêutica oficial” do Concílio, seria incluir, não excluir, todos os membros da “família de Deus” (Ef 2,19), de forma colegiada e co-responsável na busca de uma autêntica hermenêutica das proposições conciliares. Deste modo, os cônjuges e as famílias deveriam fazer parte dos Sínodos da “família de Deus”, sob a guarda e o pastoreio dos bispos. Uma volta ao modelo eclesial das comunidades primitivas.

A teologia sofreu profundas transformações e deslocamentos nos últimos anos. Mudanças de interesses, de produções, de perspectivas, de métodos e seu “lugar” na Igreja, em suma, qual o estatuto da teologia hoje? Hoje o mundo é outro e o cristianismo também, isto é, são diferentes

---

<sup>217</sup> GS 41; cf. LIBANIO, J. B. Concílio Vaticano II: os anos que se seguiram. In: etapa preparatória: In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 71-88.

<sup>218</sup> Cf. PALACIO, C. *Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo: teologia aos 40 anos do Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 7-11; cf. LIBANIO, J. B. Concílio Vaticano II: os anos que se seguiram. In: etapa preparatória: In: LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 71-88; CATÃO, F. A. C. O perfil distintivo do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 17-67.

em muitos aspectos do passado acumulado pela tradição. Carlos Palacio, ao falar sobre o envolvimento da fé com a cultura, belissimamente escreve: “A maneira como a fé compreende a si mesma em cada momento histórico: sua identidade, sua continuidade com a tradição e sua maneira de estar presente no mundo, de entrar em contato com o homem e a cultura de determinada época”<sup>219</sup>. Ao se transformar, a teologia evoluiu. Essa evolução foi graças ao que significou o Vaticano II como acontecimento histórico, teológico e eclesial, essa evolução. Mas, nem tudo o que é oferecido em nome do Evangelho de Jesus é um valor ou aceitável, tudo deve ser submetido ao critério do evangelho<sup>220</sup>.

O diálogo da Igreja com o mundo se deu por uma questão de pressupostos, a visão de mundo: o horizonte filosófico da razão antiga e o teocentrismo que ordenava o universo, versus, o antropocentrismo, cuja matriz conceitual é a história; a modernidade como uma ameaça à integridade da fé e à autoridade do Magistério. Diante disso, o Magistério tornou-se lei absoluta, empobreceram a Escritura e a Tradição. O concílio Vaticano II, no entanto, redescobriu a Escritura e a Tradição, estabelecia-se o movimento de retorno às fontes, não uma obsessão pelo passado, mas compreender para aproximar e dialogar. A teologia da escola privilegiou o aspecto doutrinário e com isso a tradição foi reduzida a verdades fora do tempo e transmitida de forma invariada. A Tradição viva, rica e diversa é fontal, pois, ela é a própria vida da Igreja<sup>221</sup>. O concílio queria, portanto, “pensar a fé de tal forma que ela pudesse se tornar significativa para o homem de hoje”<sup>222</sup>.

---

<sup>219</sup> PALACIO, C. *Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo: teologia aos 40 anos do Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 10.

<sup>220</sup> Cf. PALACIO, C. *Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo: teologia aos 40 anos do Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 9-11.

<sup>221</sup> Cf. PALACIO, C. *Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo: teologia aos 40 anos do Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 16-36.

<sup>222</sup> PALACIO, C. *Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo: teologia aos 40 anos do Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 34; cf. ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005. Passim.

No reencontro com a tradição viva aparece primeiro a Sagrada Escritura, Palavra de Deus revelada na história como atestam as três grandes Constituições Dogmáticas do Vaticano II: *Dei verbum*, *Lumen gentium* e *Sacrossanto concilium*.

A Palavra de Deus é fonte da qual vive a comunidade, nela está sua identidade eclesial e ela é celebrada na liturgia. Por isso ela deve abrir-se ao mundo como afirma a *Gaudium et spes*, os problemas do mundo são os problemas da Igreja. A eclesiologia decorrente do Vaticano II se expressa claramente na categoria teológica “povo de Deus”. João Paulo II aponta o Vaticano II como grande graça do século XX e bússola segura para nos orientar no caminho do novo milênio<sup>223</sup>. A grande importância do concílio em questão é o seu alcance<sup>224</sup>.

Bernard Sesboüè e Carlos Palacio, de modos diversos, ressaltam os mesmos valores sobre a contribuição do Vaticano II para a teologia do Magistério. A contribuição Dogmática “*Dei Verbum*”, sobre a Revelação Divina, contribui exprimindo as relações entre a Escritura, a tradição e o Magistério, no espírito da antiga tradição. Subordina o Magistério à Palavra de Deus, cujo papel é ser seu intérprete, sua autoridade se sustenta porque ensina aquilo que escuta.

A eclesiologia do Concílio Vaticano II expressa, na Constituição Dogmática *Lumen gentium* (sobre a Igreja), a infabilidade da Igreja, povo de Deus. Participante da função profética de Cristo, o *sensus fidei* universal dos fiéis que abrange todos os membros da Igreja, quer ordenados ou não ordenados, cuja expressão máxima se encontra na hierarquia da Igreja. “O múnus próprio do Magistério se exerce em comunhão com o povo de Deus e supõe um

---

<sup>223</sup> Cf. NMI 57.

<sup>224</sup> Cf. COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 5-15; cf. ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium*: a transição necessária. São Paulo: Paulus, 2005. Passim.

intercâmbio constante entre um e outro na maneira de viver a doutrina da fé e refletir sobre ela. Aqui tocamos, de modo particular, com o problema da recepção”<sup>225</sup>.

A constituição hierárquica da Igreja supõe as categorias teológicas dos parágrafos anteriores e é também questão jurídica.

O Vaticano II afirma que o *múnus* de ensinar é conferido pela ordenação ou consagração episcopal, e esta mesma considerada como aquela que confere a plenitude da Ordem: ‘A sagração episcopal, juntamente com o *múnus* de santificar, confere os de ensinar e de reger. Estes, todavia, por sua natureza só podem ser exercidos em hierarquia comunhão com a Cabeça e os demais membros do Colégio’ (LG 21). Como toda a teologia do episcopado é relacionada pelo Concílio ao envio em missão dos Doze por Cristo, deve-se dizer que o envio em missão está incluído na ordenação episcopal, mesmo se, concretamente e para o bem da unidade da Igreja, ela só possa se exercer em comunhão com o Colégio e sua Cabeça e, portanto, comportar um *missio canonica* propriamente jurídica. É a ordenação que faz entrar na sucessão apostólica. O envio em missão é uma realidade antes de tudo sacramental<sup>226</sup>.

Um conceito novo no Concílio Vaticano II: “o Magistério Vivo”. “Os mestres autênticos [...] dotados da autoridade de Cristo, que pregam ao povo a eles confiado a fé que deve ser crida e praticada”<sup>227</sup>. As principais funções do bispo são, em primeiro lugar, a pregação do Evangelho, isto é, ensinar e confirmar o povo de Deus na fé de sempre, santificar e reger, sempre submissos à Sagrada Escritura e à tradição.

As sombras sempre aparecem. José Comblin faz duras críticas ao magistério que, referindo-se a João Paulo II e ao cardeal J. Ratzinger, implantando uma política de restauração do Concílio Vaticano II que significou um retrocesso. Para ele, cardeal J. Ratzinger, teólogo do Concílio, “mas foi um dos primeiros que se assustaram e se arrependeram. Na realidade a sua teologia não se adequava à teologia conciliar. Já desde 1969 voltou à teologia anterior. Ele

<sup>225</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 57; cf. ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005. Passim.

<sup>226</sup> SESBOÛÈ, B. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 57-58; cf. LG 21; ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005. Passim.

<sup>227</sup> LG 25; cf. ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005. Passim.

mesmo cultivou visão extremamente pessimista do mundo moderno e acentuou mais ainda as tendências pessimistas do papa”<sup>228</sup>.

José Comblin vê novas fases de condenações de teólogos considerados seduzidos pelo mundo moderno: os teólogos da libertação, suspeitos de marxismo; os teólogos da moral sexual, suspeitos de laxismo; os teólogos do diálogo inter religioso, suspeitos de relativismo. O mundo seria novamente fonte de heresias e a pós-modernidade qualificada de relativismo. Com isso, o magistério retoma para si a tarefa de condenar os erros ou perigos de erros para proteger a Igreja contra as investidas do mundo moderno. No lugar de compreender o mundo, condená-lo<sup>229</sup>.

Para José Comblin a questão toda se concentra no fato de que o conceito “povo de Deus” que determinou todos os escritos do concílio foi “sistematicamente eliminado do discurso eclesial durante o presente pontificado”<sup>230</sup>. O sínodo extraordinário dos bispos de 1985, convocado com o objetivo de interpretar o concílio, suprimiu o conceito “povo de Deus”. Para ele voltar ao Concílio é resgatar o conceito “povo de Deus” recolocando-o no centro da eclesiologia<sup>231</sup>.

A questão teológica do “magistério vivo” no pleno exercício de suas funções e sua autoridade, justifica-se neste trabalho, pela relevância das palavras dos Papas no exercício de seus Pontificados, pelas reflexões e declarações dos Concílios Ecumênicos antigos e, em especial, o Concílio Vaticano II, do Sínodo dos Bispos, pelos documentos proferidos pelas Congregações ou Conselhos Pontifícios, pelas Conferências Episcopais e o trabalho pastoral realizado pelos leigos e leigas, quer em matéria dogmática, quer em outras questões que considerem a realidade do matrimônio e da família e sua vivência eclesial da fé. A tarefa do magistério não é simples. Salvo

---

<sup>228</sup> COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 8.

<sup>229</sup> Cf. COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 7-15.

<sup>230</sup> COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 9.

<sup>231</sup> Cf. COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 9.

as críticas ao contrário, às vezes com muita razão, o magistério tem uma palavra que deve ser ouvida e é justamente isso que procurarei incluir neste trabalho.

## 2. O Pontificado de João Paulo II: primazia do Ensino

### 2.1 Karol Josef Wojtyła

Nasceu em 18 de maio de 1920 no Wadowice ao sul da Polônia, cidade a 50 km da Cracóvia. A Nação Polonesa, espoliada e marcada pelas imensas dores e grandes sofrimentos históricos, de invasões e da segunda guerra mundial, foi o contexto cultural da vida pessoal, social e familiar de Karol Josef Wojtyła<sup>232</sup>.

Karol Josef Wojtyła, apelidado carinhosamente pelos amigos “Lolek”<sup>233</sup>, teve uma vida pessoal e familiar muito sofrida em todas as dimensões. Sua família, contudo, foi comunidade de vida e de amor extremamente significativa em seu viver. Sua família, poucos dias depois de nascer, no dia 20 de junho de 1920, levou-o à pia batismal na Igreja paroquial de Santa Maria de

---

<sup>232</sup> Cf. as obras consultadas sobre a vida de João Paulo II e muitos de seus pensamentos: JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004; JOÃO PAULO II: ACI digital. *João Paulo II, ‘O Grande’ 1920-2005*. Disponível em: <<<http://www.acidigital.com/juanpabloii/>>>. Acesso: 26 outubro 2006, 11:00:00; BETETA, P. *João Paulo II: rumo ao novo milênio*. São Paulo: Loyola, 1999; JOÃO PAULO II. *Vá em paz: um presente de amor permanente*; editado por Joseph Durepos. Aparecida: Santuário, 2005; FROSSARD, A. “*Não tenham medo!*”: entrevista com João Paulo II. São Paulo: Círculo do Livro, 1984; FROSSARD, A. *Retrato de João Paulo II*. São Paulo: Círculo do Livro, 1998; FISCHER-WOLLPERT, R. *Os Papas: de Pedro a João Paulo II*. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1999; BAKALAR, N.; BALKIN, R. (org.). *A sabedoria de João Paulo II: a visão do Papa sobre os temas mais importantes para a humanidade*. Rio de Janeiro: Record, 2003; BERNSTEIN, C.; POLITI, M. *Sua Santidade João Paulo II: e a história oculta de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996; RATZINGUER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000; ECLÉSIA.COM. *Memória eterna! Morre Sua Santidade o Papa João Paulo II*. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/news/falecimento\\_papa.htm](http://www.ecclesia.com.br/news/falecimento_papa.htm)>. Acesso em: 27 outubro 2006, 09:30:02; DIÁRIO DO COMÉRCIO. *João Paulo II: 1920-2005*. Disponível em: <<http://www.dcomercio.com.br/especiais/PAPA/osanto.htm>>. Acesso em: 27 outubro 2006, 10:20:00; SANTA SÉ. *João Paulo II*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/Jon\\_paul\\_ii/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/holy_father/Jon_paul_ii/index_po.htm)>. Acesso em: 27 outubro 2006, 11:20:05; ZENIT.ORG: *O mundo visto de Roma. João Paulo II*. Disponível em: <<http://www.zenit.org/portuguese.htm>>. Acesso em 27 de outubro de 2006, 15:00:43.

<sup>233</sup> JOÃO PAULO II: o peregrino da paz. *Revista National Geograph Brasil*, São Paulo, n. 42, A. Edição de Colecionador, p. 36, [abr.] 2004; cf. BERNSTEIN, C.; POLITI, M. *Sua Santidade João Paulo II: e a história oculta de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996, p. 9-80.

Wadowice. Aos 9 anos de idade, ano em que fez a primeira comunhão, no dia 13 de Abril de 1929, sua mãe Emília Kaczorowsky faleceu ao dar à luz a uma menina que morreu antes mesmo de nascer. Aos 18 anos recebeu o Sacramento da Confirmação. Anos mais tarde faleceu seu irmão Edmund e, no dia 19 de fevereiro de 1941, seu pai Karol Wojtyla, um militar do exército austro-húngaro, também faleceu<sup>234</sup>.

A ocupação Polonesa pelos Alemães na segunda guerra trouxe enormes sacrifícios para Karol Josef Wojtyla concluir seus estudos médios e de teologia. Antes de seu ingresso no Seminário, o Jovem Wojtyla trabalhou como operário em uma pedreira. Viveu escondido durante os estudos teológicos no Departamento de Teologia da Universidade Jaguelloniana<sup>235</sup>.

Aos 26 anos de idade em 1 de novembro de 1946, no Seminário Maior de Cracóvia, Ordenou-se Presbítero. Licenciado em teologia e doutor em filosofia, tornou-se professor na Universidade Católica de Dublin e na Universidade Estadual de Cracóvia, tornando-se expoente do pensamento Polonês<sup>236</sup>.

Em 23 de setembro de 1958 foi sagrado o mais jovem Bispo Polonês, Bispo Auxiliar do Administrador Apostólico de Cracóvia, sede que ocupou como Arcebispo no dia 13 de janeiro de 1964. Participou ativamente do Concílio Vaticano II, contribuindo com a elaboração dos dois grandes documentos conciliares *Lumen gentium e Gaudium et spes*, ao mesmo tempo em que

---

<sup>234</sup> Cf. RATZINGER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 36; BERNSTEIN, C.; POLITI, M. Sua Santidade João Paulo II: e a história oculta de nosso tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996, p. 9-80; ECLÉSIA.COM. Memória eterna! Morre Sua Santidade o Papa João Paulo II. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/news/falecimento\\_papa.htm](http://www.ecclesia.com.br/news/falecimento_papa.htm)>. Acesso em: 27 outubro 2006, 09:30:02; DIÁRIO DO COMÉRCIO. *João Paulo II: 1920-2005*. Disponível em: <<http://www.dcomercio.com.br/especiais/papa/osanto.htm>>. Acesso em: 27 outubro 2006, 10:20:00; SANTA SÉ. *João Paulo II*. Disponível em: <[http://www.vatcan.va/holy\\_father/Jon\\_paul\\_ii/index\\_po.htm](http://www.vatcan.va/holy_father/Jon_paul_ii/index_po.htm)>. Acesso em: 27 outubro 2006, 11:20:05.

<sup>235</sup> Cf. FISCHER-WOLLPERT, R. *Os Papas: de Pedro a João Paulo II*. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1999, p. 170-172.

<sup>236</sup> Cf. BERNSTEIN, C.; POLITI, M. Sua Santidade João Paulo II: e a história oculta de nosso tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996, p. 81-154.

desempenhava como Bispo, intenso trabalho apostólico com Jovens e Famílias, a promoção humana dos operários e a literatura cristã católica<sup>237</sup>.

Aos 47 anos de idade, em maio de 1967, foi nomeado Cardeal pelo Papa Paulo VI. Em 1978, morre Paulo VI e é eleito João Paulo I. Este último faleceu 33 dias após sua eleição e, em 16 de outubro de 1978 o Cardeal Polonês, Karol Josef Wojtyla, é eleito sucessor de Pedro. Em 22 de outubro de 1978 foi investido como Sumo Pontífice assumindo o título de João Paulo II. Sua eleição quebrou a tradição de 456 anos de escolher Papas de origem italiana. As primeiras palavras do Papa João Paulo II, no dia 22 de outubro de 1978, foram: “Não tenham medo!” (Jo 16,33)<sup>238</sup>.

Os 85 anos de idade do mesmo e único homem Karol Josef Wojtyla, ou João Paulo II nos 27 anos de Pontificado, foram marcados por características reconhecidas mundialmente, por homens e mulheres, nações e culturas, cristãos e ateus, não cristãos e materialistas, pessoas humildes e intelectuais<sup>239</sup>. Esse foi homem de fé, marcado pelo sofrimento, pela coragem e pela esperança; sábio, intelectual, pastor e mestre. Ensinou, amou e defendeu a verdade sobre o Mistério do homem inserido no Mistério de Deus Criador e Redentor, revelado no Mistério de Cristo morto e ressuscitado, “cabeça da Igreja, que é seu Corpo” (Cl 1,18) e fundamento de seu Mistério<sup>240</sup>. Dessas características para as quais convergem tantas outras, podemos afirmar o

<sup>237</sup> Cf. FROSSARD, A. “*Não tenham medo!*”: entrevista com João Paulo II. São Paulo: Círculo do Livro, 1984, p. 28-34.

<sup>238</sup> Cf. RATZINGER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 5; *L'Osservatore Romano*. Cidade do Vaticano, out. 1978. Edição Avulsa, ano IX.; BERNSTEIN, C.; POLITI, M. Sua Santidade João Paulo II: e a história oculta de nosso tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996, p. 157-181.

<sup>239</sup> Cf. JOÃO PAULO II: o peregrino da paz. *Revista National Geograph Brasil*, São Paulo, n. 42, A. Edição de Colecionador. Passim [abr.] 2004; ECLÉSIA.COM. Memória eterna! Morre Sua Santidade o Papa João Paulo II. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/news/falecimento\\_papa.htm](http://www.ecclesia.com.br/news/falecimento_papa.htm)>. Acesso em: 27 outubro 2006, 09:30:02; DIÁRIO DO COMÉRCIO. *João Paulo II: 1920-2005*. Disponível em: <<http://www.dcomercio.com.br/especiais/papa/osanto.htm>>. Acesso em: 27 outubro 2006, 10:20:00.

<sup>240</sup> Cf. FROSSARD, A. “*Não tenham medo!*”: entrevista com João Paulo II. São Paulo: Círculo do Livro, 1984, p. 35-98.

testemunho de sua vida, expresso no seu escudo: um grande M, realçando sua devoção Mariana, e o Lema: “*Totus Tuus*” – Tudo para Todos<sup>241</sup>.

O Jovem “Lolek” era habilidoso nas artes literárias e dramaturgia. Ainda no Colégio, pensava na possibilidade de enveredar-se nas linhas mestras da filosofia e da lingüística polonesa. Realmente tornou-se grande estudioso, especialmente, nas questões relativas ao ser humano em todas as suas dimensões. A história conta sua trajetória e influência, não somente em relação à Nação Polonesa, mas em relação a todo o mundo contemporâneo no âmbito da Igreja e das sociedades. Podemos, então, afirmar que seu Pontificado manifestou-se como continuidade de sua vida familiar; social e cultural<sup>242</sup>.

As experiências humanas vividas por João Paulo II<sup>243</sup> marcaram decisiva e profundamente toda sua vida e moldaram seu caráter, ao mesmo tempo em que contribuíram determinantemente para que suas proficientes convicções sobre a vida humana e suas relações – com Deus, consigo

---

<sup>241</sup> Cf. FISCHER-WOLLPERT, R. *Os Papas: de Pedro a João Paulo II*. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1999, p. 172; FROSSARD, A. “*Não tenham medo!*”: entrevista com João Paulo II. São Paulo: Círculo do Livro, 1984, p. 35-98.

<sup>242</sup> O próprio João Paulo II registrou passagens interessantes de sua vida, outras histórias e ditos foram registrados por outros autores. Cf. JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004; JOÃO PAULO II: ACI digital. *João Paulo II, ‘O Grande’ 1920-2005*. Disponível em: <<<http://www.acidigital.com/juanpabloii/>>>. Acesso: 26 outubro 2006, 11:00:00; BETETA, P. *João Paulo II: rumo ao novo milênio*. São Paulo: Loyola, 1999; JOÃO PAULO II. *Vá em paz: um presente de amor permanente*; editado por Joseph Durepos. Aparecida: Santuário, 2005; FROSSARD, A. “*Não tenham medo!*”: entrevista com João Paulo II. São Paulo: Círculo do Livro, 1984; FROSSARD, A. *Retrato de João Paulo II*. São Paulo: Círculo do Livro, 1998; FISCHER-WOLLPERT, R. *Os Papas: de Pedro a João Paulo II*. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1999; BAKALAR, N.; BALKIN, R. (org.). *A sabedoria de João Paulo II: a visão do Papa sobre os temas mais importantes para a humanidade*. Rio de Janeiro: Record, 2003; BERNSTEIN, C.; POLITI, M. *Sua Santidade João Paulo II: e a história oculta de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996; RATZINGUER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000.

<sup>243</sup> Cf. FROSSARD, A. “*Não tenham medo!*”: entrevista com João Paulo II. São Paulo: Círculo do Livro, 1984, p. 15-16. “Aos vinte anos, eu havia perdido todos aqueles a quem amava e até os que poderia ter amado, como uma irmã que morreu seis anos antes do meu nascimento. Não havia feito minha primeira comunhão quando perdi minha mãe, que não teve a alegria de ver esse que ela esperava como um grande dia”: p. 15-16; “Ele só viu sua mãe enferma. Foi ela, sem dúvida, quem o ensinou a rezar. [...] A morte de minha mãe se inscreveu profundamente em minha memória, e mais ainda talvez a de meu irmão, por causa das circunstâncias dramáticas em que ocorreu e porque eu estava mais amadurecido. Assim, tornei-me relativamente cedo órfão de mãe e único filho. Meu pai foi admirável, e está presente em quase todas as recordações de minha infância e adolescência... o simples fato de vê-lo ajoelhar-se teve uma influência decisiva sobre meus anos juvenis. Ele era tão exigente com relação a si mesmo que não tinha nenhuma necessidade de mostrar-se exigente diante do filho: o exemplo bastava par ensinar-me a disciplina e o senso do dever. Era um ser excepcional. Morreu quase que de repente durante a guerra, sob a ocupação nazista. Eu não tinha vinte e um anos”.

mesmo, com os outros e com o mundo –, fossem profícuos e fizessem de seu Pontificado um marco histórico, em vários aspectos.

Os registros das atividades apostólicas, no decurso de quase 27 anos de Pontificado, manifestaram o pioneirismo<sup>244</sup>, em muitos aspectos, do Pontífice mais jovem do século e o terceiro mais longo da história, verdadeiro testemunho transparente de seu pensamento, fundamentado na experiência humana. Suas atividades apostólicas, marcadas pelas alegrias e sofrimentos vividos na vida pessoal – operário, estudante, seminarista e padre –, na relação familiar – morte dos pais e irmãos –, e social – a realidade de seu povo na ocupação nazista – estão caracterizadas nos registros recorde mais surpreendentes: *Ângelus (Regina Coeli)*, pioneiro em Audiências, Cartas, Cartas Apostólicas, Constituições Apostólicas, Discursos, Encíclicas, Exortações Apostólicas, Homilias, Jubileu, Livros, Mensagens, *Motu Proprio* e viagens pelo mundo.

Formado na Escola de Cristo e da história, João Paulo II foi experiência presente e operante a falar da realidade do matrimônio e da família. Seguindo com fidelidade Jesus Cristo de Nazaré, *Redemptor Hominis*<sup>245</sup>, e sua Igreja, fez afirmações convictas sobre a vocação e missão da família cristã na Igreja e no mundo, a partir do seguimento de Jesus Cristo de Nazaré.

A Igreja conhece o caminho pelo qual a família pode chegar ao coração da sua verdade profunda. Este caminho, que a Igreja aprendeu na Escola de Cristo e da história interpretada À luz do Espírito, não o impõe, mas sente a exigência indeclinável de o propor a todos sem medo, com grande confiança e esperança, sabendo, porém, que a

<sup>244</sup> Cf. JOÃO PAULO II. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/Jon\\_paul\\_ii/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/holy_father/Jon_paul_ii/index_po.htm)>. Acesso em: 27 outubro 2006, 11:20:05; JOÃO PAULO II: ACI digital. *João Paulo II, 'O Grande' 1920-2005*. Disponível em: <<<http://www.acidigital.com/juanpabloii/>>>. Acesso: 26 outubro 2006, 11:00:00; FISCHER-WOLLPERT, R. *Os Papas*: de Pedro a João Paulo II. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1999, p 170-172; RATZINGER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 7-54; ECLÉSIA.COM. Memória eterna! Morre Sua Santidade o Papa João Paulo II. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/news/falecimento\\_papa.htm](http://www.ecclesia.com.br/news/falecimento_papa.htm)>. Acesso em: 27 outubro 2006, 09:30:02; DIÁRIO DO COMÉRCIO. *João Paulo II: 1920-2005*. Disponível em: <<http://www.dcomercio.com.br/especiais/PAPA/osanto.htm>>. Acesso em: 27 outubro 2006, 10:20:00; ZENIT.ORG:O mundo visto de Roma. *João Paulo II*. Disponível em: <<http://www.zenit.org/portuguese.htm>>. Acesso em 27 de outubro de 2006, 15:00:43.

<sup>245</sup> Cf. RH Passim; RATZINGER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 5-31.

‘Boa-Nova’ conhece a linguagem da Cruz. É, no entanto, através da Cruz que a família pode atingir a plenitude do seu ser e a perfeição do seu amor<sup>246</sup>.

Todos os membros da família, cada um segundo o dom que lhe é peculiar, possuem a graça e a responsabilidade de construir, dia após dia, a comunhão de pessoas, fazendo da família uma ‘escola de humanismo mais completo e rico’ (GS52)<sup>247</sup>.

‘Os pais, que transmitem a vida aos filhos, têm gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores. [...] é dever dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus e com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos. A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade’ (GE 3)<sup>248</sup>.

A família é a primeira e fundamental escola de solidariedade: enquanto comunidade de amor, ela encontra no dom de si a lei que a guia e faz crescer<sup>249</sup>.

O Sínodo [1980], retomando e desenvolvendo as linhas conciliares, apresentou a missão educativa da família cristã como um verdadeiro ministério, mediante o qual é transmitido e irradiado o Evangelho, a ponto de a mesma vida da família se tornar itinerário de fé e, em certo modo, iniciação cristã e escola para seguir a Cristo. Na família consciente de tal dom, como escreveu Paulo VI, ‘todos os membros evangelizam e são evangelizados’ (EN 68)<sup>250</sup>

A família possui vínculos vitais com a sociedade, porque constitui o seu fundamento e alimento contínuo mediante o dever de serviço À vida: pois é da família que saem os cidadãos e na família encontram a primeira escola daquelas virtudes sociais, que são a alma da vida e do desenvolvimento da mesma sociedade<sup>251</sup>.

A promoção de uma autêntica e madura comunhão de pessoas na família torna-se a primeira e insubstituível escola de solidariedade, exemplo e estímulo para as mais amplas relações comunitárias na mira do respeito, da justiça, do diálogo, do amor<sup>252</sup>.

João Paulo II considerou sua vocação, assim como considerava “toda vocação na Igreja” e a vocação de “cada homem”, inserida na missão do Cristo<sup>253</sup>. Em sua vocação sentia-se

---

<sup>246</sup> FC Conclusão.

<sup>247</sup> FC 21.

<sup>248</sup> FC 36.

<sup>249</sup> FC 37.

<sup>250</sup> FC 39.

<sup>251</sup> FC 42.

<sup>252</sup> FC 43.

<sup>253</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004, p. 16; cf. Jo 1,3,9-18; 12,26-27.42-50.

convictamente chamado pelo próprio Cristo e fortalecido na união com o Pai, no Espírito<sup>254</sup>. Os frutos que produzia na vida apostólica nasciam de sua permanência em Cristo: “Aí está a eficiência da missão pastoral do bispo”<sup>255</sup>. Com firme convicção de ter sido chamado, enviado e sustentado por Jesus Cristo, constantemente se dirigia a todo ser humano contemporâneo ao redor do mundo, especialmente jovens, famílias e sofredores, aproximando-se deles e dirigindo-lhes palavras de ânimo, conforto e reorientação. Tornou-se o Papa que “cria proximidade”<sup>256</sup>.

Comprometido em profundidade com a Nação Polonesa zelou pela memória do patrimônio cultural e religioso de seu povo, lutou pela vida deles, pela fé de sua gente, defendeu sua Igreja como Bispo. Fiel às orações e ao Depósito da Fé, comprometido com a história, sentiu-se pastor que “conhece as suas ovelhas” (Jo 10, 14.), e quis “conhecê-las diretamente”<sup>257</sup>. Encontra-se aqui a raiz da abertura de João Paulo II aos problemas da humanidade e de “cada homem” (cada ser humano), como ele mesmo deu a entender ao falar do dever do bispo em conhecer o rebanho:

*O Bom Pastor conhece as suas ovelhas e as ovelhas O conhecem* (cf. Jo 10,14). Certamente é dever do bispo aplicar-se com prudência a fim de que o maior número possível de pessoas, que juntas com ele formam a Igreja, possa conhecê-lo diretamente. Por sua vez, ele buscará aproximar-se de todos, de modo que saiba como vivem e o que alegra ou que atormenta seus corações. A base de tal conhecimento recíproco não se deve tanto aos encontros ocasionais quanto a um autêntico interesse por aquilo que se dá dentro do coração do homem, independentemente da idade, da classe social ou da nacionalidade de cada um. É um interesse que engloba os praticantes e os afastados (cf. GS 16). É difícil uma teoria sistemática sobre o modo de estabelecer relações com as pessoas; no entanto, para mim, foi de grande ajuda o personalismo que aprofundei nos meus estudos filosóficos. Todo homem é uma pessoa individual e por isso não posso programar *a priori* um certo tipo de relação que valha para todos, mas devo, por assim

<sup>254</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004, p. 16; RATZINGER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 12.

<sup>255</sup> JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004, p. 17; cf. Jo 15, 16.

<sup>256</sup> RATZINGER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 7.

<sup>257</sup> JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004, p. 75. 29-30. 61-63. 73-74. 89-206.

dizer, aprende-la cada vez como se fosse a primeira. [...]. Seja como for, minha preocupação constante foi a de tutelar o caráter pessoal da relação. Cada pessoa é um capítulo à parte. [...]. O interesse pelo outro começa pela oração do bispo, pelo seu colóquio com Cristo que lhe entrega “os seus”. [...] Entretanto, sigo o princípio de acolher cada um como uma pessoa que o Senhor me envia e que, ao mesmo tempo, me confia<sup>258</sup>.

Desse modo, influenciado pela filosofia personalista, procurou acolher cada ser humano em especial, como uma realidade única “um capítulo a parte”. A palavra “massa” não lhe agradava, “porque traz muito de anônimo”, preferia o termo “‘multidão’ (em grego *plethos*: cf. Mc 3,7; Lc 6,17; At 2,6; 14,1 etc)”, pois, as muitas gentes que encontrava eram como “uma comunidade animada de um mesmo ideal”<sup>259</sup>. O modo de ser como bispo o influenciou no modo de exercer o seu ministério papal, como era transparente a acolhida que dava às multidões por onde passava e às pessoas que dele se aproximavam<sup>260</sup>.

A sua aproximação com os diferentes grupos e com cada pessoa está refletida em sua época de Bispo em Cracóvia através do seu relacionamento com o clero e nas suas visitas pastorais que eram demoradas. Uma de suas afirmações que revela sua delicadeza para com os outros e sua visão de que tudo tem sua fonte em Cristo é esta: “O interesse pelo outro começa pela oração do bispo, pelo seu colóquio com Cristo que lhe entrega os seus”<sup>261</sup>.

Como bispo, nas prolongadas e atenciosas visitas pastorais, em tempos sociais e políticos difíceis, preocupava-se com os sacramentos, abençoava os casamentos, administrava a crisma e,

<sup>258</sup> JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004, p. 75-77.

<sup>259</sup> JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004, p. 77.

<sup>260</sup> Cf. RATZINGER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 7-31; SANTA SÉ. *João Paulo II*. Disponível em: <[http://www.vatcan.va/holy\\_father/Jon\\_paul\\_ii/index\\_po.htm](http://www.vatcan.va/holy_father/Jon_paul_ii/index_po.htm)>. Acesso em: 27 outubro 2006, 11:20:05; JOÃO PAULO II: ACI digital. *João Paulo II, ‘O Grande’ 1920-2005*. Disponível em: <<<http://www.acidigital.com/juanpabloii/>>>. Acesso: 26 outubro 2006, 11:00:00; FISCHER-WOLLPERT, R. *Os Papas: de Pedro a João Paulo II*. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1999, p 170-172; RATZINGER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 7-54; ECLÉSIA.COM. Memória eterna! Morre Sua Santidade o Papa João Paulo II. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/news/falescimento\\_papa.htm](http://www.ecclesia.com.br/news/falescimento_papa.htm)>. Acesso em: 27 outubro 2006, 09:30:02; DIÁRIO DO COMÉRCIO. *João Paulo II: 1920-2005*. Disponível em: <<http://www.dcomercio.com.br/especiais/PAPA/osanto.htm>>. Acesso em: 27 outubro 2006, 10:20:00.

<sup>261</sup> JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004, p. 76. 79-87; cf. FROSSARD, A. “*Não tenham medo!*”: entrevista com João Paulo II. São Paulo: Círculo do Livro, 1984, p. 32.

pessoalmente, atendia no confessionário. Visitava os doentes e as famílias em suas casas, exceto nos hospitais porque “Infelizmente as autoridades comunistas não concediam o acesso aos hospitais”<sup>262</sup>. Encontrava-se com pequenos grupos como o de professores, os de jovens e com os sacerdotes que se dedicavam na paróquia.

Era especial o encontro com as famílias, como ele mesmo relata. O modo de se organizar ainda como padre, capelão universitário, e depois como bispo, os encontros com as famílias, com os casais e as grávidas, com os noivos em preparação para o sacramento do matrimônio e a vida familiar, as celebrações da Santa Missa e as bênçãos especiais para cada casal em particular, influenciou a estrutura da *Familiaris Consortio*, no que diz respeito à organização da pastoral familiar<sup>263</sup>. Os livros que escreveu influenciaram a *Carta às famílias*:

Era previsto também um encontro específico na igreja com todos os casais. Era unido à Santa Missa, que terminava com uma bênção a cada casal em particular. A homilia era obviamente dedicada ao tema do matrimônio. Experimentava sempre uma emoção especial diante de numerosas famílias e mulheres grávidas. Desejava expressar meu apreço pela maternidade e pela paternidade. Desde o início do meu sacerdócio, dediquei-me ao serviço pastoral a favor dos casais e das famílias. Como capelão universitário, organizava habitualmente cursos pré-matrimoniais e, mais tarde, como bispo, promovi a pastoral das famílias. Dessas experiências, dos encontros com os noivos, esposos e famílias, nasceu o drama poético *A loja do ourives* e o livro *Amor e responsabilidade* e depois, mais recente, *a Carta às famílias*<sup>264</sup>.

Preparou o seu futuro Pontificado com o diálogo que fazia nas visitas pastorais com o “mundo da cultura”<sup>265</sup>. Seu interesse pelo diálogo com os estudiosos, conseqüentemente, seu contato com o mundo da ciência, já se fazia perceber quando mantinha vivo o seu relacionamento com tudo que se relacionava à esfera científica. Era estreita e freqüente sua presença no meio universitário. Não se alienava das leituras, das discussões, das informações e dos encontros com

<sup>262</sup> JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004, p. 85. 87-102.

<sup>263</sup> Cf. Quarta Parte: A Pastoral Familiar: etapas, estruturas, responsáveis: FC 65-85.

<sup>264</sup> JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004, p. 85- 86.

<sup>265</sup> JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004, p. 97.98-102.

os protagonistas das ciências. Mantinha-se em diálogo com filósofos leigos e sacerdotes. Fez opção filosófica pessoal entre os pólos tomista, aristotélico e a fenomenologia. Tornou-se grande admirador do pensamento e da vida de Edith Stein a quem beatificou em Roma, juntamente com outros<sup>266</sup>.

A *Revista National Geograph Brasil*<sup>267</sup> trouxe testemunhos importantes sobre João Paulo II foram dados por personalidades como: Billy Graham, líder protestante: “Aos olhos da história, ele será visto como o papa mais importante de nossos tempos. Poucos foram tão influentes quanto ele, não só do ponto de vista religioso, mas também social e moral”; Sua Santidade Dalai Lama, líder espiritual do Tibet: “Possui uma vontade e uma determinação extraordinárias: quer ajudar a humanidade através de sua espiritualidade [...] Isso é maravilhoso”; Mikhail Gorbachov, ex-presidente da ex-União Soviética: “Se não contássemos com seu empenho e com sua atuação excepcional no cenário mundial, a reviravolta no Leste Europeu não teria jamais ocorrido”; Elio Toaff, Grão-Rabino de Roma: “Ele escreveu uma nova página na história dos judeus e cristãos. Encerrou, definitivamente, 2 mil anos de incompreensões, desentendimentos, e séculos de sofrimento”.

Seu ministério Episcopal primou-se em incentivar a vida eclesial no espírito do Concílio Ecumênico Vaticano II, do qual participou efetivamente da fase preparatória e sua realização. Ao participar do Concílio, contribuiu na elaboração da Constituição Dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja e na Constituição Pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. Empenhou-se na recepção e aplicação do Concílio em seu país. No dia de sua eleição assumiu o compromisso de fidelidade ao Magistério de Pedro e à grande disciplina da Igreja à luz do

<sup>266</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004, p. 97-98; Cf. sobre a influência de Mas Scheler e o encontro com a fenomenologia in: RATZINGER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 12-13; BERNSTEIN, C.; POLITI, M. *Sua Santidade João Paulo II: e a história oculta de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996, p. 183-540.

<sup>267</sup> Cf. JOÃO PAULO II: o peregrino da paz. *Revista National Geograph Brasil*, São Paulo, n. 42, A. Edição de Colecionador, p. 6, 9, 17,19, [abr.] 2004.

Concílio Vaticano II<sup>268</sup>. Ele elaborou pensamentos que hoje encontram eco e encantam o mundo<sup>269</sup>.

Um Papa não nasce pronto. Traz em si e atrás de si longa experiência humana de vida e larga experiência de vida cristã. Carrega uma tradição da qual não pode abdicar-se e cuja influência determina o modo de ser e de agir permanentemente.

João Paulo II, saudoso Karol Josef Wojtyla, faleceu em Roma no dia 2 de abril de 2005, conforme afirmação de seu médico particular e órgãos oficiais da Cidade do Vaticano:

O documento está firmado pelo doutor Renato Buzzonetti, médico pessoal de João Paulo II e diretor de Saúde e Higiene do Estado da Cidade do Vaticano «Certifico que Sua Santidade João Paulo II (Karol Wojtyla), nascido em Wadowice (Polônia) a 18 de maio de 1920, residente na Cidade do Vaticano, cidadão vaticano, faleceu às 21h37 do dia 2 de abril de 2005 em seu apartamento do Palacio Apostólico Vaticano». O certificado constata que o Papa padecia do mal de Parkinson, episódios de insuficiência respiratória aguda e conseqüente traqueotomia ademais de hipertrofia prostática benigna complicada por infecção nas vias urinárias (*urosepsis*), ademais de cardiopatia hipertensiva e isquêmica. A confirmação da morte se fez através de uma máquina de acompanhamento da atividade cardíaca. «Declaro que as causas da morte, de acordo com minha ciência e minha consciência, são as indicadas», conclui o doutor Buzzonetti<sup>270</sup>.

O Papa João Paulo II destacou-se pela fé e pelo testemunho que deu no seguimento de Jesus Cristo Redentor; pelo amor incondicional e total à Igreja de Cristo; pela fidelidade à

<sup>268</sup> Cf. RATZINGER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 14; *L'Osservatore Romano*. Cidade do Vaticano, out. 1978. Edição Avulsa, ano IX, p. 1.

<sup>269</sup> Cf. as obras de: RATZINGUER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000; BAKALAR, N.; BALKIN, R. (org.). *A sabedoria de João Paulo II: a visão do Papa sobre os temas mais importantes para a humanidade*. Rio de Janeiro: Record, 2003; BETETA, P. *João Paulo II: rumo ao novo milênio*. São Paulo: Loyola, 1999; JOÃO PAULO II: ACI digital. *João Paulo II, 'O Grande' 1920-2005*. Disponível em: <<<http://www.acidigital.com/juanpabloii/>>>. Acesso: 26 outubro 2006, 11:00:00; JOÃO PAULO II. *Vá em paz: um presente de amor permanente*; editado por Joseph Durepos. Aparecida: Santuário, 2005; FROSSARD, A. *“Não tenham medo!”: entrevista com João Paulo II*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984; FROSSARD, A. *Retrato de João Paulo II*. São Paulo: Círculo do Livro, 1998; BERNSTEIN, C.; POLITI, M. *Sua Santidade João Paulo II: e a história oculta de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

<sup>270</sup> ZENIT.ORG:O mundo visto de Roma. *João Paulo II*. Disponível em: <<http://www.zenit.org/portuguese.htm>>. Acesso em 27 de outubro de 2006, 15:00:43.

Tradição Apostólica; pela prática dos ensinamentos do Concílio Ecumênico Vaticano II<sup>271</sup>; pelo seu interesse para com as multidões, não pelas massas anônimas, sinal de seu respeito pelo ser humano<sup>272</sup>, todos os homens e cada pessoa em particular, em especial, sofredores, jovens e famílias; pela abertura ao diálogo com o mundo das ciências filosóficas e teológicas; ao diálogo ecumênico e inter-religioso; ao diálogo com a cultura contemporânea. Ele foi o Pontífice que, a respeito da família, afirmou categoricamente: “o futuro da humanidade passa pela família!”<sup>273</sup>.

## 2.2 O Evangelho da família e da vida no Pontificado de João Paulo II

“É grande este mistério” (Ef 5,32)<sup>274</sup> em referência “à relação a Cristo e sua Igreja” (Ef 5,32). No antigo Oriente a noiva era banhada e enfeitada para ser apresentada ao noivo pelos “filhos das bodas’ (= os amigos do noivo)”<sup>275</sup>. “No caso místico da Igreja, foi Cristo que lavou sua noiva de toda mancha pelo banho do batismo, para apresentá-la a si mesmo”<sup>276</sup>.

<sup>271</sup> Cf. RATZINGER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 10-31.

<sup>272</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004. Apud; RATZINGER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 5-7, que diz: “O homem contemporâneo tem dificuldades para retornar à fé, pois o assustam as exigências morais que esta lhe apresenta. O Evangelho, com certeza, é exigente. Quando Cristo afirmou: Não tenham medo! Seguramente não o disse para anular de algum modo as suas exigências. Deus quer a salvação do homem, quer o cumprimento da humanidade segundo a medida por ele mesmo estabelecida, e Cristo tem o direito de dizer que o jugo por ele apresentado é doce e o peso, no final das contas, leve [...]. É importante cruzar o limiar da esperança: não parar diante dele, mas deixar-se conduzir. Existem todas as razões necessárias para que a verdade sobre a cruz seja chamada de Boa Nova. [...] Escancarem as portas para Cristo, não tenham medo dele! [...] Não se pode viver por experiência, não se pode amar por experiência!. Em palavras como estas, está contido todo um pontificado”; ou ainda, p. 14: “O tema da filosofia de Karol Wojtyła foi e é o homem. O seu interesse científico sempre foi marcado pela sua vocação de pastor. Por isso se compreende como a sua colaboração à Constituição conciliar sobre a Igreja no mundo contemporâneo, cujo texto é marcadamente determinado pela preocupação com o homem, transformou-se em uma experiência decisiva para o futuro papa. “O caminho da Igreja é o homem”... Essa temática... encontra-se no centro de seu pensamento que é, ao mesmo tempo, ação. Resultado disso tudo, a questão da teologia moral se tornou centro de seu interesse teológico.”

<sup>273</sup> FC Conclusão.

<sup>274</sup> Cf. CtFm 9-10. 19-21; SANTOS, G. M. dos. Matrimônio e família no magistério de João Paulo II. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de. (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 193-194.

<sup>275</sup> Nota d. In. BIBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2046.

<sup>276</sup> Nota d. In. BIBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2046.

O Apóstolo Paulo, ao escrever a segunda Carta aos Coríntios, refere-se a si, a Igreja e a Cristo na mesma perspectiva nupcial de Efésios 5,32: “Experimento por vós um ciúme semelhante ao de Deus. Desposei-vos a esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura.” (2Cor 11,2). O Apóstolo se vê amigo do Esposo, Cristo, a apresentar-lhe a Esposa, Igreja. Os profetas do Antigo Testamento simbolizavam o amor de *Iahweh* por seu povo pelo amor do esposo pela esposa<sup>277</sup> e, na continuidade dos profetas, autores do Novo Testamento retomaram essa mesma imagem à luz do mistério de Jesus Cristo e da sua Igreja<sup>278</sup>.

O matrimônio é o Sacramento da Aliança entre os esposos que exprime amor esponsal e a nupcialidade entre Cristo e a sua Igreja<sup>279</sup>. “O matrimônio é uma ‘*instituição natural*’ ‘elevada por Cristo Senhor à dignidade de Sacramento’<sup>280</sup>.

De facto, mediante o baptismo, o homem e a mulher estão definitivamente inseridos na Nova e Eterna Aliança, na Aliança nupcial de Cristo com a Igreja. E é em razão desta indestrutível inserção que a íntima comunidade de vida e de amor conjugal, fundada pelo Criador, é elevada e assumida pela caridade nupcial de Cristo, sustentada e enriquecida pela sua força redentora<sup>281</sup>.

A salvação consiste na aliança de amor recíproco entre Deus que acolhe plenamente o homem e do homem que acolhe plenamente Deus. Essa unidade entre Deus e o ser humano atinge sua máxima e definitiva realização na Encarnação do Verbo, Jesus Cristo Filho de Deus, e sua consumação na Paixão, morte e Ressurreição. A totalidade do Mistério de Cristo se concentra e se entende como Mistério Pascal: “Por isso, Jesus Cristo é a aliança personificada de Deus com

<sup>277</sup> Cf. Os 2; Jr 2,1-7; 3; 31,22; 51,5; Is 49,14-21; 50,1; 54,1-10; 62,4-5; Ez 16; 23; cf. nota (f). In. BIBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2027.

<sup>278</sup> Cf. Mt 22,2s; 25,1s; Jo 3,28-29; Ef 5,25-33; Ap 19,7; 21,2; cf. nota (f). In. BIBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2027.

<sup>279</sup> Cf. Ef 5,25-33; DPF 244-259. CtFm 19-21; SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p.331-347. 457-475; SANTOS, G. M. dos. Matrimônio e família no magistério de João Paulo II. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de.; (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 193-194.

<sup>280</sup> DPD 244;cf. CIC c.1055.

<sup>281</sup> FC 13.

os homens. Nele, Deus assumiu de uma vez por todas todo o humano e, fazendo-o, confirmou-o em sua dignidade humana”<sup>282</sup>.

De um modo particular, o amor e a fidelidade matrimonial dos que estão ‘em Cristo’ pela fé e pelo batismo ver-se-ão amparados, sustentados, purificados e aperfeiçoados pelo amor e pela fidelidade de Deus. [...]. O amor e a fidelidade dos cônjuges cristãos não são, portanto, unicamente, sinal e símbolo do amor de Deus, mas também sinal eficaz, símbolo realizado, verdadeira atualização, epifania de Deus, manifestado em Jesus Cristo. Mas se o matrimônio manifesta uma força peculiar de ‘ser em Cristo’, que tem seu fundamento no batismo, também pressupõe uma forma peculiar de participação na morte e na ressurreição de Jesus Cristo. Quando se contempla o amor matrimonial sob o signo da Cruz, aí então se começa a viver da doação, do perdão, a partir de inícios constantemente renovados<sup>283</sup>.

João Paulo II entendeu a família como “grande mistério”<sup>284</sup> que se fundamenta no “grande mistério”<sup>285</sup> do matrimônio como Sacramento: a “família doméstica”<sup>286</sup> é esposa de Cristo<sup>287</sup>.

Cardeal López Trujillo, Presidente do Pontifício Conselho para a Família, em comemoração aos 25 anos de Pontificado de João Paulo II considerou-o, em um artigo intitulado “O Evangelho da família e da vida no Pontificado de João Paulo II”<sup>288</sup>, proclamador do Evangelho da família e da vida:

A proclamação entusiasta do Evangelho da família e da vida, como ‘notícia maravilhosa’ e o aprofundamento na identidade e na missão da ‘igreja doméstica’, santuário da vida,

<sup>282</sup> KASPER, W. *Teologia do matrimônio cristão*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 37.

<sup>283</sup> KASPER, W. *Teologia do matrimônio cristão*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 37-38; cf. LG 11; DZ 1799.

<sup>284</sup> CfFm 9: cf. CtFm 9-10. 19-21.

<sup>285</sup> CfFm 9: cf. CtFm 9-10. 19-21.

<sup>286</sup> LG 11; AA 11.

<sup>287</sup> Cf. SANTOS, G. M. dos. Matrimônio e família no magistério de João Paulo II. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de. (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 193-194.

<sup>288</sup> LÓPEZ TRUJILLO, C. A. “O Evangelho da família e da vida no Pontificado de João Paulo II”; Encarte “Conjuntura Social e Documentação Eclesial” – nº 709. Disponível em: <<<http://www.cnbb.org.br/estudos/enca709.html>>>. Acesso: 10/01/2005 – 17:00:00.

como verdade que humaniza plenamente os esposos, os filhos e a humanidade, ocupam sem dúvida um lugar privilegiado no coração do Pastor universal<sup>289</sup>.

De fato, é incalculável a contribuição e o benefício que trouxe para a Igreja a doutrina e orientação pastoral de João Paulo II sobre o matrimônio, a família e a defesa da vida, é um ensinamento que caracteriza a “Boa Nova” da família e da vida. Sua experiência pessoal e reflexão filosófico-teológica perpassam todas as suas obras, pronunciamentos e escritos, de modo a abrir novos horizontes para a reflexão dogmática sobre a Pessoa, o matrimônio e a família<sup>290</sup>.

Numa sociedade profundamente marcada pelas transformações culturais, religiosas e éticas, João Paulo II foi o Mestre da fé no Exercício de seu magistério. Ensinou os desígnios de Deus Criador e Redentor como único fundamento, identidade e a dinâmica evangelizadora da instituição familiar; a família como única, autêntica e equilibrada escola de humanização capaz de formar integralmente o ser humano em todas as dimensões, pessoal, social, cristã e transcendental.

A verdade sobre a família e a vida, à luz do Evangelho de Jesus Cristo de Nazaré, deve ser anunciada, como que inserida no coração da família, de tal modo a fortalecê-la contra as ameaças do mundo e a transformá-la em Evangelho vivo de Jesus em defesa do matrimônio como sacramento, da família e da vida<sup>291</sup>: “Segundo o desígnio de Deus, o matrimônio é o fundamento da mais ampla comunidade da família, pois que o próprio instituto do matrimônio e o amor

---

<sup>289</sup> LÓPEZ TRUJILLO, C. A. “O Evangelho da família e da vida no Pontificado de João Paulo II”; Encarte “Conjuntura Social e Documentação Eclesial” – nº 709. Disponível em: <<<http://www.cnbb.org.br/estudos/enca709.html>>>. Acesso: 10/01/2005 – 17:00:00.

<sup>290</sup> Cf. MAGNO DOS SANTOS, G. Matrimônio e família no magistério de João Paulo II. In: PETRINI, J. C.; CAMPOSMOREIRA, L. V. de; ALCÂNTARA, M. A. R. de (orgs.). *Família XXI: entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 193-194.

<sup>291</sup> Cf. as principais obras de João Paulo II sobre a família: FC, CtFm, CtAn, MD, RH, RMi, VS, DH; MAGNO DOS SANTOS, G. Matrimônio e família no magistério de João Paulo II. In: PETRINI, J. C.; CAMPOSMOREIRA, L. V. de; ALCÂNTARA, M. A. R. de (orgs.). *Família XXI: entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 194-207; LÓPEZ TRUJILLO, C. A. “O Evangelho da família e da vida no Pontificado de João Paulo II”; Encarte “Conjuntura Social e Documentação Eclesial” – nº 709. Disponível em: <<<http://www.cnbb.org.br/estudos/enca709.html>>>. Acesso: 10/01/2005 – 17:00.

conjugal se ordenam à procriação e educação da prole, na qual encontram a sua coroação”<sup>292</sup>. Desse modo, a própria família deve criar uma atmosfera de amor, pois, “O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano”<sup>293</sup>. A família o ambiente onde se deve viver a “vocação ao Amor a serviço da vida”<sup>294</sup>, onde se educa para o amor ratificado na fé<sup>295</sup>.

“O mundo de hoje traz consigo numerosas ameaças. Experimentam-nas homens e mulheres, casais, jovens, crianças... Todavia parece que a família é a mais ameaçada!”<sup>296</sup> No Evangelho da infância, “o *anúncio da vida* que de modo admirável se cumpre na ocorrência do nascimento do Redentor, aparece fortemente contraposto à *ameaça à vida*, uma vida que abraça na sua globalidade o mistério da Encarnação e da realidade divino-humana de Cristo”<sup>297</sup>. Mas, o ser humano ameaçado é a ameaça contra a vida<sup>298</sup>. O Verbo Encarnado é a luz que manifesta ao homem a verdade sobre seu mistério<sup>299</sup>. O Papa convida toda a humanidade a abrir-se a Jesus Cristo e acolher sua redenção, pois ele manifesta ao homem a plena verdade de seu mistério<sup>300</sup>.

Em grandes linhas, o Ensino magistral de João Paulo II sobre o matrimônio e a família pode ser assim esboçado em ambos os aspectos doutrinal e pastoral:

O aspecto doutrinal ressalta, antes de tudo, a Evangelização: “Jesus proclama o *evangelho da família*”<sup>301</sup>, “O *evangelho do amor* é a fonte inexaurível de tudo quanto se nutre a família humana como «comunhão de pessoas»”<sup>302</sup>. É a proclamação da verdade sobre a Pessoa, o

---

<sup>292</sup> FC 14; cf. CtFm 5.

<sup>293</sup> FC 11.

<sup>294</sup> FC 1; cf. FC 10-14.

<sup>295</sup> Cf. FC 6.

<sup>296</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso no XI Capítulo Geral das irmãs da Sagrada Família de Nazaré, 06 de julho 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/2001/documentis/hf\\_ip\\_spe](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2001/documentis/hf_ip_spe)>. Acesso em 03/11/2006, 11:09:00.

<sup>297</sup> CtFm 21.

<sup>298</sup> Cf. RH 10-15.

<sup>299</sup> Cf. GS 22.

<sup>300</sup> Cf. RH 8.

<sup>301</sup> CtFm 23.

<sup>302</sup> CtFm 16.

Matrimônio, a Família e a defesa da vida<sup>303</sup>. O Evangelho é revelador dessas realidades. A verdade sobre a pessoa humana é o pressuposto antropológico: a pessoa “imagem de Deus”<sup>304</sup>.

João Paulo II foi “Redator *generalis* do Sínodo sobre a Evangelização, que se plasmou na Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, do Papa Paulo VI, que teve uma influência de renovação profundamente decidida e singular”<sup>305</sup>. A *Evangelii nuntiandi* declara o Eixo Integrador do Evangelho:

Fidelidade a uma mensagem da qual nós somos servidores, e às pessoas a quem nós a devemos transmitir intacta e viva. – e ainda – O Evangelho de que nos foi confiado o encargo é também palavra da verdade. Uma verdade que nos torna livres (cf. Jo 8, 32) [...]. Verdade sobre Deus, verdade sobre o homem e sobre seu misterioso destino e verdade sobre o mundo<sup>306</sup>.

A verdade sobre a família e o matrimônio se concentra no desígnio de Deus Criador e Redentor.

No plano de Deus Criador e Redentor a família descobre não só a sua «identidade», o que «é», mas também a sua «missão», o que ela pode e deve «fazer». As tarefas, que a família é chamada por Deus a desenvolver na história, brotam do seu próprio ser e representam o seu desenvolvimento dinâmico e existencial. Cada família descobre e encontra em si mesma o apelo inextinguível, que ao mesmo tempo define a sua dignidade e a sua responsabilidade: família, «torna-te aquilo que és!»<sup>307</sup>

O matrimônio e a família são realidades fundamentais e estruturais da vida da Igreja e da sociedade. Deus quis em seu desígnio a família. Em conformidade com esse desígnio a família

<sup>303</sup> Cf. SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p.195-253. 457-474; PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de.; (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003. Passim; PETRINI, J. C. *Pós-modernidade e Família: um itinerário de compreensão*. Bauru: Edusc, 2003. Passim; FC 3. 5. 52-65 e Conclusão.

<sup>304</sup> SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p.67-88.

<sup>305</sup> LÓPEZ TRUJILLO, C. A. “O Evangelho da família e da vida no Pontificado de João Paulo II”; Encarte “Conjuntura Social e Documentação Eclesial” – nº 709. Disponível em: <<<http://www.cnbb.org.br/estudos/enca709.html>>>. Acesso: 10/01/2005 – 17:00:00.

<sup>306</sup> EN 4; cf. RH Passim.

<sup>307</sup> FC 17.

encontra sua natureza e vocação, sua identidade e missão. A família e a vida estão de tal modo interligadas que a defesa da vida torna-se exigência do Senhor que deseja a vida em plenitude para todos os seus filhos<sup>308</sup>. A família é o “santuário da vida”<sup>309</sup>.

A ação evangelizadora da família se inscreve no conjunto do apostolado dos leigos. Ela é, no dizer do Concílio Vaticano II, a “Igreja doméstica”<sup>310</sup>. Nela encontram-se múltiplos aspectos da Igreja. Nela o Evangelho é transmitido e dela o Evangelho irradia de modo que todos são mutuamente evangelizados no seio familiar. Essa família é aberta à realidade social, criando um ambiente de evangelização<sup>311</sup>. É a família evangelizada, evangelizadora e missionária<sup>312</sup>.

A densidade antropológica, iluminadora da vida: “o homem é via da Igreja”<sup>313</sup>. As ameaças contra o matrimônio, à família e à vida são ameaças contra o ser humano em seu mistério e em sua vocação. A família, em lugar da compreensão e reconhecimento de ser um bem fundamental para o homem e a sociedade; célula da sociedade e da Igreja; lugar de humanização e socialização; lugar de relações conjugais estáveis de amor e de união torna-se limitadora das liberdades. Nesse contexto, o *proprium do matrimônio* a sexualidade, a fecundidade, a fidelidade, a paternidade e a maternidade apresentam-se como obstáculo culturalmente imposto à família, não como um bem que unifica e traz felicidade.

As graves conseqüências sociais e familiares aparecem ao lado da desvalorização da família humana. Entre as graves conseqüências destacam-se a violação e degradação da vida humana e uma nova visão utilitarista das pessoas em todos os seus aspectos, a saber: os

---

<sup>308</sup> Cf. Jo 10,10.

<sup>309</sup> CtFm 11; cf. CA 39; FC 55.

<sup>310</sup> LG 11; AA 11; cf. CtFm 19.

<sup>311</sup> Cf. NEVES, L. M. O movimento familiar cristão a serviço da Igreja, In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol XX, dez de 1960 fasc 4 p. 889; PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. Exortação Apostólica. São Paulo: Paulinas, 1986, n.º. 71; LÓPEZ TRUJILLO, c. A. “O Evangelho da família e da vida no Pontificado de João Paulo II”; Encarte “Conjuntura Social e Documentação Eclesial” – n.º 709. Disponível em: <<<http://www.cnbb.org.br/estudos/enca709.html>>>. Acesso: 10/01/2005 – 17:00.

<sup>312</sup> Cf. FC 52.

<sup>313</sup> RH, 14; cf. CtFm 1.

nascituros tornam-se objetos de técnicas manipuláveis (as experiências de fecundação assistida, a clonagem reprodutiva e terapêutica); a paternidade e a maternidade são desvinculadas da procriação e torna-se crescente a violência familiar e social.

O mistério de Cristo é a referência máxima e a hermenêutica da vocação, identidade e missão da família. O homem, para compreender-se a si mesmo deve aproximar-se de Cristo que, pela Encarnação e Redenção<sup>314</sup>, se fez revelador do mistério do homem e do mistério de Deus na história<sup>315</sup>. Essa relação do mistério de Cristo faz da família um mistério que permite determinar uma fundamentação cristológica e trinitária da família<sup>316</sup>.

Para João Paulo II o aspecto pastoral foram recomendações daquilo que ele havia feito em seu ministério pastoral. Os aspectos podem ser sistematizados em dois pólos interligados: a relação família-Igreja, a relação família-sociedade.

A quarta parte da *Familiaris Consortio* destinou-se a todos: aos casais que receberam o Sacramento do Matrimônio e àqueles que, por algum motivo, não percorreram os caminhos do desígnio de Deus. Preocupou-se, também, com a preparação para o casamento e a vida familiar; a ação conjunta entre família, Igreja, governos e sociedades a fim de que políticas familiares contenham também valores cristãos<sup>317</sup>.

É importante ressaltar alguns documentos (Encíclicas e Exortações), homilias e alocuções inúmeras do Papa em todo o mundo, bem como outros documentos elaborados durante seu Pontificado a saber: o Sínodo dos Bispos sobre “as tarefas da família no mundo contemporâneo”, de 26 de setembro a 25 de outubro de 1980; a *Familiaris Consortio*, de 22 de novembro de 1981; o II Congresso Internacional de Bispos e outros responsáveis pelas vocações eclesiais que

---

<sup>314</sup> Cf. CtFm 2.

<sup>315</sup> Cf. RH 10; GS 22; FC 54 e Conclusão: AAS 74 [1982], p. 146-148. 188-191; CtFm 1.

<sup>316</sup> Cf. CtFm 19.

<sup>317</sup> Cf. FC 65-85.

elaboraram o documento conclusivo pastoral vocacional, de 16 de maio de 1981; a Carta *Mulieris dignitatem*, de 15 de agosto de 1988; a “Carta às famílias”, de 2 de fevereiro de 1994, por ocasião do ano da família; a “Carta do Papa às crianças”, no ano da família, de 13 de dezembro de 1994; a “Carta às mulheres”, de 29 de junho de 1995; a “Carta aos Anciãos”, de 1 de outubro de 1999; a Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé, *Donum Vitae*, de 22 de fevereiro de 1987; A Encíclica *Evangelium Vitae*, de 25 de março de 1995; do Conselho Pontifício para a Família, Preparação para o sacramento do matrimônio, de 13 de maio de 1996. Em todos os seus escritos estão presentes as mais variadas proposições do Concílio Vaticano II.

Alguns parágrafos selecionados que justificam o pensamento de João Paulo II<sup>318</sup> sobre matrimônio e família:

O laço que une a família não é uma questão de afinidade natural ou de compartilhamento de vida e experiência. É essencialmente um laço sagrado e religioso. O casamento e a família são realidades sagradas.

CONSTRUINDO O CORPO DE CRISTO, VISITA PASTORAL AOS EUA, 1987  
A família é o primeiro lugar de evangelização, onde a Boas-novas de Cristo são pela primeira vez recebidas e, então, de modo simples embora profundo, são transmitidas de geração em geração. Ao mesmo tempo, as famílias de hoje em última instância dependem da Igreja para defenderem os seus direitos e para ensinarem as obrigações e responsabilidades que levam à plenitude da santificação e da vida. Assim, conclamo a todos, especialmente o clero e religiosos, a trabalharem na promoção dos valores familiares dentro da comunidade local.

DISCURSO EM NOVA ORLEÃS, 12 de setembro de 1987  
Dar a vida e ajudar os filhos a alcançarem a maturidade através da educação estão entre os privilégios e responsabilidades básicas dos casais unidos pelo matrimônio. Sabemos que casais nessas condições geralmente estão ansiosos para terem filhos mas às vezes são impedidos de realizarem as suas esperanças e desejos devido às condições sociais, circunstâncias pessoais ou, mesmo, pela impossibilidade de gerar uma vida. Mas a Igreja encoraja os casais a serem generosos e esperançosos, a se darem conta de que gerar filhos é um privilégio e que cada filho é testemunha do amor de um pelo outro, de sua

<sup>318</sup> A seleção de ditos do Papa João Paulo II sobre casamento e família estão registrados em: cf. BAKALAR, N.; BALKIN, R. (org.). *A sabedoria de João Paulo II: a visão do Papa sobre os temas mais importantes para a humanidade*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 65-78.

generosidade e de sua abertura para Deus. Os casais devem ser encorajados a verem os filhos como um enriquecimento de seu casamento e uma dádiva de Deus para eles mesmos e para os seus filhos.

SAUDAÇÃO *AD LIMINA* AOS BISPOS DOS USA, 24 setembro de 1983

As famílias cristãs existem para formar uma comunhão de pessoas que se amam. Como tal, a Igreja e a família são, cada uma a seu modo, vividas representações na história humana da eterna comunhão do amor das três Pessoas da Santíssima Trindade. De fato, a família é chamada de Igreja em miniatura, ‘a Igreja doméstica’, uma expressão particular da Igreja através da experiência humana do amor e da vida comum.

DISCURSO EM COLUMBIA, CAROLINA DO SUL, 2 de setembro de 1987

Dirijo-me às famílias cristãs. Pais, dêem graças ao Senhor se Ele escolheu um de seus filhos para a vida consagrada. [...]. Alimentem o desejo de dar a Deus um de seus filhos de modo que o amor de Deus possa se espalhar pelo mundo. Que fruto de amor conjugal pode ser mais belo que esse?

EXORTAÇÃO À VIDA CONSAGRADA, 25 de março de 1996

Impulsionada pela euforia do hedonismo, a sociedade afluenta tem posto o sexo à venda, sexo como entretenimento e como atividade de lazer extrafamiliar, sem uma visão inspirada pelo bem da pessoa, mas pelo consumismo. A comunicação de massa, a pornografia e os serviços de telefonemas eróticos deram às crianças o ímpeto emocional para entrarem no mercado, onde são vistas como objetos do que como sujeitos dos mecanismos de alienação.

NORMAS PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL DA FAMÍLIA, 14 de fevereiro, 1996

Enquanto na ordem natural o sexo era compreendido como relacionado a ser responsável pela família, nos anos sessenta começou uma ‘revolução’. No princípio, parecia ser uma expressão de emancipação, de libertar-se de tabus sexuais, com o objetivo de ganhar o reconhecimento do direito ao prazer, livre de qualquer responsabilidade. É verdade que essa tendência é tão velha quanto a própria humanidade; contudo, parece que a novidade reside no esforço para justificar essa transição do uso responsável do sexo à busca de prazer egoísta. Isso não apenas introduz a separação entre a expressão sexual, o ato e seu significado, mas acarreta uma ruptura na área dos relacionamentos.

NORMAS PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL DA FAMÍLIA, 14 de fevereiro, 1996

Lamentamos a dissolução da família em todas as classes, e oferecemos nossas preces a vocês. Para vocês, pais e mães solteiros que, com fé em Deus, brevemente assumem a responsabilidade de criar filhos na vida cristã sem o companheirismo e o apoio de um cônjuge, estendemos o encorajamento da família da fé.

MENSAGEM PARA A ASSEMBLÉIA EPISCOPAL DA AMÉRICA NO SÍNODO  
DOS BISPOS, 1997

É necessário reafirmar que o casamento sacramental consumado e ratificado não pode ser dissolvido, nem mesmo pelo poder do Romano Pontífice. O oposto afirmaria a tese de que não há indissolubilidade absoluta do casamento, que seria contrária ao que a Igreja ensinou e ainda ensina a respeito da indissolubilidade do laço matrimonial.

DISCURSO PARA O TRIBUNAL DA ROTA ROMANA, 21 de janeiro de 2000  
A chegada de uma criança que sofre é certamente um evento desconcertante para as famílias, que ficam profundamente chocadas com isso. Também neste caso é importante encorajar os pais a dedicarem atenção especial [...] às crianças, desenvolvendo uma profunda estima por sua dignidade pessoal, e um grande respeito e generosa preocupação quanto a seus direitos. Isso se aplica a qualquer criança, mas se torna mais urgente quanto menor for a criança e quanto mais necessidade ela tiver, seja por doença, padecimento ou deficiência física. [...] Os pais devem ser encorajados a enfrentar essa difícil situação sem se fecharem em si mesmos. É importante que o problema seja compartilhado não apenas com parentes próximos, mas também com pessoas qualificadas e amigas. Esses são os ‘bons samaritanos’ do nosso tempo que, com sua presença generosa e amiga, repartem o gesto de Cristo, que sempre fez sentir a sua presença reconfortante ao lado dos doentes e daqueles em dificuldades.

DISCURSO NO CONGRESSO: A FAMÍLIA E A INTEGRAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DEFICIENTES, 4 de dezembro de 1999  
Apesar dos generosos esforços de tantos, a idéia de que o aborto eletivo é um ‘direito’ continua a ser declarada. Pior ainda, há sinais de uma insensibilidade quase inimaginável em relação à realidade do que realmente acontece durante o aborto, como foi testemunhado em recentes eventos que cercaram o assim chamado aborto de nascimento parcial. Isso é motivo de muita preocupação. Uma sociedade com um senso reduzido do valor da vida humana em seus estágios iniciais tem aberta à sua frente a porta da cultura da morte.

SAUDAÇÃO *AD LIMINA* AOS BISPOS DOS EUA, 2 de outubro de 1998  
A família localiza-se no centro exato do bem comum em suas diversas dimensões, precisamente porque o homem é concebido e gerado nela.

A FAMÍLIA: CENTRO DE AMOR E VIDA – AUDIÊNCIA PÚBLICA, 3 de Janeiro 1979  
As virtudes domésticas, baseadas em um profundo respeito pela vida e pela dignidade humana, praticadas com compreensão, paciência, encorajamento e perdão mútuos, permitem que a comunidade da família viva uma experiência de paz fundamental.

A FAMÍLIA GERA A PAZ DA FAMÍLIA HUMANA –  
MENSAGEM MUNDIAL DIA DA PAZ, 1 de janeiro de 1994

O casamento cristão, como os outros sacramentos, ‘cujo propósito é santificar as pessoas, construir o corpo de Cristo e, finalmente, adorar a Deus’, é em si um ato litúrgico de glorificação de Deus em Jesus Cristo e na Igreja. Ao celebrá-lo, os cônjuges cristãos professam a sua gratidão a Deus pela dádiva sublime que lhes foi concedida de se tornarem aptos a viverem em suas vidas de casado e de família o verdadeiro amor de Deus pelas pessoas e do Senhor Jesus pela Igreja, Sua Noiva.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *FAMILIARIS CONSORTIO*, 1981

Falei de dois conceitos intimamente relacionados embora não idênticos: o conceito de comunhão e o de comunidade. A comunhão tem a ver com a relação pessoal entre o eu e o tu. Comunidade, por outro lado, transcende a essa estrutura e se estende à sociedade, o nós. A família, como comunidade de pessoas, é, portanto, a primeira sociedade humana. [...] A comunidade da família é completamente permeada pela própria essência da comunhão.

CARTA ÀS FAMÍLIAS NO ANO INTERNACIONAL DA FAMÍLIA,

22 de fevereiro de 1994

Para que o casamento cristão leve ao bem total e ao desenvolvimento do casal, deve ser inspirado no Evangelho, e assim se abrir para uma nova vida – nova vida a ser dada e aceita generosamente. O casal também é invocado a criar uma atmosfera familiar na qual as crianças possam ser felizes e viver vidas cristãs e humanas plenas e dignas.

HOMILIA NO WASHINGTON MALL, 7 de outubro de 1979

A família, como comunidade educacional e essencial, é um meio privilegiado de transmitir valores religiosos e culturais que ajudem a pessoa a obter a sua própria identidade. Fundamentalmente no amor e aberta à dádiva da vida, a família contém em si o próprio futuro da sociedade; sua tarefa especial é contribuir efetivamente para uma paz futura.

A FAMÍLIA GERA A PAZ DA FAMÍLIA HUMANA –

MENSAGEM MUNDIAL NO DIA DA PAZ, 1 de janeiro de 1994

João Paulo II acreditou pessoalmente na família à luz dos desígnios de Deus Criador e Redentor. Ele relacionou a família ao bem do ser humano e de cada homem. Acreditou no homem completo e relacional, pessoal e comunitariamente considerado. O Papa acreditou que a família é instituição a ser evangelizada por primeiro se a Igreja quer mesmo atingir o essencial da evangelização, o ser humano e cada homem. Ao mesmo tempo a família é responsável pela evangelização e fundamental para o bem futuro da humanidade: “Os maiores problemas humanos

estão relacionados com a família, que constitui a comunidade primária, fundamental e insubstituível do homem”<sup>319</sup>.

### 3. Contexto histórico, conteúdo e estrutura da *Familiaris Consortio*

#### 3.1 Perspectivas teológico-pastorais para o matrimônio e a família

A preocupação da Igreja com a Família e a situação em que se encontra no mundo não é nova. Em uma situação histórica de pós-guerra, Pio XII, em 1946, falando às semanas sociais em Pisa, utiliza dois termos que revelam a visão de uma Igreja preocupada: “a mais enferma...” e “... quase desesperamos”. A Igreja via surgir com mais vigor o “perigo” do desquite e do divórcio e a divulgação de contraceptivos. Neste contexto Pio XII entendeu a necessidade de a Igreja “salvar” a família das condições decorrentes de sua enfermidade: “Neste mundo enfermo de pós-guerra, a mais enferma é de certo a família”<sup>320</sup> e, com maior preocupação, em outro discurso: “Tais são as condições da família no mundo moderno, que quase desesperamos todos de poder salvá-las”<sup>321</sup>.

A Constituição dogmática *Gaudium et Spes*, sobre modo de conceber a presença e a atividade da Igreja no mundo contemporâneo, tem diante de si a realidade histórica do ser humano: “diante dos olhos o mundo dos homens, ou seja, a inteira família humana, com todas as realidades no meio das quais vive”<sup>322</sup>. A Igreja sente-se intimamente inserida e ligada à família

---

<sup>319</sup> JOÃO PAULO II. Família: centro de amor e vida. Audiência pública, 31 dezembro de 1978. In: BAKALAR, N.; BALKIN, R. (org.). *A sabedoria de João Paulo II: a visão do Papa sobre os temas mais importantes para a humanidade*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 78.

<sup>320</sup> NEVES, L. M. O movimento familiar cristão a serviço da Igreja. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 20, n. 4, p. 889, [dez] 1960.

<sup>321</sup> NEVES, L. M. O movimento familiar cristão a serviço da Igreja. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 20, n. 4, p. 889, [dez] 1960.

<sup>322</sup> GS 2.

humana e à sua história porque é constituída de homens seguidores de Cristo, fazendo suas as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias desses seres humanos<sup>323</sup>. Por isso, ela se coloca à disposição do mundo para a sua salvação sentido-se servidora e chamada ao diálogo com ele sobre os problemas vários à luz do Evangelho: “trata-se, com efeito, de salvar a pessoa humana e de restaurar a sociedade humana”<sup>324</sup>. A missão da Igreja, sob a guia do Espírito Santo, é continuar no mundo a obra de Cristo que veio para testemunhar a verdade e para salvar, não condenar<sup>325</sup>.

O Concílio elabora um amplo ensinamento sobre a família, motivado pela realidade histórica da família humana. Ao falar das condições e atividades do gênero humano no mundo naquele contexto onde já se faziam sentir os efeitos da gênese da globalização, assim diz da família:

No seio da família, originam-se tensões, quer devido à pressão das condições demográficas, econômicas e sociais, quer pelas dificuldades que surgem entre as diferentes gerações, quer pelo novo tipo de relações sociais entre os homens e as mulheres<sup>326</sup>.

Sempre o homem procurou, com o seu trabalho e engenho, desenvolver mais a própria vida; hoje, porém, sobretudo graças à ciência e à técnica, estendeu o seu domínio à natureza quase inteira, e continuamente o aumenta; e a família humana, sobretudo devido ao aumento de múltiplos meios de comunicação entre as nações, vai-se descobrindo e organizando progressivamente como uma só comunidade espalhada pelo mundo inteiro. Acontece assim que muitos bens que o homem noutro tempo esperava sobretudo das forças superiores, os alcance hoje por seus próprios méritos<sup>327</sup>.

A dignidade de toda pessoa humana, composta de corpo e alma, está em ser imagem de Deus, participante da inteligência divina, capaz de atingir a certeza da verdade inteligível. A pessoa humana deve encontrar sua perfeição na Sabedoria. É um ser de consciência moral e livre, porém, sujeito à morte. Em Cristo, o mistério do Verbo encarnado, meio pelo qual assumiu a

---

<sup>323</sup> Cf. GS 1 e 3.

<sup>324</sup> GS 3.

<sup>325</sup> Cf. GS 3.

<sup>326</sup> GS 8.

<sup>327</sup> GS 33.

natureza humana, o homem encontra o esclarecimento de seu próprio mistério, de sua vocação mais sublime<sup>328</sup>, porque, “pela sua Encarnação, ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem”<sup>329</sup>.

A pessoa humana tem também sua missão individual e social no mundo. Os problemas mais urgentes que emergem da realidade humana interessam à pessoa cristã, porque interessam a toda a humanidade. O Concílio apresenta alguns problemas mais urgentes: “o matrimônio e a família, a cultura humana, a vida econômico-social e política, a comunidade internacional e a paz”<sup>330</sup>. Estes problemas emergentes continuam exatamente os mesmos, com agravantes ainda maiores pelo crescente aumento da pobreza, da miséria, da fome e da violência.

O Concílio, na tentativa de promover a dignidade do matrimônio e da família, coloca em evidência os pontos doutrinários sobre a matéria em questão, a começar pela santidade do matrimônio e da família, binômio constante do Concílio. Deus é o próprio autor do matrimônio e visa o bem da pessoa, da família e da comunidade humana. A aliança conjugal requer irrevogável consentimento pessoal e cria vínculo profundo entre os cônjuges em vista do bem dos filhos. Cristo abençoou com o vínculo da caridade esta união, por meio de um sacramento especial, sinal da própria união de Deus com sua Igreja<sup>331</sup>.

O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino, dirigido e enriquecido pela força redentora de Cristo e pela ação salvadora da Igreja; para que, assim, os esposos caminhem eficazmente para Deus e sejam ajudados e fortalecidos pela missão sublime de pai e mãe. Por este motivo, os esposos cristãos são fortalecidos e como que consagrados em ordem aos deveres do seu estado por meio de um sacramento especial; cumprindo, com sua força, a própria missão conjugal e familiar, penetrados do espírito de Cristo que impregna toda a sua vida de fé, esperança e caridade, avançam sempre mais na própria perfeição e mútua santificação e cooperam assim juntos para a glória de

---

<sup>328</sup> Cf. GS 12-22.

<sup>329</sup> GS, 22.

<sup>330</sup> GS 46.

<sup>331</sup> Cf. GS 47-48.

Deus. [...] Por isso, a família cristã, nascida do matrimônio que é imagem e participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja (cf. Ef 5, 32), manifestará a todos a presença viva do Salvador no mundo e a autêntica natureza da Igreja, quer por meio do amor dos esposos, quer pela sua generosa fecundidade, unidade e fidelidade, quer pela amável cooperação de todos os seus membros<sup>332</sup>.

O amor conjugal é um amor de pessoa a pessoa, por isso, eminentemente humano, e visa o bem da pessoa no dom de si mesma. A unidade do matrimônio, elevado a Sacramento, reconhece a igual dignidade do homem e da mulher. O reconhecimento dessa igualdade fundamental é um dos sinais dos tempos. O amor conjugal se destina por natureza à geração e educação dos filhos, o maior dom do matrimônio. A missão dos cônjuges não é só e meramente transmitir e educar a vida humana, mas ser “cooperadores do amor de Deus Criador e como que seus intérpretes”<sup>333</sup>.

A família, não obstante a tantas circunstâncias desfavoráveis, é o lugar da defesa da vida humana, por desígnio de Deus: “Com efeito, Deus, Senhor da vida, confiou aos homens, para que estes desempenhassem de modo digno dos mesmos homens, o nobre encargo de proteger a vida”<sup>334</sup>. A vida humana e a missão de transmitir a vida não se limitam a este mundo, mas se ordenam ao eterno destino do homem<sup>335</sup>.

Toda a Igreja deve empenhar-se no sentido de defender e promover o bem do matrimônio e da família, pois ela é: a “escola de valorização humana”, escola de educação; a relação entre diferentes gerações faz reconhecer os direitos pessoais e sociais, “a família [...], constitui assim o fundamento da sociedade”<sup>336</sup>.

Colaboram com o bem do matrimônio e da família: os cientistas, aprimorando, interdisciplinarmente, pesquisas nos campos e áreas específicas do conhecimento; os sacerdotes,

---

<sup>332</sup> GS 48.

<sup>333</sup> GS 50.

<sup>334</sup> GS 51.

<sup>335</sup> Cf. GS 51.

<sup>336</sup> GS 52.

sendo orientadores vocacionais e competentes no que diz respeito à realidade da família; os próprios cônjuges, porque a família é mãe e fonte de toda educação<sup>337</sup>.

O Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos, direito reconhecido por vocação cristã e exigência da Igreja, reconhece que um dos apostolados é o dos cônjuges e da família pela sua importância, tanto para a Igreja, quanto para a sociedade: testemunham, pregam e educam na fé; santificam a família e os filhos; defendem a dignidade da família e a dignidade da pessoa; cooperam com a legislação civil que salvaguarda a família e o direito dos pais; o direito à habitação, à educação dos filhos, a condições dignas de trabalho, à segurança social e a contribuições, à organizações de associações em defesa da família. Ser célula primeira e vital da sociedade é uma missão que a família recebeu de Deus<sup>338</sup>.

O Vaticano II foi, fundamentalmente, a fonte doutrinária do magistério do Papa João Paulo II, especialmente, sobre a unidade dual do matrimônio-família e a orientação para elaboração de todos os documentos da Igreja em qualquer lugar onde o Evangelho da família e da vida deva ser proclamado.

### **3.2 Sínodo dos Bispos para a Família**

No discurso do Papa João Paulo II ao Conselho da Secretaria Geral do Sínodo dos bispos, no dia 23 de fevereiro de 1980, encontra-se os elementos essenciais a serem abordados pelo referido Sínodo.

---

<sup>337</sup> Cf. GS 52.61.

<sup>338</sup> Cf. AA 11.

O tema, “As funções da família cristã no mundo de hoje”<sup>339</sup> e a justificativa para a realização do evento sinodal, “A nossa época requer, na verdade, que se apresente em plena luz, de maneira compreensível e adaptada, a significação permanente desta instituição, defendida desde há muito como ‘Igreja doméstica’”<sup>340</sup>.

Os assuntos essenciais a serem abordados:

Incluirá ele primeiramente a descrição do estado das famílias e dos problemas diversos que ele apresenta: é preciso, na verdade, começar por olhar bem de frente a maneira como são vividas hoje as realidades familiares e analisar-lhes quanto possível as causas e as linhas evolutivas, para a evangelização penetrar verdadeiramente neste ambiente. Parte importante será consagrada à teologia, à doutrina católica sobre a família.

O Sínodo deve, com efeito, fortalecer as convicções dos cristãos. Trata-se, sem dúvida, não tanto de refazer uma exposição sistemática de dados já conhecidos e bem estabelecidos como se principiássemos de zero –, pois que a Igreja vive deles a 2.000 anos mas sobretudo de encontrar a linguagem e as motivações profundas que explicam a doutrina permanente da Igreja, de maneira que ela atinja e, se possível, convença os homens de hoje, nas situações concretas em que vivem, e lhes permita responderem por exemplo a certas tendências que se vão espalhando, como a de as pessoas se instalarem em união livre. O Sínodo não será instrumento de resposta a todos os problemas, mas deverá evidenciar o que significa seguir a Cristo neste campo, deverá deduzir os valores sem os quais a sociedade mergulha cegamente num beco sem saída, e deverá ajudar os cristãos e os homens de boa vontade a formarem sobre este ponto uma consciência bem esclarecida e firme, segundo os princípios cristãos.

Por último e sobretudo, o Sínodo investigará, de maneira realista como permitir às famílias reencontrarem ou conservarem estes valores, vivê-los e irradiá-los à sua volta, de pessoa a pessoa. Será a parte directamente pastoral<sup>341</sup>.

Considerações especialmente insistentes e importantes sobre a família cristã, na visão de João Paulo II:

<sup>339</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso ao Conselho da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 23 de fevereiro de 1980*. n. 1. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1980.pdh](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980.pdh)>. Acesso em 15/10/ 2006. 08:09:00..

<sup>340</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso ao Conselho da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 23 de fevereiro de 1980*. n. 1. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1980.pdh](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980.pdh)>. Acesso em 15/10/ 2006. 08:09:00.

<sup>341</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso ao Conselho da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 23 de fevereiro de 1980*. n. 2. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1980.pdh](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980.pdh)>. Acesso em 15/10/ 2006. 08:09:00.

1. As considerações sobre a família cristã não podem separar-se do matrimônio, pois o casal constitui a primeira forma da família e conserva o seu valor, mesmo que faltem os filhos. [...] chegar ao sentido profundo do casamento, que é aliança e amor, aliança e amor entre duas pessoas, homem e mulher, sinal da aliança entre Cristo e a sua Igreja, o amor enraizado na vida trinitária. Os caracteres desta união devem aparecer em toda a sua claridade: a unidade do lar, a fidelidade da aliança e a permanência do laço conjugal.
2. A família deve encarar-se como instituição, não só no sentido de ela ter o seu lugar e as suas funções na sociedade e na Igreja, e de haver de beneficiar de garantias jurídicas para o cumprimento dos seus deveres, para dispor da estabilidade e irradiação que dela se esperam, mas no sentido de ela em si mesma ultrapassar a vontade dos indivíduos, os projectos espontâneos dos casais e as decisões dos organismos sociais e governamentais: o matrimônio é «uma instituição sábia do Criador para realizar na humanidade o seu desígnio de amor» (Encíclica *Humanae Vitae* 8). Convirá aprofundar este aspecto institucional que, longe de ser obstáculo ao amor, é coroamento dele.
3. Será necessário cuidar particularmente da *preparação* para o amor e para o casamento, que é também imprescindível à preparação para a vida em família e para as responsabilidades familiares. Como garantir hoje esta preparação? É ponto importantíssimo na pastoral.
4. Os *sacerdotes*, por seu lado, devem estar preparados e formados para o apostolado familiar, pois consiste parte primordial, do encargo que têm, manter os leigos nas suas próprias responsabilidades, pessoais e sociais sem dúvida, mas também familiares. Apreciam eles devidamente este apostolado familiar? Estão iniciados nos problemas complexos que inclui? Como pastores, não temos de resolver por nós mesmos todos os problemas dos lares, mas devemos estar muito presentes nas dificuldades como nas alegrias, ser capazes de os ajudar, como o Senhor quer.
5. Os *leigos* devem, é claro, poder também encontrar as condições da sua formação doutrinal, espiritual e pedagógica para a vida a dois, como para as responsabilidades de pais e mães de família defrontando todos os problemas de educação dos filhos, à medida que estes vão crescendo. Trata-se ainda de esclarecer a atitude dos leigos perante todos os membros da família em sentido lato, entre os quais deve existir real solidariedade; em particular com os doentes, os deficientes e os velhos; estes esperam receber afeto e apoio particulares, oferecendo também eles contributo relevante, graças à experiência e ao amor que têm. A formação destes leigos é duplamente importante, para os iniciar nos verdadeiros valores cristãos e lhes permitir darem testemunho deles, porque, nas condições atuais, a evangelização das famílias conseguir-se-á por meio doutras famílias.
6. Por fim, não esqueceremos a solicitude pastoral requerida pelos *casos difíceis*: o dos lares que vivem já em separação; o das pessoas divorciadas e recasadas civilmente, que,

não podendo aproximar-se plenamente da vida sacramental, precisam de ser acompanhadas nas suas necessidades espirituais e beneficiar do apostolado que podem receber; o caso dos viúvos e das viúvas; o caso das pessoas isoladas que têm o encargo de filhos, etc<sup>342</sup>.

O Papa terminou o discurso expressando suas esperanças que hoje parecem ser realizadas:

Essas poucas palavras, [...], deixam-nos adivinhar todo o interesse que o Papa dedica a este Sínodo, e as grandes esperanças que nele deposita para bem da Igreja. [...] Todos pediremos a Deus que ilumine os espíritos, disponha os corações, a fim de que a experiência do Sínodo traga consigo aumento de convicções, de resoluções e de incitamentos em favor da santidade das famílias. Confiamos esta obra à intercessão da Mãe de Cristo que é Mãe da Igreja<sup>343</sup>.

O Sínodo dos bispos, celebrado em Roma de 26 de setembro a 25 de outubro de 1980, sobre as “As funções da família cristã no mundo de hoje”<sup>344</sup>, foi considerado por João Paulo II evento significativo que demonstrou a solicitude da Igreja pelo matrimônio e a família e foi um sinal de sua vitalidade. O Sínodo aprovou 43 proposições em Assembléia que foram entregues ao Papa a fim de que fosse elaborada a Exortação Apostólica pós-sinodal.

A família cristã, de fato, é a primeira comunidade chamada a anunciar o Evangelho à pessoa humana em crescimento e a levá-la, mediante a catequese e a educação progressiva, à plenitude da maturidade humana e cristã. [...] Na verdade, enquanto comunidade, a família deve ajudar o homem a discernir a própria vocação e a assumir o empenho necessário para que haja mais justiça, formando-o desde o início, para relações interpessoais, inspiradas na justiça e no amor. Os Padres Sinodais, [...], pediram-me com voto unânime que me tornasse intérprete diante da humanidade da viva solicitude da Igreja pela família e oferecesse orientações para um renovado empenho pastoral nesse setor tão fundamental da vida humana e eclesial<sup>345</sup>.

---

<sup>342</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso ao Conselho da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 23 de fevereiro de 1980*. n. 3. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1980.pdh](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980.pdh)>. Acesso em 15/10/ 2006. 08:09:00.

<sup>343</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso ao Conselho da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 23 de fevereiro de 1980*. n. 3. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1980.pdh](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980.pdh)>. Acesso em 15/10/ 2006. 08:09:00.

<sup>344</sup> FC 2.

<sup>345</sup> FC 2.

O “*Sínodo dos Bispos*”<sup>346</sup> foi uma instituição feita por Paulo VI, segundo as disposições do Concílio, representando um excelente sinal de vitalidade e momento importante para a vida da Igreja<sup>347</sup>. Assim dispõe o Concílio, Decreto *Christus Dominus* sobre o munus pastoral dos bispos na Igreja:

Alguns bispos das várias regiões do mundo, escolhidos do modo que o Romano Pontífice estabeleceu ou vier a estabelecer, colaboram mais eficazmente com o Pastor Supremo da Igreja formando o Conselho que propriamente se chama *Sínodo dos bispos*. Este, procedendo em nome de todo o Episcopado católico, mostra ao mesmo tempo que os bispos participam, na comunhão hierárquica, da solicitude pela Igreja universal<sup>348</sup>.

O Sínodo dos bispos sobre as tarefas da família explicitou e encarnou na vida da Igreja o Concílio Vaticano II, pois, as proposições aprovadas refletem “os deveres cristãos e apostólicos da família no mundo contemporâneo, deduzindo-os da grande riqueza dos ensinamentos do Concílio Vaticano II”<sup>349</sup>.

As diretrizes doutrinárias e pastorais emergentes do Sínodo significaram o resultado de árduo e minucioso trabalho. As diretrizes fundem, homoganeamente, doutrina e pastoral. A Ação da Igreja no campo da família, ou a prática pastoral deve ser desenvolvida a partir da fidelidade ao desígnio de Deus Criador e Redentor, de forma a contemplar todas as situações existenciais concretas em que vivem as famílias e a missão (ou tarefa) destas no mundo e na Igreja. A tarefa da Igreja é ser intérprete da realidade da família e de suas aspirações, luz a iluminar com a Novidade do Evangelho de Jesus Cristo de Nazaré as questões emergentes a seu respeito. Infelizmente, somente 16 casais participaram de um Sínodo que diz respeito ao *proprium* da

---

<sup>346</sup> CD 5.

<sup>347</sup> Cf. CNBB. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itací. Ano 5, n. 337, p. 957, [out.]1980; PAULO VI. *Motu proprio Apostolica Sollicitudo*, 15 setembro de 1965.

<sup>348</sup> CNBB. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itací. Ano 5, n. 337, p. 957, [out.]1980.

<sup>349</sup> CD 5; cf. LG 22-23; JOÃO PAULO II. Mensagem final de encerramento do Sínodo, 25 de outubro de 1980; CNBB. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itací. Ano 5, n. 337, p. 959-963, [out.]1980.

família. No futuro, a Igreja será desafiada a considerar a palavra de todos os membros de uma família em um Sínodo, considerando direito sua participação nas decisões da Igreja.

O conteúdo esquemático apresentado na mensagem final do Sínodo foi, praticamente, utilizado pelo Papa na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, salvo modificações terminológicas como: em lugar de “tarefa da família cristã no mundo contemporâneo”, utilizou-se “missão da família cristã no mundo de hoje”; ou ainda, em lugar de “Situação atual das famílias”, preferiu-se “Luzes e sombras da família hoje”<sup>350</sup>.

O esquema geral do Sínodo segue o método ver, julgar e agir. Ver a realidade do matrimônio e da família, julgá-la à luz da teologia, Escritura e Tradição, e agir de forma a salvar em Cristo a família. Esta tarefa compete a toda a Igreja, de forma especial a hierarquia e as próprias famílias.

Primeiramente, ver a situação das famílias cristãs. O texto apresenta, inicialmente, o paradoxo da situação familiar: “as alegrias e as consolações, os sofrimentos e as dificuldades”<sup>351</sup>.

O Sínodo contempla e valoriza, em primeiro lugar, as situações positivas e resistentes a tantos desafios contemporâneos do matrimônio e da família, em especial, o testemunho evangélico da fidelidade conjugal e familiar; valoriza as diferentes culturas e analisa as condições das famílias em cada uma delas, de modo a ver, em cada cultura, o desígnio de Deus sendo realizado e valorizado.

O Sínodo contempla, em segundo lugar, os aspectos negativos. Analisa os graves problemas da cultura e as situações em que vivem tantas famílias, especialmente as que são vítimas de estruturas sociais, econômicas e políticas injustas e opressoras, fonte de miséria e violência contra a família. Muitos cristãos encontram dificuldades em viver o compromisso

<sup>350</sup> CNBB. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itaicí. Ano 5, n. 337, p. 962, [out.]1980; cf. FC 4.

<sup>351</sup> CNBB. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itaicí. Ano 5, n. 337, p. 962-963, [out.]1980.

definitivo do matrimônio. Neste contexto, o Sínodo sugere uma “carta dos direitos das famílias”<sup>352</sup> que lhes assegure no mundo inteiro, direitos fundamentais. A característica mais evidente, no âmbito da fé, da negatividade da situação da família é a rejeição da vocação à participação da vida e do amor de Deus, causa fundamental de todos os males. É preciso uma nova consciência mundial que está fundada na aceitação e reconhecimento da paternidade de Deus, único fundamento da fraternidade dos homens e consciência de pertencer à mesma família humana<sup>353</sup>.

O Sínodo, em segundo lugar, julga à luz da fé as questões levantadas pela situação do matrimônio e da família no mundo. A fundamentação teológica do matrimônio e da família é o desígnio de Deus Criador e Redentor, fonte e ápice da sua vocação e a missão:

O eterno desígnio de Deus (cf. Ef. 1,3ss.) é que todas as mulheres e todos os homens participem da vida mesma de Deus, em Cristo (Cf. 1Jo 1,3; 2Pd 1,4). O Pai chama cada homem a realizar este projeto de comunhão com todos os outros homens, formando a família de Deus. A família, por sua vez, é chamada, com particular vocação, a realizar esse desígnio de Deus. Ela é, por assim dizer, a célula primeira da Sociedade e da Igreja, que ajuda seus membros a serem agentes da história da salvação e sinais vivos do plano amoroso de Deus sobre o mundo<sup>354</sup>.

A missão ou tarefa da família concentra-se em dois conceitos interligados entre si e de significado amplo e irrestrito: serviço à vida e educação. O serviço à vida e sua defesa atingem a vida humana em todas as suas dimensões e etapas. Dar a vida é participar do poder criador de Deus e da obra redentora de Cristo, a graça salvífica. A elevação do matrimônio, por Cristo, à dignidade de Sacramento é “participação da aliança de seu amor redentor, selada com seu próprio sangue”<sup>355</sup>. No Sacramento do Matrimônio, os cônjuges se santificam mutuamente e como

<sup>352</sup> CNBB. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itaicí. Ano 5, n. 337, p. 963, [out.]1980; cf. FC 46.

<sup>353</sup> Cf. CNBB. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itaicí. Ano 5, n. 337, p. 963, [out.]1980.

<sup>354</sup> CNBB. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itaicí. Ano 5, n. 337, p. 936, [out.]1980.

<sup>355</sup> CNBB. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itaicí. Ano 5, n. 337, p. 963-964, [out.]1980.

ministros próprios, agem “*in persona Christi*”, isto é, em nome de Cristo. A vida de Cristo e em Cristo é referência máxima para as famílias: encarnação, paixão, morte e ressurreição<sup>356</sup>.

A resposta da família aos desígnios de Deus é a educação, a grande missão da família nos tempos atuais.

A missão de educar:

- a) homens livres com grande senso moral e sentido crítico, capazes de discernimento e conscientes da própria responsabilidade e do dever de trabalharem por melhores condições de vida para os homens e pela santificação do mundo;
- b) formar homens para o amor e educá-los a agirem com amor nas relações com os outros, de maneira que o amor esteja aberto a toda a comunidade, impregnado do sentido de justiça e de respeito para os outros, e consciente da própria responsabilidade para com a sociedade toda;
- c) educar homens na fé, quer dizer, no conhecimento do amor de Deus, na prontidão de quem quer cumprir sua vontade em tudo;
- d) transmitir os valores fundamentais humanos e cristãos e educar homens para a capacidade de integrar em sua existência também valores novos. A família é tanto mais humana, quanto mais cristã ela for.

Esta é a missão da família como Igreja doméstica’ (LG 11, AA 11), comunidade de fé que vive na esperança e no amor, a serviço de Deus e da família humana. Lugar central deve ocupar a Palavra de Deus nesta família, a participação na vida litúrgica e sacramental<sup>357</sup>.

No âmbito da comunidade eclesial a família é a primeira responsável pela evangelização e catequese, pela ação pastoral que facilite aos casais valorizar e assumir os desígnios de Deus em suas vidas, acolhendo casais em situações do mesmo estado de vida, isto é, os que receberam o sacramento do matrimônio e vivenciando ministérios de ajuda espiritual no universo de uma pastoral familiar global.

No âmbito social mais amplo a família deve oferecer seu testemunho evangélico, promover a justiça social, ajudar os necessitados, participar das iniciativas que promovam a

<sup>356</sup> Cf. CNBB. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itaici. Ano 5, n. 337, p. 964, [out.]1980.

<sup>357</sup> CNBB. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itaici. Ano 5, n. 337, p. 964-965, [out.]1980.

transformação das estruturas sociais e promover políticas familiares colaborando com pessoas e grupos influentes na elaboração das leis de Direito da família, em parceria com os que saem em sua defesa e em defesa da vida<sup>358</sup>.

Igreja e família estão profunda e reciprocamente comprometidas. A Igreja tem a tarefa de apoiar e ajudar os cônjuges e as famílias no exercício de seu apostolado e ministério. Sua ação pastoral deve ser ampla e irrestrita, capaz de auxiliar eficiente e eficazmente os cônjuges e as famílias em qualquer situação em que se encontrem em relação à fé ou à vida cultural. Ao mesmo tempo, as famílias prestam à Igreja o serviço da evangelização da família<sup>359</sup>.

O Vaticano II e o Sínodo dos Bispos de 1980 ofereceram os elementos doutrinários e pastorais para elaborar a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*.

### **3.3 Síntese estrutural e conceitual da *Familiaris Consortio***

A Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* está básica e consecutivamente sistematizada e estruturada em: introdução, núcleo sistemático de quatro partes consecutivas e, por fim, conclusão.

A Introdução apresenta o objeto, as problemáticas, os objetivos e as argumentações que justificam a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* na atualidade histórica da pessoa humana, da família, da Igreja e da sociedade.

A família é uma das instituições mais questionadas e a que mais sofre o impacto das ameaça das “profundas e rápidas transformações da sociedade e da cultura”<sup>360</sup>. Sua realidade

---

<sup>358</sup> Cf. CNBB. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itaicí. Ano 5, n. 337, p. 965, [out.]1980.

<sup>359</sup> Cf. CNBB. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itaicí. Ano 5, n. 337, p. 966, [out.]1980.

<sup>360</sup> FC 1.

deve ser conhecida em profundidade pela Igreja a fim de que lhe ofereça o seu serviço e ajuda para conhecer a si mesma e sua tarefa no mundo, à luz dos desígnios de Deus Criador e Salvador.

A fundamental proposta da Exortação encontra-se na conclusão onde o Papa convida as famílias cristãs de hoje, “muitas vezes tentadas por incomodidades e angustiadas por crescentes dificuldades” a “tomarem altura! É necessário que sigam a Cristo”. Essa proposta desperta a família pra sua vocação e missão no mundo de hoje à luz do mistério fundante de toda a realidade cristã: o mistério de Deus plenamente realizado na pessoa de Jesus Cristo de Nazaré.

Consciente da verdade dual sobre o matrimônio-família e do valor que ambas as realidades têm para a humanidade, “a Igreja oferece o seu serviço a cada homem interessado nos caminhos do matrimônio e da família”<sup>361</sup>. Especialmente aos jovens que pretendem iniciar o caminho do matrimônio e da família, “ajudando-os a descobrir a beleza e a grandeza da vocação ao amor e ao serviço da vida”<sup>362</sup>.

O Sínodo dos bispos de 1980 está em continuidade com os Sínodos precedentes sobre o Sacerdócio ministerial e sobre a justiça no mundo<sup>363</sup>. Este confiou ao Papa “com voto unânime” que se tornasse “intérprete diante da humanidade da viva solicitude da Igreja pela família e oferecesse orientações para um renovado empenho pastoral nesse setor fundamental da vida humana e eclesial”<sup>364</sup>. O Pontífice reconhece a família como “a primeira chamada a anunciar o Evangelho à pessoa humana em crescimento e levá-la, através de uma catequese e educação progressiva, à plenitude da maturidade humana e cristã”; como, uma “comunidade educativa” que “deve ajudar o homem a discernir a própria vocação” e a assumir sua tarefa no mundo

---

<sup>361</sup> FC 1.

<sup>362</sup> FC 1.

<sup>363</sup> Cf. FC 2; JOÃO PAULO II. *Discurso ao Conselho da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 23 de fevereiro de 1980*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1980.pdh](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980.pdh)>. Acesso em 15/10/2006. 08:09:00.

<sup>364</sup> FC 2.

transformando-o pelo amor<sup>365</sup>. Assim, o empenho pastoral de toda a Igreja é considerado por ele irrenunciável, pois, é um “setor fundamental da vida humana e eclesial”<sup>366</sup>. A Exortação pretende analisar os aspectos e as riquezas contidas nas proposições do Sínodo<sup>367</sup>.

Ressaltando a pertinência e a relevância do Concílio Vaticano II e dos Sínodos que precederam a Exortação, sinais do profundo interesse da Igreja pela questão família, o Papa exorta desde o início que é preciso retornar ao “significado último da vida conjugal e familiar”, pois, são ambos um “valor” e uma “vocação”. Um “valor”, porque um setor fundamental da vida social e familiar; uma “Vocação” porque “Queridos por Deus como a própria criação (cf. Gn 1-2.), o matrimônio e a família estão intrinsecamente ordenados a complementarem-se em Cristo (cf. Ef 5.) e têm necessidade da sua graça para serem curados das feridas do pecado e conduzidos ao seu princípio (cf. Mt 19,4.), isto é, ao conhecimento pleno e à realização integral do desígnio de Deus”<sup>368</sup>. Vocação, voltar à fonte, retornar à “origem”, ao “desígnio de Deus”, ao “Princípio” que deve ser retomado, reinterpretado, uma vez que, por hora, esquecido por muitos cristãos<sup>369</sup>.

Iluminada pela fé, a Igreja tem a tarefa evangelizadora de apresentar às famílias a verdade sobre o real e profundo significado do valor do matrimônio e da família, pois, “Ela está profundamente convencida de que só com o acolhimento do Evangelho encontra realização plena e toda a esperança que o homem depõe legitimamente no matrimônio e na família”<sup>370</sup>.

Diante do momento histórico pelo qual passa a família, alvo de forças destruidoras e deformadoras, a Igreja tem a missão de proclamar-lhe os desígnios de Deus como fonte vital e realização plena. Os dois grandes objetivos da missão da família cristã, ordenada a Cristo, são: a

---

<sup>365</sup> Cf. FC 2.

<sup>366</sup> FC 2.

<sup>367</sup> Cf. FC 2.

<sup>368</sup> FC 3.

<sup>369</sup> Cf. FC 1

<sup>370</sup> FC 3.

vitalidade da família e da vida humana. A ação da Igreja, empenhada na evangelização da família renovada em Cristo, contribui “para a renovação da sociedade e do próprio povo de Deus”<sup>371</sup>.

As três primeiras partes do núcleo sistemático constituem a fundamentação teórica da Exortação, um conjunto teológico, bíblico e doutrinário harmonioso. A quarta parte propõe à Igreja uma ação pastoral em favor da família e em defesa da vida, assumida de modo prático, ordenado, aberto, concreto, orgânico e estruturada, chamada de Pastoral Familiar. A Exortação parece seguir fielmente o esquema proposto pelo próprio Pontífice aos Padres Sinodais: primeiro, a descrição do estado das famílias e seus problemas; segundo, a fundamentação teológico-doutrinária sobre a família; terceiro, o direcionamento pastoral capaz de ajudar as famílias cristãs a viver e a testemunhar a vocação e missão, chamadas a desempenhar na humanidade e na Igreja<sup>372</sup>.

A primeira parte descreve o estado das famílias a partir de como vivem as realidades familiares e analisa as causas e linhas evolutivas dos problemas diversos que ela apresenta, a fim de criar possibilidades para a evangelização, capazes de penetrar verdadeiramente neste ambiente.

O título da primeira parte é “Luzes e Sombras da Família de Hoje”<sup>373</sup>. “Luzes e Sombras” caracterizam a “forma com que as famílias se encontram envolvidas, nas presentes condições do mundo”<sup>374</sup>, elas apresentam aspectos positivos e negativos. A situação social e cultural oferece aos graves problemas conjugais e familiares “visões e propostas mesmo sedutoras, mas que comprometem de diferentes maneiras a verdade e a dignidade da pessoa humana”<sup>375</sup>. Às famílias,

---

<sup>371</sup> FC 3.

<sup>372</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Discurso ao Conselho da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 23 de fevereiro de 1980*. n. 2. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1980.pdh](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980.pdh)>. Acesso em 15/10/2006. 08:09:00.

<sup>373</sup> FC 4-16.

<sup>374</sup> FC 4.

<sup>375</sup> FC 4.

a partir das diversas situações em que se encontram no mundo, “chamadas a acolher e a viver o projeto de Deus que lhe diz respeito [e] os pedidos e apelos do Espírito [que] ressoam também nos acontecimentos da história”<sup>376</sup>, a Igreja, guiada por uma “compreensão mais profunda do mistério do matrimônio e da família”<sup>377</sup>, tem a tarefa de “levar o imutável e sempre novo Evangelho de Jesus Cristo”<sup>378</sup>.

A investigação sociológica poderá auxiliar enormemente na compreensão do contexto histórico da família, não como elemento principal da ação pastoral, mas como elemento auxiliar. O mesmo auxílio oferece outras ciências como, por exemplo, a antropologia e a psicologia.

Discernimento de todos os “membros da família de Deus” (Rf 2,19; cf. At 2,17), hierarquia e cristãos leigos, urgência da Igreja. Ensinar o Evangelho, missão e responsabilidade Eclesial. Discernir, no sentido da fé e no Espírito Santo, é dever de toda a Igreja, segundo o carisma e responsabilidade que dado pelo próprio Senhor<sup>379</sup>. Nisto toda a Igreja segue a Cristo<sup>380</sup>. O primeiro capítulo desta dissertação se preocupou em demonstrar o relevante papel de todos os membros da Igreja na missão de guardar e transmitir a fé autêntica do mistério de Deus revelado em Jesus Cristo. A *Familiaris Consortio* ressalta a importância de uma ação corresponsável entre os membros da Igreja nas questões que dizem respeito ao matrimônio e à família.

Esse discernimento atinge-se pelo sentido da fé (cf. GS 12), dom que o Espírito Santo concede a todos os fiéis, e é, portanto, obra de toda a Igreja (cf. 1Jo 2,20), segundo a diversidade dos vários dons e carismas que, ao mesmo tempo segundo a responsabilidade própria de cada um, cooperam para uma mais profunda compreensão e atuação da Palavra de Deus. A Igreja, portanto, não realiza o discernimento evangélico próprio só por meio dos pastores, os quais ensinam em nome e no poder de Cristo, mas também por meio dos leigos: Cristo ‘constituiu-os testemunhas, e concedeu-lhes o

---

<sup>376</sup> FC 4.

<sup>377</sup> FC 4.

<sup>378</sup> FC 4.

<sup>379</sup> Cf. 1Cor 12.

<sup>380</sup> Cf. FC 5.

sentido da fé e o dom da palavra (cf. At 2,17-18; Ap 19,10) a fim de que a força do Evangelho resplandeça na vida cotidiana, familiar e social' (LG 35). Os leigos, em razão de sua vocação particular, têm o dever específico de interpretar à luz de Cristo a história deste mundo, enquanto são chamados a iluminar e dirigir as realidades temporais segundo o desígnio de Deus Criador e Redentor<sup>381</sup>.

Jesus Cristo é referência principal de todas as realizações de todos e de cada um dos os membros da Igreja. Ele é o Redentor do homem e da história. Podemos afirmar que existem na *Familiaris Consortio* elementos de cristologia.

O verdadeiro discernimento evangélico exige que a pessoa seja educada a desenvolver uma “reta formação da consciência”, sem a qual não se chega ao homem de bem, e que nem sempre pode ser alcançada se não vier de Cristo. Ele é a proposta da verdade sobre o humano:

O ‘sentido fundamental da fé’ (LG 12; ME 2) não consiste, porém, somente ou necessariamente no consenso dos fiéis. A Igreja, seguindo a Cristo, procura a verdade, que nem sempre coincide com a opinião da maioria. Escuta a consciência e não o poder e nisto defende os pobres e desprezados. [...].

Porque é dever do ministério apostólico assegurar a permanência da Igreja na verdade de Cristo e introduzi-la sempre mais profundamente, os Pastores devem promover o sentido da fé em todos os fiéis, avaliar e julgar com autoridade a genuinidade das suas expressões, educar os crentes para um discernimento evangélico sempre mais amadurecido (cf. LG 12; DV 10).

Para a elaboração de um autêntico discernimento evangélico nas várias situações e culturas em que o homem e a mulher vivem o seu matrimônio e a sua vida familiar, os esposos e os pais cristãos podem e devem oferecer seu próprio e insubstituível contributo. A esta tarefa habilita-os o carisma ou dom próprio, o dom do sacramento do matrimônio.

A situação histórica em que vive a família apresenta-se, portanto, como um conjunto de luzes e sombras. [...] segundo a conhecida expressão de Santo Agostinho, um conflito entre dois amores: amor de Deus impelido até o desprezo de si, e o amor de si impelido até ao desprezo de Deus. Segue-se que a educação para o amor, ratificada na fé, pode levar a adquirir a capacidade de interpretar ‘os sinais dos tempos’, que são expressão histórica desse duplo amor.

---

<sup>381</sup> FC 5.

Vivendo de tal modo, sob pressões [...] nem sempre os fiéis souberam se manter imunes diante do obscurecimento dos valores fundamentais e pôr-se como consciência crítica desta cultura familiar e como sujeitos da construção de um humanismo familiar autêntico.

Põe-se assim a toda a Igreja o dever de uma reflexão e de um empenho bastante profundo, para que a nova cultura emergente seja intimamente evangelizada, [...] o ‘novo humanismo’ não afastará os homens da sua relação com Deus, mas os conduzirá para ele mais plenamente. [...]

“o destino do mundo está ameaçado se não surgirem homens de sabedoria’ (GS 15). [...]. É a aliança com a Sabedoria divina que deve ser mais profundamente reconstituída da cultura moderna. [...] consciência deve ser realmente formada para que não haja desvios, mas crie condições para uma reta adesão à doutrina, sem subterfúgios. [...] A educação da consciência moral, que faz o homem capaz de julgar e discernir os modos aptos para a sua realização segundo a verdade originária, torna-se assim exigência prioritária e irrecusável. [...] a Verdade é Cristo<sup>382</sup>.

Cabe aos pastores, educadores e fiéis a tarefa da reta formação da consciência. O grande desafio da educação cristã é saber conjugar a cultura moderna com a Sabedoria Divina, que pode transformar a situação desumanizadora da realidade.

Hermeneuticamente, duas grandes visões podem, se distorcidas, levar a erros gravíssimos que atentam contra a vida humana: o erro antropológico e o erro da imagem de Deus. O primeiro é o desconhecimento da verdade sobre o humano e sua dignidade; o segundo, uma falsa concepção de Deus, ou falsa imagem de Deus, que pode levar à idolatria moderna. Ambos os erros geram os comportamentos diante da vida e a situação em que vivem a família, a sociedade e a Igreja.

A exortação apresenta, então, dois aspectos reais da realidade: os aspectos positivos e os negativos<sup>383</sup>. Os aspectos positivos elencados são muitos e são vistos como “sinal, da salvação em Cristo, operante no mundo”; Os aspectos negativos que são inúmeros e terrivelmente ameaçadores são vistos como “sinal, da recusa que o homem faz ao amor de Deus”. Ora, se o

---

<sup>382</sup> FC 5-8.

<sup>383</sup> Cf. FC 6.

amor de Deus não é conhecido, como manifestá-lo? Se o valor do homem revelado por Cristo, na obra Redentora, não é conhecido, como valorizar o humano? Existe solução? A situação histórica em que se contextualiza a família é um conjunto de “luzes e sombras”<sup>384</sup>. A solução, segundo o Papa, é “a educação para o amor, radicada na fé”, única solução para os que querem ver expressa, historicamente, o movimento do duplo amor: o Amor de Deus que a si mesmo doa, e nosso amor que reconhece Deus. Deus continua fiel, o humano faz às vezes o caminho inverso: “o amor de si impelido até ao desprezo de Deus”, idéia de Santo Agostinho. O grande vilão dos fenômenos negativos é, no dizer do Papa, a compreensão de “Liberdade”<sup>385</sup>.

A segunda parte apresenta “o desígnio de Deus sobre o Matrimônio e a família”<sup>386</sup>. Nela encontra-se densamente toda a fundamentação teológica e dogmática da Exortação. Inicia-se pela antropologia cristã. O ser humano é entendido a partir da revelação: o homem é criatura de Deus, “imagem e semelhança”, livremente chamado à existência por amor e ao amor. A grande vocação humana é a vocação ao amor, porque Deus é amor:

Deus é amor, vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano<sup>387</sup>.

Os elementos da Cristologia perpassam toda a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*. O homem de Nazaré, inserido na família de Maria e José, Judeu, é entendido como o Cristo, o Verbo de Deus, a Verdade, a Caridade doada na Cruz, o Esposo, a Sabedoria, o Salvador, o Redentor, o Revelador, o Mestre, o Pastor, o Sumo Sacerdote, o Senhor do ser

---

<sup>384</sup> FC 6.7-10.

<sup>385</sup> DULLES, A. C. *A Verdade como fundamento da liberdade: um tema de João Paulo II*. Disponível em: <<http://www.acton.org/pop/pubs/dullwa.pdf>>. Acesso em 29/10/2006. 10:26:00.

<sup>386</sup> FC 11-31.

<sup>387</sup> FC 11.

humano, fundamento da relação conjugal e familiar. O Pontífice, constantemente, de muitos modos, implícita ou implicitamente, exorta a família a seguir a Cristo<sup>388</sup>.

Deus é o vínculo do Matrimônio e da família em comunhão. A revelação do Matrimônio como Sacramento se deu em Cristo, “o Esposo que ama e se doa como Salvador da humanidade, unindo-a a si como seu corpo”<sup>389</sup>. Não se pretende desenvolver no momento a teologia do matrimônio, mas demonstrar simplesmente que é a cristologia que fundamenta a vida matrimonial e familiar na Exortação Apostólica. Cristo é apresentado como “O Salvador da Humanidade” que, através da Revelação que se deu na Encarnação, “... sua definitiva plenitude no dom do amor que o Verbo de Deus faz à humanidade, assumindo a natureza humana, e no sacrifício que Jesus Cristo faz de si mesmo sobre a Cruz pela sua Esposa, a Igreja”<sup>390</sup>.

Em longo trecho, o Papa faz lembrar toda a *Redemptor Hominis* e o Concílio Vaticano II. O homem é imagem de Deus e sua situação interessa à Igreja, pois Deus se fez humano em Cristo. O homem é “via da Igreja” e por sua situação histórica a Igreja deve interessar-se. O humano é “lugar” da presença histórica e reveladora de Cristo que revela o homem ao homem. A Igreja, inserida no mistério da redenção é a comunidade dos redimidos, dos filhos de Deus, a família de Deus. Há uma íntima relação entre a relação conjugal e familiar e a relação Cristo e a Igreja. A relação conjugal reflete como sinal de Cristo e da Igreja, a relação familiar reflete a comunhão de Deus em si, ela é “‘uma Igreja em miniatura’ [*Ecclesia domestica*]”<sup>391</sup>. Não há salvação para o matrimônio e a família se não for em Cristo.

---

<sup>388</sup> Cf. FC 10: “Sabedoria de Deus, que é o próprio Cristo [...] quis ‘retornar ao princípio’ em obséquio ao ensinamento de Cristo.”; FC 13: (cf. FC 54): “[...] Jesus Cristo, o Esposo [...] Salvador da humanidade” e “Verbo de Deus [...] a Caridade de Cristo que se doa na Cruz [...]”; FC 5 (cf. FC 17; 28): “[...] desígnio de Deus Criador e Redentor [...]”; FC 38: “Cristo Pastor”; FC 39 73: (cf. FC 5; 51 e Conclusão): “seguir a Cristo”; FC 59: “Sumo Sacerdote”; FC 62 “Cristo Senhor”.

<sup>389</sup> FC 13.

<sup>390</sup> FC 13.

<sup>391</sup> FC 49.

A terceira parte procura a identidade da família, quem é, e sua missão. Responde a pergunta: quem é a família cristã e qual sua missão no mundo? A característica principal da família é ser “Comunidade”. Aqui reside a novidade da Exortação Apostólica. A partir do Concílio, a nova visão familiar é a de família aberta.

[A família], segundo o plano de Deus, é constituída qual ‘íntima comunidade de vida e de amor’ (GS, 48), a família tem a missão de se tornar cada vez mais aquilo que é, ou seja, comunidade de vida e de amor, numa tensão que, como para cada realidade criada e redimida, encontrará a plenitude do Reino de Deus... atinge as próprias raízes da realidade, deve-se dizer que a essência e os deveres da família são em última análise, definidos pelo amor. Por isto é-lhe confiada a missão de guardar, revelar e comunicar o amor, qual reflexo vivo da participação real do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo pela Igreja, sua Esposa<sup>392</sup>.

Citando e comentando sinteticamente, sem desenvolvê-las, as tarefas da família são: a primeira tarefa, a partir do amor e sempre em sua referência, é a formação de uma comunidade de pessoas. Isso toca a fundo a relação conjugal e familiar em sentido amplo, ou seja, os que convivem debaixo do mesmo teto. Nessa relação de pessoas cada um tem que ser visto como pessoa redimida por Cristo e sua imagem, reconhecendo deveres e direitos de si e dos outros, quer do marido, quer da mulher, quer dos pais, quer dos filhos ou dos anciãos, e assim, sucessivamente<sup>393</sup>.

A segunda tarefa é o serviço à vida. Deus é Criador e Doador da vida, chama os cônjuges a participarem de Seu poder criador e doador. O serviço à vida torna-se tarefa fundamental. Servir à vida em sentido amplo: transmitir a vida e defendê-la de toda a ameaça, especialmente da mentalidade de morte vigente;

A terceira tarefa é a educação, pois, educar é direito-dever dos pais e não é transferível nem para o estado nem para a Igreja. “A família é, portanto, a primeira escola de virtudes sociais

---

<sup>392</sup> FC 17.

<sup>393</sup> Cf. FC18-27.

de que as sociedades têm necessidade”<sup>394</sup>. Por conseqüência, educar para os valores essenciais da vida humana (socialização, sexualidade, cidadania, castidade, para as múltiplas relações interpessoais e grupais – escolas, Igreja – relações de trabalho, etc.), pois, educar é uma missão.

As tarefas estão intimamente relacionadas às dimensões *ad intra* e *ad extra* da família. A dimensão *ad extra*, refere-se à família enquanto direcionada para a sociedade e para a Igreja. As duas dimensões são indispensáveis, são o campo próprio onde a família deve atuar. A família receberá sempre a influência do ambiente social e eclesial, mas também poderá influenciar os mesmo ambientes ou situações. Por isso ela é chamada na carta de “célula primeira e vital da sociedade”, possui a responsabilidade ou tem função social. Ao mesmo tempo a sociedade também tem que prestar um serviço à família. Ambas têm funções complementares e são de direitos e deveres. A família cristã exerce um papel de testemunho cristão nesse meio, maior é sua responsabilidade em Cristo, seja em âmbito de país ou internacional, em alguns casos<sup>395</sup>.

A família deve participar ativamente da vida da Igreja, deve ser a “Igreja doméstica”. Ela está inserida em seu mistério, mas, fazendo memória da *Redemptor Hominis*, a Igreja está inserida no mistério da Redenção de Cristo. É na intimidade e na relação com este mistério que nasce a participação da família na Igreja. Ela participa da missão de Salvação da Igreja. Ela deve refletir em si a comunidade eclesial e deve, ao participar da vida eclesial, refletir nela a íntima comunhão de vida e de amor vividos na comunidade do lar. A Igreja deve ser o que a família deve ser: “comunidade crente e evangelizadora”, “comunidade de diálogo com Deus”, “comunidade ao serviço do homem”<sup>396</sup>.

Por fim, a quarta parte da *Familiaris Consortio*. A forma concreta de viver em Cristo e no seu seguimento é refletida na Ação Pastoral da Igreja em favor da Família. O Papa desenvolve

---

<sup>394</sup> FC 36.

<sup>395</sup> Cf. FC 36-48.

<sup>396</sup> FC 49-64.

um amplo programa de ação que vai preparando, paulatinamente, o ser humano para o matrimônio e a vida familiar. Não é questão para ser tratada amplamente nessa dissertação.

A conclusão é exatamente a Exortação a toda a Igreja e a cada homem de boa vontade, para que amem a família e se dediquem a salvar e a promover seus valores e exigências. O Papa chama todos os cristãos ao anúncio da “Boa Nova acerca da família” e ao reconhecimento de que “*o futuro da humanidade passa pela família!*”<sup>397</sup>.

A fé nos ensina a verdade sobre o matrimônio e a família. A Tradição aponta caminhos vividos e experiências a respeito do matrimônio e da família, especialmente, no modo próprio de enfrentar problemas emergentes que solicitavam respostas, ainda que não claras. O Magistério da Igreja exerce o papel fundamental da regulação da fé, ensinar é sua missão primordial. Deve, por isso, ser ouvido e respeitado em sua missão de ensinar. Contudo, a forma de seu ensinamento pode e deve ser expandida em favor de uma maior participação dos casais nas questões que dizem respeito ao seu estado próprio de vida. Tudo que se diz do matrimônio e da família quer no Concílio Vaticano II, quer no Sínodo dos Bispos de 1980, quer na *Familiaris Consortio*, de João Paulo II, tem referência à missão Salvadora de Jesus Cristo. Há uma cristologia que fundamenta a reflexão teológica da *Familiaris consortio*.

---

<sup>397</sup> FC, Conclusão.

## CAPÍTULO II

### O MISTÉRIO DE CRISTO NA *FAMILIARIS CONSORTIO*

#### 1. A cristologia: ponto de partida da teologia

O saber teológico ocupa-se, acima de tudo, do “conhecimento do mistério dos mistérios: Deus”<sup>398</sup>. A teologia como “ciência da fé”<sup>399</sup>, trata da experiência do mistério narrado, celebrado e vivido na comunidade de fé (ou teologia hínica)<sup>400</sup>. O mistério, realização do desígnio salvífico de Deus na história através de palavras e de acontecimentos é, definitivamente, Jesus Cristo<sup>401</sup>.

O mistério é a Palavra divina que se faz presente aos homens nas palavras e nos acontecimentos da história salvífica. Entendida assim, a experiência do mistério comporta uma irredutível dialética de escondimento e de revelação: nas suas obras Deus se manifesta, mas não se deixa aprisionar; ele está ‘lá’, e, no entanto está sempre além, maior do que a mediação do evento ou da palavra como que se comunicou ao homem; Revelando-se, Deus se vela; comunicando-se, se oculta; avizinhandando-se, afasta-se. E ao

---

<sup>398</sup> LIBANIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 15; Sobre a teologia como ciência, cf.: FISICHELLA, R. *Introdução à teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 56; LADARIA, L. F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 23-27.

<sup>399</sup> RAUSCH, T. P. (org.). *Introdução à teologia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 15; cf. LADARIA, L. F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 20; HAUGHT, J. F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 11-13.

<sup>400</sup> Cf. FORTE, B. *A Trindade como história*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987, p.89-91; RAUSCH, T. P. (org.). *Introdução à teologia*. São Paulo: Paulus, 2004, p.13-22; LIBANIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 63; FISICHELLA, R. *Introdução à teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2000, p.55-58; GRENZER, M. *Análise poética da sociedade: um estudo de Jó 24*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 9-12.

<sup>401</sup> Cf. Cl 1,26s; Rm 16,25; Ef 1,9; 3,3; 6,19; Jo 1,14.16-18; cf. também: GS 4; ORTE, B. *A Trindade como história*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987, p.89; LADARIA, L. F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 21.

mesmo tempo valendo-se, dá-se a conhecer; ocultando-se, manifesta-se; afastando-se, avizinha-se. ‘Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho?’ (Lc 24,32)<sup>402</sup>

No fluxo da história, a teologia hínica exigiu um outro relato teológico: o da imanência do mistério. Para os Padres da Igreja, esta é a passagem da “economia” para a “teologia”<sup>403</sup>. A teologia ilumina a compreensão da “economia” e a “economia” conduz à teologia, conseqüentemente, à reflexão inteligente e à apreensão da revelação íntima do mistério, agora expresso, sistematicamente, em linguagem e símbolo da experiência de fé vivida de uma comunidade<sup>404</sup>. A cristologia hínica, ou doxologia dos “concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2,19), “edifício de Deus”, comunidade de discípulos em relação amorosa, edificada “sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual Cristo Jesus a pedra angular” (Ef 2,20), celebrava a fé que, aos poucos, passou a ser questionada, refletida e sistematizada.

[É necessário] Compreender o desenvolvimento intrínseco da cristologia, enquanto explicitação e aprofundamento da realidade (vida-prática-pessoa) de Jesus como caminho que leva ao Pai e sua compreensão e interpretação pela comunidade crente no decorrer dos séculos. O seguimento de Jesus em nossos dias é inseparável da reflexão sobre Jesus e sobre seus primeiros seguidores, [por isso], compreender a cristologia não como apenas ‘discurso’ (= elaboração teórica), mas compromisso (= prática). Explicar a profissão de fé (título) a partir da prática de Jesus: o caminho a seguir é o da prática de Jesus ao ser de Jesus e do ser de Jesus ao ser de Deus (= Trindade). Desenvolver a cristologia como expressão histórica e culturalmente situada da compreensão que a comunidade crente (Igreja) tem de Jesus no decorrer de sua história (= condições sócio-histórico-culturais em que a cristologia é produzida e valor do contexto histórico pra sua compreensão). Compreender as imagens de Jesus e seu relacionamento com a realidade social e cultural<sup>405</sup>.

<sup>402</sup> FORTE, B. *A Trindade como história*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987, p.89-90; cf. LADARIA, L. F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005, p.24-25.

<sup>403</sup> Cf. CIGC 326.

<sup>404</sup> Cf. MÜLLER, U. B. *A encarnação do Filho de Deus: Concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo*. São Paulo: Loyola, 2004, P. 8.

<sup>405</sup> SOTER. *Cristologia* Disponível em: <<http://www.redemptor.com.br/~soteer/ementário/Ementáriosistematica.htm>>. Acesso em 02 novembro 2006. 06:08:00.

A teologia difere de outros saberes científicos e dialoga com as outras ciências, sem se deixar reduzir à análise dos conceitos abstratos, alicerçados nos pressupostos da filosofia clássica ou contemporânea<sup>406</sup>. Historicamente, a ciência questiona e desafia a teologia<sup>407</sup>. Inegavelmente, o conhecimento dos resultados epistemológicos dos diversos saberes científicos traz grande contribuição à compreensão teológica<sup>408</sup>. A reflexão desta, comporta a interdisciplinariedade, mas a teologia, porém, é a introdução no próprio mistério de Deus que se autocomunica em Jesus Cristo na história<sup>409</sup>. A teologia, ainda não é mera disciplina que desenvolve um discurso sobre Deus em um conjunto de sistemas, de escolas ou tendências. Acima de tudo, ela é atitude crítica, reflexiva e dialógica da fé, exigência dos tempos pós-modernos<sup>410</sup>.

A partir da revelação judeu-cristã, ou seja, da economia salvífica, a teologia, inteligentemente, compreende Deus em si mesmo (substância, natureza, hipóstase, consubstancialidade etc), em sua relação pericórise-comunhão e em seu significado para o mundo (sentido soteriológico). Esta compreensão se deu a partir da experiência relacional com o Deus que se revela na história concreta da vida humana. Por isso, a teologia se faz com os pés na

---

<sup>406</sup> Por muitas vezes na história a teologia não convergiu a teoria e a prática da reflexão teológica separando a fé da vida, cf.: FORTE, B. *A Trindade como história*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987, p.11-12.

<sup>407</sup> Cf. HAUGHT, J. F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 14-19; LIBÂNIO, J. b. *Desafios da Pós-Modernidade`teologia Sistemática*. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 103-142.

<sup>408</sup> Cf. FC 5.

<sup>409</sup> Cf. FORTE, B. *A Trindade como história*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 5-7.89-91; LADARIA, L. F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 11-14.19-22; HAUGHT, J. F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 5-7: o autor entende a teologia como “a fé em busca de entendimento, *fides quaerens intellectum*... é busca sem fim da compreensão da fé, uma *cogotatio fidei*. Seu objetivo final não é oferecer respostas definidas e definitivas para todos os problemas concebíveis propostas pela fé, mas alcançar uma compreensão que será sempre imperfeita e fragmentária, do seu objeto, Deus o mistério incompreensível”.

<sup>410</sup> Cf. RAUSCH, T. P. (org.). *Introdução à teologia*. São Paulo: Paulus, 2004, p.13-15; LIBANIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 32-37.57-76; MÜLLER, U. B. *A encarnação do Filho de Deus: Concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 19-27.

realidade histórica do ser humano e, ao mesmo tempo, os pés no ambiente sagrado do mistério de Deus<sup>411</sup>.

O fundamento e evento central da fé e da vida em comunhão da comunidade cristã primitiva é a figura de Jesus de Nazaré, o Redentor que se tornou ser humano. O ser humano é carente de redenção e encontra em Jesus Cristo o seu significado histórico-salvífico (cf. Gl 4,4s)<sup>412</sup>. A comunidade primitiva acreditou não em um conjunto de doutrinas e de idéias abstratas, mas sim, em uma pessoa viva, no “fato-pessoa”<sup>413</sup>, Jesus de Nazaré. Ela estava voltada para o “evento salvador decisivo que reside na morte e na ressurreição, especificamente na morte vicária propiciatória de Jesus na Cruz”<sup>414</sup>. O Exaltado é o Único Filho de Deus preexistente que se tornou humano na figura de Jesus de Nazaré, por isso, “os evangelhos apresentam o Jesus terreno à luz de sua dignidade como Senhor celestial da Igreja... Eles tratam, afinal, de palavras e atos de Jesus terreno... Eles dão forma a um interesse análogo ao que se expressa na idéia de encarnação do Filho de Deus preexistente”<sup>415</sup>.

Jesus é o centro da vida cristã, analogicamente, a cristologia é o centro, ponto vital e ápice da teologia, porém, não seu único tema<sup>416</sup>. As temáticas teológicas, direta ou indiretamente, se

<sup>411</sup> Cf. Ex 3,5; LIBANIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 24-33. 57-62; RAUSCH, T. P. (org.). *Introdução à teologia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 130-131; FISICHELLA, R. *Introdução à teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2000, . 11-13.21-22.28-30; FC 24.

<sup>412</sup> MÜLLER, U. B. *A encarnação do Filho de Deus: Concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 11-18.

<sup>413</sup> LIBANIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 25; Cf. RAUSCH, T. P. (org.). *Introdução à teologia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 132; FORTE, B. *A Trindade como história*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987, Passim.

<sup>414</sup> MÜLLER, U. B. *A encarnação do Filho de Deus: Concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 15.

<sup>415</sup> MÜLLER, U. B. *A encarnação do Filho de Deus: Concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 12.

<sup>416</sup> Cf. 1Jo 1,1; 1Cor 3,11; Ef 2,20; 2Tm 2,19; 1Pd 2,4; Mc 12,10-11; Cf. também: LIBANIO, J. B. *Sempre Jesus: a caminho do novo milênio*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 7-27: O autor apresenta um belíssimo estudo sobre a centralidade do cristianismo histórico em Jesus, colocada em crise no decorrer dos séculos. A crise acontece porque o cristianismo está inserido nas culturas e sofre as influências de suas crises, especialmente a cultura ocidental; FISICHELLA, R. *Introdução à teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 28-30; GESCHÉ, A. *O Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 17-48; SOTER. *Cristologia* Disponível em: <<http://www.redemptor.com.br/~soteer/ementário/Ementáriosistematica.htm>> Acesso em 02 novembro 2006. 06:08:00.

relacionam com a pergunta central da cristologia: quem é Jesus Cristo?<sup>417</sup> Praticamente no início do ministério de Jesus, após verem a tempestade acalmada, os discípulos perguntam: “Quem é este?” (Mc 4, 41); o próprio Jesus, no fim do seu ministério na Galiléia de Filipe, pergunta aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que eu sou?” (Mc 8, 27)<sup>418</sup>; e provoca uma resposta: “E vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou?” Pedro respondeu: “Tu és o Cristo” (Mc 8, 29)<sup>419</sup>. A cristologia deve ser entendida como teologia e como antropologia: enquanto discurso sobre Deus e sobre o homem<sup>420</sup>.

A comunidade fez, primeiramente, a experiência da pessoa histórica de Jesus, do seu agir e de seu testemunho de Deus. Depois, tendo apreendido o seu significado salvífico, para eles e para o mundo, procuraram compreendê-lo em si mesmo<sup>421</sup>.

A fé cristã compreendeu Jesus<sup>422</sup>, o Cristo, escatologicamente: a Palavra-mensagem definitiva de Deus e o ser humano definitivo, revelador da verdadeira essência de Deus e do humano. Por isso, a cristologia é a “chave para todos os temas da teologia”<sup>423</sup>.

<sup>417</sup> RAUSCH, T. P. (org.). *Introdução à teologia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 131.

<sup>418</sup> Cf. Mt 8, 27; Lc 8, 25.

<sup>419</sup> Cf. Mt 16, 16; Lc 9, 20.

<sup>420</sup> Cf. GESCHÉ, A. *O Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 23.

<sup>421</sup> Cf. LIBANIO, J. B. *Sempre Jesus: a caminho do novo milênio*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 171-207; cf. RAUSCH, T. P. (org.). *Introdução à teologia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 95-111: “A teologia é o esforço para compreender e interpretar a experiência de fé de uma comunidade – a comunidade eclesial de pessoas cuja experiência de fé centra em Jesus de Nazaré, o Cristo. [...] a Igreja é uma comunidade de fé de pessoas que vivem num tempo e lugar específicos e que fazem parte de sua época e cultura” (cf. p. 95 e 96); SOTER. *Cristologia* Disponível em: <<http://www.redemptor.com.br/~soteer/ementário/Ementáriosistematica.htm>>. Acesso em 02 novembro 2006. 06:08:00.

<sup>422</sup> Cf. KESSLER, H.. Cristologia. In. SCHENEIDER, Theodor. (org.). *Manual de Dogmática*. V. I: prolegômenos; doutrina sobre Deus; doutrina da criação; cristologia; pneumatologia. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 219-220; RAUSCH, T. P. (org.). *Introdução à teologia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 131: “Por isso, para compreender a fé no sentido católico é essencial conhecer alguma coisa sobre Jesus Cristo e sobre o papel central (o grifo é meu) que ele exerce na fé. O ramo da teologia que levanta e responde a pergunta, “Quem é Jesus?” é a cristologia. [...] uma breve descrição das principais características da cristologia contemporânea nos dará condições de identificar alguns traços definitivos que fazem de *Jesus Cristo o objeto central da fé* (o grifo é meu)”.

<sup>423</sup> Cf. KESSLER, H.. Cristologia. In. SCHENEIDER, Theodor. (org.). *Manual de Dogmática*. V. I: prolegômenos; doutrina sobre Deus; doutrina da criação; cristologia; pneumatologia. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 219; RAUSCH, T. P. (org.). *Introdução à teologia*. São Paulo: Paulus, 2004, p.131; FC 13.

Jesus, o Cristo, é a chave de compreensão de toda a teologia<sup>424</sup>: da unidade do Deus Trindade<sup>425</sup>, da essência e da verdade do ser humano e de todas as realidades existentes; todos os tratados e temas teológicos, moral, graça, revelação, escatologia, eclesiologia e prática pastoral; no dizer de Hans Kessler:

A fé cristã, portanto, é de maneira central fé em Jesus Cristo, orientação para ele, relação com ele e confissão nele. É que ele dá acesso à relação correta de confiança com Deus e à relação verdadeiramente humana e solidária com os seres humanos e as demais criaturas. Ele é o caminho para Deus e para a salvação (cf. At 4,12; Jo 14,6); é caminho, não o alvo: *per Christum in Deum* (através de Cristo para Deus). A cristologia constitui o centro da teologia, mas não é sua totalidade<sup>426</sup>.

Se a cristologia é centro e ápice da teologia e, ao mesmo tempo, chave hermenêutica de todos os temas, é possível uma leitura cristológica da *Familiaris Consortio*<sup>427</sup>. É plausível que a obra salvífica do Verbo Encarnado tenha se dado em vista da família humana, em sua realidade de vida<sup>428</sup>, cujo ambiente vital se encontra na realidade da família<sup>429</sup>. De fato, a família, alicerçada no matrimônio como sacramento, tem participação e relação íntima com o mistério do Redentor, símbolo real do acontecimento da salvação que representa o mistério totalizador de Cristo – Encarnação e Aliança Pascal:

Como cada um dos sete sacramentos, também o matrimônio é um símbolo real do acontecimento da salvação, mas de um modo próprio. «Os esposos participam nele enquanto esposos, a dois como casal, a tal ponto que o efeito primeiro e imediato do matrimônio (*res et sacramentum*) não é a graça sacramental propriamente, mas o vínculo

<sup>424</sup> Cf. RAUSCH, T. P. (org.). *Introdução à teologia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 126-147.

<sup>425</sup> Cf. LADARIA, L. F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 23-27.

<sup>426</sup> KESSLER, H.. Cristologia. In. SCHENEIDER, Theodor. (org.). *Manual de Dogmática*. V. I: prolegômenos; doutrina sobre Deus; doutrina da criação; cristologia; pneumatologia. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 220.

<sup>427</sup> A *Familiaris Consortio* utiliza em seu texto o nome de Jesus Cristo, seus títulos, termos e temas da cristológicos como Cristo, Senhor, Filho de Deus, Encarnação, Redenção, Morte e Ressurreição, Escatologia, Aliança, Graça, na busca constante de fundamentar as afirmações teológicas e pastorais do documento: cf.: FC 3; 4; 5; 6; 9; 10; 13; 15; 16; 17; 19; 20; 21; 22; 26; 30; 33; 34; 38; 38; 39; 44; 48; 50; 51; 52; 53; 54; 55; 56; 57; 59; 60; 61; 62; 63; 64; 65; 66; 67; 71; 72; 73; 75; 77; 80; 84; 85.

<sup>428</sup> Cf. FC 13.

<sup>429</sup> Cf. FC 4; 6-8.

conjugal cristão, uma comunhão a dois tipicamente cristã porque representa o mistério da Encarnação de Cristo e o seu Mistério de Aliança<sup>430</sup>.

À luz de Jesus Cristo de Nazaré, a realidade única – símbolo salvífico e representante do mistério –, faz do matrimônio e da família um “lugar teológico”<sup>431</sup>, um “lugar hermenêutico de confluência”<sup>432</sup>. Hermenêutico, porque “no contexto atual, ‘as verdades fundamentais da Igreja católica’ correm o risco de serem deformadas ou negadas”<sup>433</sup>, exigindo que, à luz da fé e da reta razão, a verdade sobre a família e o matrimônio seja devidamente aprofundada e compreendida de forma inteligível a todo povo cristão, como foi o desejo de João Paulo II, já no discurso aos delegados do Sínodo dos Bispos de 1980 sobre a tarefa da família no mundo de hoje<sup>434</sup>.

## 2. Vida conjugal e familiar: “lugar teológico” à luz do Mistério de Cristo

A teologia contemporânea reconhece a presença de fenômenos conseqüentes da modernidade e pós-modernidade como o pluralismo, a fragmentação, o individualismo, o subjetivismo, hedonismo e, especialmente, o ceticismo racionalista e cientificista destituídos de qualquer possibilidade da realidade transcendente<sup>435</sup>. Tais conseqüências trouxeram para a

---

<sup>430</sup> FC 13.

<sup>431</sup> LIBANIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia*: perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996, p. 34.

<sup>432</sup> AZEVEDO, W. O. de. Família: lugar hermenêutico de confluência. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de.; (org.). *Família XXI*: Entre pós-modernidade e cristianismo. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 59.

<sup>433</sup> AZEVEDO, W. O. de. Família: lugar hermenêutico de confluência. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de.; (org.). *Família XXI*: Entre pós-modernidade e cristianismo. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 59.

<sup>434</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Discurso ao Conselho da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 23 de fevereiro de 1980*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1980.pdh](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980.pdh)>. Acesso em 15 outubro 2006, 08:09:00.

<sup>435</sup> Cf. FISICHELLA, R. *Introdução à teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2000, p.35-43; SCOLA, A. *O Mistério Nupcial*, p. 11-12; HAUGHT, J. F. *Mistério e promessa*: teologia da revelação. São Paulo: Paulus, 1998, p. 15-19; Passim. TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Teologia na pós-modernidade*: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003.

teologia novos desafios e novas perspectivas<sup>436</sup>. Uma das grandes dificuldades da teologia anterior ao Vaticano II foi o diálogo com a modernidade, hoje não é muito diferente<sup>437</sup>.

A pluralidade desafia a todos: desafia a Igreja a uma pastoral mais exigente, à teologia e aos crentes a uma maior liberdade responsável e criativa<sup>438</sup>. A teologia sofre grandes e profundas modificações. Os teólogos clássicos conheceram os “lugares teológicos”<sup>439</sup>, termo compreendido, inicialmente, como uma elaboração teológica sobre a realidade, mas a partir das fontes principais da teologia: a Escritura, a Tradição dos Santos Padres, os Concílios e os Teólogos clássicos. João Batista Libânio elaborou um outro conceito de “lugar teológico” a partir da experiência da modernidade:

A viragem da modernidade ensinou a descobrir, em sentido diferente, mas real, como ‘lugar teológico’, a experiência humana, enquanto “lugar de sentido”. Privilegiaram-se as experiências carregadas de densidade existencial: dor, sofrimento, morte, angústia, vazio existencial etc. A teologia da libertação, por sua vez, reconheceu, no pobre, lugar privilegiado para teologizar. [...] Enfim, qualquer lugar, em que se decidem a história, a vida, a aventura e o amor humanos em sua ambigüidade, torna-se ‘lugar teológico’ de nova e diversa teologia<sup>440</sup>.

Podemos ver Cristo na família! A família é o primeiro lugar onde o ser humano faz a experiência do humano e de todas as suas contradições: a família “como verdade que humaniza plenamente os esposos, os filhos e a humanidade”<sup>441</sup>. A família é um “lugar teológico”, um lugar

<sup>436</sup> Cf. HAUGHT, J. F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. São Paulo: Paulus, 1998, p.15-27.

<sup>437</sup> Cf. LIBANIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 25-33; FISICHELLA, R. *Introdução à teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2000, p.17-27.

<sup>438</sup> SCOLA, A. *O Mistério Nupcial*, p. 12.

<sup>439</sup> Cf. LIBANIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 33-34.

<sup>440</sup> LIBANIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 34.

<sup>441</sup> TRUJILLO, C. A. L. *O evangelho da família e da vida no pontificado de João Paulo I*. Disponível em: <[www.presbiteros.com.br/Artigos/O%20Evangelho%20da%20fam,htm](http://www.presbiteros.com.br/Artigos/O%20Evangelho%20da%20fam,htm)>. Acesso em: 13 janeiro 2006, 10:05:15. Cf. FC 15.25.43;

de sentido, uma realidade a partir do qual inúmeras temáticas interdisciplinares científicas, especialmente antropológicas e cristãs, podem ser discutidas<sup>442</sup>.

Para ilustrar a importância do “lugar teológico”, belissimamente, Luiz Carlos Susin assim escreve ao referir-se a Jesus de Nazaré:

O ‘lugar teológico’ é fundamental para a teologia, para ousar pensar Deus. Pensando fora do lugar adequado, o que teremos serão falsas imagens, ídolos, projeções de desejos e de medo. Ora, para a fé cristã, o lugar teológico também tem nome, escandalosamente humilde: Jesus de Nazaré, o profeta amado e violentamente amado e violentamente executado, vivo em Deus, por quem muitos vivem. Ele nos ensina quem é Deus – o Pai, o Espírito em nós. Ele mesmo, em sua condição de servidor, lavando os pés, andando com pecadores, é o Filho de Deus. Jesus é o método, o caminho<sup>443</sup>.

O eixo central e convergente do ensinamento do Papa João Paulo II foi a preocupação com o humano, a verdade do homem, seu mistério que se encontra em perigo<sup>444</sup>. O ser humano se sente ameaçado, este é o perigo! E a ameaça é o progresso, isto é, o resultado do trabalho produzido, a produção da inteligência e as tendências da vontade humana<sup>445</sup>. A verdade do homem é plenamente manifestada e iluminada somente à luz da verdade sobre Jesus Cristo, entendido, fundamentalmente, como o Redentor do homem, centro do cosmos e da história<sup>446</sup>. A humanidade toda deve abrir-se a Jesus Cristo, pois, ele revela o homem ao próprio homem<sup>447</sup>. Na

---

<sup>442</sup> Cf. FC 4.11-16; AZEVEDO, W. O. de. Família: lugar hermenêutico de confluência. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de.; (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 59-70; MACHADO, G. B. F. Família e cultura contemporânea: aspectos filosóficos e antropológicos. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de.; (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 145-180; GONÇALVES, P. S. L. O ser humano como imagem e semelhança de Deus: antropologia teológica. TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p.301-334.

<sup>443</sup> SUSIN, L. C. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 6.

<sup>444</sup> Cf. RH 16.

<sup>445</sup> RH 15.

<sup>446</sup> Cf. RH 1; FC 9; AZEVEDO, W. O. de. Família: lugar hermenêutico de confluência. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de.; (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p.

<sup>447</sup> Cf. RH 8. 10; GS 22

perspectiva antropológica do Papa, o homem é a imagem e semelhança do Criador e Redimido por Jesus Cristo<sup>448</sup>.

Na *Familiaris Consortio*, o Papa, ao considerar a realidade do matrimônio e da família, sua identidade e missão, a considera sob o ponto de vista antropológico e cristológico<sup>449</sup>: antropológico, enquanto a família é lugar de humanização e socialização, pois, é nas relações familiares e sociais que acontece o verdadeiro processo de humanização de todos os membros da comunidade de vida e de amor; cristológico, enquanto tudo se relaciona ao mistério de Cristo Redentor e Salvador.

Cada membro da família deve ser um seguidor de Jesus Cristo e a maior tarefa dos pais é a evangelização dos filhos<sup>450</sup>. Nessa perspectiva, a *Familiaris Consortio* pretende refletir o mistério do homem na família humana à luz do mistério de Cristo, a quem tudo se refere. A identidade e a missão do matrimônio e da família encontram em Jesus Cristo o seu fundamento, sua participação e a sua realização<sup>451</sup>.

A fonte vocacional e missionária de João Paulo II é Jesus “Cristo, Filho do Deus vivo” (Mt 16,16). A primeira homilia, pronunciada no início de seu Pontificado no domingo de 22 de outubro de 1978, com a mesma convicção de Simão Pedro, registra as primeiras palavras do Pontífice, tiradas do Evangelho de Mateus: “Simão Pedro, respondendo, disse: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’. Jesus respondeu-lhe: ‘Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne e o sangue que te revelaram isso, e sim meu Pai que está nos céus’” (Mt 16,16-

<sup>448</sup> Cf. FC 5.8.11.17.20.28; AZEVEDO, W. O. de. Família: lugar hermenêutico de confluência. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de.; (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p.

<sup>449</sup> Cf. FC 43.11.15.25.40.51.52.71; RH 10; AZEVEDO, W. O. de. Família: lugar hermenêutico de confluência. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de.; (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 59.

<sup>450</sup> Cf. FC 13; 20-39. 50.

<sup>451</sup> Cf. TRUJILLO, C. A. L. *O evangelho da família e da vida no pontificado de João Paulo I*. Disponível em: <[www.presbiteros.com.br/Artigos/O%20Evangelho%20da%20fam,htm](http://www.presbiteros.com.br/Artigos/O%20Evangelho%20da%20fam,htm)>. Acesso em: 13 janeiro 2006, 10:05:15; RH 8; Gratíssimam sane, 19.

17). “‘Esta era uma questão de fé’ [...]”<sup>452</sup>. Na missão de Pedro, segundo o Papa, estava incluída a história da salvação, a história do Povo de Deus e, agora, uma nova dimensão, a história da Igreja: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” (Mt 16,18)<sup>453</sup>. Não tenham medo! Abri, antes, escancarai a porta a Cristo!”

### 3. Elementos de Cristologia na Exortação Pós-Sinodal *Familiaris Consortio*

Somente Deus pode revelar o mistério de si mesmo<sup>454</sup>. Todas as reflexões a respeito de Deus são tentativas de aproximação do mistério a partir da autocomunicação – doação – que Deus faz de si mesmo à humanidade em Jesus Cristo, o Verbo encarnado<sup>455</sup>. O Deus único, entendido como Trindade de Pessoas, continua a comunicar-se na história e, por isso, deve ser buscado em todas as coisas<sup>456</sup>.

O conceito revelação (palavra latina “*revelare*”, tirar o véu), sofreu modificações significativas na teologia ao longo das gerações. Antes do Vaticano II, a teologia católica mantinha uma compreensão “proposicional” da revelação, pois, era conceituada como a fala de Deus que comunica verdades necessárias à salvação da humanidade. A teologia protestante, como o teólogo Paul Althaus, questionou a postura católica acusando-a de ter uma noção “demasiada intelectualizada e despersonalizada da revelação”<sup>457</sup>.

<sup>452</sup> JOÃO PAULO II. *Homilia no início de seu Pontificado*. Domingo 22 de outubro de 1978. Disponível em: <[www.vatican.va/holy\\_father/jon\\_paul\\_ii/speeches/1978/documentis.htm](http://www.vatican.va/holy_father/jon_paul_ii/speeches/1978/documentis.htm)>. Acesso em: 04 outubro 2006, 17:00:00.

<sup>453</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Homilia no início de seu Pontificado*. Domingo 22 de outubro de 1978. Disponível em: <[www.vatican.va/holy\\_father/jon\\_paul\\_ii/speeches/1978/documentis.htm](http://www.vatican.va/holy_father/jon_paul_ii/speeches/1978/documentis.htm)>. Acesso em: 04 outubro 2006, 17:00:00.

<sup>454</sup> Cf. 1Cor 2,11.

<sup>455</sup> Cf. 1Cor 2,3-5. 9; Is 64, 3. Cf. também: FISICHELLA, R. *Introdução à teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 11-12; LADARIA, L. F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 21-22.

<sup>456</sup> Cf. BOFF, L. *São José: a personificação do Pai*. Campinas: Verus Editora, 2005, p. 23.24.

<sup>457</sup> HAUGHT, J. F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 12.

Após o Vaticano II<sup>458</sup>, a teologia católica abriu-se ao diálogo com teólogos protestantes. Ambos entendem hoje a revelação com referência “à doação que Deus faz de si mesmo ao mundo”<sup>459</sup>. A teologia católica refletiu a natureza da revelação a partir da releitura da Sagrada Escritura, dos Padres da Igreja, do Magistério e outras fontes teológicas, entre elas, ecumenicamente, os teólogos protestantes<sup>460</sup>.

Auto-revelação, autodoação, autocomunicação são termos hoje aplicados à compreensão da revelação. Deus que se doa a si mesmo ao mundo. A Sagrada Escritura não apresenta uma noção explícita de revelação, a auto-revelação é entendida “em forma de *promessa*”, “*promessas reveladoras*”<sup>461</sup>. Jesus Cristo, a grande promessa reveladora de Deus, em sua encarnação, vida, morte e ressurreição, despertou a resposta de fé e esperança cristãs, dando origem à Igreja.

A cristologia, através de diferentes óticas, sempre abordou o mistério de Jesus Cristo, sua pessoa e seu significado para a salvação do ser humano. A teologia, hoje, é obrigada a inserir em seu cenário temas atualíssimos exigidos pelo racionalismo e cientificismo céticos do mundo plural. O cosmos, a criação e a história, na nova perspectiva cosmológica ambiental, é um exemplo, pois, “vivemos na era da ciência, da astrofísica, da biologia evolucionária e da informação”<sup>462</sup>. As hipotéticas conjunturas cosmológicas e o pluralismo religioso emergentes devem levar a teologia a trabalhar em diálogo com as ciências na busca de uma resposta

---

<sup>458</sup> Cf. DV Passim.

<sup>459</sup> HAUGHT, J. F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 12.

<sup>460</sup> Cf. HAUGHT, J. F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 11-13.

<sup>461</sup> HAUGHT, J. F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 11-13; cf. MÜLLER, U. B. *A encarnação do Filho de Deus: Concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo*. São Paulo: Loyola, 2004, passim.

<sup>462</sup> HAUGHT, J. F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 20; EUVÉ, F. *Pensar a criação como jogo*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 51-82. 245-304.

percebida pela fé e a revelação sobre, por exemplo, questões como o sentido da significação redentora de Jesus de Nazaré afirmada pelo cristianismo como revelação última de Deus<sup>463</sup>.

A família, “sinal eficaz do amor de Cristo e da Igreja [...] sujeitos responsáveis e protagonistas da vida eclesial e social”<sup>464</sup>, está em íntima e estreita relação com o mistério de Deus Criador e Redentor: “A confiança que o Pai tem em relação à família é tão forte que, pensando nela, enviou seu Filho, o Esposo, que veio para redimir a sua esposa, a Igreja e, nela, cada homem e cada família (cf. CtFm 18)”<sup>465</sup>.

Vê-se claramente que a história da salvação tem o seu ponto culminante e significado supremo em Jesus Cristo. N'Ele, todos nós recebemos «graça sobre graça» (*Jo* 1, 16), conseguindo ser reconciliados com o Pai (cf. *Rm* 5, 10; *2 Cor* 5, 18)”. Jesus é verdadeiramente a realidade nova que supera tudo quanto a humanidade pudesse esperar, e tal permanecerá para sempre ao longo das épocas sucessivas da história. Deste modo, a encarnação do Filho de Deus e a salvação que realizou com a sua morte e ressurreição são o verdadeiro critério para avaliar a realidade temporal e qualquer projeto que procure tornar a vida do homem cada vez mais humana<sup>466</sup>.

O projeto humano de comunidade de vida e amor, a família alicerçada no matrimônio como sacramento, está dentro do critério humanizador – “a encarnação do Filho de Deus e a salvação que realizou com sua morte e ressurreição”<sup>467</sup>.

Sem desconsiderar os indispensáveis pressupostos da cristologia clássica e contemporânea, a prioridade concentra-se em demonstrar os elementos de cristologia emergentes

<sup>463</sup> Cf. HAUGHT, J. F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. São Paulo: Paulus, 1998, p.19-80; 20 e 76; EUVÉ, F. *Pensar a criação como jogo*. São Paulo: Paulinas, 2006. Passim.

<sup>464</sup> JOÃO PAULO II. *Incarnationis mysterium: bula de proclamação do grande jubileu do ano 2000*. 29 novembro 1998. Disponível em: < [http://www.vatican.va/jubilee\\_2000/docs/documents/hf\\_jp-ii\\_doc\\_30111998\\_bolla-jubilee\\_po.html](http://www.vatican.va/jubilee_2000/docs/documents/hf_jp-ii_doc_30111998_bolla-jubilee_po.html)>. Acesso em: 04 outubro 2006, 17:00:00.

<sup>465</sup> JOÃO PAULO II. *Incarnationis mysterium: bula de proclamação do grande jubileu do ano 2000*. 29 novembro 1998. Disponível em: < [http://www.vatican.va/jubilee\\_2000/docs/documents/hf\\_jp-ii\\_doc\\_30111998\\_bolla-jubilee\\_po.html](http://www.vatican.va/jubilee_2000/docs/documents/hf_jp-ii_doc_30111998_bolla-jubilee_po.html)>. Acesso em: 04 outubro 2006, 17:00:00.

<sup>466</sup> JOÃO PAULO II. *Incarnationis mysterium: bula de proclamação do grande jubileu do ano 2000*. 29 novembro 1998. Disponível em: < [http://www.vatican.va/jubilee\\_2000/docs/documents/hf\\_jp-ii\\_doc\\_30111998\\_bolla-jubilee\\_po.html](http://www.vatican.va/jubilee_2000/docs/documents/hf_jp-ii_doc_30111998_bolla-jubilee_po.html)>. Acesso em: 04 outubro 2006, 17:00:00.

<sup>467</sup> JOÃO PAULO II. *Incarnationis mysterium: bula de proclamação do grande jubileu do ano 2000*. 29 novembro 1998. Disponível em: < [http://www.vatican.va/jubilee\\_2000/docs/documents/hf\\_jp-ii\\_doc\\_30111998\\_bolla-jubilee\\_po.html](http://www.vatican.va/jubilee_2000/docs/documents/hf_jp-ii_doc_30111998_bolla-jubilee_po.html)>. Acesso em: 04 outubro 2006, 17:00:00; cf. FC 5-6. 13. 15. 17. 22. 31. 39. 68-69. 80. 84.

da *Familiaris Consortio*, na perspectiva global do pensamento de João Paulo II: Jesus Cristo é o Redentor do homem e centro do cosmos e da história<sup>468</sup>.

### 3.1 No mistério da Sagrada Família: Encarnação do Filho de Deus e vida escondida de Jesus

A Exortação Apostólica Pós-sinodal *Familiaris Consortio* tem sido amplamente lida em sua dimensão teológico-sacramental, antropológica e pastoral, contudo, pouco ainda se fez em relação à leitura em sua dimensão cristológica. Foi desejo do Santo Padre que fossem aprofundados e valorizados “todos os aspectos e riquezas contidas nas proposições do Sínodo (cf, FC 2), [...] na defesa e no serviço do Evangelho da Família”<sup>469</sup>. Sobre a Exortação, pensava o Pontífice ser “um acontecimento de singular importância para a vida da Igreja e diz respeito a um dos temas que me está mais no coração: *a família*. [E despertou] uma nova consciência e nova sensibilidade a respeito da família”<sup>470</sup>.

A “identidade e a missão da família querida por Deus para ‘guardar, revelar e comunicar o amor’ (FC 17)”<sup>471</sup>, tem seu fundamento na missão eclesial<sup>472</sup> e, por isso, seu conteúdo converge

<sup>468</sup> Cf. RH 1 e Passim; JOÃO PAULO II. *Homília no início de seu Pontificado*. Domingo 22 de outubro de 1978. Disponível em: <[www.vatican.va/holy\\_father/jon\\_paul\\_ii/speeches/1978/documentis.htm](http://www.vatican.va/holy_father/jon_paul_ii/speeches/1978/documentis.htm)>. Acesso em: 04 outubro 2006, 17:00:00; JOÃO PAULO II. *Incarnationis mysterium: bula de proclamação do grande jubileu do ano 2000*. 29 novembro 1998. Disponível em: <[http://www.vatican.va/jubilee\\_2000/docs/documents/hf\\_jp-ii\\_doc\\_30111998\\_bolla-jubilee\\_po.html](http://www.vatican.va/jubilee_2000/docs/documents/hf_jp-ii_doc_30111998_bolla-jubilee_po.html)>. Acesso em: 04 outubro 2006, 17:00:00.

<sup>469</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso no XI Capítulo Geral das irmãs da Sagrada Família de Nazaré, 06 de julho 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/jonh\\_paul\\_ii/speeches/2001/documentis/hf\\_ip\\_spe](http://www.vatican.va/holy_father/jonh_paul_ii/speeches/2001/documentis/hf_ip_spe)>. Acesso em 03 novembro 2006, 11:09:00.

<sup>470</sup> JOÃO PAULO II. *Mensagem ao Congresso do Pontifício Conselho para a Família na celebração do 20 ano da “Familiaris Consortio”*. 22 de novembro de 2001. Disponível em: <[www.vatican.va/holy\\_father/jon\\_paul\\_ii/speeches/2001/nov/documentis.htm](http://www.vatican.va/holy_father/jon_paul_ii/speeches/2001/nov/documentis.htm)>. Acesso em: 05 outubro 2006, 17:35:46.

<sup>471</sup> JOÃO PAULO II. *Mensagem ao Congresso do Pontifício Conselho para a Família na celebração do 20 ano da “Familiaris Consortio”*. 22 de novembro de 2001. Disponível em: <[www.vatican.va/holy\\_father/jon\\_paul\\_ii/speeches/2001/nov/documentis.htm](http://www.vatican.va/holy_father/jon_paul_ii/speeches/2001/nov/documentis.htm)>. Acesso em: 05 outubro 2006, 17:35:46.

<sup>472</sup> Cf. FC 17-50.

para a tríplice e unitária “*referência a Jesus Cristo Profeta, Sacerdote e Rei*”<sup>473</sup>, apresentando a família cristã como comunidade crente e evangelizadora, comunidade em diálogo com Deus e comunidade a serviço do homem<sup>474</sup>.

O mundo de hoje traz consigo numerosas ameaças. Experimentam-nas homens e mulheres, jovens e crianças... Todavia, parece que a família é a mais ameaçada! Não nos devemos desencorajar! Quanto mais numerosos os perigos, tanto maior é a necessidade de fé, de esperança, de caridade, de oração e de testemunho de vida cristã. Concedido beatificar no dia 23 de Abril de 1989, indicou para a vossa comunidade, como modelo de vida, o exemplo da sagrada família de Nazaré: justamente convidou-vos a seguir os passos de Jesus, de Maria e de José. Formando uma comunidade religiosa de amor, ajudai as famílias a opor-se ‘à maior tentação dos nossos tempos’, a rejeição do Deus Amor. Ajudai as famílias a abrir-se para Cristo! Isto tornar-se-á possível na medida em que a vossa vida de oração e o vosso testemunho forem filtrados de modo especial pela solicitude em relação à família. Possam as famílias [...] voltar a encontrar na Família de Nazaré o paradigma da sua vida e do seu comportamento<sup>475</sup>.

O “Reino do amor divino, [qualificado] na Encarnação do filho de Deus e a vida escondida de Jesus no mistério da Sagrada Família”<sup>476</sup>, tem algo a dizer ao ser humano e à família da atualidade?

### 3.1.1 O mistério de Nazaré: Reino do Amor divino

O mistério de Nazaré é o mistério da vida da família de Jesus, Maria e José, família comum aos olhos dos contemporâneos, cujo significado tem relação com a Família divina: Maria

---

<sup>473</sup> FC 50.

<sup>474</sup> Cf. FC 50-64.

<sup>475</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso no XI Capítulo Geral das irmãs da Sagrada Família de Nazaré, 06 de julho 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/2001/documentis/hf\\_ip\\_spe](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2001/documentis/hf_ip_spe)>. Acesso em 03 novembro 2006, 11:09:00.

<sup>476</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso no XI Capítulo Geral das irmãs da Sagrada Família de Nazaré, 06 de julho 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/2001/documentis/hf\\_ip\\_spe](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2001/documentis/hf_ip_spe)>. Acesso em 03 novembro 2006, 11:09:00.

e José de Nazaré são figuras teológicas pela relação hipostática (no grego e na teologia oficial o termo significa “pessoa”), isto é, relação direta, única e singular com as Pessoas divinas. Sem eles não há encarnação concreta, como testemunham os evangelhos<sup>477</sup>. Eles foram envolvidos intimamente no desígnio salvífico de Deus através da encarnação do Verbo, Jesus Cristo, o Evento que cumpre a *promessa*<sup>478</sup>.

José, ao lado de Maria, exerceu grande influência na vida e educação de Jesus. Deixado de lado pela reflexão teológica José, todavia, jamais foi esquecido pelo mundo devocional e piedoso<sup>479</sup>. Ele foi mais que mero protetor e provedor da família de Nazaré. As relações interpessoais, familiar e social, do Filho de Deus, filho de Maria e “filho” de José, seus “autênticos pais”<sup>480</sup>, forjaram a personalidade humana de Jesus<sup>481</sup>.

A história do «belo amor» tem início com a Anunciação, naquelas palavras admiráveis que o Anjo dirigiu a Maria, chamada a ser a Mãe do Filho de Deus. Com o «sim» de Maria, Aquele que é «Deus de Deus, Luz da Luz», torna-se filho do homem; Maria é sua Mãe, sem deixar de ser a Virgem que «não conhece homem» (cf. *Lc* 1, 34). Como Mãe-Virgem, Maria torna-se *Mãe do belo amor*. Esta verdade está revelada já nas palavras do Arcanjo Gabriel, mas o seu pleno significado será pouco a pouco confirmado e aprofundado, à medida que Maria for seguindo o seu Filho na peregrinação da fé.

A «Mãe do belo amor» foi recebida por aquele que, segundo o costume de Israel, era já seu esposo terreno, *José, da estirpe de David*. Ele teria o direito de pensar na consorte já desposada como sua mulher e mãe dos seus filhos. Porém, nesta aliança sponsal, Deus intervém com uma iniciativa própria: «José, filho de David, não temas receber Maria tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo» (*Mt* 1, 20). José está ciente do estado de Maria, constata com os próprios olhos que n'Ela foi concebida uma nova vida

<sup>477</sup> Cf. Genealogia de Jesus: *Mt* 1,16; *Lc* 3,23; anúncio do nascimento de Jesus: *Mt* 1,18-21.24-25; *Lc* 1,26-27.34; o nascimento de Jesus: *Lc* 1,1-5.15-16; a fuga para o Egito: *Mt* 1,13-15; volta para Nazaré *Mt* 2,19-23; apresentação do menino Jesus no Templo: *Lc* 2,22-39; Jesus no Templo aos 12 anos: *Lc* 2,41-51; Jesus é filho de José, o carpinteiro: *Mt* 13,54-56; *Lc* 4,22; *Jo* 1,45; 6,41-42.

<sup>478</sup> Cf. BOFF, L. *São José: a personificação do Pai*. Campinas: Verus Editora, 2005, p. 15-115; RH 1-2.8; GIORDANO, N. *A família, ícone da Trindade*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 47-51.

<sup>479</sup> Cf. BOFF, L. *São José: a personificação do Pai*. Campinas: Verus Editora, 2005, p. 21-115; FC Conclusão; RH 9.22.

<sup>480</sup> Cf. *Lc* 1-2.

<sup>481</sup> Cf. BOFF, L. *São José: a personificação do Pai*. Campinas: Verus Editora, 2005. *Passim*.

que não provém dele, e, como homem justo, respeitador da Lei antiga que, no seu caso, impunha a obrigação do divórcio, quer rescindir, de forma caridosa, o seu matrimônio (cf. *Mt* 1, 19). O Anjo do Senhor faz-lhe saber que isso não estaria de acordo com a sua vocação, antes, seria contrário ao amor esponsal que o une a Maria. Este recíproco amor esponsal, para ser plenamente o «belo amor», exige que ele acolha Maria e o Filho d'Ela sob o teto da sua casa, em Nazaré. José obedece à mensagem divina e atua segundo o que lhe fora mandado (cf. *Mt* 1, 24). É graças também a José que o *mistério da encarnação* e, juntamente com ele, o mistério da Sagrada Família, *fica inscrito profundamente no amor esponsal do homem e da mulher* e indiretamente na genealogia de cada família humana. Aquilo que S. Paulo designará por «grande mistério», encontra na Sagrada Família a sua expressão mais alta. A *família* coloca-se assim verdadeiramente *no centro da Nova Aliança*<sup>482</sup>.

O Verbo, à medida que se manifestava na “carne” (cf. Jo 1,14), isto é, na situação humana frágil, limitada e mortal, assumia a natureza humana<sup>483</sup>.

A família tem a sua origem naquele mesmo amor com que o Criador abraça o mundo criado, como se afirma já ‘ao princípio’, no livro do Gênesis (1,1). Uma suprema confirmação disso mesmo, no-la oferece Jesus no Evangelho: “‘Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho unigênito’ (Jo 3,16). O Filho unigênito, consubstancial ao Pai, ‘Deus de Deus, Luz da Luz’, entrou na história dos homens através da família: ‘Pela sua Encarnação, ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, (...) amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (GS 22)’. Se é certo que Cristo ‘revela plenamente o homem a si mesmo’ (GS 22), fá-lo a começar da família onde ele escolheu nascer e crescer<sup>484</sup>.

A salvação do homem se dá por meio do próprio homem, considerando que a Encarnação do Verbo foi o acontecimento no qual o Filho de Deus “se uniu de certo modo com cada homem”<sup>485</sup>. O Verbo, fazendo-se homem<sup>486</sup>, salva o ser humano e toda a criação. O homem, caminho, missão e ministério da Igreja<sup>487</sup>, encontra na família o primeiro e mais importante via,

<sup>482</sup> CtFm 20.

<sup>483</sup> Cf. BOFF, L. *São José: a personificação do Pai*. Campinas: Verus Editora, 2005, p. 156-166; RH 10.

<sup>484</sup> CtFm 2.

<sup>485</sup> GS 1; Cf. CtFm, 1-2; RH 13-16.

<sup>486</sup> Cf. Jo 1,1.14; 2Cor 5,16; 1Tm 3,16; Hb 10,20; 1Jo 1,1; 2Jo 7; Ap 19,13; Mt 1; Lc 1-2.

<sup>487</sup> Cf. CtFm, 1; RH, 14.

pois, à família, ele “deve o próprio fato de existir como homem”<sup>488</sup>. Cristo, para revelar o homem a si mesmo, Encarna-se no seio de uma família, assumindo como “filho do homem” (Fl 2,8), “submisso” (Lc 2,51) a Maria e a José, as condições humanas em sua totalidade. O Redentor revelou em sua submissão humana, a submissão ao Pai até a morte de cruz, por meio da qual remiu o mundo<sup>489</sup>.

Sabe-se que o Redentor passou grande parte da sua vida no recanto escondido de Nazaré, ‘submisso’ (Lc 2,51) como ‘filho do homem’ a Maria, sua Mãe, e a José, o carpinteiro. Esta sua ‘obediência’ filial não é já a primeira manifestação daquela obediência ao Pai ‘até a morte’ (Fl 2,8), por meio da qual redimiu o mundo?<sup>490</sup>

Deus, Uno e Trino, tal como é na vida íntima – em seu mistério mais profundo e em sua revelação, autoadoção e autocomunicação – aconteceu através de Jesus Cristo, único meio pelo qual o homem tem acesso e pode ser compreendido em si mesmo: “Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,27)<sup>491</sup>. Da afirmação acima, pode-se deduzir que somente a partir da economia da salvação se pode chegar à teologia, ao mistério imanente. Contudo, em relação à cristologia pode-se afirmar que no agir salvífico de Jesus, verdadeiro homem, concretamente situação na história, compreende-se sua divindade, pois, Ele é o Verbo de Deus que por si mesmo assume da Virgem a carne humana e, por obra do Espírito Santo, faz morada na humanidade: nascido de mulher, cujo nome era Maria<sup>492</sup>.

<sup>488</sup> CtFm 2.

<sup>489</sup> Cf. CtFm 2; Fl 2,8; SCHILLEBEECKX, E. *Maria, mãe da redenção*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1968, p.63-71.

<sup>490</sup> CtFm 2.

<sup>491</sup> Cf. Mt 11, nota (b). In: BÍBLIA: Bíblia de Jerusalém. ed. nov. at. rev. São Paulo: Paulus, 2003, p. 1724: “A afirmação de Jesus segundo a qual ele estava em relação íntima com Deus (vv. 26-27) e o seu convite ao discipulado (vv. 28-30) evocam muitos passos dos livros sapienciais (Pv 8,22-36; Eclo 24,3-9.19-20; Sb 8,3-4; 9,9-18 etc). Jesus, desse modo, atribui a si mesmo o papel da Sabedoria (cf. Mt 11,19+), mas de maneira especial, não já como personificação, mas como pessoa, ‘o Filho’ por excelência do Pai (cf. 4,3+). Esse passo de sabor joanino (cf. Jo 1,18; 3,11.35; 6,46; 10,15 etc) denuncia, exatamente como em João, a consciência clara que Jesus tinha da sua filiação divina. A estrutura desta passagem pode ter sido influenciada por Eclo 51 sobre este tema das relações privilegiadas com Deus (ver também Ex 33,12-23)”.

<sup>492</sup> Cf. LC 1,28; Gl 4,4; FC 22.

A historiografia moderna reconhece unanimemente, à diferença do fim do século XIX e início do século XX, a existência histórica de Jesus, proclamado pelos cristãos como o Cristo. O elemento central e conteúdo fundamental da Revelação econômico-salvífica na experiência de fé de Israel é, em última análise, a comunhão entre Deus e a humanidade<sup>493</sup>. Essa se deu, não meramente de comunicação de dons e benefícios, mas através da doação de si mesmo que Deus faz ao homem. Em Jesus Cristo se cumpriu definitivamente a autocomunicação de Deus: “Esta revelação chega à definitiva plenitude no dom do amor que o Verbo de Deus faz à humanidade, assumindo a natureza humana”<sup>494</sup>.

Toda a economia Salvífica está em vista da relação reconciliadora entre Deus e o ser humano, pois, o fim último do homem é Deus<sup>495</sup>. O cristão se compreende a partir dessa economia que foi realizada por Jesus no acontecimento pascal: “ele verdadeiramente realiza a reconciliação entre Deus e a humanidade”<sup>496</sup>. A Encarnação do Verbo é o máximo da manifestação do conteúdo fundamental da revelação: o mistério do amor de Deus pelos homens<sup>497</sup>. Ela é percebida pela fé cristã como a presença divina na existência humana.

A cristologia desenvolveu, ao longo dos séculos, conceitos e categorias da reflexão teológica como: o Cristo da fé e o Jesus histórico. Muitas vezes, na reflexão teológica, uma existiu sem a outra. O Jesus Cristo da fé é histórico<sup>498</sup>: o Deus que é humano e o humano que é Deus; ele que fala de Deus aos homens e fala aos homens de si mesmo; revela o seu mistério ao mesmo tempo em que articula a relação entre Deus e os homens. A cristologia contempla Jesus, o

<sup>493</sup> Cf. GESCHÉ, A. *O Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 5-9; FC 12.

<sup>494</sup> FC 13; cf. LIBANIO, J. B. *Sempre Jesus: a caminho do novo milênio*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 30-31.

<sup>495</sup> Cf. RH, 7-11.20; FC 21 LADARIA, L. F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 19-22.

<sup>496</sup> RAUSCH, T. P. (org.). *Introdução à teologia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 131.

<sup>497</sup> Cf. Jo 3, 16; LADARIA, L. F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 25-26.

<sup>498</sup> Cf. GESCHÉ, A. *O Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 5-6; 49-114; LIBANIO, J. B. *Sempre Jesus: a caminho do novo milênio*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 41-124; RAUSCH, T. P. (org.). *Introdução à teologia*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 131-132.

Cristo, em sua unidade divina e humana<sup>499</sup>. Na relação entre Deus e o humano, o humano participa da vida de Deus que se autocomunica, que se doa a si mesmo aos homens. A manifestação plena dessa verdade salvífica está realizada em Jesus Cristo<sup>500</sup>:

Neste contexto, a família de Nazaré é parte integrante do mistério salvífico. Ali, no seio daquela família, Deus, na totalidade do seu mistério, revela-se e se autocomunica aos homens. Maravilhosamente, os primeiros entre os humanos a fazer essa experiência singular são: Maria, José, os irmãos, os habitantes de Nazaré e tantos outros que passaram pela vida de Jesus. Ele assume a realidade humana e toca o mistério profundo do homem, em sua existência histórica: Jesus era judeu, descendência de Davi, Filho de Abraão, membro do povo da promessa e, ao mesmo tempo, realizador definitivo dessa mesma promessa<sup>501</sup>. João Paulo II escreve na Encíclica *Redemptor Hominis*:

O II Concílio do Vaticano, na sua penetrante análise do «mundo contemporâneo», chegava aquele ponto que é o mais importante do mundo visível, o homem, descendo — como Cristo — até ao profundo das consciências humanas, tocando mesmo o mistério interior do homem, que na linguagem bíblica (e também não bíblica) se exprime com a palavra «coração». Cristo, Redentor do mundo, é Aquele que penetrou, de uma maneira singular e que não se pode repetir, no mistério do homem e entrou no seu «coração». Justamente, portanto, o mesmo II Concílio do Vaticano ensina: «Na realidade, só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. Adão, de fato, o primeiro homem, era figura do futuro (*Rom 5, 14*), isto é, de Cristo Senhor. Cristo, que é o novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu Amor, *revela também plenamente o homem ao mesmo homem* e descobre-lhe a sua vocação sublime». E depois, ainda: «Imagem de Deus invisível (*Col 1, 15*), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que n'Ele a natureza humana foi assumida, sem ter sido destruída, por isso mesmo também em nosso benefício ela foi elevada a uma dignidade sublime. Porque, pela sua Encarnação, Ele, o Filho de Deus, *uniu-se de certo modo a cada*

<sup>499</sup> Cf. GESCHÉ, A. *O Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 9-9.

<sup>500</sup> Cf. GESCHÉ, A. *O Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 5-16.

<sup>501</sup> Cf. RH 8.9.22; FC 20; LIBANIO, J. B. *Sempre Jesus: a caminho do novo milênio*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 53-76; BOJORGE, H. *A figura de Maria através dos Evangelhos*. São Paulo; Loyola, 1977, passim.

*homem*. Trabalhou com mãos de homem, pensou com uma mente de homem, agiu com uma vontade de homem e amou com um coração de homem. Nascendo da Virgem Maria, Ele tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado» (GS 22). Ele, o Redentor do homem<sup>502</sup>.

### 3.1.2 O mistério da Encarnação

O matrimônio, sacramento-alicerce da família, “representa o mistério da Encarnação de Cristo e o seu Mistério de Aliança”<sup>503</sup>.

[Deste modo], *o mistério divino da Encarnação do Verbo está, pois, em estreita relação com a família humana*. Não apenas com uma — a de Nazaré —, mas de certa forma com cada família, analogamente a quanto afirma o Concílio Vaticano II do Filho de Deus que, na encarnação, «Se uniu de certo modo com cada homem» (5). Seguindo a Cristo que «veio» ao mundo «para servir» (Mt 20, 28), a Igreja considera o serviço à família uma das suas obrigações essenciais. Neste sentido, tanto o homem como a família constituem «a via da Igreja»<sup>504</sup>.

A Família do “Menino do Presépio”<sup>505</sup>, paradigma da vida e do comportamento da família<sup>506</sup> redimida que acolhe o novo homem a ser redimido. A Sagrada família tem como centro de sua vida e de seu comportamento o “Menino do Presépio”, Jesus Cristo Redentor “é o centro do cosmo e da história”<sup>507</sup>.

[A] verdade-chave da fé expressa por São João nos inícios do seu Evangelho: ‘O Verbo fez-se carne e veio habitar entre nós’ (Jo 1,14); e em outra passagem: ‘Deus, de fato, amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna’ (Jo 3,16). [...] ‘Deus, depois de ter falado outrora aos nossos pais, muitas vezes e de muitos modos, pelos Profetas, falou-nos

<sup>502</sup> RH 8.

<sup>503</sup> FC 13.

<sup>504</sup> CtFm 2.

<sup>505</sup> SCHNEIDER, R. *Desafios do convívio familiar*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 81.

<sup>506</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Discurso no XI Capítulo Geral das irmãs da Sagrada Família de Nazaré, 06 de julho 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/2001/documentis/hf\\_ip\\_spe](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2001/documentis/hf_ip_spe)>. Acesso em 03 novembro 2006, 11:09:00.

<sup>507</sup> RH 1.

nestes últimos tempos pelo Filho...’ (Hb 1,1s). Por meio do Filho-Verbo, que se fez homem e nasceu da Virgem Maria. Com este ato redentor, a história do homem atingiu, no desígnio de amor de Deus, o seu vértice. Deus entrou na história da humanidade e, enquanto homem, tornou-se sujeito a ela, um dos milhares e milhões e, ao mesmo tempo, Único!<sup>508</sup>

O mistério-fato da Encarnação é o ato fundamental através do qual Deus entrou na história e na vida humana e trouxe a ela, definitivamente, a Vida na eterna comunhão com Ele, querida desde o “princípio”<sup>509</sup>, antes da culpa que nos fez merecer tão grande redentor<sup>510</sup>.

Deus elegeu o ser humano, Criando-o e Redimindo-o por Amor. A relevante e pertinente eleição que Deus faz do ser humano para que entre em comunhão eterna de amor com Ele tem sua verdade primeira e fundamental na Encarnação do Verbo. A Igreja, já nos Evangelhos e na vida das primeiras comunidades percebeu a importância da Encarnação para a redenção humana. Mas, foi a partir das heresias que obrigaram a Igreja a sair em defesa da verdadeira fé, que o fato da Encarnação como algo de fundamental importância para a fé no Cristo Morto e Ressuscitado, foi tomando corpo<sup>511</sup>.

O homem que quiser compreender-se a si mesmo profundamente — não apenas segundo imediatos, parciais, não raro superficiais e até mesmo só aparentes critérios e medidas do próprio ser — deve, com a sua inquietude, incerteza e também fraqueza e pecaminosidade, com a sua vida e com a sua morte, aproximar-se de Cristo. Ele deve, por assim dizer, entrar n'Ele com tudo o que é em si mesmo, deve «apropriar-se» e assimilar toda a realidade da Encarnação e da Redenção, para se encontrar a si mesmo. Se no homem se atuar este processo profundo, então ele produz frutos, não somente de adoração de Deus, mas também de profunda maravilha perante si próprio. Que grande valor deve ter o homem aos olhos do Criador, se «mereceu ter um tal e tão grande

<sup>508</sup> RH 1.

<sup>509</sup> Cf. RH 1.

<sup>510</sup> Cf. Hino *Exultet* da liturgia pascal. In: RH 1.

<sup>511</sup> Cf. GS 22; SESBÔUÉ, B. (dir.). *História dos dogmas*. V. 1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002. Passim; ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995. Passim; FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004. Passim.

Redentor» (Hino *Exultet*) se «Deus deu o seu Filho», para que ele, o homem, «não pereça, mas tenha a vida eterna» (Jo 3,16)<sup>512</sup>.

João Paulo II Ensina que o caminho da Igreja é a humanidade porque Cristo pessoalmente o percorreu, ao assumir a natureza humana para redimi-la. A redenção do homem se deu a partir de dentro da natureza humana, assumida pelo Filho-Verbo, Aquele que realizou uma Aliança Eterna no sacrifício da Cruz e no ato da Ressurreição.

Quando, através da experiência da família humana, em contínuo aumento a ritmo acelerado, penetramos no mistério de Jesus Cristo, compreendemos com maior clareza que, na base de todas aquelas vias ao longo das quais — de acordo com a sapiência do Sumo Pontífice Paulo VI (ES 56) — a Igreja dos nossos tempos deve prosseguir, existe uma única via: é a via experimentada de há séculos, e é, ao mesmo tempo, a via do futuro. Cristo Senhor indicou esta via, sobretudo, quando — como ensina o Concílio — «pela sua Encarnação, Ele, o Filho de Deus, *se uniu de certo modo a cada homem*» (GS 58). A Igreja reconhece, portanto, como sua tarefa fundamental fazer com que uma tal união se possa atuar e renovar continuamente. A Igreja deseja servir esta única finalidade: que cada homem possa encontrar Cristo, a fim de que Cristo possa percorrer juntamente com cada homem o caminho da vida, com a potência daquela verdade sobre o homem e sobre o mundo, contida no mistério da Encarnação e da Redenção, e com a potência do amor que de tal verdade irradia. Sobre o pano de fundo dos sempre crescentes processos na história, que na nossa época parecem frutificar de modo particular no âmbito de vários sistemas, de concepções ideológicas do mundo e de regimes, Cristo torna-se, de certo modo, novamente presente, malgrado todas as suas aparentes ausências, malgrado todas as limitações da presença e da atividade institucional da Igreja. E Jesus Cristo torna-se presente com a potência daquela verdade e daquele amor que n'Ele se exprimiram como plenitude única e que não se pode repetir, se bem que a sua vida na terra tenha sido breve e ainda mais breve a sua atividade pública<sup>513</sup>.

Verdadeiramente, Jesus Cristo é um Mistério fascinante. A interpretação a respeito de sua pessoa e seu agir atinge âmbitos inimagináveis, mas também reais e imaginários. Na história ele foi visto sob diferentes óticas: muitos fizeram dele a regra de vida, chamaram-no de sábio, Filho

---

<sup>512</sup> RH 10.

<sup>513</sup> RH 13; cf. RH 14.

de Deus, Profeta, Messias e Senhor; outros, por sua vez, fizeram dele curandeiro, subversivo e revolucionário. O imaginário cristão o elevou tanto que se esqueceu de que ele era Nazareno, portanto, histórico<sup>514</sup>. Todavia, novos paradigmas de interpretação sobre Jesus surgiram na Idade Moderna quando sobre as ciências predominou a razão e o método histórico-crítico, isto é, a razão aplicada aos estudos dos fenômenos a partir dos fundamentos históricos<sup>515</sup>.

Quem é Jesus? Esta é a pergunta fundamental da cristologia. Para respondê-la claramente, primeiro, é preciso uma caminhada a partir dos dados revelados pela compreensão das comunidades primitivas em relação a Jesus: “como a autoridade e o poder taumaturgo de Jesus, [as] afirmações de que ele é a encarnação do Filho de Deus [e] os títulos cristológicos aplicados à sua pessoa [que] representam os vários estágios dessa caminhada”<sup>516</sup>.

Os principais títulos cristológicos que revelam Jesus no itinerário de compreensão das comunidades são<sup>517</sup>:

*Messias* – este título revela as “expectativas judaicas de renovação religiosa e libertação política” em sentido libertador-histórico e escatológico. Título que foi aplicado a Jesus em dois sentidos: como libertador-Messias antes da páscoa e como o “Messias esperado no qual se cumpririam as promessas antigas”<sup>518</sup>.

---

<sup>514</sup> Cf. SCHIVO, L. *Anjos e Messias: messianismo judaico e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 9-10.

<sup>515</sup> Cf. SCHIVO, L. *Anjos e Messias: messianismo judaico e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 9-10.

<sup>516</sup> SCHIVO, L. *Anjos e Messias: messianismo judaico e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 11; cf. HICK, J. A. *A metáfora do Deus Encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 11-27.

<sup>517</sup> Cf. HICK, J. A. *A metáfora do Deus Encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 43-59.

<sup>518</sup> SCHIVO, L. *Anjos e Messias: messianismo judaico e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 11; cf. Mc 11,1-11; 15,2.17-18.26; Jo 6,15.

*Filho do Homem* – tirado da literatura apocalíptica que julga e entroniza o homem no novo mundo ou “nova criatura”, como acontece no livro de Daniel (7,13-14). As comunidades primitivas perceberam que Jesus é aquele que “realiza o julgamento escatológico de Deus”<sup>519</sup>.

*Filho de Deus* – comumente aplicado pela tradição judaica<sup>520</sup>, mas aplicado a Jesus em um sentido próprio, revelando seu caráter transcendente, título amplamente discutido na teologia dos Santos Padres, especialmente trinitária – sua natureza humana e divina e sua relação com o Pai e o Espírito: ele é a revelação de Deus<sup>521</sup>.

*Senhor* – título atribuído somente a Deus. Aplicado a Jesus, é o reconhecimento de sua natureza divina, preexistente e eterna.

A tradição cristã condensou sua fé em Jesus nos títulos cristológicos. Não há preocupação com a história, mas só expressão da fé. Cada título revela uma compreensão diferente e remete a grupos e pessoas que ao longo da história cristalizaram sua fé numa imagem específica de Jesus<sup>522</sup>.

A Encarnação do Filho-Verbo de Deus em Jesus de Nazaré é conceito-chave da compreensão teológica ao longo da história. Se ele não tivesse se Encarnado, a promessa não se cumpriria. Jesus, necessariamente, tem que ser real mesmo que as fontes sejam limitadas e o Novo Testamento, relatos e memórias literárias, mais ainda, uma “profissão de fé”<sup>523</sup>.

O Jesus histórico é reconstituído cientificamente pela historiografia e teologia, através de uma variedade de fontes cristãs e não-cristãs: “literatura do século I, a bíblica e a extrabíblica; a arqueologia; a sociologia; a historiografia etc. [...], é um Jesus reconstruído intelectualmente, com

---

<sup>519</sup> SCHIVO, L. *Anjos e Messias: messianismo judaico e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 12.

<sup>520</sup> Cf. Jó 1-2.

<sup>521</sup> Cf. SCHIVO, L. *Anjos e Messias: messianismo judaico e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 12.

<sup>522</sup> SCHIVO, L. *Anjos e Messias: messianismo judaico e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 12-13.

<sup>523</sup> FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 106; cf. Mt 13,55 e Evangelhos; At 1,1-5; SCHIVO, L. *Anjos e Messias: messianismo judaico e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 12-31.

toda a probabilidade muito próxima ao Jesus real, mas não necessariamente identificável com ele”<sup>524</sup>.

O “Jesus teológico”<sup>525</sup> é Aquele das definições dogmáticas, fundamento da unidade da fé da comunidade eclesial. As mais variadas heresias exigiam da Igreja fórmulas definidas e defensivas contra os erros dogmáticos. Sempre foi de grande preocupação para ela, um esforço em cada época e uma exigência fundamental do cristianismo, fazer que em sua teologia e sua cristologia, permanecesse sempre a fidelidade à “revelação original e à tradição estabelecida”<sup>526</sup>.

Antes de Nicéia e Calcedônia, a linguagem que exalta Jesus como Senhor, Salvador, Filho de Deus e Deus parece ser devocional, extática e litúrgica, ou as três ao mesmo tempo, guardando sempre a perspectiva da analogia ou da metáfora, mas não está preocupada com o exercício de formulação teológica precisa. Na verdade, a partir das definições dogmáticas, um Filho de Deus metafórico se transforma no Deus Filho metafísico, ontológico. A cristologia, que no querigma das primeiras comunidades era funcional, transforma-se agora em ontológica<sup>527</sup>.

Os Concílios marcaram a trajetória da Igreja e manterão perpetuamente sua influência na trajetória futura.

Podemos notar três elementos básicos nos grandes Concílios da antiguidade: ‘A concentração primária na formulação de proposições de fé (*oroi*). Profissões que nascem da vital necessidade de prestar contas da fé, ainda que em larga medida condicionadas pelo confronto com as correntes heréticas. Às profissões acrescentam-se disposições disciplinares para a vida interna das comunidades (*cânones*). Em segundo lugar, a participação nos trabalhos conciliares é ‘aberta’ tanto a teólogos quanto a leigos, embora sendo essencial (mas não exclusiva) a intervenção de bispos e, aos poucos, tornando-se *conditio sine qua non* o envolvimento dos cinco patriarcas apostólicos (*pentarquia*).

<sup>524</sup> SCHIVO, L. *Anjos e Messias*: messianismo judaico e origem da cristologia. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 14.

<sup>525</sup> SCHIVO, L. *Anjos e Messias*: messianismo judaico e origem da cristologia. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 14.

<sup>526</sup> FERRARO, B. *Encarnação*: questão de gênero? São Paulo: Paulus, 2004, p. 10-11.

<sup>527</sup> FERRARO, B. *Encarnação*: questão de gênero? São Paulo: Paulus, 2004, p. 10; HICK, J. A. *A metáfora do Deus Encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 136-151.

Constitui também um fator bastante destacado a participação de representantes dos ambientes monásticos, dado seu crescente prestígio espiritual e social<sup>528</sup>.

Os quatro primeiros Concílios Ecumênicos da Antigüidade cristã, “destacam-se pela autoridade doutrinária e importância histórica”<sup>529</sup>. A importância essencial deles é que contêm os dogmas fundamentais do cristianismo referentes à cristologia e à Trindade, ou seja, “relativamente à Trindade (com Nicéia e Constantinopla I) e à Encarnação (com Éfeso e Calcedônia)”<sup>530</sup>.

O Concílio de Nicéia (325) foi a primeira *Assembléia de fé* com muita autoridade e responsabilidade. Em um contexto histórico específico, Nicéia tratou de questões doutrinárias e disciplinares. Interessa-nos a doutrina: combatendo o arianismo, afirma no credo que Jesus, Filho de Deus, é “Consubstancial ao Pai (*homooúsion to patri*) [...] que por nós homens e mulheres (*ánthropos*) e por nossa salvação (*sotería*) desceu, se encarnou (*sarkoténta*), se fez humano (*enanthropésanta*), padeceu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus, e há de vir julgar os vivos e os mortos”<sup>531</sup>.

O termo *homooúsios* combatia os arianos que não aceitavam a consubstancialidade do Pai e do Verbo, negando a divindade de Jesus, atacava a idéia de salvação e destruía a Trindade das Pessoas, levando ao subordinacionismo<sup>532</sup>. Nicéia, porém, não vai além da afirmação da divindade de Jesus, abrindo caminhos para posteriores reflexões sobre o modo de entender essa divindade que se encarnou como ser humano (*sarkoténta, enanthropésanta, humanatus*)<sup>533</sup>.

<sup>528</sup> FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 11; cf. ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 5-10.

<sup>529</sup> FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 12; cf. ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 13-119.

<sup>530</sup> FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 12; cf. ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 5-10.

<sup>531</sup> DZ 125; cf. FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 16; cf. ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 33-35.

<sup>532</sup> Cf. FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 17-18.

<sup>533</sup> Cf. FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 20; ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 33-35.

Constantinopla I (381), o mais importante da história do cristianismo, confirma Nicéia (325) e afirma a divindade do Espírito Santo, “reconhecendo-o como ‘Senhor’ e ‘Doador da Vida’, ‘procedente do Pai’, ‘adorado e glorificado junto com o Pai e o Filho’ (Dz 85)”<sup>534</sup>.

Éfeso (431), em novo contexto histórico, “passa-se da questão de Deus para a questão da encarnação”<sup>535</sup>.

A preocupação é saber como Deus e o homem se unem em Jesus de Nazaré, ou como o Filho de Deus se tornara realmente homem. Éfeso afirma que a união entre o Verbo de Deus e Jesus é a união de uma pessoa que gramaticalmente atua como sujeito da frase: O Verbo é Jesus – Jesus é o Verbo<sup>536</sup>.

Por fim, Calcedônia (451) retoma os Concílios anteriores na luta contra o *docetismo e gnosticismo* (a humanidade de Jesus é realidade aparente), *arianismo* (negação da consubstancialidade) e *apolinarismo* (negação da alma humana em Jesus)<sup>537</sup>.

### 3.2 Jesus: a pregação do Reino e a família dos discípulos

A *Familiaris Consortio* coloca a família na perspectiva do Reino de Deus e do seguimento de Jesus Cristo<sup>538</sup>. É necessário que a família conheça e realize a verdade de si mesma e do agir histórico em Deus Criador e Redentor:

E porque, segundo o plano de Deus, é constituída qual ‘íntima comunidade de vida e de amor’, a família tem a missão de se tornar cada vez mais aquilo que é, ou seja, comunidade de vida e de amor, numa tensão que, como para cada realidade criada e redimida, encontrará sua plenitude no Reino de Deus. E numa perspectiva que atinge as

<sup>534</sup> FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 24; cf. ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 57-70.

<sup>535</sup> FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 27; cf. ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 80-99.

<sup>536</sup> ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 27; cf. ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 100-110.

<sup>537</sup> Cf. FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 31-32.

<sup>538</sup> Cf. FC 17.26.47.-53.63.65.71 e Conclusão.

próprias raízes da realidade, deve dizer-se que a essência e os deveres da família são, em última análise, definidos pelo amor. Por isso é-lhe confiada a *missão de guardar, revelar e comunicar o amor*, qual reflexo vivo e participativo do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo pela Igreja, sua esposa<sup>539</sup>.

A família cristã é construtora, sinal, servidora e testemunha do Reino de Deus na história<sup>540</sup>. “Igreja doméstica”<sup>541</sup>, fundada sobre o sacramento do matrimônio, a família cristã “é chamada a tomar parte viva e responsável na missão da Igreja de modo próprio e original, colocando-se a serviço da Igreja e da sociedade no seu ser e agir, enquanto *comunidade íntima de vida e de amor*”<sup>542</sup>.

Se a família cristã é comunidade, cujos vínculos são renovados por Cristo mediante a fé e os sacramentos, a sua participação na missão da Igreja deve dar-se *segundo uma modalidade comunitária*: conjuntamente, portanto, os cônjuges *enquanto casal*, os pais e filhos *enquanto família*, devem viver o ser serviço à Igreja e ao mundo. Devem ser na fé ‘um só coração e um só alma’ (At 4,32), através do espírito apostólico comum que os anima e mediante a colaboração que os empenha nas obras de serviço à comunidade eclesial e civil<sup>543</sup>.

Mediante as condições de vida cotidiana em que a família cristã vive o amor conjugal e familiar, “vivido na sua extraordinária riqueza de valores e exigências de totalidade, unicidade, fidelidade e fecundidade”<sup>544</sup>:

Exprime e se realiza a participação da família cristã na missão profética, sacerdotal e real de Jesus Cristo e da sua Igreja: o amor e a vida constituem, portanto, o núcleo da missão da família cristã na Igreja e pela Igreja<sup>545</sup>

A família cristã, inserida na vida e na missão de Cristo e de sua Igreja, plenamente enriquecida pelo Evangelho da Vida e seu efeito de graça e redenção, evangeliza:

---

<sup>539</sup> FC 17

<sup>540</sup> Cf. FC 50.71; 49.51.53.65.

<sup>541</sup> LG 11; AA 11; cf. FC 48-51.

<sup>542</sup> FC 50.

<sup>543</sup> FC 50.

<sup>544</sup> FC 50; cf. HV 9.

<sup>545</sup> FC 50.

Cada família comunicará generosamente às outras as próprias riquezas espirituais. Por isso, a família cristã, nascida de um matrimônio que é imagem e participação da aliança entre Cristo e a Igreja, manifestará a todos a presença viva do Salvador no mundo e a autêntica natureza da Igreja, quer por meio do amor dos esposos, quer pela sua generosa fecundidade, unidade e fidelidade, quer pela amável cooperação de todos os seus membros<sup>546</sup>

A família cristã, participante da missão eclesial<sup>547</sup>, está intimamente relacionada à “tríplice e unitária referência a Jesus Cristo, Profeta, Sacerdote e Rei”<sup>548</sup>. Ela está inserida no mistério Pascal de Cristo: “no mistério da Nova e Eterna Aliança, na Aliança nupcial de Cristo com a Igreja”<sup>549</sup>; o matrimônio entre batizados é um dos “sete sacramentos da Nova Aliança”<sup>550</sup>; “representa o mistério da Encarnação de Cristo e o seu Mistério de Aliança”; por fim, “é necessário reafirmar o alegre anúncio da forma definitiva daquele amor conjugal, que tem em Jesus Cristo o fundamento e o vigor”<sup>551</sup>.

Podemos afirmar que a família cristã, fundada sobre o matrimônio, está relacionada a Jesus Cristo, em seu ser e seu agir na história e está também relacionada com a comunidade dos discípulos, a nova família de Jesus de Nazaré.

A mensagem de Jesus não pode ser condensada em um só conceito, mas, certamente, a expressão Reino de Deus foi, efetivamente, muito pronunciada pelo próprio Jesus, pois, um dos temas centrais de sua pregação: “Também eu disponho para vós o Reino, como meu Pai o dispôs

---

<sup>546</sup> GS 48 e FC 50

<sup>547</sup> Cf. FC 49: “Por sua vez a família cristã está inserida a tal ponto no mistério da Igreja que se torna participante, a seu modo, da missão de salvação própria da Igreja: os cônjuges e os pais cristãos em virtude do sacramento, “têm assim, no seu estado de vida e na sua ordem, um dom próprio no povo de Deus”. Por isso não só “recebem” o amor de Cristo tornando-se comunidade “salva”, mas também são chamados a “transmitir” aos irmãos o mesmo amor de Cristo, tornando-se assim comunidade “salvadora”. Deste modo, enquanto é fruto e sinal da fecundidade sobrenatural da Igreja, a família cristã torna-se símbolo, testemunho, participação da maternidade da Igreja”.

<sup>548</sup> FC 50.

<sup>549</sup> FC 13 Cf. FC 9.

<sup>550</sup> FC 13.

<sup>551</sup> FC 20

para mim, a fim de que comais e bebais à minha mesa em meu Reino, e vos senteis em tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Lc 22,29-30)<sup>552</sup>.

Todos os autores do Novo Testamento falam do Reino de Deus e da realeza de Cristo, mas cada um à sua maneira, em função das comunidades para as quais se dirigiam. É apaixonante, por exemplo, descobrir as diferentes interpretações dos evangelhos que focalizam diversos aspectos da mensagem inicial de Jesus. Inútil, pois, reduzir a expressão “Reino de Deus” a um conceito claro e preciso... as expressões “Reino de Deus” e “realeza de Cristo” exprimem as mil e uma riquezas do mistério de Deus presente em Jesus. Não se trata apenas de vocabulário e conceitos; é a própria realidade da salvação que se concretiza na vida das comunidades, na vida que nasce da história dos homens. Nossa esperança pode então integrar-se no grande desejo de Jesus: “*Pai, venha a nós o teu Reino!*”<sup>553</sup>

A compreensão da noção Reino de Deus é complexa<sup>554</sup> mesmo que seja tema central da pregação de Jesus e, posteriormente, dos missionários cristãos<sup>555</sup>. Os evangelhos sinóticos demonstram esta problemática: Marcos e Mateus colocam o tema do Reino de Deus na pregação inaugural de Jesus, ao passo que Lucas, coloca o tema a partir do momento em que Jesus se decide a expandir o campo de seu apostolado: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15); “A partir desse momento, começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o Reino de Deus” (Mt 4,17); em Lucas, Jesus entra na Sinagoga de Nazaré e proclama o livro do profeta Isaías inaugurando sua pregação (cf. Lc 4,16-30). Somente mais adiante Jesus, ao deixar Cafarnaum secretamente para pregar na Judéia, fala do Reino de Deus: “Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui enviado” (Lc 4,43).

<sup>552</sup> A exegese, utilizando o critério de divergência ou de dessemelhança, reconhece como provavelmente um dado histórico que a expressão Reino de Deus (ou dos céus) tenha sido empregada por Jesus, e não atribuição das comunidades nas quais as tradições evangélicas colocaram nos lábios do Mestre para justificar seu pensamento e sua prática. Cf. QUESNEL, M. Introdução. In: VV.AA. *Evangelho e Reino de Deus*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 7-11; Mc 1,15; Mt 4,17; Lc 4,16-30.43.

<sup>553</sup> GRUSON, F. In: VV.AA. *Evangelho e Reino de Deus*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 5.

<sup>554</sup> Cf. HORSLEY, R. A. *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova ordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004. Passim; FELLER, V. G. *O sentido da salvação: Jesus e as religiões*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 165-184.

<sup>555</sup> Cf. VV.AA. *Evangelho e Reino de Deus*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 7-8.27.

Os Sinóticos associam o Reino de Deus à realeza de Jesus e a outros títulos Cristológicos como Messias, Cristo, Filho do homem. Pilatos o chamou de “Rei dos Judeus” (Mc 15,16//) e o “título de Messias ou Cristo que lhe foi conferido pela tradição cristã contém sempre uma conotação real, sejam quais forem as correntes que o adotaram no judaísmo do primeiro século”<sup>556</sup>. O título Filho do homem é a expressão apocalíptica relacionada a Daniel, capítulo 7, em que, ao misterioso na presença de Deus, foram dados o império, a honra e o reino de todos os povos, nações e línguas<sup>557</sup>.

A complexidade do conceito Reino de Deus e a falta de uma clara definição, conduz à compreensão que Jesus trata o Reino como uma realidade paradoxal: em um momento, parece pertencer a este tempo, em outro, parece pertencer ao futuro; o Reino está próximo, já está presente, ou virá visivelmente no juízo escatológico<sup>558</sup>.

Definitivamente, o Reino de Deus é uma realidade dinâmica e atual, está presente e sendo realizado, mas, ao mesmo tempo, será realidade definitiva na plenitude escatológica dos últimos tempos.

Presente ou futuro? ‘Já aqui’ ou ‘ainda não’? O aspecto temporal do Reino de Deus é tão difícil de captar, quanto seu conteúdo. Trata-se de uma realidade móvel, evolutiva, inatingível que só um contato freqüente com os textos pode ajudar a apreendê-la, pelo menos parcialmente. Mas descoberta, ao que parece, jamais será terminada<sup>559</sup>.

A família é colocada pela *Familiaris Consortio* no desígnio de Deus, em tensão com a realidade criada e redimida, cuja plenitude se realizará no Reino de Deus<sup>560</sup>. Nessa realidade a

---

<sup>556</sup> QUESNEL, M. Introdução. In: VV.AA. *Evangelho e Reino de Deus*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 7; GONZÁLES, C. I. *A Boa Nova do Pai: meditações bíblicas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 32-37. 85-90.

<sup>557</sup> Cf. Dn 7,13-14; QUESNEL, M. Introdução. In: VV.AA. *Evangelho e Reino de Deus*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 8.

<sup>558</sup> Cf. Lc 17,20-21; Mt 7,21.

<sup>559</sup> QUESNEL, M. Introdução. In: VV.AA. *Evangelho e Reino de Deus*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 9.

<sup>560</sup> Cf. FC 17.

família é chamada a testemunhar e a servir ao Reino, acolhendo sua vocação, seguindo a Cristo e sendo seu sinal profético, por fim, proclamando a esperança escatológica<sup>561</sup>.

O povo de Israel acreditava nas ações divinas no interior da história, pois, Ele observou a miséria de seu povo, escutou o seu clamor e desceu para libertá-lo<sup>562</sup>. Ele se interessa pelas vicissitudes humanas do seu povo, como a um Pai cheio de amor e compaixão pelos filhos degenerados<sup>563</sup>. Esse Deus agora se faz presente na história à luz da revelação trinitária. O próprio Cristo afirma a Nicodemos: “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus não enviou seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele” (Jo 3,16-17).

Para convergir toda a humanidade para a realização de seu Reino e tornar-se fonte de salvação e de vida eterna, Jesus atrairia todos a si ao ser “levantado da terra” (Jo 12,32). A missão inaugurada na encarnação e concretizada na cruz seria continuada pelas testemunhas, antes por ele escolhidas<sup>564</sup>.

O projeto de Deus para Jesus não foi transmitido de modo especial, definitivo e claro pelo Pai<sup>565</sup>; Ele o desvelou, paulatinamente, e criou seu próprio caminho a partir do “conhecimento da Revelação divina das Escrituras, adquirido nas leituras, na oração, nas meditações, nas explicações dos rabinos e levitas nas sinagogas, nas conversas com sua mãe Maria, José, e outros conhecimentos da Escritura”<sup>566</sup>. Ele confrontou-se com o Projeto de Deus e o projeto do mundo e, ao fazer a sua escolha obediente ao Projeto do Pai, bateu de frente com as realidades temporais

---

<sup>561</sup> Cf. FC 47-53.63-71.

<sup>562</sup> Cf. Dt 26,5-9; Js 24,1-13; Ex 3,7-8

<sup>563</sup> Cf. Sl 68,6; Dt 32,5; Jr 31,9.20; Os 11,3-4.8; Is 35.

<sup>564</sup> Cf. At 1,8; 2,32; 3,15; 10,15; 1Pd 5,1.16; Mt 24,14; Lc 21,13; 24,48.

<sup>565</sup> Cf. FELLER, V. G. *O sentido da salvação: Jesus e as religiões*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 165-182; GONZÁLES, C. I. *A Boa Nova do Pai: meditações bíblicas*. São Paulo: Loyola, 2005, p.32-37. 85-90.

<sup>566</sup> LIBÂNIO, J. B. *Sempre Jesus*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 20; cf. FELLER, V. G. *O sentido da salvação: Jesus e as religiões*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 33-68. 165-202.

anti-Reino<sup>567</sup>. O processo de hermenêutica existencial feito por Jesus foi também proposto a seus seguidores.

Era preciso que Jesus fosse além das fronteiras das relações familiares e sociais de Nazaré e, de certa forma, romper com eles, para assumir o Projeto de Deus na categoria Reino de Deus<sup>568</sup>.

A família de Jesus era constituída, segundo Marcos (3,31-35; 6,1-6), pela “mãe e seus irmãos” (Mc 3,31). Segundo Bultmann, esta passagem de Marcos (3,31-35) constitui uma “*apoteagma biográfica*” – “uma unidade curta que consiste numa sentença de Jesus, inserida num breve contexto narrativo”<sup>569</sup>. Das várias teses e argumentos sobre o v. 35, optamos pela mais convincente:

Se considerarmos o v. 35 em si mesmo, ele nos diz quem constitui a família de Jesus – a família esta que, por falta de um termo melhor, podemos chamar de sua ‘família escatológica’, isto é, a família chamada à existência pela proclamação que Jesus faz do reino. Esta família escatológica (irmãos, irmãs e mãe) é formada por aqueles que fazem a vontade de Deus. O contexto em 31-35 sublinha a exigência necessária para ser membro dessa família escatológica: constituída pelos que cumprem a vontade de Deus, essa família não se identifica com a família biológica, física ou natural (mãe, irmãos), formada por parentesco humano. Qual o alcance deste contraste? O que nos diz 3,31-35 tomado em si mesmo sobre a atitude de Jesus para com sua família física? A família física está lá fora procurando por ele; a família escatológica está dentro, sentada ao seu redor. Quer dizer que Jesus tenha rejeitado sua família física ou a tenha submetido pela escatológica? O mínimo que isso parece significar é que a família física não tem nenhuma importância real no novo padrão de valores estabelecidos pela proclamação do reino; a família que realmente tem importância para Jesus é a família escatológica.

<sup>567</sup> Cf. HORSLEY, R. A. *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova ordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004. Passim; FELLER, V. G. *O sentido da salvação: Jesus e as religiões*. São Paulo: Paulus, 2005. Passim; MALINA, B. J. *O evangelho social de Jesus: o reino de Deus em perspectiva mediterrânea*. São Paulo: Paulus, 2004. Passim.

<sup>568</sup> Cf. BROWN, R. E.; DONFRIED, K. P.; FTZMYER, J. A.; REUMANN, J. (org.). *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 61-83. 109-115. 176-190. 212-219; BUCKER, B. P.; BOFF, L.; AVELAR, M. C. *Maria e a Trindade: implicações pastorais, caminhos pedagógicos e vivência da espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 138-143; MORACHO, F. *A família de Jesus de Nazaré*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994. Passim.

<sup>569</sup> BULTMANN. In: BROWN, R. E.; DONFRIED, K. P.; FTZMYER, J. A.; REUMANN, J. (org.). *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 62.

Embora a oposição entre ‘fora’ e ‘dentro’ indique que os membros da família física não estão entre os que Jesus considera comumente como sua família escatológica, a passagem em si mesma não exclui os membros da família física de uma participação *eventual* na família escatológica. Mas eles só podem participar se fizerem a vontade de Deus. O sentido da passagem é definir a família escatológica, não excluir a família física. Assim, essa passagem está em harmonia com a idéia expressa em Mc 10,29-30: ‘Em verdade vos digo que não há quem tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou terras por minha causa ou por causa do Evangelho, sem que receba cem vezes mais: agora, neste tempo, casas, irmãos, irmãs, mãe e filhos e terras, com perseguições; e, no mundo futuro, a vida eterna’.<sup>570</sup>

Em Lucas (8,19-21), encontra-se também a família escatológica de Jesus, assim como nos outros Sinóticos, Marcos e Mateus<sup>571</sup>. No relato lucano sobre o ministério público de Jesus, sua morte e ressurreição<sup>572</sup>, o nome de Maria nunca é mencionado, exceto em duas referências à “mãe de Jesus”<sup>573</sup>.

Em Lucas, a mãe, irmãos e família de Jesus (8,19-21) são, também, “os membros da família escatológica, constituída pelo relacionamento com Deus”<sup>574</sup>.

A sentença de Jesus. Marcos e Mateus referem que a mãe e os irmãos de Jesus estavam fora, sem explicar porque não chegaram à presença de Jesus; é de fato dramático o contraste entre família física lá fora e a dos discípulos lá dentro. Lucas elimina todo elemento hostil do fato de estarem fora a mãe e os irmãos: ‘Não podiam aborda-lo por causa da multidão’. Quando em Marcos/Mateus se dá a notícia de que estão lá fora a mãe e os irmãos, Jesus replica com um pergunta que questiona o fato de eles pertencerem à verdadeira família dele: ‘Quem são minha mãe e meus irmãos?’ Em Lucas não se faz tal pergunta. Em Marcos/Mateus o próprio Jesus a responde apontando para os discípulos sentados em torno, os quais ele identificava como sua família: ‘Eis

<sup>570</sup> BROWN. R. E.; DONFRIED, K. P.; FTZMYER, J. A.; REUMANN, J. (org.). *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 63-64.

<sup>571</sup> Cf. BROWN. R. E.; DONFRIED, K. P.; FTZMYER, J. A.; REUMANN, J. (org.). *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 181, que diz: “Em Mc 3,20-35, tanto o contexto como a forma da sentença denotam uma atitude negativa para com a família de Jesus; Mt 12,46-50 não tem contexto negativo, mas conserva a forma marcana da frase. Lucas fornece um contexto e uma forma positiva para a sentença, no que tange à família de Jesus”.

<sup>572</sup> Cf. Lc 3-24.

<sup>573</sup> Cf. Lc 8,19-21; 11,27-28; BROWN. R. E.; DONFRIED, K. P.; FTZMYER, J. A.; REUMANN, J. (org.). *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 176.

<sup>574</sup> BROWN. R. E.; DONFRIED, K. P.; FTZMYER, J. A.; REUMANN, J. (org.). *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 181.

[aqui estão] minha mãe e meus irmãos’. Nem o gesto de apontar com que Jesus indica os que o rodeiam, nem a declaração de Jesus aparecem em Lucas. Na sucessão de Marcos/Mateus a declaração final de Jesus (‘Todo aquele que fizer a vontade de Deus [meu Pai que está nos céus], esse é meu irmão, irmã e mãe’) designa como família escatológica os discípulos que estão dentro, *em contraste* com a família física, a de sua mãe e irmãos, que está fora. A seqüência lucana não envolve contrastes, tendo ouvido dizer que estão fora sua mãe e seus irmãos, Jesus comenta em elogio a eles: ‘Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática’. Os dois últimos verbos estão no particípio presente e sugerem ‘continuidade em ouvir e pôr em prática’ – dado que se harmoniza com a ênfase lucana no discipulado cotidiano. A noção lucana do que constitui o discipulado e torna alguém membro da família escatológica de Jesus não difere muito dessa mesma noção tal qual se encontra em Marcos/Mateus, a saber, a obediência a Deus. Lucas, porém, é muito mais claro que Marcos e Mateus ao insistir que a mãe de Jesus e seus irmãos satisfazem a esse critério<sup>575</sup>.

A família cristã é aquela física ou natural, alicerçada no sacramento do matrimônio, formando a família escatológica de Jesus. Aquela “dentro” e em “volta” de Jesus, buscando fazer a vontade de Deus, assumindo o reino como uma realidade atual, presente, atuante e futura, comprometendo-se no seguimento como comunidade de amor e de vida, seguindo-o como família-discípula de Cristo. Desta família de discípulos fiéis a Cristo e seguidora pode-se afirmar: “a futura evangelização depende em grande parte da Igreja doméstica”; “A família cristã proclama em alta voz as virtudes presentes do Reino de Deus e a esperança na vida bem-aventurada”<sup>576</sup>.

No plano de Deus Criador e Redentor a família descobre não só a sua ‘identidade’, o que ‘é’, mas também a sua ‘missão’, o que ela pode e deve ‘fazer’. As tarefas, que a família é chamada por Deus a desenvolver na história, brotam do seu próprio ser e representam o seu desenvolvimento dinâmico e existencial. Cada família descobre e encontra em si mesma o apelo inextinguível, que ao mesmo tempo define a sua dignidade e a sua responsabilidade: família, ‘torna-te aquilo que és!’.

<sup>575</sup> BROWN, R. E.; DONFRIED, K. P.; FTZMYER, J. A.; REUMANN, J. (org.). *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 181-182; cf. MORACHO, F. *A família de Jesus de Nazaré*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994, 23-52.

<sup>576</sup> FC 50. 52; Cf. LG 35.

Voltar ao ‘princípio’ do gesto criativo de Deus é então uma necessidade para a família, se se quiser conhecer e realizar segundo a verdade interior não só do seu ser mas também do seu agir histórico. E porque, segundo o plano de Deus, é constituída qual ‘íntima comunidade de vida e de amor’ (GS 48), a família tem a missão de se tornar cada vez mais aquilo que é, ou seja, comunidade de vida e de amor, numa tensão que, como para cada realidade criada e redimida, encontrará a plenitude no Reino de Deus. E numa perspectiva que atinge as próprias raízes da realidade, deve dizer-se que a essência e os deveres da família são, em última análise, definidos pelo amor. Por isto é-lhe confiada *a missão de guardar, revelar e comunicar o amor*, qual reflexo vivo e participação real do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo pela Igreja, sua esposa.

Cada dever particular da família é a expressão e a atuação concreta de tal missão fundamental. É necessário, portanto, penetrar mais profundamente na riqueza singular da missão da família e sondar os seus conteúdos numerosos e unitários<sup>577</sup>.

A família deve ser uma comunidade de irmãos e discípulos amados. Deve, ao mesmo tempo, ser amada pela Igreja, pelas próprias famílias e pelos homens de boa vontade. Todavia, há uma forma eminente de amor:

Devem amar *particularmente a família*. É o que concreta e exigentemente vos confio. [...] E, por fim, forma eminente de amor à família cristã de hoje, muitas vezes tentada por incomodidades e angustiada por crescentes dificuldades, é dar-lhe novamente razões de confiança em si mesma, nas riquezas próprias que lhe advém da natureza e da graça e na missão que Deus lhe confiou. ‘É necessário que as famílias do nosso tempo tomem novamente altura! É necessário que sigam a Cristo’<sup>578</sup>.

“A família humana, desagregada pelo pecado, é reconstituída na sua unidade pela força redentora da morte e ressurreição de Cristo. O matrimônio cristão, partícipe da eficácia salvífica deste acontecimento, constitui o lugar natural onde se cumpre a inserção da pessoa humana na grande família da Igreja”<sup>579</sup>. Deste modo, a família cristã deve, acima de tudo, vencer o pecado que pode conduzi-la à morte, reconhecendo-se chamada a participar da Aliança Eterna, realizada na morte de Cruz e Ressurreição de Jesus Cristo Salvador<sup>580</sup>.

---

<sup>577</sup> FC 17.

<sup>578</sup> FC Conclusão.

<sup>579</sup> RC 15.

<sup>580</sup> Cf. FC 13. 15. 20

#### 4. A significação da morte e ressurreição de Jesus como Salvação da família cristã

A Nova e Eterna Aliança, “definitiva plenitude da revelação no dom do amor”<sup>581</sup>, faz-se em Jesus Cristo na unitária obra da Redenção: Encarnação do Filho-Verbo, assumindo a natureza humana em Jesus, e no sacrifício de si mesmo sobre a Cruz<sup>582</sup>. “Cada um dos sete sacramentos [...] é símbolo real do acontecimento da salvação”<sup>583</sup>. O matrimônio como sacramento participa, “mas de um modo próprio”<sup>584</sup>, pois, o vínculo cristão do amor conjugal e familiar, “representa o mistério da Encarnação de Cristo e o seu Mistério de Aliança.”<sup>585</sup> A família cristã, por força do Sacramento do matrimônio, compartilha do “amor pleno e definitivo de Cristo, Nova e Eterna Aliança feita carne”<sup>586</sup>. “O seu vínculo de amor torna-se a imagem e o símbolo da Aliança que une Deus e o seu povo”<sup>587</sup>.

Esta revelação chega à sua definitiva plenitude no dom do amor que o Verbo de Deus faz à humanidade, assumindo a natureza humana, e no sacrifício que Jesus Cristo faz de si mesmo sobre a cruz pela sua Esposa, a Igreja. Neste sacrifício descobre-se inteiramente aquele desígnio que Deus imprimiu na humanidade do homem e da mulher, desde a sua criação; o matrimônio dos batizados torna-se assim o símbolo real da Nova e Eterna Aliança, decretada no Sangue de Cristo. O Espírito, que o Senhor infunde, doa um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amarem, como Cristo nos amou. O amor conjugal atinge aquela plenitude para a qual está interiormente ordenado: a caridade conjugal, que é o modo próprio e específico com que os esposos participam e são chamados a viver a mesma caridade de Cristo que se doa sobre a Cruz. Acolhendo e meditando fielmente a Palavra de Deus, a Igreja tem solenemente ensinado e ensina que o matrimônio dos batizados é um dos sete sacramentos da Nova Aliança<sup>588</sup>.

---

<sup>581</sup> FC 13.

<sup>582</sup> Cf. FC 13.

<sup>583</sup> FC 13.

<sup>584</sup> FC 13.

<sup>585</sup> FC 13.

<sup>586</sup> FC 20.

<sup>587</sup> FC 12.

<sup>588</sup> FC 13.

A Salvação operada por Jesus Cristo de Nazaré atinge toda a realidade humana e familiar que, em sua mesma caridade, torna-se sinal operante-transmissor dessa mesma e única Salvação a outras pessoas e famílias.

Assim como o Senhor Jesus é a ‘testemunha fiel’ (Ap 3,14), é o ‘sim’ (2Cor 1,20) das promessas de Deus e, portanto, a realização suprema da fidelidade incondicional com que Deus ama o seu povo, da mesma forma os cônjuges cristãos são chamados a uma participação real na indissolubilidade irrevogável, que liga Cristo à Igreja, sua esposa, por Ele amada até ao fim<sup>589</sup>. (FC 20)

O sacramento do matrimônio, que retoma e especifica a graça santificante do batismo, é a fonte própria e o meio original de santificação para os cônjuges. Em virtude do mistério da morte e ressurreição de Cristo, dentro do qual se insere novamente o matrimônio cristão, o amor conjugal é purificado e santificado: ‘O Senhor dignou-se sanar, aperfeiçoar e elevar este amor com um dom especial de graça e caridade’ (GS 49)<sup>590</sup>.

De fato, mediante o batismo, o homem e a mulher estão definitivamente inseridos na Nova e Eterna Aliança, na Aliança nupcial de Cristo com a Igreja. E é em razão desta indestrutível inserção que a íntima comunidade de vida e de amor conjugal, fundada pelo Criador, é elevada e assumida pela caridade nupcial de Cristo, sustentada e enriquecida pela sua força redentora. [...] Em virtude da sacramentalidade do seu matrimônio, os esposos estão vinculados um ao outro da maneira mais profundamente indissolúvel. A sua pertença recíproca é a representação real, através do sinal sacramental, da mesma relação de Cristo com a Igreja<sup>591</sup>.

Sobre a vida e a missão da família cristã, alicerçada sobre o matrimônio cristão, incide direta e especificamente o acontecimento da Salvação.

Os esposos são portanto para a Igreja o chamamento permanente daquilo que aconteceu sobre a Cruz; são um para o outro, e para os filhos, testemunhas da salvação da qual o sacramento os faz participar. Deste acontecimento de salvação, o matrimônio como cada sacramento, é memorial, atualização e profecia: ‘Enquanto memorial, o sacramento dá-lhes a graça e o dever de recordar as grandes obras de Deus e de as testemunhar aos filhos; enquanto atualização, dá-lhes a graça e o dever de realizar no presente, um para com o outro e para com os filhos, as exigências de um amor que perdoa e que redime;

---

<sup>589</sup> FC 20.

<sup>590</sup> FC 56.

<sup>591</sup> FC 13

enquanto profecia dá-lhes a graça e o dever de viver e de testemunhar a esperança do futuro encontro com Cristo<sup>592</sup>.

A cristologia procurou sempre o significado soteriológico de Jesus em sua encarnação, morte e ressurreição. Por que Jesus morre e sua morte é redentora? Em sua carne e em seu sangue aconteceu realmente a Nova e Eterna Aliança?

A comunidade procurou demonstrar sua fé em Jesus de Nazaré, o Senhor e Cristo, Filho de Deus e Salvador, a partir da Fé Pascal, chave de compreensão dos relatos da prática histórica de Jesus contidos nos Evangelhos e nas pregações dos primeiros discípulos<sup>593</sup>.

Estamos diante de uma produção interessada em mostrar a fé da comunidade em Jesus de Nazaré. O relato é, na verdade, uma profissão de fé. Utilizando-se do gênero literário das controvérsias, o autor procura nos apresentar o querigma da comunidade. Os títulos apresentados nos orientam na compreensão da fé da comunidade e qual é o seguimento de Jesus que nos é mostrado<sup>594</sup>.

O maior “escândalo” de Jesus para seus opositores<sup>595</sup>, além dos ensinamentos teóricos, foi o modo de agir, isto é, a prática de Jesus para com os pecadores, pobres e excluídos social e religiosamente. A prática de Jesus denunciava a idolatria dos seus opositores que, em crescente controvérsia termina por matá-lo. Deus e seu Reino se fazem presentes na prática histórica de Jesus e são muitos os que o rejeitam como ensinam as parábolas do Mestre e Sábio de Nazaré.

As controvérsias revelam a interpretação do político e do religioso e nos orientam na compreensão dos motivos da perseguição e da morte de Jesus. Inserindo-se na vida de seu tempo, Jesus se confronta com a Lei, com a religião e com o Templo, fazendo a partir de sua prática histórica uma contestação ao sistema de pureza que marginaliza os pobres do seu tempo. Jesus assume a conflitividade da vida humana e se posiciona em favor dos excluídos, mostrando um Deus que está em contradição com situação religiosa

---

<sup>592</sup> FC 13.

<sup>593</sup> Cf. FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 106.

<sup>594</sup> FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 106.

<sup>595</sup> Cf. FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 106-135; MALINA, B. J. *O evangelho social de Jesus: o reino de Deus em perspectiva mediterrânea*. São Paulo: Paulus, 2004. Passim; HORSLEY, R. A. *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova ordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004. Passim; MATEOS, J.; CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992. Passim.

sustentada pelos sacerdotes e doutores da Lei. O Deus de Jesus é maior e diferente, e acolhedor dos pobres (cf. Mt 9,36; 11,25-26)<sup>596</sup>.

Na América Latina os teólogos procuram seguir os passos de Jesus na opção preferencial pelos pobres, enfocando o seu seguimento como exigência da fé:

Jesus é o caminho para o Cristo e sua melhor salvaguarda contra os perigos da manipulação. O Cristo total é uma realidade-limite para o ser humano; só é possível compreender Cristo em sua totalidade e abrangência por meio do caminho percorrido pelo próprio Jesus para chegar à sua plenitude como Cristo. Para professar que Jesus é o Cristo, é preciso conhecer Jesus. Foi o que aconteceu com os primeiros cristãos. Eles se confrontaram com a realidade histórica da vida de Jesus e com a experiência da ressurreição. Por meio dessa experiência chegaram a confessar que Jesus é o Cristo.

A práxis do seguimento. A exigência fundante de Jesus em relação ao cristão é o seguimento de sua vida histórica, quer dizer, a práxis da fé na esperança e no amor. Essa exigência usufrui a primazia, mesmo que a compreensão do Cristo total, sobre qualquer outro tipo de contato intencional com Cristo, como a oração, o culto ou a ortodoxia. Contudo, o seguimento só é compreensível com o Jesus histórico<sup>597</sup>.

A cristologia tem várias óticas, conforme o interesse que Jesus desperta naquele que o contempla, “a questão hermenêutica sempre tem um papel fundamental”<sup>598</sup>. “Fazer cristologia é a tentativa de retomar a prática de Jesus de Nazaré, na medida em que também ele assumiu as aspirações do povo de sua época”<sup>599</sup>. Os quatro Evangelistas, em óticas diferenciadas, hermenêuticamente, apresentam Jesus como deve ser crido. Jesus é o Salvador porque realizou uma obra de fidelidade e seguimento da vontade do Pai que conduz à reconciliação com a Trindade. Sua obediência e seguimento têm que ser, necessariamente, a de todo aquele que crê.

Fazer cristologia que conduz ao seguimento, a partir da prática de Jesus implica:

<sup>596</sup> FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 106; cf. MALINA, B. J. *O evangelho social de Jesus: o reino de Deus em perspectiva mediterrânea*. São Paulo: Paulus, 2004, 145-164; HORSLEY, R. A. *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova ordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 21-132; MATEOS, J.; CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992. Passim..

<sup>597</sup> BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 204; cf. COLAVECCHIO, R. L. *O caminho do Filho de Deus: contemplando Jesus no evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 113-155; FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 107-109.

<sup>598</sup> FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 106; 107-113.

<sup>599</sup> FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 107.

Refazer o caminho percorrido pelas primeiras comunidades, tendo como fio condutor a experiência pascal: a presença do Espírito do Ressuscitado. O seguimento de Jesus no Espírito é condição *sine qua non* da cristologia. É no interior da história que somos convidados a professar nossa fé em Jesus Cristo a partir da própria fé de Jesus de Nazaré. Todos os títulos se enraízam em última instância na prática e na pessoa de Jesus. Este é o caminho a ser seguido por nós: *da prática de Jesus ao ser de Jesus e do ser de Jesus ao ser de Deus Trindade*<sup>600</sup>.

Diante da pluralidade hermenêutica do Novo Testamento, sobressai “o querigma como dado básico do anúncio de Jesus Cristo no cristianismo inicial”<sup>601</sup>.

*Querigma* (*kh, rugma*) (cf. At 2,36; 10,34-43; Fl 2,5-11; Cl 1,15; Hb 1,1-4; 1Cor 15,1-11) proclama a presença de Deus num acontecimento (*Dabar* – Jo 1,14: ‘colocou sua tenda entre nós’), situado dentro da história: vida-prática-morte de Jesus e relançado na história pelo Espírito – ressurreição<sup>602</sup>.

A Cruz foi um “escândalo”<sup>603</sup>. A morte de Jesus na Cruz foi a conseqüência lógica de sua fidelidade incondicional à “vontade salvífica do Pai”<sup>604</sup>. A Cruz na vida de Jesus e no seu seguimento tem grande significado e importância. Ela tem incidência na vida cotidiana do povo cristão, de modos diversos conforme o contexto existencial, como aconteceu entre as teologias da Cruz do Alemão Jürgen Moltmann, o “Deus crucificado”, e dos Latino-americanos Inácio Ellacuría e Jon Sobrino o “povo crucificado”<sup>605</sup>.

<sup>600</sup> FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 107; cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 33-92. 95-152. 198-410.

<sup>601</sup> FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 109; diz também o autor: “O querigma é a proclamação do nascimento, crescimento, prática, morte, ressurreição de Jesus pelas comunidades cristãs do início do cristianismo. Do ponto de vista da hermenêutica (conflito das interpretações), devemos trabalhar com a articulação histórico-querigmática”.

<sup>602</sup> FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 109-110; cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 33-92.

<sup>603</sup> BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 313.

<sup>604</sup> BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 313.

<sup>605</sup> BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 313-314.

As causas históricas da morte de Jesus se encontram na totalidade de sua vida e nos fatos que antecederam sua morte, deduzidos dos dois julgamentos a que ele foi submetido, um religioso e outro político<sup>606</sup>. Ele percebia a morte eminente e violenta, pois, “foi essencialmente um ‘homem em conflito’ e, por causa disso, foi perseguido até a morte na cruz, a ponto de merecer o título de ‘o perseguido’”<sup>607</sup>.

Jesus percebia que a perseguição contra ele podia levá-lo à morte e se refere à morte violenta como destino dos profetas, permitindo supor que ele tinha consciência dos riscos que corria, mesmo assim se mantinha fiel até o fim. Sua morte na cruz não foi um fato isolado, acidental, mas a decorrência da sua prática e de sua vida. Desta forma, também o martírio é consequência real do seguimento radicalizado<sup>608</sup>.

A razão teológica positiva da morte de Jesus encontra-se na sua “fidelidade a Deus e na radicalidade de sua misericórdia para com os seres humanos”<sup>609</sup>

Na última ceia (cf. Mc 13,24; Lc 22,20; Mt 26,28; 1Cor 11,24), Jesus expressa a certeza e o sentido da entrega de sua vida: seu corpo é ‘entregue por vós’, seu sangue é ‘derramado por vós’, ‘para o perdão dos pecados, como nova aliança’. Essa certeza e esse sentido evidenciam a compreensão da vida como serviço e da morte como serviço sacrificial<sup>610</sup>.

Chamados ao seguimento de Jesus Cristo Redentor, o matrimônio e a família são como que sacramento vivo, presença e atuação da obra salvífica por Ele realizada na Cruz, isto é, memorial, atualização e profecia da Nova e Eterna Aliança:

<sup>606</sup> Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 315-317; FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 121-136.

<sup>607</sup> BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 315; cf. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*. V. I: a história de Jesus de Nazaré. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 290-295; FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 121-136.

<sup>608</sup> BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 315; cf. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*. V. I: a história de Jesus de Nazaré. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 121-136.

<sup>609</sup> BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 317.

<sup>610</sup> BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 317; cf. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*. V. I: a história de Jesus de Nazaré. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 121-136.

Enquanto memorial, o sacramento dá-lhes a graça e o dever de recordar as grandes obras de Deus e de as testemunhar aos filhos; enquanto atualização, dá-lhes a graça e o dever de realizar no presente, um para com o outro e para com os filhos, as exigências de um amor que perdoa e que redime; enquanto profecia dá-lhes a graça e o dever de viver e de testemunhar a esperança do futuro encontro com Cristo<sup>611</sup>.

Acima de tudo a família, alicerçada no amor conjugal dos esposos cristãos, deve, do mesmo modo que Jesus Cristo, assumir a Cruz familiar dos sacrifícios cotidianos na certeza e no sentido de que também “evidenciam a compreensão da vida como serviço e da morte como serviço sacrificial”<sup>612</sup>. A totalidade da vida cristã traz sábio ensinamento: “sem a cruz, não se pode chegar à ressurreição”<sup>613</sup>.

Pela força do ministério da educação os pais, mediante o testemunho de vida, são os primeiros arautos do Evangelho junto dos filhos. Ainda mais: rezando com os filhos, dedicando-se com eles à leitura da Palavra de Deus e inserindo-os no íntimo do Corpo – eucarístico e eclesial – de Cristo mediante a iniciação cristã, tornam-se plenamente pais, progenitores não só da vida carnal, mas também daquela que, mediante a renovação do Espírito, brota da Cruz e da ressurreição de Cristo<sup>614</sup>.

O ministério de evangelização dos pais cristãos é original e insubstituível: assume as conotações típicas da vida familiar, entrelaçada como deveria ser com o amor, com a simplicidade, com o sentido do concreto e com o testemunho do cotidiano. [...] A família deve formar os filhos para a vida, de modo que cada um realize plenamente o seu dever segundo a vocação recebida de Deus. De fato, a família que está aberta aos valores do transcendente, que serve os irmãos na alegria, que realiza com generosa fidelidade os seus deveres e tem consciência da sua participação quotidiana no mistério da Cruz gloriosa de Cristo, torna-se o primeiro e o melhor seminário da vocação à vida consagrada ao Reino de Deus.<sup>615</sup>

A espiritualidade conjugal e familiar que conduz à santidade dos filhos de Deus deve assumir a linguagem da Cruz de Jesus de Nazaré, o Cristo, e buscar sua fonte vital e razão

---

<sup>611</sup> FC 13.

<sup>612</sup> BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 317; cf. FC 13. 34. 39. 53. 56.

<sup>613</sup> FC 34.

<sup>614</sup> FC 39.

<sup>615</sup> FC 53.

missionária na Eucaristia celebrada e vivida pela família da fé (cf. Gl 6,10), a “família de Deus” (Ef 2,19).

A vocação universal à santidade é dirigida também aos cônjuges e aos pais cristãos: é especificada para eles pela celebração do sacramento e traduzida concretamente nas realidades próprias da existência conjugal e familiar. Nasce aqui a graça e a exigência de uma autêntica e profunda *espiritualidade conjugal e familiar*, que se inspire nos motivos da criação, da aliança, da cruz, da ressurreição e do sinal [sacramental]<sup>616</sup>.

A Eucaristia é a fonte própria do matrimônio cristão. O sacrifício eucarístico, de fato, representa a aliança de amor de Cristo com a Igreja, enquanto sigilada com o sangue da sua Cruz (cf. SC 78). Neste sacrifício da Nova e Eterna Aliança é que os cônjuges cristãos encontram a raiz da qual brota, é interiormente plasmada e continuamente vivificada a sua aliança conjugal. Como representação do sacrifício de amor de Cristo pela Igreja, a Eucaristia é fonte de caridade. E no dom eucarístico da caridade a família cristã encontra o fundamento e a alma da sua ‘comunhão’ e da sua ‘missão’: o Pão eucarístico faz dos diversos membros da comunidade familiar um único corpo, revelação e participação na mais ampla unidade da Igreja; a participação pois ao Corpo ‘dado’ e ao Sangue ‘derramado’ de Cristo torna-se fonte inesgotável do dinamismo missionário e apostólico da família cristã<sup>617</sup>.

A Igreja conhece o caminho pelo qual a família pode chegar ao coração da sua verdade profunda. Este caminho, que a Igreja aprendeu na escola de Cristo e da história interpretada à luz do Espírito, não o impõe, mas sente a exigência indeclinável de o propor a todos sem medo, com grande confiança e esperança, sabendo, porém, que a ‘boa nova’ conhece a linguagem da Cruz. É, no entanto, através da Cruz que a família pode atingir a plenitude do seu ser e a perfeição do seu amor<sup>618</sup>. FC Conclusão.

A partir da fé, aceita e assumida em Jesus de Nazaré, o Cristo, a família encontra sentido de sua existência e missão na Igreja e no mundo. Isso dá peso ao que exorta o Papa na Conclusão da *Familiaris Consortio*, ao dizer: “É necessário que as famílias do nosso tempo tomem novamente altura! É necessário que sigam a Cristo”.

---

<sup>616</sup> FC 56.

<sup>617</sup> FC 57.

<sup>618</sup> FC Conclusão.

Que sentido tem a ressurreição de Jesus de Nazaré, Filho-Verbo de Deus e qual sua significação para a vida da família humana? “Com efeito, Cristo morreu e reviveu para ser o Senhor dos mortos e dos vivos” (Rm 14,9).

O aspecto mais significativo da morte de Jesus não é o sofrimento em si mesmo, este é consequência da opção assumida, mas é a fidelidade a Deus.

Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz. Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo Joelho se dobre nos céus, sobre a terra e sob a terra, e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai. (Gl 2,6-11).

Convinha, por isso, que em tudo se tornasse semelhante aos *irmãos*, para ser, em relação a Deus, sumo sacerdote *misericioso e fiel*, para expiar assim os pecados do povo. Pois, tendo ele mesmo passado pela prova, é capaz de socorrer os que são provados. (Hb 2,17-18).

Se confessarmos nossos pecados, ele, que é fiel e justo, perdoará nossos pecados e nos purificará de toda injustiça. (1Jo 1,9).

Jesus Cristo, a testemunha fiel, o Primogênito dentre os mortos, o Príncipe dos reis da terra. (Ap 1,5).

O efeito salvífico da morte de Jesus é a salvação da humanidade. Deus o fez superior a todos, exaltando-o pela ressurreição, princípio da igual exaltação dos justos<sup>619</sup>.

Não tenhas medo do que irás sofrer. Eis que o diabo vai lançar alguns dentre vós na prisão, para serdes postos à prova. Tereis uma tribulação de dez dias. Mostra-te fiel até a morte, e eu te darei coroa da vida. (Ap 2,10).

<sup>619</sup> Cf. Rodapés g – 1 (p. 2049); a – g (p. 2050) In: BÍBLIA: Bíblia de Jerusalém. ed. nov. at. rev. São Paulo: Paulus, 2003. “Embora diferente em seu modo de ser, Cristo participou da natureza humana comum a todos” – Deus envia seu Filho para salvar a humanidade cf. Rm 8,3.29-30; 2Cor 5,21; Cristo é obediente cf. Rm 5,19; 1Cor 15,27-28; Hb 5,8; a tradição salienta o efeito salvífico da morte de Cristo cf. Rm 1,3-4; 4,25; 8,34; 10,8-9; 1Cor 15,3; Gl 1,3-4; 1Ts 1,10; a morte de Jesus foi cruel cf. 1Cor 1,23; 2,2.8; 2Cor 13,4; Gl 3,1; 5,11; 6,12.14; Fl 3,18; Cl 1,20; sobressaltou pela ressurreição – Cristo é superior a todos cf. Rm 1,14ss; e os justos serão exaltados cf. Is 52,13; Sb 3,8; FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p.122-150; KÄSEMANN, E. *Perspectivas Paulinas*. 2. ed. São Paulo: Editora Teológica/Paulus, 2003. Passim; COLAVECCHIO, R. L. *O caminho do Filho de Deus: contemplando Jesus no evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 187-231.

Dou incessantemente graças a Deus a vosso respeito, em vista da graça que vos foi dada em Cristo Jesus. Pois fostes nele cumulados de todas as riquezas, todas as da palavra e todas as do conhecimento. Na verdade, o testemunho de Cristo tornou-se firme em vós, a tal ponto que nenhum dom vos falte, a vós que esperais a Revelação de Nosso Senhor Jesus Cristo. É ele também que vos fortalecerá até o fim, para que sejais irreprensíveis no Dia de Nosso Senhor Jesus Cristo. É fiel o Deus que vos chamou à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor. (1Cor 1,4-9).

Os discípulos fazem a experiência salvífica da ressurreição. Toda a vida de Jesus toma sentido e significação para suas testemunhas, anteriormente escolhidas<sup>620</sup>. A ressurreição suscitou a fé daqueles que acreditaram no conteúdo principal e fundamental do querigma. Jesus Cristo, Verbo que se fez homem, morreu e ressuscitou dos mortos<sup>621</sup>.

Temos a grande alegria de ser ‘irmãos e irmãs’ de Jesus Ressuscitado, reunidos ao redor dele na comunidade de fé, sempre contemplando sua vida no Evangelho, enquanto nos solidarizamos com as pessoas necessitadas do nosso tempo, para o maior serviço do Reino. Em seu evangelho, Marcos nos lembrou de que não somos os únicos a sentir em nós a força do Reino. Ele mostrou várias pessoas que, embora parecessem estar ‘de fora’, captaram o sentido do Reino que irrompeu de Jesus [...]. Quantas pessoas hoje atestam por seus valores e suas vidas a ação do Espírito Santo dentro delas! O Evangelho nos ensina que devemos dar nossas mãos a todos que atuam em favor do avanço do Reino, mesmo que estes ‘não nos sigam [...]’. Pois, quem não é contra nós, está a nosso favor<sup>622</sup>.

Os Evangelhos nos apresentam “tanto Jesus de Nazaré como Cristo Ressuscitado”<sup>623</sup> A ressurreição nos possibilita a Salvação e a Vida Eterna em Deus, fazendo-nos irmãos e filhos de Deus, em suma, a “família de Deus” (Ef 2,19), a “família da fé” (Gl 6,10). Seguir e testemunhar Jesus Cristo de Nazaré, o Cristo, Filho-Verbo de Deus, Salvador e Senhor, sendo família cristã

<sup>620</sup> Cf. Lc 1,2; At 1,8.22; 2,32; 3,15; 5,32; 10,39; 22,20; 26,16; 1Pd 5,1; 2Pd 1,16.

<sup>621</sup> Cf. At 2,14-47; COLAVECCHIO, R. L. *O caminho do Filho de Deus: contemplando Jesus no evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 223-231.

<sup>622</sup> COLAVECCHIO, R. L. *O caminho do Filho de Deus: contemplando Jesus no evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 227.

<sup>623</sup> COLAVECCHIO, R. L. *O caminho do Filho de Deus: contemplando Jesus no evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 225.

missionária, requer firme decisão de materializar em ações orgânicas, eficientes e eficazes as idéias e os ideais do seu sempre Novo Evangelho da vida e da família<sup>624</sup>.

---

<sup>624</sup> Cf. FC 17-85.

### CAPÍTULO III

## ACREDITAR NA FAMÍLIA É CONSTRUIR O FUTURO

#### 1. Do Sacramento do Matrimônio, nasce a família cristã

“O matrimônio é o nascedouro da família. Desvirtuando-se o matrimônio, desvirtua-se a família”<sup>625</sup>. No decorrer dos séculos e nas diversas culturas, o conceito de matrimônio e de família é complexo e bem diferenciado, realidades em constante mutação.

O matrimônio e a família estão em constante processo de mutação. Ambas as realidades, a partir do final do século XX<sup>626</sup>, mais que em outras épocas, devido a múltiplas influências socioculturais, filosóficas e ideológicas, éticas e religiosas, iniciaram um acelerado e profundo processo de transformação, nem sempre benéfico e construtivo. As mutações contribuíram para o surgimento da “família e seus mil e um perfis”<sup>627</sup> que caracterizaram o período plural entre a sociedade moderna e contemporânea. De muitos modos, famílias reagiram à mutação, aos novos

---

<sup>625</sup> CIFUENTES, R. L. *Prioridade e centralidade da pastoral familiar na evangelização do novo milênio*: a família: diagnóstico e terapia. 2. ed. at. Rio de Janeiro: Instituto pró-família, 2002, p. 8; cf. CHARBONNEAU, P. *Sentido cristão do casamento*: ensaio a respeito da espiritualidade conjugal. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1985, p. 21: “Nega-se Deus, e perde-se o amor”; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 25-41.

<sup>626</sup> Cf. BLANK, C. E. *O matrimônio no século 21*: falência ou realização? São Paulo: Paulinas, 1996, p. 7-49; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 34-36; CECHINATO, L. *Os 20 séculos de caminhada da Igreja*: principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 391-456; TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. L. (orgs.). *Teologia na pós-modernidade*: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003. Passim.

<sup>627</sup> PAIVA, V. *Família e Igreja: reconciliáveis?* São Paulo: Paulus, 2003, p. 15-19.

condicionamentos e influências, adaptando-se a elas ou descobrindo novas formas de organização e resistência<sup>628</sup>.

Na diversidade de modelos, de alguma forma, o núcleo da família como relação de gêneros, entre identidade e diferença e como relação de gerações. A família é um dos mais importantes pontos de encontro entre natureza e cultura, na qual aspectos que o ser humano partilha com o mundo animal são organizados segundo um ideal de dignidade e de felicidade, especificamente humanos. Nesse sentido, o entrelaçamento de amor, sexualidade e fecundidade constituem o *proprium* da família<sup>629</sup>.

A Patologia familiar não é outra coisa senão o seu desvirtuamento antropológico e teológico: “a família está enferma!”<sup>630</sup>

Cada pessoa cria um clima ao seu redor. Positivo ou negativo, sereno ou turbulento. Uma atmosfera própria, a ‘respectiva aura’, segundo explicam os psicólogos. Corações pacificados pacificam à sua volta. Indivíduos tumultuados, de mal com o mundo e consigo mesmos, irradiam intranquilidade, mal-estar. [Mas], quem cursou os bancos escolares do Evangelho aceita a Cruz como um *bastão de apoio*, e não como um tropeço, um peso amargo, uma tragédia absoluta, sem sentido. Os verdadeiros cristãos preferem as tempestades, com Jesus, do que as bonanças e os horizontes claros, sem Ele. ‘Há muita gente má no mundo, porque não foi suficientemente amada’ (Pio XII). O cristão é a única Bíblia que muita gente lê, nos caminhos do dia-a-dia. Nós somos o Novíssimo Testamento, edição século XX, Novo Milênio. Família alegre, sadia... Sociedade legal, irradiando paz e alegria. Família quebrada, doente, mundo subnutrido, demente,

<sup>628</sup> Cf. PETRINI, J. C. *Pós-modernidade e Família: um itinerário de compreensão*. Bauru: Edusc, 2003, p. 5. 23-124; As influências se referem aos movimentos que transformaram a sociedade e seus seguimentos, dando origem à chamada modernidade, pós-modernidade, como: o racionalismo, o cientificismo, o processo de industrialização e secularização, as novas descobertas científicas e tecnológicas, o hedonismo, individualismo, subjetivismo, o pluralismo etc.: Cf. GS, 46; FC, 1; Medellín, Introdução; Puebla, 571-581; LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 13-76; LIBANIO, J. B. *Cenários da Igreja*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999, p. 15-47; FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 392-303; SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 195-216; 257-278; MOSER, A. *Enigma da esfinge*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, 79-107.

<sup>629</sup> PETRINI, J. C. *Pós-modernidade e Família: um itinerário de compreensão*. Bauru: Edusc, 2003, p. 5; MOSER, A. *Enigma da esfinge: sexualidade*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Passim.

<sup>630</sup> NEVES, Fr. L. M. O movimento familiar cristão a serviço da Igreja. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 20, n. 4, p. 888-899, [dez.] 1960; CIFUENTES, R. L. *Prioridade e centralidade da pastoral familiar na evangelização do novo milênio: a família: diagnóstico e terapia*. 2. ed. at. Rio de Janeiro: Instituto pró-família, 2002, p. 9-11; JOÃO PAULO II. *Veritatis splendor*, 102. FC 17; CIFUENTES, R. L. *As crises conjugais*. São Paulo: Quadrante, 2001, p. 43. 30.

necessitado de hospital. ‘Não tenham medo de abrir as portas da família a Cristo, o Salvador’ (João Paulo II)<sup>631</sup>.

O desvirtuamento do matrimônio e da família se dá pelo desconhecimento de sua fundamental identidade e missão<sup>632</sup>. A causa patológica da família, o que torna doente a realidade “família”, reside na “mudança de sensibilidade e de concepção antropológica”<sup>633</sup> e no desvio de Deus, onde o homem decide por si mesmo o que é bem e o que é mal, à deriva de seu Criador e Redentor. Deus-Trindade e seu desígnio de amor, verdadeira essência-fonte da substância e vigor da família, alicerçada sobre o matrimônio como sacramento, é essência única e capaz de curar, restaurar e recuperar a sua genuína finalidade<sup>634</sup>.

As famílias cristãs existem para formar uma comunhão de pessoas que se amam. Como tal, a Igreja e a família são, cada uma a seu modo, vividas representações na história humana da eterna comunhão do amor das três Pessoas da Santíssima Trindade<sup>635</sup>.

A família, alicerce e célula viva da sociedade e da Igreja, constitui-se primeiro lugar de humanização, de socialização e de santificação de todo ser humano. Nela estabelecem-se relações de gênero e de gerações e desenvolvem-se redes de relações sociais e religiosas. Ambos, a família e o grupo social, constituem, assim, o lugar em que a pessoa humana faz a experiência do Sagrado com quem estabelece uma relação íntima, determinante de seu ser e de seu agir. A ciência da religião contribui para uma reflexão sobre a experiência humana do Sagrado: “Sobre a

<sup>631</sup> SCHNEIDER, R. *Desafios do convívio familiar*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 5-8. 30-32. 72-73.

<sup>632</sup> Cf. CIFUENTES, R. L. *As crises conjugais*. São Paulo: Quadrante, 2001, p. 5-22. 24-37. 42-52. 55-106. 109-120. 142-200.

<sup>633</sup> CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 103; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 3-13; GONÇALVES, P. S. L. O ser humano como imagem e semelhança de Deus: a antropologia teológica. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, 251-309.

<sup>634</sup> Cf. CIFUENTES, R. L. *Prioridade e centralidade da pastoral familiar na evangelização do novo milênio: a família: diagnóstico e terapia*. 2. ed. at. Rio de Janeiro: Instituto pró-família, 2002, p. 9-11; JOÃO PAULO II. *Veritatis splendor*, 102. FC 17.

<sup>635</sup> JOÃO PAULO II. Discurso em Colúmbia, Carolina do Sul, 2 de setembro de 1987. I n: BAKALAR, N.; BALKIN, R. (org.). *A sabedoria de João Paulo II: a visão do Papa sobre os temas mais importantes para a humanidade*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 68.

base da vivência humana, ou melhor, em suas raízes, insere-se a experiência religiosa”<sup>636</sup>. A experiência religiosa (ou do transcendente, o ‘sagrado’), matriz da linguagem simbólica, dá-se no “interior da própria experiência humana”<sup>637</sup>.

Para entender a linguagem religiosa (símbolo, mito, rito), é necessário partir da *experiência do sagrado* que a própria linguagem quer comunicar. [...] Mesmo que a finalidade da vivência religiosa seja transcendente (por enquanto, ‘o sagrado’), trata-se de uma *experiência humana*, própria do ser humano e condicionada por sua forma de ser e pelo seu contexto histórico e cultural<sup>638</sup>.

A família cristã, comunidade de vida e de pessoas discípulas de Cristo é sinal de contradição e esperança do mundo. Um bem para a humanidade e para a Igreja, ao mesmo tempo necessária e, de certo modo, rejeitada:

Diante de relacionamentos cada vez mais submetidos à lógica do mercado, isto é, ao intercâmbio de equivalentes, a família emerge como o lugar da gratuidade, do acolhimento incondicional, que precede o cálculo das conveniências, criando, ao seu redor, uma rede de solidariedade capaz de educar, socializar, amparar seus membros em favor da família (ou políticas familiares), visando fortalecer essas insubstituíveis estruturas de apoio aos membros mais frágeis da convivência familiar. Por essas razões, a família é considerada, atualmente, como um dos maiores recursos sob a ótica das

<sup>636</sup> CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 44.

<sup>637</sup> CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001, 39 e p. 41-47; cf. A experiência do Sagrado na vida humana a partir da família e o grupo social a que pertence recolhe significativa contribuição das ciências da religião em seus aspectos: histórico, fenomenológico, social e psicológico. Cf. CtFm 23; GRESCHAT, H. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2006, p. 65-88. 94-104; ELIADE, M. *Tratado de história das religiões*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 09-101. 193-212. 267-293; DURAND, J. *Religiões monoteístas: Judaísmo, Catolicismo, Islamismo, Protestantismo*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 11-33. 139-143; MANOEL, I. A.; FREITAS, N. M. B. de. (orgs.). *História das religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 7-13. 31-32. 64-65. 97-110. 120-122. 126-128. 141-146. 174-179. 187-191; BOFF, L. *A Trindade e a sociedade: o Deus que liberta seu povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 44-46. PETRINI, J. C. *Pós-modernidade e Família: um itinerário de compreensão*. Bauru: Edusc, 2003, p. 78-80. 127-190; PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de. (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 17-100. 145-177. 257-290; GIORDANO, N. *A família, ícone da Trindade*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 5-24; SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 11; TERRIN, A. N. *Antropologia e horizonte do sagrado: culturas e religiões*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 148-182; CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 41-78.

<sup>638</sup> CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 41.

ciências humanas, bem como da teologia, para compreender, com rigor das ciências, as razões de sua existência, as formas de sua organização, as mudanças que a atravessam, o futuro que a espera<sup>639</sup>.

Os cristãos acreditam na autocomunicação de Deus na história. Deus como é, Uno e Trino, revela-se e insere-se na história do mundo e dos humanos. A teologia deu o nome a esta revelação do Deus único e Trino de: Trindade imanente e Trindade econômica<sup>640</sup>. Deus é a revelação do ser e do agir, da origem e do fim, do sentido e do significado último de todas as coisas, inclusive do ser humano, do mundo, do matrimônio e da família. Jesus Cristo é em sua pessoa e em seu agir a Revelação de Deus encarnada na história. Jesus é, por conseguinte, o revelador da verdade sobre o desígnio de Deus Criador e Redentor<sup>641</sup>.

O matrimônio e a família sempre foram objetos da ação evangelizadora da Igreja. As aceleradas mutações da cultura<sup>642</sup> causaram impactos positivo e negativo sobre ambas as realidades. Sobretudo, os impactos negativos trouxeram a deteriorização da família e a conseqüente desvalorização do matrimônio como sacramento. Surgiram com isso os novos desafios à evangelização<sup>643</sup>. A Igreja sentiu-se obrigada a despertar-se para uma nova consciência de si mesma e uma nova visão de sua missão no mundo, voltada para dentro de suas comunidades

<sup>639</sup> PETRINI, J. C. *Pós-modernidade e Família: um itinerário de compreensão*. Bauru: Edusc, 2003, p. 5-6.

<sup>640</sup> Cf. BOFF, L. *A Trindade e a sociedade: o Deus que liberta seu povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 70-72. 100-101; SPIDLÍK, T. *Nós na Trindade: breve ensaio sobre a Trindade*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 41-44; LOREMZEN, L. F. *Introdução à Trindade*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 63-69. 81-94; BOFF, L. *A Santíssima Trindade: a melhor comunidade*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 45-46; FORTE, B. *Nos caminhos do Uno: metafísica e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 61-82.

<sup>641</sup> Cf. FC, 5.17; CtFm 13; GS 21.50; FORTE, B. *Nos caminhos do Uno: metafísica e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 61-82.

<sup>642</sup> Cf. DOCUMENTOS DO CELAM: Rio, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004, p.8.24.81.90-96.103-113.308-317. JOÃO PULO II. *Carta Apostólica em forma de "Motu Próprio" Família a Deo Instituta*. Disponível em: <[http://212.77.1243/holy\\_fther/john\\_paul\\_ii/motu\\_proprio/documents/hf\\_jp-ii\\_motu](http://212.77.1243/holy_fther/john_paul_ii/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu)>. Acesso em: 18 outubro 2006, 10:05:15. GS 47; PETRINI, J. C. *Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão*. Bauru: Edusc, 2003, p. 5-6.25-87.

<sup>643</sup> Cf. CIFUENTES, R. L. *Prioridade e centralidade da pastoral familiar na evangelização do novo milênio: a família: diagnóstico e terapia*. 2. ed. at. Rio de Janeiro: Instituto pró-família, 2002, p. 7-39; BLANK, C. E. *O matrimônio no século 21: falência ou realização?* São Paulo: Paulinas, 1996, p. 26-4984-98.

eclesiais e para o diálogo com o mundo moderno<sup>644</sup>. Neste contexto, a família tornou-se protagonista da evangelização na seqüência da vocação e do protagonismo missionário dos leigos: “a família, sujeito e objeto de evangelização, centro de comunhão e participação”<sup>645</sup>.

Inspirada na Assembléia apostólica de Jerusalém em At 15, como “expressão máxima de comunhão eclesial em sua dimensão visível e institucional”<sup>646</sup>, o Concílio Vaticano II, de objetivo pastoral-eclesiológico<sup>647</sup>, foi o passo decisivo para uma nova visão teológica e pastoral da Igreja, incluindo o campo matrimonial e familiar<sup>648</sup>. As constituições dogmáticas e decretos influenciaram o desenvolvimento teológico e pastoral de toda Igreja, especialmente a Conferência Episcopal Latino-Americano e Caribe (CELAM) que, no campo matrimonial e familiar, também recebeu do pensamento de João Paulo II<sup>649</sup>.

As Conclusões de Medellín (1968), de Puebla (1979) e de Santo Domingo (1992), enfatizaram a família e as situações existenciais em que se encontravam. Não foram esquecidas as famílias em situações irregulares, afastadas do Evangelho ou em situações existenciais e sociais diferenciadas. Enfatizaram todas as famílias em todos os contextos socioculturais, econômicos e religiosos a que se encontrassem. Mas, as famílias cristãs, fundadas sobre o sacramento do matrimônio, chamaram e orientaram-nas a viver e a testemunhar a sua vocação e missão que do Cristo receberam na Igreja.

Os documentos relacionados à questão-família, sejam do Concílio Vaticano II, das Conclusões do CELAM ou do Magistério eclesiástico, especialmente João Paulo II, inserem o

<sup>644</sup> Cf. LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005. Passim.

<sup>645</sup> Puebla, 569; cf. Puebla, 565-569. GS, 46-52; AA, 10-11; LG, 11.32; Medellín, 1.1; 3.1-3.7; Santo Domingo 15. 210-227; AA, 10-11; FC, 86; CtFm 2-4. Passim.

<sup>646</sup> ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 14.

<sup>647</sup> Cf. LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 39.

<sup>648</sup> Cf. ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005, 13-24; KASPER, W. *Teologia do matrimônio cristão*. São Paulo: paulinas, 1993, p. 9-27; LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005, 39-49.

<sup>649</sup> Cf. DOCUMENTOS DO CELAM: Rio, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004, p. 227-226; 587-618.

matrimônio e a família na dimensão teológica e pastoral da Igreja. A dimensão teológica parte dos desígnios divinos de Deus Criador e Redentor, considerando o matrimônio e a família realidades queridas pelo próprio Deus e redimidas por Cristo. As Escrituras Sagradas e a Tradição viva da Igreja atestam sua teologia. A dimensão pastoral compreende o matrimônio e a família como elementos fundamentais e partes essenciais da missão evangelizadora da Igreja, pois, através do matrimônio e da família o ser humano existe e se realiza mais plenamente como ser indivíduo, social e cristãmente considerado<sup>650</sup>. Deste modo, o matrimônio e a família ocupam, diante dos desafios emergentes do contexto cultural atual, centralidade e prioridade na pastoral orgânica da Igreja. A centralidade é bipolar, ou seja, a família, protagonista da evangelização, é ao mesmo tempo sujeito e objeto da evangelização<sup>651</sup>.

No texto da mensagem dos Bispos reunidos em Puebla aos povos da América Latina, encontram-se elementos que definem para a Igreja a urgência da questão-família e destacam-se, implicitamente, as dimensões das famílias: “ser educadoras da fé, formadoras de pessoas, promotoras do desenvolvimento”<sup>652</sup>:

Convidamos, pois, com especial carinho, a família da América Latina a tomar o seu lugar no coração de Cristo e a transformar-se cada vez mais em ambiente privilegiado de evangelização, de respeito à vida e ao amor comunitário<sup>653</sup>.

Mais consciente de sua realidade íntima, a Igreja redescobre que sua missão no mundo é anunciar o “Evangelho da vida”<sup>654</sup>. Sua tarefa é levar a Salvação que é Jesus Cristo de Nazaré aos

<sup>650</sup> Cf. EDWARDS, D. *Experiência humana de Deus*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 31-54. 55-68. 81-99; LECLERCQ, J. *A família*. São Paulo: Quadrante, 1968, p. 26-31.

<sup>651</sup> Cf. AA, 10-11; LG, 6.11; GS, 46-52; Medellín, 1.5; 1.8; 3.1; 3.3-3.5; FC Passim; Puebla, 567-639; Santo Domingo, 12-19; 210-227; 267-302.

<sup>652</sup> JOÃO PAULO II. Discurso de abertura da Conferência de Puebla. México, 27 de Janeiro de 1979 In: DOCUMENTOS DO CELAM: Rio, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004, p. 263.

<sup>653</sup> DOCUMENTOS DO CELAM: Rio, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004, p. 286; cf. Puebla, 5; GS, 48; PETRINI, J. C. *Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão*. Bauru: Edusc, 2003, p. 5-6; VIDAL, M. *O Evangelho da vida: para uma leitura da Evangelium vitae*. São Paulo: Paulinas, 1998, 27-127.

<sup>654</sup> Santo Domingo 287; cf. GS, 51-52; Santo Domingo, 18; 2.3; 213; VIDAL, M. *O Evangelho da vida: para uma leitura da Evangelium vitae*. São Paulo: Paulinas, 1998, 102-176.

homens e às mulheres do mundo de hoje, em seus contextos existenciais. Por isso, o caminho da Igreja é o ser humano que, somente em Cristo, encontra seu verdadeiro sentido, sua vocação e missão. A família, desta forma, ocupa lugar privilegiado, pois, ela é o caminho do homem<sup>655</sup>.

A Igreja reflete o matrimônio e a família no contexto da Aliança de Deus com seu Povo eleito, aproximando o trinômio: matrimônio, família e aliança<sup>656</sup>. Walter Kasper entende o matrimônio como realidade criatural e salvífica.

Pois o matrimônio pertence tanto à ordem da criação, como à ordem da salvação. Deus criou o ser humano homem e mulher, e a Bíblia acrescenta que isto é bom, muito bom (cf. Gn 1,27.31). Esta aliança desejada por Deus entre o homem e a mulher é ao mesmo tempo imagem e, sobretudo, atualização da aliança definitiva que Deus concretizou com o ser humano, em Jesus Cristo, uma semelhança do amor e da fidelidade de Deus para com o homem (cf. Ef 5,21-33). Assim, a realidade criatural do matrimônio entre cristãos constitui também uma realidade salvífica<sup>657</sup>.

Sobre o matrimônio os textos bíblicos apresentam abrangentes e diversas perspectivas e imagens que influenciaram a teologia cristã, mas não apresentam abrangente análise conceitual e sistemática de modo a possibilitar uma teologia do matrimônio propriamente dito<sup>658</sup>.

No Antigo Testamento, os textos da criação do primeiro casal em dois relatos distintos, o relato sacerdotal em Gênesis 1 e o relato javista em Gênesis 2 e 3, “influenciaram [tanto] a interpretação do matrimônio no ocidente quanto o horizonte subsequente influenciou a

<sup>655</sup> Cf. CtFm 1-3; SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 195-197.

<sup>656</sup> Cf. Gn 1-3; 6; 9; 15-31; Ex 2,24; 4,22; 6,4; 19,5; 20-24; 34; Lv 2,13; 26,9; Nm 4,32; Dt 4-9; 29; Jz 2,1; 2Sm 5,3; 23,5; Is 55,3; Jr 11,10; 31,31; 32,40; Os 6; Am 1; Ml 2,10; PETRINI, J. C. Pessoa, Matrimônio, Família: entre cultura Pós-moderna e cristianismo. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de.; (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 39-41; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 87-98. 117-182.

<sup>657</sup> KASPER, W. *Teologia do matrimônio cristão*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 5; cf. CHARBONNEAU, P. *Sentido cristão do casamento: ensaio a respeito da espiritualidade conjugal*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1985, p. 20: “Deus é o manancial inesgotável do amor humano”.

<sup>658</sup> Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 394; GRELOT, P. *O casal humano na Escritura*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 9-39; BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 11-18. 35-57; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 26-30. 101-112.

interpretação desses versículos”<sup>659</sup>. O povo da Aliança surge da fé de Abrão e Sara<sup>660</sup>. A Tradição profética, o livro de Tobias, o Cântico dos Cânticos, o livro da Sabedoria e o livro de Eclesiastes<sup>661</sup> são literaturas de gêneros diversos, escritos em contextos sociais e históricos diversos, de concepções e perspectivas diversas que necessitam ser bem avaliadas<sup>662</sup>. Elas oferecem imagens sobre o matrimônio que inspiram a reflexão teológica cristã, mas os textos apresentam aspectos positivos que refletem a perspectiva de Deus e aspectos negativos que refletem a perspectiva do povo de Deus, povo peregrino e nem sempre fiel, como outros povos<sup>663</sup>.

O Novo Testamento apresenta variedade de declarações sobre o matrimônio em contextos diversos, assim como nas Escrituras hebraicas, que exigem ser lidas no contexto das tradições bíblicas a fim de serem devidamente compreendidas e interpretadas<sup>664</sup>. Deste modo, as declarações textuais sobre o matrimônio e família estão relacionadas no início do Novo Testamento e aos primeiros e iniciantes missionários cristãos, conhecidos como “movimento de Jesus”<sup>665</sup>.

---

<sup>659</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 395; cf. SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 35-40. 67-88. 349-353.

<sup>660</sup> Cf. Gn 11-22.

<sup>661</sup> Cf. Is 1.62; Sl 128 (127); Pv 18-19; Jr 3; Ez 16; Os 2-5; GRELOT, P. *O casal humano na Escritura*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 50-76.

<sup>662</sup> Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 395-396; GRELOT, P. *O casal humano na Escritura*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 35-50; GRELOT, P. *O casal humano na Escritura*. São Paulo: Paulinas, 1975, 9-76.

<sup>663</sup> Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 394-396; KASPER, W. *Teologia do matrimônio cristão*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 28-36; GONÇALVES, P. S. L. O ser humano como imagem e semelhança de Deus: a antropologia teológica. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, 251-309.

<sup>664</sup> Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 396; BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 58-77; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 87-98.

<sup>665</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 397; cf. KASPER, W. *Teologia do matrimônio cristão*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 30-36. 44-46; GRELOT, P. *O casal humano na Escritura*. São Paulo: Paulinas, 1975, p.77-107; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 101-112.

Os primeiros discípulos, para pregar o Reino de Deus, eram peregrinos carismáticos, não tinham casa, posses ou família, e não se fixavam em comunidades locais. Marcos e Lucas indicam certa “ruptura e distúrbio das estruturas da família tradicional”<sup>666</sup>: Jesus chama os discípulos a deixarem tudo por causa dele, do evangelho e do Reino, com a promessa de receber muito mais e “a vida futura” (Lc 18,29). As declarações sobre o matrimônio, numa visão escatológica, referem-se ao divórcio e às novas núpcias<sup>667</sup>, pertencem às mais antigas tradições do Novo Testamento e da tradição de Jesus, com alto grau de probabilidade de serem atribuídas ao próprio Jesus histórico. Contudo, os biblistas oferecem diversificadas interpretações<sup>668</sup>.

Sublinha-se que nas tradições de Jesus que antecedem aos evangelhos (essas tradições refletir-se-iam em Mc 10,2-9; 12,18-27), a visão escatológica de Jesus desafia criticamente o matrimônio patriarcal tradicional. Ela interpreta as estruturas de matrimônio não em relação a ordem da criação, e sim em relação com a teologia apocalíptica da restauração da criação original. O estado escatológico de homens e mulheres não se baseia na diferença sexual, porém na liberdade da diferença sexual. Os imperativos de Jesus não oferecem normas válidas para as circunstâncias historicamente condicionadas de sua época, e sim revelam que o reino vindouro de Deus possui um caráter escatológico que transcende os limites das interpretações morais tradicionais<sup>669</sup>.

No movimento cristão inicial Paulo defende o celibato ascético como prioridade sobre o matrimônio, contudo desenvolve uma teologia do matrimônio como uma necessidade prática<sup>670</sup>.

Paulo mesmo contava com casais missionários colaboradores, Priscila e Áquila. Ele defende que

<sup>666</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 397; cf. BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 7-77; Mc 10,29; Lc 18,29.

<sup>667</sup> Cf. Mc 10,11-12; Mt 5,31-32; 19,3-9; Lc 16,18; 1Cor 7,10-11; KASPER, W. *Teologia do matrimônio cristão*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 44-46; Santo Domingo, 213.

<sup>668</sup> Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 397-401.

<sup>669</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 399.

<sup>670</sup> Cf. 1Cor 7; GRELOT, P. *O casal humano na Escritura*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 84-91; BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p.11-28.

os esposos não se divorciem interpretando como sendo palavra do Senhor, mas, baseado na experiência missionária admite a exceção<sup>671</sup>.

Os códigos domésticos<sup>672</sup> das cartas pastorais regulamentam o comportamento doméstico, afirmando a importância do matrimônio e da família, e estabelecendo três ordens de relacionamento, priorizando o primeiro com o papel de direção e responsabilidade e o segundo com o papel de obediência: esposo e esposa, pais e filhos, senhores e escravos<sup>673</sup>. Efésios traça um paralelismo entre o matrimônio de um lado e Cristo e a Igreja do outro: como Cristo é cabeça da Igreja, o esposo é cabeça da esposa<sup>674</sup>. A partir das Escrituras a Igreja localiza a família e o matrimônio no horizonte da eclesiologia, referindo-se especialmente à imagem e ao mistério de Cristo-esposo e Igreja-esposa.

As Conclusões das Conferências do CELAM, de Medellín a Santo Domingo, não ignoram o aspecto eclesiológico, integram-no, mas apresentam uma novidade, inserem as realidades do matrimônio e da família no contexto da reflexão sobre a promoção humana e o desenvolvimento dos povos, temas emergentes e gritantes no contexto histórico das Conferências<sup>675</sup>.

A reflexão teológica e pastoral do matrimônio e da família desenvolveu-se debaixo da constante atenção do Papa João Paulo II<sup>676</sup>. No encontro com as famílias, na celebração do

---

<sup>671</sup> Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 400-401; BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 73-74.

<sup>672</sup> Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 401-404; BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 11-28. 78-112.

<sup>673</sup> Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 402.

<sup>674</sup> Cf. Ef 5,21-33; GRELOT, P. *O casal humano na Escritura*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 91-107; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 87-98, p. 125-127. 157-160. 178-182.

<sup>675</sup> Cf. DOCUMENTOS DO CELAM: Rio, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004, p. 263.

<sup>676</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Vá em paz: um presente de amor permanente*; editado por Joseph Durepos. Aparecida: Santuário, 2005, p. 123-138; SANTOS, G. M. de. *Matrimônio e Família no magistério de João Paulo II*. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de.; (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 17-100; FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 193-208.

vigésimo ano de publicação da Exortação apostólica *Familiaris Consortio* em outubro de 2001, inúmeras vezes o Papa referiu-se à família como “família doméstica” reconhecendo a família no coração da Igreja Universal, a “grande Igreja doméstica”<sup>677</sup>. Exortou e convocou a Igreja a acreditar na família “a partir da verdade originária e fundamental: *Deus acredita firmemente na família*”<sup>678</sup>. Trata-se de um tema que compromete a Igreja a refletir sobre a verdade da família e seu papel no futuro da humanidade, por isso, solenemente proclamou esta Boa-Nova: “*Acreditar na família é construir o futuro*”<sup>679</sup>.

Angelo Scola interpreta o matrimônio cristão e a família cristã à luz do mistério cristão: o mistério nupcial de Cristo e da Igreja. Na unidade matrimônio-família está a base de toda a existência humana e cristã, ali tudo começa:

‘Acreditar na família é construir o futuro’ (João Paulo II). Na família tudo começa. Ali são geradas novas vidas humanas. Ali elas crescem, são educadas e se desenvolvem para a maturidade. Ali se colocam as bases para toda a existência humana e cristã, para a sua dimensão individual, pessoal, social e comunitária. Neste sentido ali se contribui para forjar a história da humanidade, investir na família, apostar na família, ajudar a construir sobre rocha firme o futuro de cada vida nascente e da sociedade como um todo<sup>680</sup>.

A epidemia de crises conjugais adoece a célula básica da sociedade e da Igreja, a família. Os organismos social e eclesial dependem da saúde das células básicas, para não adoecer ou, até mesmo, morrer. Os problemas sociais emergentes são provocados por pessoas que nascem em

<sup>677</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso na festa das famílias, 20 de outubro 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/jonh\\_paul\\_ii/speeches/2001/october/documents.hfj](http://www.vatican.va/jonh_paul_ii/speeches/2001/october/documents.hfj)>. Acesso em 03/11/2006, 07:10:09.

<sup>678</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso na festa das famílias, 20 de outubro 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/jonh\\_paul\\_ii/speeches/2001/october/documents.hfj](http://www.vatican.va/jonh_paul_ii/speeches/2001/october/documents.hfj)>. Acesso em 03/11/2006, 07:10:09.

<sup>679</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso na festa das famílias, 20 de outubro 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/jonh\\_paul\\_ii/speeches/2001/october/documents.hfj](http://www.vatican.va/jonh_paul_ii/speeches/2001/october/documents.hfj)>. Acesso em 03/11/2006, 07:10:09.

<sup>680</sup> SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 11; cf. VIDAL, M. *O Evangelho da vida: para uma leitura da Evangelium vitae*. São Paulo: Paulinas, 1998. Passim; SÉGUIN, M. *Contracepção e a Igreja: balanço e perspectiva*. São Paulo: Paulinas, 1998. Passim.

uma família, lugar onde se aprendem, simultaneamente, o sentido de amor e ódio. “A família é fonte emergente dos valores humanos”<sup>681</sup>, se ela fica doente, sucumbem a sociedade e a Igreja<sup>682</sup>.

A proposta de Deus para a sociedade e para a Igreja é a família alicerçada no matrimônio como sacramento. Este é em si, como realidade sacramental, um mistério inserido no Mistério de Deus que se revela em Jesus Cristo de Nazaré, na aliança eterna realizada na paixão, morte e ressurreição. Por esse motivo deve ser compreendido no âmbito do mistério de Deus Criador e Redentor e da evolução teológica, alicerçada na Sagrada Escritura e na Tradição.

## 2. Perspectivas teológicas antigas e novas sobre o matrimônio e a família

### 2.1 A família reflete a vida trinitária

“A Trindade é o modelo arquetípico da vida interpessoal, familiar, comunitária e social”<sup>683</sup>. Como viver trinitariamente os diversos aspectos da vida matrimonial, familiar e social?<sup>684</sup> A família é imagem de Deus-Trindade<sup>685</sup>!

Entendemos Deus como Trindade em seu ser e em seu agir. A Trindade econômica, que é a Trindade imanente, deixa-se refletir na realidade do ser e no agir da família. O homem e a mulher, em igual medida, criados por amor e para o amor, imagem e semelhança do Deus

<sup>681</sup> CIFUENTES, R. L. *As crises conjugais*. São Paulo: Quadrante, 2001, p. 42.

<sup>682</sup> Cf. CIFUENTES, R. L. *As crises conjugais*. São Paulo: Quadrante, 2001, p. 42-54.

<sup>683</sup> CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 20.

<sup>684</sup> Cf. CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 19-27.

<sup>685</sup> Cf. GIORDANO, N. *A família, ícone da Trindade*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 47-58; BOFF, L. *A Trindade e a sociedade: o Deus que liberta seu povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 45-46. 136-137; GRELOT, P. *O casal humano na Escritura*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 109-116; MD 6-7; CtFm 6; CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 20. 101-105.

peçoal, foram chamados à unidade formada por duas pessoas distintas, (cf. Gn 1, 27)<sup>686</sup>. Unidos numa só carne, colaboradores de Deus na geração, recepção e crescimento da vida, os esposos, ao darem à luz a outros seres humanos distintos, os filhos, formam a “comunidade de vida e de amor”<sup>687</sup>, formam a família:

Deus criou o homem à sua imagem e semelhança: chamando-o à existência *por amor*, chamou-o ao mesmo tempo *ao amor*. Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano<sup>688</sup>.

Para João Paulo II, o modelo originário da família encontra-se em Deus mesmo e no mistério trinitário de sua vida:

À luz do Novo Testamento, é possível vislumbrar como *o modelo originário da família deve ser procurado no próprio Deus*, no mistério trinitário da sua vida. O «Nós» divino constitui o modelo eterno do «nós» humano; e, em primeiro lugar, daquele «nós» que é formado pelo homem e pela mulher, criados à imagem e semelhança de Deus. As palavras do livro do Gênesis encerram em si aquela verdade sobre o homem, que corresponde à própria experiência da humanidade. O ser humano é criado, desde «o princípio», como homem e mulher: a vida da coletividade humana - tanto das pequenas comunidades como da sociedade inteira - está marcada por esta dualidade primordial. Dela derivam a «masculinidade» e a «feminilidade» dos simples indivíduos, tal como daí recebe cada comunidade a própria riqueza característica, no recíproco complemento das pessoas. A isto mesmo parece aludir a citação do livro do Gênesis: «Ele os criou homem e mulher» (Gn 1, 27). Esta é também a primeira afirmação da igual dignidade do homem e da mulher: ambos são, igualmente, pessoas. Esta sua constituição, com a dignidade específica que daí deriva, define desde «o princípio» as características do bem comum da humanidade, em todas as dimensões e âmbitos da vida. A este bem comum,

---

<sup>686</sup> Cf. MD 6-7; CtFm 6; FC, 11.

<sup>687</sup> GS, 48; cf. VIDAL, M. *O Evangelho da vida: para uma leitura da Evangelium vitae*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 9-127; SÉGUIN, M. *Contracepção e a Igreja: balanço e perspectiva*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 25-35. 51-61. 89-100.153-181.

<sup>688</sup> FC 11.

ambos, o homem e a mulher, dão o próprio contributo, graças ao qual se constata, nas próprias raízes da convivência humana, o caráter de comunhão e complementariedade<sup>689</sup>.

A simbólica familiar utilizada por Jesus, expressa a atitude prática reveladora da íntima e única comunhão com o Pai: *Abba*, ou *paizinho*<sup>690</sup>. O pai é aquele que vai, misericordiosamente, à procura dos filhos que não o procuram e que se mantém bondoso para com os filhos bons e fiéis. Jesus é a misericórdia do Pai, com ele se identifica e instaura o seu reino, sua prática é a real solidariedade para com os desprezados<sup>691</sup>.

Deus-Trindade é comunidade de Pessoas, comunidade de vida e de amor. Comunidade de pericórese-koinonia, isto é, de interpenetração e comunhão. Comunidade família-trinitária: Deus em si mesmo é Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo, de única substância e natureza, Três Pessoas eternamente inter-relacionadas. O dogma trinitário desenvolveu-se à luz da economia salvífica e do monoteísmo bíblico a partir da idéia de um Deus único e comunitário, Pai, Filho e Espírito Santo. Na Antigüidade cristã, a teologia e dogma era a liturgia, a fé celebrada<sup>692</sup>.

O termo pericórese pode ser conceituado como a interpenetração das Pessoas divinas que em sua essência são Um só Deus consubstancial, e, ao mesmo tempo, Trino. O termo surgiu no século VI com Pseudo Cirilo<sup>693</sup>. A questão de um Deus ao mesmo tempo Uno e Trino já fora colocada pela Igreja nos séculos III e IV simultaneamente à reflexão sobre a divindade do Filho e

<sup>689</sup> CtFm 6; cf. VIDAL, M. *O Evangelho da vida: para uma leitura da Evangelium vitae*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 63-126.

<sup>690</sup> Cf. Mc 1,35; 6,46; 14,32-42; Lc 3,21; 5,16; 6,12; 8,28; 11,1.

<sup>691</sup> Cf. Lc 6,20-35; 15; Mt 11,25-27; 18,12-14; 25,31-46; Mc 12,1-9; 13,32.

<sup>692</sup> Cf. Os verbetes: “História da Liturgia”, “Sacramentos”, “Espírito Santo”, “Fé e Liturgia”, “Eucaristia”, mais especificamente os verbetes “Profissão de fé”, “Padres e liturgia” e “Teologia Litúrgica” in SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992; LIBANIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 121; CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade? Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova*, 2000, p. 26-34. 187-189.

<sup>693</sup> Cf. PRESTIGE, J. L. *Dios en el pensamiento de los padres*. Salamanca: 1997, p. 281.

do Espírito Santo, questões fundamentais para as afirmações trinitárias que se seguiram nos séculos posteriores<sup>694</sup>.

A reflexão do século IV, na busca de uma fórmula trinitária, construiu uma linguagem que estruturou essa natureza e a distinção: “há três pessoas distintas em uma só natureza divina”<sup>695</sup>. Para se chegar a esta conclusão e abrir caminho para outras reflexões, como a relação trinitária, foram combatidas grandes heresias que até hoje influenciam algumas teologias: o modalismo, o subordinacionismo e o triteísmo<sup>696</sup>.

A teologia trinitária desenvolveu-se entre os séculos III e VI, mais propriamente, através de sete Concílios considerados Ecumênicos<sup>697</sup>. Quatro desses Concílios se destacam por sua relevância e pertinência doutrinária: os Concílios de Nicéia (325) e Constantinopla I (381) trataram de questões relacionadas aos dogmas fundamentais relativos à Trindade; os Concílios de Éfeso (431) e Calcedônia (451) trataram de questões relacionadas à Encarnação do Verbo. Os Concílios tratavam especialmente das questões relativas à Trindade; à cristologia, que procurava responder à pergunta, “Jesus é Deus?”<sup>698</sup>, refletindo a encarnação, a humanidade e a divindade de Jesus; a eclesiologia<sup>699</sup>.

---

<sup>694</sup> Cf. SESBOÛÉ, B. (org.). *História dos dogmas*. V. 1,1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002, p. 243. BOFF, L. *A Trindade e a sociedade: o Deus que liberta seu povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 170-171; FORTE, B. *A Trindade como história*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987, p.114; SILVA, M. F. DA. Sobre o termo Pericórese. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 4, n. 14, p. 19-28, [jan./mar.] 1996; FORTE, B. *Nos caminhos do Uno: metafísica e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 61-82.

<sup>695</sup> SESBOÛÉ, B. (org.). *História dos dogmas*. V. 1,1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002, p. 243.

<sup>696</sup> Cf. BOFF, L. *A Trindade e a sociedade: o Deus que liberta seu povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 66-69. 286.

<sup>697</sup> Cf. SESBOÛÉ, B. (org.). *História dos dogmas*. V. 1,1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002, p. 121-353.

<sup>698</sup> FERRARO B. *Encarnação, questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 9.

<sup>699</sup> Cf. FERRARO B. *Encarnação, questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 5-40; ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 23-108; BOFF, L. *A Trindade e a sociedade: o Deus que liberta seu povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 89-91.

A questão cristológica que nas primeiras comunidades era mais de caráter querigmático, funcional, metafórico, tornou-se questão ontológica e metafísica<sup>700</sup>. Sobre a doutrina da Trindade é relevante ressaltar: o Símbolo *Quicumque (430-500) ou pseudo-atanasiano*; a questão da *precedência* e do *filioque (e do Filho)* nos símbolos do Concílio de Toledo (400) e do Concílio de Florença (1431 a 1447); o Decreto para os Jacobitas sobre a pericórese, a interpenetração das três pessoas; o IV Concílio de Latrão (1215) e a declaração (1972) sobre o mistério do Filho de Deus<sup>701</sup>.

Após o século IV, a reflexão teológica de Santo Agostinho a Santo Tomás possibilitou à teologia avançar na direção da pericórese Trinitária. No Oriente os debates trinitários prosseguiram até o final do século V. Os principais expoentes da pericórese são: Eunômio, Basílio de Cesaréia, Gregório de Nissa, Teodoro de Mopsuéstia, Cirilo de Alexandria<sup>702</sup>.

Agostinho deu continuidade a seus predecessores refletindo a relação hipostática, na qual busca a distinção na Trindade. A unidade (o que une) estava definida, agora, é necessário buscar caminhos para discernir o que diferencia na Trindade. Para Ele, há uma só substância porque em Deus tudo é consubstancial e reside nos nomes sem implicar diferenças na substância, em Deus consubstancial há uma relação recíproca. O termo “pessoa” para Agostinho é um termo absoluto, não um termo relativo. Por isso o Pai é Pai, o Filho é Filho e o Espírito Santo é Espírito Santo. “Uma substância e três hipóstases” ou “uma essência (ou substância) e três pessoas”<sup>703</sup>.

<sup>700</sup> Cf. FERRARO B. *Encarnação, questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 5-12.

<sup>701</sup> Cf. BOFF, L. *A Trindade e a sociedade: o Deus que liberta seu povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 91-101.

<sup>702</sup> Cf. SESBOÛÉ, B. (org.). *História dos dogmas*. V. 1,1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002, p. 263.

<sup>703</sup> SESBOÛÉ, B. (org.). *História dos dogmas*. V. 1,1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002, p. 266.

Deram continuidade e contribuição ao pensamento teológico, sem, contudo, aproximar os conceitos de relação e pessoa: Boécio (480-524), Anselmo (1033-1109) e Gilbert de la Porrée (1085-1154)<sup>704</sup>.

Bernard Sesboüé, citando Santo Tomás, comenta:

[...] basta aproximar os conceitos de relação e de pessoas para ver que em Deus eles se coincidem. Eles têm, de fato, mesma significação relativa e mesma significação absoluta. Na noção de relação Santo Tomás salientou o aspecto absoluto; na de pessoa, o relativo: ‘Em Deus, dissemos, não há distinção senão em razão de origem. Por outro lado, a relação em Deus não é como um acidente inerente a um sujeito: ela é a essência divina mesma; por conseguinte, ele é subsistente no mesmo nível da essência divina. Assim, pois, como a deidade é Deus, assim também a paternidade divina é Pai, isto é, uma pessoa divina. Assim, a ‘pessoa divina’ significa a relação enquanto subsistente: em outras palavras, significa a relação por maneira de substância, isto é, de hipóstase subsistente na natureza divina (embora o que subsiste na natureza divina não seja outra coisa senão a natureza divina)’ a Pessoa divina é, portanto, um ser puramente relacional, sendo ao mesmo tempo um ser relacional subsistente<sup>705</sup>.

A partir do comentário e da citação acima, podemos entender que a relação subsistente em Deus, que faz a diferença entre os Três divinos, não é acidental, ou seja, um “ser para o outro” (Deus é Pai para o Filho); mas a relação é absoluta, o que Deus é “em si” o é também “para”, ou seja:

Em Deus essa relação é o que constitui a pessoa como tal. O *para-outrem relacional da pessoa é identicamente seu em-si*: o que o Pai é para seu Filho o constitui unicamente em si mesmo como Pai; em outras palavras: o Pai é por inteiro Pai, não é senão isso, *ele é paternidade subsistente*. E só essa relação subsistente o distingue realmente de seu Filho; para todo o resto ele é um com o Filho<sup>706</sup>.

A relação subsistente em Deus manifesta a comunhão Trinitária, pois, a comunhão:

<sup>704</sup> Cf. SESBOÜÉ, B. (org.). *História dos dogmas*. V. 1,1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002, p. 266.

<sup>705</sup> SESBOÜÉ, B. (org.). *História dos dogmas*. V. 1,1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002, p. 270.

<sup>706</sup> SESBOÜÉ, B. (org.). *História dos dogmas*. V. 1,1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002, p. 270.

[...] é expressão do amor e da vida. Vida e amor, por sua própria natureza, são dinâmicos e transbordantes. Sob o nome de Deus devemos entender, portanto sempre a Tri-unidade, a Trindade como união do Pai, do Filho e do Espírito Santo. [...] *A interpenetração permanente, a correlacionalidade eterna, a auto-entrega das Pessoas umas às outras constituem a união trinitária, a união das pessoas.* Para expressar esta união, a teologia, a partir do século VI, cunhou a expressão grega pericórese (cada Pessoa contém as outras duas, cada uma penetra as demais e se deixa penetrar, uma mora na outra e reciprocamente). [...] Tudo na Trindade será pericorético, a união, o amor, as relações hipostáticas<sup>707</sup>.

O evento “Páscoa” é a central manifestação do amor-comunhão, ou unidade da Trindade: “A unidade do evento pascal é a unidade do evento do amor que ama (o Pai), que é amado (o Filho), que une na liberdade (o Espírito – cf. 1Jo 4,7-16). Na Páscoa se torna manifesto que o amor não só produz e cria a unidade, como já a pressupõe”<sup>708</sup>

Em Deus tudo é relação pericorética de Pessoas. A família deve ser, de alguma forma e a seu modo, a imagem das relações que há em Deus, pois, Ele é a fonte da história da salvação<sup>709</sup>. Em Deus e no seu mistério de unidade e de relações pericoréticas, a família encontra o seu começo e a sua eternidade.

A família é comunidade de pessoas humanas. Sua conceituação teológica, “Comunidade de vida e de amor”<sup>710</sup>, expressa profundamente a realidade da Trindade como comunidade de vida e de amor, uma família pericorética<sup>711</sup>, isto é, uma unidade em íntima relação de amor, de entrega total, de ternura e de doação de si<sup>712</sup>. Puebla assim entende:

<sup>707</sup> BOFF, L. *A Trindade e a sociedade: o Deus que liberta seu povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 15.

<sup>708</sup> FORTE, B. *A Trindade como história*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987, p.137; cf. também: p. 138-139.

<sup>709</sup> Cf. DONGHI, A, Profissão de fé, in SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 954.

<sup>710</sup> GS, 48; cf. FC, 11.17-27.

<sup>711</sup> A pericórese de Deus Trino-Uno tem incidência na vida conjugal e familiar. As categorias pericórese-koinonia ou interpenetração-comunhão, essência da Unidade da Trindade, são fonte e meta de vida da vida conjugal e familiar, ao mesmo tempo, impulso da sua missão no mundo e na Igreja.

<sup>712</sup> Cf. GS, 48: “(...) no ato humano com o qual os cônjuges mutuamente se dão e se recebem um ao outro – através dele – nasce uma instituição também à face da sociedade, confirmada pela lei divina”; GS, 49.

A família é imagem de Deus, que ‘no mais íntimo do seu mistério não é uma solidão, mas uma família’ (João Paulo II). É uma aliança de pessoas, à qual se chega por vocação amorosa ao Pai, que convida os esposos a uma “íntima comunhão de vida e de amor” (GS 48), cujo modelo é o amor de Cristo por sua Igreja. A lei do amor conjugal é a comunhão e a participação, não dominação<sup>713</sup>.

A família natural, feita família teologal, torna-se família sacramento do Deus amor, comunhão e relação pericorética. O texto de Gênesis 1, 27, geralmente, é lido na ótica da antropologia: homem e mulher, criados à imagem e semelhança de Deus. Outra possibilidade é a leitura do mesmo texto na ótica da família e de seu fundamento, a unidade<sup>714</sup> do amor do homem e da mulher, e das gerações:

[...] desde o ‘princípio’, ao criar o ser humano à sua imagem e semelhança, homem e mulher, Ele quis colocar no *centro do seu projeto* a realidade do amor entre o homem e a mulher (cf. *Gn* 1, 27). Toda a história da salvação é um apaixonado diálogo entre *o Deus fiel*, que os profetas descrevem com frequência como o noivo e o esposo, e *a comunidade eleita*, a esposa, muitas vezes tentada pela infidelidade, mas sempre esperada, procurada e novamente amada pelo seu Senhor (cf. *Is* 62, 4-5; *Os* 1-3). A confiança que o Pai tem em relação à família é tão forte que, pensando também nela, enviou o seu Filho, o Esposo, que veio para redimir a sua esposa, a Igreja e, nela, cada homem e cada família (cf. *Carta às Famílias*, 18)<sup>715</sup>.

O Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Gaudium et spes*, antes de falar das necessidades urgentes à luz do Evangelho e das experiências humanas, entre elas a realidade da família, falou sobre a dignidade da pessoa humana e sua missão individual e social. Na dignidade da pessoa humana, em cuja razão está “na vocação à união com Deus”<sup>716</sup>, reside o fundamento da dignidade do matrimônio e da família. O respeito pela vida humana deve começar na família e se

<sup>713</sup> Puebla, 582.

<sup>714</sup> Cf. GS, 49: “A unidade do matrimônio, confirmada pelo Senhor, manifesta-se também claramente na igual dignidade da mulher e do homem que se deve reconhecer mútuo e pleno amor”.

<sup>715</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso na festa das famílias, 20 de outubro 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/jonh\\_paul\\_ii/speeches/2001/october/documents.hfj](http://www.vatican.va/jonh_paul_ii/speeches/2001/october/documents.hfj)>. Acesso em 03/11/2006, 07:10:09.

<sup>716</sup> GS, 19.

estender à sociedade, a partir do reconhecimento de todos da dignidade humana, de todas e de cada pessoa humana<sup>717</sup>.

Frente ao alarmante desrespeito à vida humana em todo o planeta, o Concílio deseja pôr-se a serviço da salvação da vida e declara: “A Salvação da pessoa e da sociedade humana e cristã está intimamente ligada com uma favorável situação da comunidade conjugal e familiar”<sup>718</sup>. Por isso, sobre cada uma das necessidades do nosso tempo, em especial a família, devem “resplandecer os princípios e as luzes que provêm de Cristo e que dirigirão os cristãos e iluminarão todos os homens na busca de solução para tantos e complexos problemas!”<sup>719</sup>.

O homem e a mulher, no amor conjugal, colaboram com o amor de Deus Criador e Salvador, ao mesmo tempo em que colaboram como seu intérprete<sup>720</sup>. Deste modo, a família é imagem de Deus quando assume a sua missão específica de “transmitir e educar a vida humana”<sup>721</sup>.

Cristo Senhor abençoou copiosamente este amor de múltiplos aspectos nascido da fonte divina da caridade e constituído à imagem da sua própria união com a Igreja. E assim como outrora Deus veio ao encontro do seu povo com uma aliança de amor e fidelidade (Cf. Os 2; Jr 3,6-13; Ez 16 e 23; Is 54), assim agora o Salvador dos homens e Esposo da Igreja (Cf. Mt 9,15; Mc 2,19-20; Lc 5,34-35; Jo 3,29; 2Cor 11,2; Ef 5,27; Ap 19,7-8; 21,2 e 9) vem ao encontro dos esposos cristãos com o sacramento do matrimônio. E permanece com eles, para que, assim como Ele amou a Igreja e se entregou por ela (Cf.

<sup>717</sup> Cf. GS, 9. 12. 14. 18. 23. 39. 48. 52; CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 20-26; CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 96; VIDAL, M. *O Evangelho da vida: para uma leitura da Evangelium vitae*. São Paulo: Paulinas, 1998. Passim.

<sup>718</sup> GS, 47; cf. LG, 11; GS, 52.48; FC, 21.85; SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 196; CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 96-105; VIDAL, M. *O Evangelho da vida: para uma leitura da Evangelium vitae*. São Paulo: Paulinas, 1998, p.9- 126; SÉGUIN, M. *Contracepção e a Igreja: balanço e perspectiva*. São Paulo: Paulinas, 1998, 51-61. 75-85.89-99; VIDAL, M. *O Evangelho da vida: para uma leitura da Evangelium vitae*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 129-143.

<sup>719</sup> GS, 56.

<sup>720</sup> Cf. GS, 50; CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 95-100.

<sup>721</sup> GS, 50; cf. SÉGUIN, M. *Contracepção e a Igreja: balanço e perspectiva*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 183-224.

Ef 5,25), de igual modo os cônjuges, dando-se um ao outro, se amem com perpétua fidelidade. (...) A família cristã, nascida do matrimônio que é imagem e participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja (Cf. Ef 5, 32), manifestará a todos a presença viva do Salvador no mundo e autêntica natureza da Igreja, quer por meio do amor dos esposos, quer pela sua generosa fecundidade, unidade e fidelidade, quer pela amável cooperação de todos os seus membros<sup>722</sup>.

A perspectiva trinitária como modelo das relações humana, familiar eclesial e social está longe de ser alcançada. Impõe-se a urgente e profunda reflexão atualizada e abrangente da antropologia na perspectiva trinitária, uma vez que, no decorrer da história, a mulher, em relação ao homem, enfrentou atitudes antitrinitárias<sup>723</sup>, pois, “uma das tarefas mais necessárias à humanidade é ‘sanar’ a relação homem-mulher, enriquecê-la, torná-la mais humana, aproximando-a mais do projeto de Deus”<sup>724</sup>. De modo semelhante, as expressões institucionais como a Igreja, a sociedade e a família<sup>725</sup>.

Imagem da Trindade imanente e econômica, a família é uma realidade que age na história e torna presente no mundo a íntima comunhão de vida e de amor. A aplicação da chave trinitária à realidade do matrimônio a partir de cada uma das Pessoas trinitárias redescobre:

*Deus Criador* como fonte da intrínseca do amor conjugal; a relação entre Cristo e a Igreja como Aquele modelo de amor fiel e incondicional; o *Espírito* como Aquele que “recupera” permanentemente o amor, ajudando-o a superar seus próprios limites naturais pelo dinamismo evangélico<sup>726</sup>.

---

<sup>722</sup> GS, 48.

<sup>723</sup> Cf. CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 96; PETRINI, J. C. Notas para uma antropologia da família. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de. (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 71-100; GONÇALVES, P. S. L. O ser humano como imagem e semelhança de Deus: a antropologia teológica. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 251-309.

<sup>724</sup> CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 98.

<sup>725</sup> Cf. CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 97-98.

<sup>726</sup> CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 24.

A chave trinitária pode ser aplicada à realidade matrimônio-família a partir das relações pericoréticas trinitárias, “que constituem a vida íntima de Deus”<sup>727</sup>. As realidades Trindade e família pericoréticas implicam duplo movimento: primeiro, compreender como deve ser a realidade do matrimônio e a família a partir das relações que ocorrem na vida intratrinitária; depois, “partir da experiência ‘trinitária’ vivida em família para intuir com mais profundidade a vida de Deus”<sup>728</sup>.

Enrique Cambón apresenta três argumentos para dizer “em que sentido a vida conjugal e familiar reflete as relações trinitárias da vida divina”<sup>729</sup>:

- a) A unidade na diversidade das Pessoas divinas encontra seu reflexo e sua imagem na unidade que respeita a singularidade própria do marido, da mulher e dos filhos. [...]
- b) A perfeita comunhão que existe na Trindade é o modelo do qual participa o amor matrimonial-familiar. [...]
- c) O Amor da Trindade divina, que livremente se abre e se comunica à criação e à história humana, é participado mediante um amor esponsal aberto não só aos filhos, mas também à humanidade toda. Nesse sentido é profética a proposta ‘tal como a família, assim a sociedade’: uma experiência trinitária de família ‘pode inspirar linhas que ajudem a mudar o mundo’, transformando a humanidade numa só e grande família [C. Lubichi]<sup>730</sup>.

O amor conjugal é assumido no amor divino e o amor conjugal e familiar reflete o amor divino. A família de Nazaré é reflexo primário do amor divino. A encarnação do Verbo no seio

<sup>727</sup> CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 26.

<sup>728</sup> CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 102. 101-105; cf. PETRINI, J. C. Pessoa, Matrimônio, Família: entre cultura Pós-moderna e cristianismo. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de. (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 39.

<sup>729</sup> CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 103.

<sup>730</sup> CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 103-104.

de uma família revela sua dignidade e missão. A família é imagem de Jesus, enquanto sinal de sua Páscoa e revelador da Trindade<sup>731</sup>.

## 2.2 A família de Nazaré reflete a Trindade

Todo ser humano se sente realizado plenamente e feliz se encontra acolhimento na família, ambiente onde é amado e respeitado em sua dignidade, naquilo que lhe é comum ou diferente aos outros. Tudo contribui para a formação e o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos em uma família. A família de origem tem sido a “principal força na determinação de sua própria personalidade [ela] é fundamental na formação da nossa identidade como indivíduos”<sup>732</sup>.

Em qualquer família os genitores não são amorosos por iguais. Sem nenhum julgamento de valor, “os dois desempenham um importante papel na vida familiar, embora toda a família pareça dividir essa tarefa de amor<sup>733</sup>. O fenômeno do favoritismo “é uma força universal e poderosa na dinâmica familiar [ele] forma o cerne do desenvolvimento da personalidade de toda criança e constitui a principal influência em seu comportamento futuro”<sup>734</sup>. A família amorosa e equilibrada, mesmo diante da realidade do “favoritismo”<sup>735</sup>, cria tipos diferentes de

<sup>731</sup> Cf. Puebla 582-584; CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 99.

<sup>732</sup> RABIE-AZOORY, V. *Eles amam você, eles não me amam: a verdade sobre o favoritismo familiar e a rivalidade entre irmãos*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 16; cf. CIFUENTES, R. L. *Família: fidelidade-felicidade*. Rio de Janeiro: Marques-Saraiva, 1998, p. 9-23; SCHNEIDER, R. *Desafios do convívio familiar*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 5-6. 17-18. 43-44. 64-65. 80.

<sup>733</sup> Cf. RABIE-AZOORY, V. *Eles amam você, eles não me amam: a verdade sobre o favoritismo familiar e a rivalidade entre irmãos*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 17.

<sup>734</sup> RABIE-AZOORY, V. *Eles amam você, eles não me amam: a verdade sobre o favoritismo familiar e a rivalidade entre irmãos*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 17; cf. CIFUENTES, R. L. *Família: fidelidade-felicidade*. Rio de Janeiro: Marques-Saraiva, 1998, p. 74-105; SCHNEIDER, R. *Desafios do convívio familiar*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 5-6. 17-18. 43-44. 64-65. 80.

<sup>735</sup> RABIE-AZOORY, V. *Eles amam você, eles não me amam: a verdade sobre o favoritismo familiar e a rivalidade entre irmãos*. São Paulo: Paulinas, 2000, p.15-32. 71-101. 119-137.

personalidades, capaz de “um grau inédito de percepção não só de sua própria vida mas também das outras”<sup>736</sup>.

A grande necessidade do ser humano é ser amado e aceito incondicionalmente e saber que pode abandonar-se em mãos afetuosas. Os casais atuais procuram, mais que nunca, uma relação profunda e calorosa que permita a cada um desabrochar na partilha, na comunicação, na criação e no amor<sup>737</sup>.

A família de Nazaré reflete a Trindade<sup>738</sup>, pois, “a Família divina, Pai e Filho e Espírito Santo se auto-revelou e se autocomunicou à família humana de Jesus, Maria e José”<sup>739</sup>.

Criatura humana, desvinculada de Deus, perdeu seu endereço, cortou as raízes, mutilou sua estrutura fundamental. Não se joga fora impunemente o que temos de mais sagrado, precioso, essencial: nossa vinculação com a eternidade, com o Criador. A família é fundamentalmente – luz, caminho, solução, reflexo trinitário na terra dos homens, abençoada a família de Nazaré<sup>740</sup>.

Não há uma biografia de Jesus, Maria e José, o acesso histórico a Eles, dado o caráter das fontes, é-nos possível graças aos dados revelados: “O que encontramos é sempre fato associado à teologia, acontecimento histórico ligado a uma interpretação de fé”<sup>741</sup>.

De alguma forma, a Trindade celeste preparou essa família para poder ser a trindade terrestre. [...] Aos olhos dos vizinhos, constituem uma família normal, integrada na parentela (cf. Lc 1,39-80). Aos olhos da Trindade se realiza a entrada discreta e silenciosa da Família divina para armar sua tenda na família humana, a fim de fazer todas as famílias participarem de sua comunhão e de sua vida eterna<sup>742</sup>.

<sup>736</sup> RABIE-AZOORY, V. *Eles amam você, eles não me amam: a verdade sobre o favoritismo familiar e a rivalidade entre irmãos*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 18; cf. CIFUENTES, R. L. *Família: fidelidade-felicidade*. Rio de Janeiro: Marques-Saraiva, 1998, p. 74-105.

<sup>737</sup> EVELY, L. *Reinventar o matrimônio*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 9; cf. SCHNEIDER, R. *Desafios do convívio familiar*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 5-6. 17-18. 43-44. 64-65. 80.

<sup>738</sup> Cf. CIGC 2205: “a família é um símbolo e imagem da comunidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

<sup>739</sup> BOFF, L. *São José: a personificação do Pai*. Campinas: Verus, 2005, p. 149.

<sup>740</sup> SCHNEIDER, R. *Desafios do convívio familiar*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 41-42.

<sup>741</sup> BOFF, L. *O rosto materno de Deus*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 121; cf. BOFF, L. *São José: a personificação do Pai*. Campinas: Verus, 2005, p. 15-153; RH, 8.

<sup>742</sup> BOFF, L. *São José: a personificação do Pai*. Campinas: Verus, 2005, p. 162.

A Igreja reconhece que a encarnação do Filho foi o modo pelo qual Deus se uniu a toda a humanidade e a cada ser humano em particular, alcançando toda a criatura. De modo semelhante, a presença da Família divina na família humana tocou toda a família humana e cada uma das famílias em particular, mantendo o “caráter trinitário e comunal do modo cristão de nomear Deus, sempre como comunhão de Pessoas e como Comunidade e Família divina”<sup>743</sup>. Essa presença trinitária da Família divina na família humana, especialmente expressa na relação de Maria com o Espírito e a Palavra-Verbo que dela nasceria e de José através das revelações do Anjo, faz da casa de Nazaré um lugar teológico, o lugar do mistério<sup>744</sup>.

A essência de Deus Trindade é o Amor. Sua unidade se define como “ser-amor”<sup>745</sup>. A Trindade é a história eterna do amor pelo mundo e pela Salvação da humanidade. O evento Pascal revela a essência de Deus no eterno movimento amoroso: “O evento Pascal não revela de outro modo a essência divina senão como evento eterno de amor entre os três e do seu amor por nós”<sup>746</sup>. A família é vida configurada a Deus e a seu povo. Comunitariamente ela deve tornar-se imagem de Deus, imagem de Cristo, imagem do Amor e imagem da Igreja<sup>747</sup>.

Os Evangelhos são essenciais para a compreensão da vida e da pessoa de Jesus de Nazaré. As comunidades cristãs relataram suas experiências de fé no Senhor e Salvador deixando-nos referências para entendermos Jesus Cristo: a pessoa histórica de Jesus de Nazaré, suas ações e atitudes, suas palavras e escolhas de vida, indícios de suas relações com o Pai, com a sua família em Nazaré, com o povo de seu tempo e com a história desse mesmo povo. Ele fez a experiência

<sup>743</sup> BOFF, L. *São José: a personificação do Pai*. Campinas: Verus, 2005, p. 163; cf. RH, 1-2. 8; GS, 22.

<sup>744</sup> Cf. MASINI, M. *Maria, o Espírito e a Palavra*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 19-27.

<sup>745</sup> FORTE, B. *A Trindade como história*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 137; cf. também: p. 141; CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 186.

<sup>746</sup> FORTE, B. *A Trindade como história*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987, p.137. 141. 139 146; cf. GIORDANO, N. *A família, ícone da Trindade*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 59-64.

<sup>747</sup> Cf. GIORDANO, N. *A família, ícone da Trindade*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 41-45.

familiar, falou à família de seu tempo e fala hoje, uma palavra aberta à família atual dando-lhe esperança e futuro<sup>748</sup>.

Na família de Nazaré foi forjada a vida interior de Jesus. Maria e José, a Mãe e o pai de Jesus. Do Pai, toda paternidade e maternidade tomam o nome. A família de Nazaré é “esse lugar de graça, tornado *Santuário da Sagrada Família* na história da humanidade”<sup>749</sup>. A família constitui, desde o início, “*um tesouro da Igreja*”<sup>750</sup>:

É tesouro que começa a acumular-se a partir da rica tradição da Antiga Aliança, completa-se na Nova e encontra sua expressão plena e emblemática no mistério da Sagrada família, na qual o Esposo divino opera a redenção de todas as famílias. Dali, Jesus proclama o *evangelho da família*. Deste tesouro de verdade, se nutriram todas as gerações dos discípulos de Cristo, a começar pelos Apóstolos, de cujo ensinamento usufruímos abundantemente nesta carta. [...] *A Sagrada Família é o início de tantas outras famílias santas*. [...] Através da família, passa a história do homem, a história da salvação da humanidade<sup>751</sup>.

Desse modo, a família está intimamente relacionada ao amor de Deus pelo seu Povo na História da Salvação e ao seu pleno cumprimento em Jesus de Nazaré. Imagem de todas as famílias redimidas por Cristo, a família de Nazaré constitui instrumento pelo qual a Salvação chega a cada pessoa e às famílias. Ela encontra-se no centro do combate entre o bem e o mal, com a missão específica de ser “fonte de Deus [e] *liberar as forças do bem*, cuja fonte se encontra em Cristo Redentor do homem”<sup>752</sup>. O evento Pascal é a chave de leitura de toda a história da Salvação realizada em Cristo. A encarnação do Verbo preexistente no seio da família humana é pressuposto para a plena realização do evento Pascoal no sacrifício da Cruz redentora e

<sup>748</sup> Cf. MACHADO, F. *A família e Jesus de Nazaré*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2000, p. 5-13; FC, 13.22; CtFm 2.15.18-19.21; MASINI, M. *Maria, o Espírito e a Palavra*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 7-10; VIDAL, M. *O Evangelho da vida: para uma leitura da Evangelium vitae*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 63-160.

<sup>749</sup> CtFm 23; cf. RH, 8; MASINI, M. *Maria, o Espírito e a Palavra*. São Paulo: Paulinas, 2002, p.7-53.

<sup>750</sup> CtFm 23.

<sup>751</sup> CtFm 23; cf. GS, 47-52.

<sup>752</sup> CtFm, 23.

na Ressurreição<sup>753</sup>. Toda a obra da Salvação em Cristo não é outra coisa senão a realização plena da comunhão entre Deus e os homens<sup>754</sup>.

Nada diz o Novo Testamento sobre Jesus ter sido marido, pai ou ter filhos, ao contrário, atesta somente ter sido solteiro plenamente humano e plenamente Deus. Assumindo a natureza humana conheceu muito bem uma família humana, suas alegrias e suas angústias, nasceu, viveu e foi educado no seio de uma família judaica, em meio às relações com outras famílias de Nazaré, entre a cultura social e religiosa de seu povo, percorreu a região pregando o Reino de Deus e morreu, mais ou menos, aos trinta anos<sup>755</sup>.

Jesus ultrapassou os limites de uma família humana tradicional e propôs uma nova mentalidade e experiência familiar: a comunidade dos discípulos<sup>756</sup>. Seus parentes o imaginam louco, Maria vê seu filho irromper como um carismático-messiânico. A nova comunidade emerge como o lugar de maior abertura e disponibilidade para acolher e fazer realizar os desígnios de Deus. Maria e José realizaram em si os desígnios de Deus<sup>757</sup>.

Jesus Cristo une a humanidade (Esposa) a Si (Esposo) como a seu corpo, no amor e na doação como Salvador da humanidade. Deus une o seu povo redimido a si em uma nova aliança quando assume a carne humana unindo-a a si como a seu corpo, transformando-a em nova criatura. A humanidade redimida torna-se Igreja, esposa de Cristo. A sacramentalidade da Igreja está em ser Corpo de Cristo, expressão viva de sua presença e ação, seu sinal e instrumento<sup>758</sup>.

---

<sup>753</sup> Cf. FC, 13.

<sup>754</sup> Cf. FC, 13. 20.

<sup>755</sup> Cf. Mt 1,16-19; 13,55; Lc, 1,42-45; 2,4-52; 4,16; Mc 3,21-31; MACHADO, F. *A família e Jesus de Nazaré*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2000, p. 7-59; RH, 8-9.

<sup>756</sup> Cf. Mc 3,31-35; Mt 12,46-50; Lc 8,19-21.

<sup>757</sup> Cf. BOFF, L. *O rosto materno de Deus*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 121-124.

<sup>758</sup> Cf. FC, 13; LG, 1-9; GS, 48; CtFm 16; SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 337-339; CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 103.

A família é uma força sacramental de Cristo, pois, “o casal santificado pelo sacramento do matrimônio é testemunho da presença pascal do Senhor”<sup>759</sup>. Uma força que brota da fonte do Sacramento do Matrimônio, entendido como Memorial da Páscoa de Jesus Cristo. Jesus Cristo é a Boa-nova para a família e, ao mesmo tempo, a Boa-Nova da família, que pelo testemunho, é por Ele chamada a iluminar a humanidade pelos caminhos da História<sup>760</sup>.

A força sacramental da família está na íntima união de vida conjugal e familiar e na presença constante e fiel de Cristo, o Esposo<sup>761</sup>. O Sacramento faz do matrimônio e da família a “íntima união de vida em *sinal eficaz do amor entre Cristo e a Igreja*” e os transforma em “*sujeitos responsáveis e protagonistas da vida eclesial e social*”<sup>762</sup>. Deste modo, atribui-se ao ser e ao agir da família o fundamento do futuro da Igreja e da Humanidade; a família é fundamento da convivência humana e paradigma da vida eclesial. Na *Familiaris Consortio* o Papa exortou firmemente: “Família, torna-te aquilo que és!”<sup>763</sup>. No discurso de 20 de outubro de 2001 reafirmou a exortação: “Acrescento: ‘Família, acredita naquilo que tu és!’; acredita na vocação a ser um sinal luminoso do amor de Deus”<sup>764</sup>.

A família tem duas dimensões: a dimensão religiosa, cuja fonte é o desígnio de Deus Criador e Redentor; a dimensão social, enquanto célula vital da sociedade. A família cristã,

<sup>759</sup> Puebla, 583; cf. CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000, p. 103. 186-187.

<sup>760</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Discurso na festa das famílias, 20 de outubro 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/joh\\_paul\\_ii/speeches/2001/october/documents.hfj](http://www.vatican.va/joh_paul_ii/speeches/2001/october/documents.hfj)>. Acesso em 03/11/2006, 07:10:09; Puebla 583.

<sup>761</sup> Cf. SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 339 “Dizendo que o matrimônio é sacramento, expressamos que ele é sinal eficaz do Mistério santo, ou seja, do desígnio do Pai. E, enquanto tal, torna possível a maior exaltação de todos os fatores da vida conjugal. Com efeito, afirmar a sacramentalidade do amor entre o homem e a mulher significa dizer que a modalidade com que Cristo permanece unido à Igreja passa através do modo com que os maridos e as mulheres cristãos estão unidos entre si”.

<sup>762</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso na festa das famílias, 20 de outubro 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/joh\\_paul\\_ii/speeches/2001/october/documents.hfj](http://www.vatican.va/joh_paul_ii/speeches/2001/october/documents.hfj)>. Acesso em 03/11/2006, 07:10:09.

<sup>763</sup> FC 17.

<sup>764</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso na festa das famílias, 20 de outubro 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/joh\\_paul\\_ii/speeches/2001/october/documents.hfj](http://www.vatican.va/joh_paul_ii/speeches/2001/october/documents.hfj)>. Acesso em 03/11/2006, 07:10:09.

fundada sobre o matrimônio, tem sua vida em Cristo e no seu seguimento. Esta é a família a ser acreditada em confronto com as visões distorcidas:

[...] visões deturpadas e mais perigosas do que nunca, alimentadas por ideologias relativistas, maciçamente propagadas pelos mass media. Na realidade, para o bem do Estado e da sociedade, é de importância fundamental *salvaguardar a família assente sobre o matrimônio*, compreendido como ato que sanciona o compromisso recíproco, publicamente expresso e regulado, a plena assunção das responsabilidades mútuas e em relação aos filhos, e o título dos direitos e dos deveres como núcleo social primordial, sobre o qual se fundamenta a vida da nação<sup>765</sup>.

Investir na família fundamentada no matrimônio em níveis legislativo, social e cultural, garante a estrutura familiar, fundamento da sociedade, pois:

*Ela é a principal fonte de esperança para o futuro da humanidade e, por conseguinte, a nossa esperança é de que os indivíduos, as comunidades e os sujeitos sociais acreditem cada vez mais na família fundamentada sobre o matrimônio, lugar de amor e de solidariedade autêntica*<sup>766</sup>.

Jesus Cristo é o princípio de vida e santidade do casal cristão. Ele deve ser seguido em todos os seus caminhos no testemunho do amor que Deus n'Ele revelou ao mundo:

Os próprios esposos, feitos à imagem de Deus e estabelecidos numa dignidade verdadeiramente pessoal, estejam unidos em comunhão de afeto e de pensamento e com mútua santidade de modo que, seguindo a Cristo, princípio de vida (Rm 5,15. 18; 6,5-11; Gl 2,2), se tornem, pela fidelidade do seu amor, através das alegrias e sacrifícios da sua vocação, testemunhas daquele mistério de amor que Deus revelou ao mundo com a sua morte e ressurreição (Ef 5,25-27).

Seguindo a Jesus Cristo em tudo, a família deve encontrar-se n'Ele. No nascimento dos filhos, a família é chamada a recordar o dom da Encarnação do Verbo. A humanidade de Jesus no seio da Virgem Maria e na vida de José deve inspirar os pais à vocação de cooperadores de Deus

<sup>765</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso na festa das famílias, 20 de outubro 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/jonh\\_paul\\_ii/speeches/2001/october/documents.hfj](http://www.vatican.va/jonh_paul_ii/speeches/2001/october/documents.hfj)>. Acesso em 03/11/2006, 07:10:09.

<sup>766</sup> JOÃO PAULO II. *Discurso na festa das famílias, 20 de outubro 2001*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/jonh\\_paul\\_ii/speeches/2001/october/documents.hfj](http://www.vatican.va/jonh_paul_ii/speeches/2001/october/documents.hfj)>. Acesso em 03/11/2006, 07:10:09; Cf. LG,11; GS 48.52; FC, 21.85; SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 195-198.

na recepção da vida, e na educação dos filhos para o bem da humanidade. A vida íntima da família de Nazaré, entre as alegrias e as angústias, podem ser luzes para as famílias em meio aos desafios contemporâneos. Jesus foi verdadeiro homem, inserido na realidade de uma família, de um povo, em uma época determinada da história<sup>767</sup>.

A vida pública de Jesus, aquele que se preocupa com as coisas do Pai, revela à família a importância de cada filho assumir a sua própria vocação a partir do que aprendem da relação com a Paternidade de Deus.

A imagem de Nazaré, onde “Jesus crescia em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52), era a imagem de uma família cujas relações eram estáveis. Maria e José eram mestres para Jesus na arte das relações humanas e das relações entre o humano e o divino<sup>768</sup>. A partir do testemunho de cada família, as famílias são chamadas a se unirem na prática do amor e da comunhão, tornando realidade a unidade de todo o gênero humano que Deus deseja<sup>769</sup>.

Deus valorizou os homens ao ponto de “enviar seu filho unigênito como redentor, [de modo que a Cruz] é o maior sinal visível do amor infinito de Deus pela humanidade”<sup>770</sup>. As situações da cruz redentora e da ressurreição de Jesus Cristo devem levar a família a viver o amor e a doação em espírito de sacrifício, na esperança da ressurreição. O efeito da vivência Pascal da família sentir-se-á na irradiação da ressurreição de Cristo a toda a família humana.

Neste espírito de Páscoa, evangelizam os pais os seus filhos e são por eles evangelizados. O reconhecimento das faltas e a sincera manifestação do perdão são elementos de permanente ressurreição. O ambiente de Páscoa floresce em toda a vida cristã e se converte em profetismo, em contato com a divina Palavra<sup>771</sup>.

<sup>767</sup> Cf. DOMÍNGUEZ, J.; SÁEZ, J. *O homem de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 15-86; Puebla, 584; CtFm 2.

<sup>768</sup> Cf. Mt 1,18-25; 2,1-23; Lc 1-2; CtFm 2.

<sup>769</sup> Cf. Puebla, 586-588.

<sup>770</sup> SCHNEIDER, R. *Desafios do convívio familiar*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 17.

<sup>771</sup> Puebla, 595.

A comunhão familiar se estabelece com maior firmeza na busca constante da Palavra de Deus e na vivência eucarística. A família está unida a Cristo também em sua missão sacerdotal, profética e régia. A família:

Em atitude de ofertório, exerce o sacerdócio comum e participa da eucaristia, para prolongá-la na vida pelo diálogo em que partilha a palavra, as preocupações, os planos, aprofundando-se com isto a comunhão familiar. Viver a eucaristia é reconhecer e compartilhar os dons que, por Cristo, recebemos do Espírito Santo. É aceitar a acolhida que os outros nos oferecem e deixá-los que entrem em nós mesmos. Com isso ressurgem o espírito da aliança: deixar que Deus entre em nossa vida e dela se sirva segundo sua vontade. Surge, então, o centro da vida familiar, a imagem forte e suave de Cristo, morto e ressuscitado<sup>772</sup>.

A união de Cristo, Esposo, com Sua Igreja, Esposa, é refletida na família cristã. Esta, por sua vez, é imagem da Igreja. A família é, definitivamente, a sociedade e a Igreja em miniatura<sup>773</sup>.

### **2.3 Família: imagem da Igreja**

A família é chamada à santidade por ser formada de pessoas cristãs<sup>774</sup>. A espiritualidade na relação conjugal no sacramento do matrimônio e na vida familiar tem sido tema em constante evolução da teologia do laicato e dos ensinamentos do magistério eclesial. A evolução pós-Conciliar Vaticano II entende o leigo, isso também aplicado à família, não mais como um “cliente” da Igreja, mas como “um verdadeiro sujeito de vocação e missão eclesial”<sup>775</sup>. Justifica-

---

<sup>772</sup> Puebla, 588.

<sup>773</sup> Cf. LG 11; AA 11; SCHNEIDER, R. *Desafios do convívio familiar*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 72-73.

<sup>774</sup> Cf. LG, 5; Puebla 569.

<sup>775</sup> SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 332.

se, desta forma, que a teologia do matrimônio e da família seja sistematizada como uma dimensão da teologia e não como mero tema a ser desenvolvido<sup>776</sup>.

A cultura dominante, marcada pela progressiva secularização ou mundianização, promotora de uma nova religiosidade de cunho naturalista, “uma espécie de genérico espiritualismo panteísta”<sup>777</sup>, caracterizada pelo retorno à visão pré-cristã ou neopagã do sagrado (onde o próprio cosmo é o divino), questiona o cristianismo e coloca em discussão questões fundamentais que exigem retorno ao significado originário<sup>778</sup>. As manifestações de cunho religioso, que dizem respeito à origem e o destino do homem e do mundo, de qualquer experiência religiosa parecem respostas plenas às questões da vida. O dominador comum das experiências religiosas é a espiritualidade. As concepções e conceituações de espiritualidade são muito diversificadas, dependendo da influência cultural a que está submetida<sup>779</sup>.

A espiritualidade para a Igreja significa viver segundo o Espírito<sup>780</sup>. A vida segundo o Espírito, na experiência cristã, é dom recebido do alto que interpela a liberdade humana à adesão da fé<sup>781</sup>.

O Espírito é o Espírito de Jesus Cristo morto e ressuscitado, é o Espírito Santo, a terceira Pessoa da Santíssima Trindade, que foi *enviado* a nós, em íntima união com a missão do Filho de Deus, feito homem *propter nos hominis et propter nostram salutem*<sup>782</sup>.

<sup>776</sup> Cf. SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 332.

<sup>777</sup> SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 333.

<sup>778</sup> Cf. SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 333.

<sup>779</sup> Cf. SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 333-334: a sociedade consumista que exalta o corpo investe recursos materiais e espirituais para manter a religião do corpo; a sociedade marcada pelo dualismo cartesiano que separa espírito e corpo, o primeiro prisioneiro do segundo, tende a uma espiritualidade desencarnada.

<sup>780</sup> Cf. Mt 16,24-26; At 1,8; 1Cor 13; 2Cor 13,13; Gl 5,22-25; CIGC 731-736.

<sup>781</sup> Cf. SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, 2003, p. 334.

<sup>782</sup> SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 334.

Os primeiros discípulos conheceram quem é Jesus na fé e tudo de sua vida era sinal de seu Mistério: a encarnação e o pano que o envolveu na noite em que foi dado à luz; os gestos, palavras, milagres, a coroa de espinhos e o vinagre que lhe ofereceram na Paixão são detalhes reveladores de que “nele habita corporalmente toda a plenitude de sua divindade” (Cl 2,9)<sup>783</sup>. “Sua humanidade aparece assim como o “sacramento”, isto é, o sinal e instrumento da sua divindade e da salvação que ele traz: o que havia de visível na sua vida terrestre apontava para o mistério invisível da sua filiação divina e da sua missão redentora”<sup>784</sup>, este é o método da encarnação<sup>785</sup>.

Aqui é delineado, com muita precisão, o método pelo qual o Espírito de Cristo se doa ao homem: é o método implicado na *lógica da Encarnação* (Cf. *Fides et Ratio* 19). Nela, Jesus Cristo aparece como a via (do grego *metá-hodos*: estrada através da qual). E a modalidade com que Jesus Cristo, mediante o Espírito, torna-se para nós a via é análoga ao que ele propôs aos apóstolos. Através da sua humanidade foram conduzidos a descobrir a Sua divindade<sup>786</sup>.

Jesus é o evento que se vive nesta vida em seu Espírito. Na unidade do eu, sem dualismo, o corpo é o sinal no qual o homem percebe o espírito: “o corpo é o sacramento de toda a pessoa”<sup>787</sup>.

Esta antropologia está justificada na relação Cristo-Igreja como arquétipo do homem-mulher<sup>788</sup>. O matrimônio é o sacramento da aliança dos esposos, é o grande mistério que expressa

---

<sup>783</sup> Cf. CIGC 515.

<sup>784</sup> CIGC 515.

<sup>785</sup> Cf. SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 333-337.

<sup>786</sup> SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 335; cf. CIGC 1612.

<sup>787</sup> SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 337; cf. MD, 6-8; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p 3-13.

<sup>788</sup> Cf. MD, 6-8; CtFm 19; SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 35-40; GONÇALVES, P. S. L. O ser humano como imagem e semelhança de Deus: a antropologia teológica. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 251-309.

o amor esponsal de Cristo pela sua Igreja: “A confirmação e a tarefa da comunhão esponsal entre Deus e seu povo se dão em Cristo, na Nova Aliança. Cristo nos assegura que o Esposo está conosco (cf. Mt 9,15). Está com todos nós, está com a Igreja. A Igreja se torna Esposa, Esposa de Cristo”<sup>789</sup>. À luz da Nova Aliança se verifica a nova verdade eterna sobre o matrimônio e a família: “Submetei-vos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5,21): Cristo é o ponto de referência do amor esponsal e da família: “Não existe o ‘grande mistério’, que é a Igreja e a humanidade em Cristo, sem o grande mistério expresso no ser ‘uma só carne’ (cf. Gn 2,24; Ef 5,31-32), isto é, na realidade do matrimônio e da família”<sup>790</sup>.

Homem-mulher e, por isso, matrimônio-família, são sinal eficaz do mistério de unidade que há entre Cristo e a Igreja. Ou, em outros termos, o matrimônio-família – sendo a expressão elementar mais comum, mais universal, do modo com que Cristo está unido à Igreja – traz consigo o significado profundo que a Igreja tem para o mundo: é Cristo que permanece, é a possibilidade dada a mim, a ti, a nós, que chegamos dois mil anos depois, de encontrá-Lo. A Igreja é sacramento porque realiza a possibilidade do encontro com Deus, em Jesus Cristo, como o Homem de hoje<sup>791</sup>.

Pelo sacramento do matrimônio em que os dois se unem e se amam em Cristo, torna-se lugar eclesial para todos da família<sup>792</sup>. Deste modo, a família é a “Igreja doméstica”<sup>793</sup>, lugar onde se realiza a comunhão de pessoas e a relação entre Cristo e a Igreja<sup>794</sup>. Para ser fiel à sua própria vocação a família deve encarnar na sua vida a vida da comunidade cristã, fazendo própria

---

<sup>789</sup> CtFm 19.

<sup>790</sup> CtFm 19; cf. SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 337-339.

<sup>791</sup> SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 339; cf. LG, 1; GS, 45.

<sup>792</sup> Cf. CIC c. 1055; CIGC 1601-1617; GS 47.

<sup>793</sup> LG, 11.

<sup>794</sup> Cf. SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 339-341.

a vida da Igreja. A família torna-se sujeito da missão na qual a Igreja se torna visível como sacramento de Cristo<sup>795</sup>.

Em 1932, através de trabalhos arqueológicos de escavação, descobriu-se um edifício cristão, uma casa particular usada como igreja, datada do século III e bem completa, considerada a igreja cristã mais antiga já encontrada. A partir daí despertou-se o interesse dos estudiosos pela igreja doméstica no Novo Testamento, questão relevante especialmente para estudos sobre os primeiros cristãos urbanos da época de Paulo. A imagem da igreja doméstica torna-se mais viva à medida que a família se torna um elo entre a família e a cidade, isto é, à medida que surgem questões “sobre a estrutura de autoridade interna da família, a estratificação social da família de acordo com a riqueza e propriedade e as associações voluntárias”<sup>796</sup>.

O estudo da igreja doméstica pode nos conduzir ao âmago de muitos problemas básicos das comunidades primitivas<sup>797</sup>. Paulo conhecia muito bem os problemas de suas igrejas e não era muito direto sobre elas, por isso, “suas instruções sobre a vida da Igreja, no entanto, tornam-se mais compreensíveis quando lidas a partir da perspectiva da família, ao mesmo tempo em que jorra luz sobre tais grupos”<sup>798</sup>.

A Igreja reunia-se nas casas de famílias onde o lar era o ambiente familiar da Igreja. Da antiga modalidade das estruturas familiares surgiam os ofícios e as estruturas eclesiais dos séculos futuros<sup>799</sup>. Paulo falava de “igrejas domésticas: assembléias de cristãos que eram formadas dentro e ao redor de famílias particulares”<sup>800</sup>. Os edifícios não perdiam o caráter de domicílio da família anfitriã, mas funcionavam como ambiente de reunião dos cristãos do lar em

---

<sup>795</sup> Cf. SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 340.

<sup>796</sup> BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 8.

<sup>797</sup> Cf. BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 8.

<sup>798</sup> BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 9.

<sup>799</sup> Cf. 1Cor 16,19; Rm 16,3-5; Fl 2; Cl 4,15.

<sup>800</sup> BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 11.

torno de uma família, e para reuniões da Igreja local, das famílias e dos indivíduos cristãos de uma cidade. Em certos casos, os lares apareciam em contraposição ao Templo judaico: os membros “do caminho”, nome primitivo dos cristãos, adoravam no Templo e partiam o pão nas casas<sup>801</sup>.

Certamente, os primeiros cristãos optavam pelas reuniões em casas particulares por necessidade prática: provavelmente, o difícil acesso às sinagogas; a falta de um espaço próprio de reunião; a falta de um espaço de maior privacidade e intimidade para a comunidade.

Por cerca de um século a habitação particular moldou a vida da comunidade cristã, formando o ambiente no qual os cristãos se relacionavam uns com os outros, promovendo subestrutura econômica para comunidade, plataforma para o trabalho missionário, estrutura para a liberdade e autoridade e, provavelmente, papel definido às mulheres<sup>802</sup>.

A habitação, por outro lado, recordava Jesus que escolheu o cenáculo, a sala de uma residência familiar, um lugar fora do ambiente considerado sagrado (Templo), para comer a Ceia e realizar a sua obra junto aos seus fiéis, com quem insistia uma relação nos laços familiares.

Somente na segunda metade do século II os edifícios começaram a ser reformados, estruturados e transformados em espaços-igrejas. Um ano após o Edíto de Milão, em 314 d.C., os cristãos receberam permissão para construir igrejas a partir do chão. Surge a primeira basílica. A mudança da igreja doméstica para as igrejas consagradas demonstra uma autocompreensão: a comunidade se torna templo, o poder se concentra nas mãos de poucos, os ritos estilizados tornam-se atividades eclesiais<sup>803</sup>.

Paulo, enraizado nas Escrituras antigas, utilizou amplamente a terminologia da família e do lar, na igreja doméstica, para expressar o relacionamento e a organização entre cristãos, por

<sup>801</sup> Cf. At 2,46; 5,42; BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 11-14.

<sup>802</sup> BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 13.

<sup>803</sup> Cf. BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 13.

exemplo: pai e mãe, filho e filha, irmãos e irmãs, edificação, alicerce, casa, família, administrador<sup>804</sup>. Para literatura veterotestamentária, Israel era a “casa ou lar”; os israelitas eram “irmãos e filhos” da sabedoria<sup>805</sup>. A linguagem da família, para descrever o relacionamento interpessoal da comunidade, empregada por Paulo, tinha significação peculiar:

[Paulo] é apóstolo e pai para as suas comunidades que são famílias. A necessidade prática de se encontrar em lares de particulares nitidamente misturou-se com o entendimento teológico das comunidades cristãs. Paulo viveu essa relação familiar com seus colaboradores e comunidades e queria que eles vivessem o mesmo. Suas admoestações podiam soar fortemente nas comunidades, porque o núcleo da comunidade era, de fato, a família. A Igreja começou com o relacionamento interpessoal íntimo e intenso dos membros da família. Como afirma Robert Banks: ‘Tendo dado à família o caráter da comunidade cristã, os lares de seus membros proveram a atmosfera mais propícia, na qual eles puderam dar expressão aos laços que tinham em comum’<sup>806</sup>.

Vicente Branick<sup>807</sup> afirma a possibilidade de ser elemento-chave do plano estratégico Paulino para a propagação do Evangelho no mundo, a conversão de uma família e a conseqüente formação de uma igreja doméstica<sup>808</sup>. Paulo, o missionário itinerante, dependia da hospitalidade das famílias para o cumprimento, eficácia e eficiência de sua missão. Centrado na família ele ampliava sua rede de relações sociais, compartilhava seu trabalho, adquiria apoio material e financeiro para a divulgação do Evangelho<sup>809</sup>. São Jerônimo descreve a hospitalidade em Paulo como a participação dos cristãos primitivos na sua obra missionária apostólica:

[Filemon] Deveria preparar um lugar para o hóspede, mais para o apóstolo do que para Paulo. Quando Paulo chegasse a uma nova cidade para pregar aquele que havia sido crucificado e proclamar os ensinamentos nunca ouvidos, ele tinha de encontrar-se com muitas pessoas. Para isso, precisava, antes de tudo, de lugar apropriado na cidade, onde

<sup>804</sup> Cf. 1Cor 1,1; 3,10-13; 4,1-2.14-15; 8,1-10.11.13; 15,58; 16,20; 2Cor 1,1; 2,13; 8,23; 9,3.5; 1Ts 2,7.11; 5,11; Gl 4,19; 6,10; Rm 14,19; 15,14.25; 16,13.; Fl 2,22.25; 3,1; 4,1; Cl 1,2; 4,7.15; Gl 1,2; BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 14.

<sup>805</sup> Cf. Am 5,25; Jr 38,33; Lv 10,14; 19,17; Dt 15,3; Eclo 2,1; 3,12. 17; 4,1.11; 6,18-32.

<sup>806</sup> BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 15.

<sup>807</sup> Cf. BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 16-19.

<sup>808</sup> Cf. At 10,2; 16,13-34; 17,2-9; 18,1-11; 1Cor 1,16; Jo 4,53.

<sup>809</sup> Cf. Fl 2,27-29; 4,14-18; 2Cor 8,1-5; Rm 16,1-2.

todos pudessem reunir-se; um lugar sem perturbações, grande, para que pudesse receber muitos ouvintes, não perto dos lugares de espetáculo nem perto de vizinhos perturbadores<sup>810</sup>.

Jesus tinha como base de suas operações e chave para a missão ser recebido por uma família. Enviava seus discípulos a pregar o Reino de Deus, a expulsar demônios e a curar, mas, antes, instruía seus enviados a hospedar-se em uma casa de família onde recebiam apoio necessário<sup>811</sup>. Seguiam a Jesus os missionários-itinerantes que deixavam para trás família e propriedade, desprovidos e sem lugar onde reclinar a cabeça; seguiam a Jesus, de igual modo, as famílias hospedeiras que tinham casa, propriedades, pai, mãe, crianças e irmãos: “O lar era, então, algo que os seguidores de Jesus ou deixavam para trás ou estendiam para o uso do Evangelho”<sup>812</sup>.

O lar e a vida doméstica tornavam-se o núcleo da comunidade cristã. Ao redor ou dentro do lar a comunidade ensinava, praticava, celebrava a fé e produzia os Evangelhos. A família constituía-se base da sociedade e de todas as atividades econômica, política, social e religiosa. O cabeça da família social<sup>813</sup> ocupava cargo de autoridade e, normalmente, assumia autoridade à frente do grupo eclesial. A mãe de família, dentro da igreja doméstica, provavelmente, ocupava posição significativa sendo, de diversos modos, gerente da família<sup>814</sup>.

---

<sup>810</sup> SÃO GERÔNIMO. *Comentário sobre Filemon*. Ad v. 22; PL 26/616b. In: BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 17.

<sup>811</sup> Cf. Mc 1, 29; 2,1.5; 3,20; 6,10.34-44; 7,14-27; 8,1-10; 9,33; 10,2-12; Lc 5,29; 7,36-50; 9,53-58; 9,3; 10,8-9.38; 12,37; 14,1; Mt 6,31-33; 8,20; 13,36.

<sup>812</sup> BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 18; Cf. também p. 16-20.

<sup>813</sup> Cf. BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 20; sobre a liderança na igreja doméstica p. 78-97: o cabeça da família ou *paterfamilias* era o pai governante com autoridade legal sobre o grupo familiar, incluindo os escravos e os que se reuniam ou hospedavam em sua casa. Em Tessalônica, Jasão hospedou Paulo e Silas e foi arrastado ao tribunal pelo comportamento de seus hóspedes (cf. At 17,1-9). O *paterfamilias* tornou-se o posterior patriarcado da Igreja, e no Novo Testamento suas habilidades eram consideradas quando candidato ao episcopado ou ao presbiterado (cf. 1Tm 3,4-5; Tt 1,6).

<sup>814</sup> Cf. BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 20; Cl 4,15; Fl 1-2; Rm 16,3-5; 1Cor 16,9; At 18,2-18; 2Tm 4,19.

Nem todos os membros de uma família tornavam-se cristãos. Membros cristãos de uma família anfitriã e a igreja doméstica reuniam-se em oração. Paulo, por sua vez, orientava os comportamentos para com os membros familiares não cristãos<sup>815</sup>.

A relação entre igreja doméstica e a postura familiar fez surgir uma rede de igrejas domésticas de uma mesma cidade, fez surgir a igreja local. Inicialmente, o conceito de igreja local não era muito claro, mas com o passar do tempo, a ampliação de igrejas domésticas em algumas cidades fez a igreja local assumir características definidas. Contudo, observa-se que a igreja local se reunia na igreja doméstica, a casa era o lugar de reunião das igrejas<sup>816</sup>. Desse modo, “a unidade maior ainda refletiria a menor”<sup>817</sup>.

O conceito, “igreja doméstica”<sup>818</sup>, retomado e apresentado pelo Vaticano II, é uma tentativa de “retorno às origens” em um novo contexto. O estudo da exegese, da eclesiologia e da missiologia, muito poderá contribuir para uma adequada teologia da família e para a ação pastoral da Igreja em seu favor. Na missão da comunidade eclesial, a pastoral familiar, reconhecida como a Igreja maior na menor, ocupa centralidade e prioridade<sup>819</sup>.

João Paulo II escreveu de forma mais simples, nem por isso menos profunda, sobre a realidade da família, um livro editado por Joseph Durepos:

As famílias cristãs existem para formar uma comunhão de pessoas no amor. Assim, a Igreja e a família são, cada uma a seu modo, representações vivas na história humana da eterna comunhão de amor das três Pessoas da Santíssima Trindade. De fato, a família é chamada a Igreja em miniatura, a “Igreja doméstica”, uma expressão particular da Igreja pela experiência humana de amor e vida comum. Como a Igreja, a família deveria ser o lugar onde o evangelho fosse transmitido e onde o evangelho se difundisse para as outras

<sup>815</sup> Cf. O não cristão Onésimo, escravo de Filemon, se converteu servindo Paulo na prisão (cf. Fm 10); famílias em que os “cabeças” ou cônjuges não eram cristãos (cf. 1Cor 7; Rm 16,11).

<sup>816</sup> Cf. BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 20-77.

<sup>817</sup> BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 21.

<sup>818</sup> LG 11; AA 11.

<sup>819</sup> Cf. Santo Domingo, 222; LG 11; GS 48.52; FC, 21.85; SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Bauru: EDUSC. Salvador: Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003, p. 196.

famílias e para toda a sociedade. Os pais católicos devem aprender a formar sua família como esta Igreja doméstica, uma Igreja no lar, onde Deus é honrado, sua lei é respeitada, a oração é um acontecimento normal, a virtude é transmitida pela palavra e pelo exemplo e todos compartilham as esperanças, os problemas e os sofrimentos de cada um. Tudo isso não é defender o retorno a um estilo de vida absoleto; é, sem dúvida, um retorno às raízes do desenvolvimento humano e da felicidade humana<sup>820</sup>.

É possível falar da família, célula viva e primordial da Igreja, sustentada pelo sacramento do matrimônio e pela oração de Jesus que deseja a unidade das famílias e a unidade da família humana. A missão da família diz respeito à própria família e às famílias para as quais é enviada a testemunhar e a anunciar o Evangelho da vida<sup>821</sup>. Todos os seres humanos buscam a felicidade: é algo natural! Mas a felicidade não se consegue sem a fidelidade a si mesmo e aos outros. “A fidelidade no amor é uma qualidade tão natural como o próprio amor”<sup>822</sup>. O matrimônio cristão, sacramento Pascal de Cristo, não é simples “contrato [...] o matrimônio vai além da vontade das partes, pois estas dão a sua adesão comum a uma *instituição* – a família – que tem vida e características próprias, para além das vontades individuais”<sup>823</sup>. João Paulo II reafirma com toda a força que “‘a família é o centro e o coração da civilização do amor’. [...] A civilização do amor coincide com a *civilização da solidariedade*”<sup>824</sup>. Qual é, então, a radical teologia do matrimônio como sacramento Pascal de Jesus Cristo?

---

<sup>820</sup> JOÃO PAULO II. *Vá em paz*: um presente de amor permanente; editado por Joseph Durepos. Aparecida: Santuário, 2005, p. 127.

<sup>821</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Vá em paz*: um presente de amor permanente; editado por Joseph Durepos. Aparecida: Santuário, 2005, p. 127-136.

<sup>822</sup> CIFUENTES, R. L. *As crises conjugais*. São Paulo: Quadrante, 2001, p. 6.

<sup>823</sup> CIFUENTES, R. L. *As crises conjugais*. São Paulo: Quadrante, 2001, p. 43.

<sup>824</sup> CIFUENTES, R. L. *As crises conjugais*. São Paulo: Quadrante, 2001, p. 43-44.

## 2.4 Teologia do matrimônio como sacramento

### 2.4.1 Perspectiva histórica do matrimônio como sacramento

A história do matrimônio como sacramento, tanto doutrinal quanto litúrgico, teve o seu desenvolvimento<sup>825</sup>. Santo Agostinho influenciou o Ensino católico tradicional sobre o matrimônio apontando seus benefícios: a fidelidade, a prole e o sacramento<sup>826</sup>. Ele considerou o termo sacramento em um sentido geral e não restrito<sup>827</sup>, aplicando-o a todos os matrimônios, inclusive o matrimônio cristão.

A teologia medieval desenvolveu a teologia do matrimônio como sacramento na perspectiva de Santo Agostinho “como sinal de unidade transcendente do povo de Deus para a perspectiva do matrimônio como um dos sete sacramentos”<sup>828</sup>. Contudo, ainda no período medieval, mais exatamente entre os séculos XI e o XII, que a teologia incorporou o matrimônio

---

<sup>825</sup> Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 404-416; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 115-243.

<sup>826</sup> Santo Agostinho considera que o matrimônio não é simples laço entre dois indivíduos, mas símbolo e sacramento de unidade e de paz social. A sacramentalidade do matrimônio reside na distinção entre o pacto antigo, isto é, os matrimônios polígamos dos patriarcas simbolizavam a futura igreja constituída de muitas nações e povos; e o novo pacto, isto é, o matrimônio monogâmico dos bispos com uma só esposa, símbolo da unidade escatológica de todos os povos e nações. Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 406; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 131-144.

<sup>827</sup> Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 405: “Em sentido bastante geral, sacramento refere-se a palavras, coisas, e ações visíveis que são símbolo do que é invisível e transcendente. Em sentido mais estrito, sacramento refere-se especificamente aos sacramentos da igreja católica, entre os quais o batismo e a eucaristia possuem um papel predominante”.

<sup>828</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 407; cf. FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 132-136. 227-243.

na ordem dos sete sacramentos, consolidando mais de vinte séculos de caminhada e de reflexão teológica na esfera familiar<sup>829</sup>.

“As celebrações litúrgicas influenciaram o desenvolvimento da noção do matrimônio como sacramento”<sup>830</sup>. As celebrações matrimoniais litúrgicas do encobrimento com o véu e a entrega da noiva adotaram as tradições romanas, assumindo a entrega no sistema *paterfamilias*, e as tradições teutônicas, influenciadas pelas leis germânicas sobre a entrega da noiva. As cerimônias das religiosas eram feitas à semelhança do matrimônio: a virgem a ser consagrada era encoberta com um véu e entregue à Igreja como noiva direta de Cristo<sup>831</sup>. A analogia da entrega da noiva ao noivo no matrimônio e na vida consagrada foi significativa para o desenvolvimento e compreensão do matrimônio como sacramento:

Embora a virgem fosse consagrada diretamente a Cristo, a noiva era consagrada, mediante o relacionamento humano com seu marido, a figura de Cristo. O relacionamento visível da noiva com o marido era sinal de sua relação invisível com Cristo. O texto de Efésios 5,21-32 influenciou esse desenvolvimento<sup>832</sup>.

Ao lado da doutrina medieval do matrimônio com sacramento surgiram especulações e debates teológicos diversos, concernentes às teorias sobre “o que constituía a natureza do

---

<sup>829</sup> A influência doutrinal: os cátaros ou albigenses eram ascetas, cujas afirmações consideravam o matrimônio como um mau. A resposta teológica da igreja estimulou uma teologia do matrimônio como sacramento. O Papa Lúcio III fez o primeiro pronunciamento Magistral no Concílio de Verona (1184) anatemizando os cátaros e suas afirmações sobre o matrimônio. O Papa Inocêncio III (1208) exigiu que os valdenses escrevessem uma profissão de fé aceitando todos os sacramentos, inclusive o matrimônio, como condição para o retorno ao catolicismo. O Segundo Concílio de Lião (1274) propôs uma mesma profissão de fé para o imperador bizantino Miguel Paleólogo; A influência litúrgica: celebrações e bênçãos de entrega da noiva. Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 407-408.

<sup>830</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 408; cf. FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 227-243.

<sup>831</sup> A consagração não era considerada sacramento por ser a virgem diretamente consagrada a Cristo. Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 408; “Já que a consagração do marido era sinal visível de relação mais profunda com Cristo, o matrimônio era o sacramento”; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 211-225.

<sup>832</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 408.

matrimônio. O laço do matrimônio deriva primeiramente do consentimento dos dois parceiros, da consumação através do intercuro sexual, ou da função social do matrimônio?”<sup>833</sup>. Para Pedro Lombardo o consentimento mútuo era o sacramento do matrimônio, a unidade de Cristo e a Igreja. Canonistas argumentavam que o consentimento mútuo necessitava ser consumado pelo intercuro sexual, caso contrário seria dissolvido.

Hugo de São Vitor ‘postulou dois sacramentos do matrimônio cristão: o *sacramentum conjugii* consiste da união no amor entre homem e mulher que significa e reflete o amor de Deus pelos seres humanos e o amor humano por Deus. O *sacramentum officii* é expresso no intercuro sexual que reflete o amor de Cristo e a Igreja – um amor na carne. A posição teológica segundo a qual o matrimônio requer consentimento levou a enfatizar o amor no matrimônio’<sup>834</sup>.

Na evolução, contribui Ricardo de São Vitor (1173) afirmando ser o grau da feição mútua de amor íntimo dos esposos, a feição humana que domina todas as outras feições, fazendo que a associação para toda a vida e indissolúvel, torne-se agradável e feliz. Tomás de Aquino enfatiza a amizade que, quanto mais forte, mais sólido e duradouro se faz o matrimônio<sup>835</sup>.

O matrimônio é um sacramento anterior a Cristo e, por isso, não pode ser considerado como instituído por Ele de igual modo aos outros sacramentos. Foi instituído antes da queda<sup>836</sup> e Cristo o confirmara nas bodas de Canaã. O tema da instituição do sacramento do matrimônio levou os teólogos medievais, especialmente os escolásticos, a concluir haver três estágios da instituição do matrimônio: “a orientação natural anterior à queda, a instituição saneadora da lei de

<sup>833</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 409; cf. FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 32-36. 57-66. 267-273.

<sup>834</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 410; Et seq. a nota 36 da mesma página, explica: “Embora os matrimônios medievais fossem primariamente relacionamentos sociais e econômicos, não se deve subestimar a importância de critérios afetivos na escolha de parceiros”.

<sup>835</sup> Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 410-411.

<sup>836</sup> Cf. Gn 2,24.

Moisés depois da queda, e finalmente, a instituição da nova lei como símbolo da união entre Cristo e a Igreja”<sup>837</sup>.

Os Concílios de Florença (1438-1445) e Trento (1545-1563) foram significativos para a evolução da doutrina sobre o matrimônio<sup>838</sup>. O Concílio de Florença foi chamado “*de união*”, pois, seu objetivo não foi tanto doutrinal ou disciplinar, mas, caracterizava-se pelo interesse de conciliar as diversas opiniões, acalmar os ânimos e reunificar a vida eclesial ocidental-latino e oriental-grego no Espírito de Deus. As difíceis circunstâncias políticas e filosóficas do Século XV dificultaram o aprofundamento e as possíveis soluções dos pontos de divergência.

Enquanto Florença preocupou-se com as tradições orientais, Trento afirmou tanto a sacramentalidade como a indissolubilidade do matrimônio no contexto da crítica de Martinho Lutero da prática e ensinamento católico<sup>839</sup>.

Trento afirmou que o matrimônio é sacramento e uma questão que diz respeito à comunidade e não uma questão pessoal e privada. Proibiu o divórcio e novas núpcias em caso de adultério, reafirmando o ensino e a prática da Igreja, estava de acordo com o Novo Testamento<sup>840</sup>.

Leão XIII (1880) refuta a idéia sobre o matrimônio como evento puramente secular e sujeito somente à lei civil. Afirma a sacramentalidade do matrimônio como sendo o contrato matrimonial como símbolo da relação entre Cristo e a Igreja<sup>841</sup>.

Pio XI escreveu a importante encíclica *Casti connubii*, onde reforçou as idéias de Leão XIII, refutando novas questões abusivas e destrutivas sobre o matrimônio cristão, reforçando o

<sup>837</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 411. 410-412.

<sup>838</sup> Cf. ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 296-314. 331-347; FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 412-414.

<sup>839</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 412.

<sup>840</sup> Cf. Dz cc. 1797-1816.

<sup>841</sup> Cf. LEÃO XIII. *Arcanum Divinae Sapientiae*, 3-61; FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 414-415.

seu sentido religioso na partilha da vida toda, intercâmbios de mútua responsabilidade dos esposos, mais que uma simples instituição para concepção e educação dos filhos<sup>842</sup>.

Pio XII fez inúmeros discursos que contribuíram com o ensinamento anterior ao Concílio Vaticano II, introduzindo conceitos correntes na época dos tratados da filosofia personalista sobre o matrimônio<sup>843</sup>.

A teologia do matrimônio no Concílio Vaticano II não deu passos avançados como se esperava. A constituição Dogmática *Gaudium et spes* inseriu o matrimônio nas questões teológicas e pastorais do mundo moderno<sup>844</sup>. Refere-se a ele como vocação cristã: os cônjuges são chamados por Deus a se unirem pelos laços sagrados, sendo os dois um dom mútuo de pessoas, e formando uma comunidade íntima de amor e de vida. O matrimônio ainda carrega o conceito tradicional de contrato e a questão teológica principal foi timidamente respondida: se “a procriação constitui o fim e propósito primário, natural, do matrimônio”<sup>845</sup>. Por intermédio dos esposos a família é enriquecida, pois eles são cooperadores com o amor de Deus Criador e Salvador, por isso, são orientados para a procriação e educação dos filhos, dom do matrimônio<sup>846</sup>.

Paulo VI tomou para si as questões sobre o controle da natalidade, a procriação e a sexualidade humana, retirando-as da agenda do Concílio<sup>847</sup>. A *Humanae vitae* (1969), seguiu o

<sup>842</sup> Cf. CC 5-42; FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 414-415.

<sup>843</sup> Cf. DOCUMENTOS DA IGREJA: *Documentos de Pio XII*. São Paulo: Paulus, 1999. Passim; FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 414-415.

<sup>844</sup> Cf. SÉGUIN, M. *Contracepção e a Igreja: balanço e perspectiva*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 43-45.

<sup>845</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 415.

<sup>846</sup> Cf. GS, 50; FC 2.

<sup>847</sup> Cf. PAULO VI. *Humanae Vitae*. Carta Encíclica, 1968. In: DOCUMENTOS DA IGREJA: *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 201-225; MOSER, A. *Enigma da esfinge: sexualidade*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, 143-170; GONÇALVES, P. S. L. O ser humano como imagem e semelhança de Deus: a antropologia teológica. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 251-309; VIDAL, M. *O Evangelho da vida: para uma leitura da Evangelium vitae*. São Paulo: Paulinas, 1998. Passim; SÉGUIN, M. *Contracepção e a Igreja: balanço e perspectiva*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 75-78. 89-101. 156-159. 185-213; FC 14.

ensino tradicional sobre as finalidades do matrimônio como procriação dos filhos, com bases antropológicas e personalistas.

João Paulo II desenvolveu seu pensamento na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* e nos inúmeros discursos sobre a teologia do corpo, onde, a partir da fenomenologia e da filosofia personalista, explica a importância das relações corporais intersubjetivas entre os cônjuges<sup>848</sup>.

#### 2.4.2 O sacramento do matrimônio na teologia sistemática atual

Francis Schüssler Fiorenza apresenta um belíssimo tratado sobre o matrimônio como sacramento<sup>849</sup>. Ao tratar da temática na teologia sistemática atual considera os contextos históricos fundamentais para a compreensão das diversas tendências teológicas. Nas últimas décadas, a teologia católica apresenta três tendências fundamentais: “o cristocentrismo, a perspectiva histórico-salvífica e a perspectiva eclesial-antropológica”<sup>850</sup>.

As três tendências receberam influências de teólogos renomados: o cristocentrismo de Karl Barth influenciou a teologia protestante e católica, esta última, apresenta características próprias, “ênfatizando a noção sacramental de Corpo de Cristo”<sup>851</sup>; o teólogo Oscar Cullmann, por uma década (1950-1960), influenciou a teologia francesa e católica com a exposição

---

<sup>848</sup> Cf. FC 13.

<sup>849</sup> Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 391-442; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 250-256.

<sup>850</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 417; cf. GONÇALVES, P. S. L. O ser humano como imagem e semelhança de Deus: a antropologia teológica. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 251-309.

<sup>851</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 417; cf. FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 219-226.

histórico-salvífica opondo-se à análise do sacramento do matrimônio; por último, influenciou a teologia católica a fundamentação eclesial-antropológica de Karl Rahner<sup>852</sup>.

A tendência cristocêntrica do matrimônio como sacramento:

No âmbito da teologia católica francesa, a noção de corpo de Cristo ou de corpo místico de Cristo, como era então compreendido, tornou-se a metáfora principal utilizada para interpretar o matrimônio como sacramento. Ao passo que o sacramento do batismo simbolizava a incorporação da pessoa no corpo de Cristo, o sacramento do matrimônio implica uma incorporação maior no corpo de Cristo. Como resultado, o casal cristão participa em vocação distintiva e especial<sup>853</sup>.

A perspectiva histórico-salvífica do matrimônio como sacramento parte do princípio que “a compreensão do matrimônio como sacramento modificou-se e desenvolveu-se através dos tempos”<sup>854</sup>. Muitos teólogos vão mais longe, argumentando que a mudança não foi só na compreensão teológica do matrimônio, “mas argumentam que a natureza e o significado do próprio matrimônio mudaram na história da salvação”<sup>855</sup>. Os teólogos que adotam a perspectiva histórico-salvífica relacionam a história da salvação com as histórias do mundo e da experiência religiosa. De modo semelhante, relacionam o matrimônio com a história da salvação. A experiência histórica contribui para a contínua compreensão da mudança e do desenvolvimento do pensamento humano.

O matrimônio possui significado como realidade criada. Entretanto, a experiência histórica pelo povo de Deus do pacto de Deus e a experiência cristã de Jesus como evento pascal também contribuem para a compreensão do significado do matrimônio, o qual é então compreendido não mais simplesmente como realidade secular na criação, mas é compreendido também como promessa na luz da experiência da promessa pactual

---

<sup>852</sup> CF. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 417.

<sup>853</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 418.

<sup>854</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 418.

<sup>855</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 418.

de Deus. A realidade criada é afirmada e relativizada na luz da esperança escatológica. O amor no interior do matrimônio é compreendido não apenas em relação com a atração natural, mas também em relação com experiência histórica da morte e ressurreição de Jesus e a compreensão de Deus e de amor proclamada pelo evangelho<sup>856</sup>.

A perspectiva eclesial-antropológica recebe influência da teologia de Karl Rahner:

[...] ao conjugar diversas idéias-chave de sua teologia: a vontade universal de Deus para a salvação, a unidade fundamental da criação e da salvação, a idéia de um símbolo real, e sua compreensão da igreja como sacramento básico. Para Rahner, o amor e auto-entrega gratuitos de Deus constituem o dinamismo mais íntimo do mundo e da história da humanidade. É o amor gracioso de Deus que nos capacita a amar a Deus e a nos amar uns aos outros. Conseqüentemente, amor genuíno como virtude teológica é evento tanto do amor de Deus por nós como pelo nosso amor por Deus<sup>857</sup>.

A sacramentalidade do matrimônio está na unidade expressa pelo sinal e símbolo do amor de Deus pela humanidade e pelo amor da humanidade para com Deus:

O símbolo real e radical da unidade do amor de Deus por nós e da resposta humana de amor é Cristo encarnado. A Igreja como sacramento básico é sinal e símbolo real do amor de Deus pela humanidade e do amor humano por Deus. Neste contexto, o matrimônio ‘é o sinal *daquele* amor que é destinado, na visão de Deus, a ser o evento de graça e de amor aberto para todos. Ademais o matrimônio é sacramento que concretiza e efetiva a Igreja’<sup>858</sup>.

A sacramentalidade do matrimônio ainda é uma questão a ser devidamente aprofundada e deve avançar na perspectiva sistemática. A teologia sobre o matrimônio e a família ainda é fundamentada em visões ultrapassadas, em pressupostos patriarcais, antropológicos e sociais. “Faz-se necessário elaborar o significado da visão e do ideal católico do matrimônio em vista das pressuposições igualitárias sobre gênero e matrimônio”<sup>859</sup>.

<sup>856</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 419.

<sup>857</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 419.

<sup>858</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 420.

<sup>859</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 420.

Novas imagens devem representar a realidade do matrimônio, relacionadas com Deus, com Cristo e com a Igreja. Certas imagens do Antigo ou do Novo Testamento e dos códigos domésticos não retratam a realidade igualitária do humano, homem e mulher. Acentuam, sim, uma “discriminação” onde, de um lado, o marido aparece como o salvador e curador, governador e fiel, e, de outro lado, a mulher aparece como prostituta infiel, pecadora e de obediência subordinada. A imagem de Efésios 5,21-33, por exemplo, sobre o relacionamento mistérico de Cristo e Igreja, não revela toda a riqueza do matrimônio: “A aplicação desse simbolismo ao relacionamento conjugal entre marido e esposa situa o marido no papel de governante e salvador e a esposa no papel de pecadora e subordinada”<sup>860</sup>.

Uma nova proposta é a sacramentalidade do matrimônio a partir da metáfora da Igreja como o sacramento do Espírito de Cristo:

A metáfora da igreja como sacramento do Espírito de Cristo relaciona a igreja com Cristo de maneira que não diviniza a Igreja. Essa metáfora permite compreender a igreja como emergente nos discípulos após a páscoa. A igreja é a comunidade de discípulos que emerge sob o impacto do Espírito de Deus<sup>861</sup>.

A compreensão sobre a fundação e a natureza sacramental da Igreja sob novo prisma, produzirá uma nova compreensão sobre o matrimônio como sacramento a corresponder mais adequadamente à exigência igualitária, pois:

Se a igreja for compreendida primariamente como comunidade do Espírito de Deus e como sacramento do Espírito, então o matrimônio deverá ser compreendido como um sinal e símbolo da igreja precisamente enquanto ele é sinal da comunidade formada pelo Espírito de Deus e Cristo. Um matrimônio entre dois indivíduos é o início de nova comunidade, comunidade de discípulos iguais e parceiros sob o impacto do Espírito. A

---

<sup>860</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 421.

<sup>861</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 422-123.

comunidade de cristãos surgiu após a morte de Jesus, no discipulado de Jesus, e na proclamação do poder de Deus diante da morte<sup>862</sup>.

Na visão histórico-salvífica atual o matrimônio à luz da fé tem sentido especificamente cristão, surge da experiência cristã da fé em Jesus Cristo e da ação do discipulado:

Ele não é simplesmente a nova imagem da atividade criadora de Deus simbolizada pela narrativa de Adão e Eva; nem é imagem do relacionamento pactual entre Deus e Israel, como é simbolizado na literatura profética. Ao contrário, o matrimônio é símbolo de nova comunidade de vida, que reflete a origem das primeiras, pós-páscoa, comunidades cristãs e uma que antecipa a esperança escatológica cristã por comunidade. Ao ressaltar que a função simbólica e sacramental do matrimônio refere-se primariamente à Igreja como a emergente comunidade de discípulos pós-páscoa e não ao relacionamento pactual entre Cristo e a igreja, visto enfatizar a igualdade fundamental entre marido e esposa na tarefa de formar nova comunidade. Sua igualdade no discipulado e na formação de nova comunidade do matrimônio e sua esperança por aquela comunidade podem simbolizar a igualdade e a esperança de discipulado na comunidade cristã pós-páscoa<sup>863</sup>

A sacramentalidade do matrimônio reside deste modo na nova comunidade de vida formada no Espírito de Deus e Cristo. Distinguem-se duas atitudes práticas e cognitivas diferentes, interligadas na maneira que relacionamos com o nosso mundo e sociedade: “um é instrumental e funcional, a outra simbólica ou comunicativa”<sup>864</sup>. Ambas as atitudes são igualmente reais: o matrimônio é meramente instrumento de propagação e perpetuação das sociedades, mas também “símbolo que comunica sentido, um sentido articulado em relação com uma memória histórica e uma esperança futura”<sup>865</sup>. Para a teologia católica, o matrimônio como

<sup>862</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 423.

<sup>863</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 423-424.

<sup>864</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 424; cf. PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de. (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 17-100; FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 5-7. 39-47.

<sup>865</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 424.

sacramento é caracterizado pelo valor simbólico que evoca participação e pleno sentido, não meramente um sinal de algo mais, mas um símbolo que dá identidade cristã.

O matrimônio simboliza a comunidade, por isso, “no matrimônio o compromisso é primeiramente com uma comunidade”<sup>866</sup>. Ela, ao mesmo tempo, continua a comunidade de uma família e é o início de uma nova comunidade familiar. Não só uma comunidade íntima, mas uma comunidade de relações pessoais e interpessoais, uma comunidade familiar ligada à rede de famílias que forma a sociedade.

O sentido e a finalidade primária do matrimônio era, tradicionalmente, a procriação dos filhos. A nova perspectiva personalista amplia o sentido e a finalidade do matrimônio para a vida em parceria, enfatizando o amor interpessoal, mas sem reducionismo e individualismo, mas amplamente relacionados, isto é, “o matrimônio não é apenas uma vida em parceria, mas a agregação de famílias, grupos de amigos, e co-trabalhadores. Através dos filhos os pais frequentemente adquirem contato mais amplo com outras famílias e comunidades”<sup>867</sup>. O amor do casal exige a conseqüente procriação e educação da prole.

Diante das antigas e novas perspectivas, a Igreja é chamada a cumprir sua missão iluminadora e salvadora, contando eficazmente com os cônjuges e suas famílias, como comunidade de vida, de amor, comunidade de discípulos, comunidade do Espírito de Deus e de Cristo.

---

<sup>866</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 427. 424-429.

<sup>867</sup> FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 431; cf. também: p. 429-433.

### 3. Pastoral familiar: ação da Igreja em favor da família

#### 3.1 O sacramento do matrimônio: fundamento da família cristã

As atividades pastorais estão intimamente ligadas às questões doutrinárias sobre o matrimônio e a família. Não há como sistematizar, em idéias e conceitos unificados, as riquezas e diversidades das tradições bíblicas e teológicas cristãs sobre o matrimônio e a família. Contudo, o impacto das escrituras primitivas no pensamento cristão, no decorrer dos séculos, é incontestável e colabora para uma teologia do matrimônio e da família aberta a várias possibilidades. De todas as tendências, primitivas ou não, a teologia hoje acentua a reflexão com base no relacionamento, seja a relação divino-humana, seja a relação humana, homem-mulher ou a relação familiar, em seus aspectos mais diversos<sup>868</sup>.

A Igreja reconhece que a dignidade da vida humana não existe sem uma cultura, por isso, os sistemas que regem as sociedades necessitam de leis que garantam e defendam o matrimônio e a família saudáveis, como critérios decisivos de bem-estar dos indivíduos e das sociedades. A sociedade deve garantir o direito dos pais, dos filhos e da família, a fim de que o ambiente familiar seja propício à defesa da vida e ao desenvolvimento vocacional dos filhos, à educação moral e religiosa, às relações de afeto e às necessidades materiais básicas para a vida<sup>869</sup>.

A instabilidade e a infidelidade no amor, pessoal e coletivo, acarretam sérias conseqüências na vida familiar e social. O maior atentado é contra o amor e contra a vida. A

---

<sup>868</sup> Cf. FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997, p. 404; PETRINI, J. C. *Pós-modernidade e Família: um itinerário de compreensão*. Bauru: Edusc, 2003, p. 57-87; PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de. (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 17-100; FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 257-267; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 247-278.

<sup>869</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Vá em paz: um presente de amor permanente*; editado por Joseph Durepos. Aparecida: Santuário, 2005, p.123-138.

Igreja conta com o comprometimento de muitos cristãos, especialmente cônjuges e famílias, para a defesa e manutenção do matrimônio e da família. A cultura moderna exerce exagerada pressão sobre as relações conjugais, familiares e entre as gerações, afetando a autoridade dos pais sobre os filhos e a transmissão dos valores sagrados. O mundo apresenta ambientes diversificados de vivência das pessoas. Muitas crianças e jovens crescem em ambientes de extremas dificuldades: guerras, calamidades naturais, miséria e fome, crises econômicas e políticas, crise moral e instabilidade familiar. Há jovens resistentes às condições extremas e desumanas que lutam pelo bem dos outros e acreditam no sentido transcendental da vida.

O ambiente e a experiência familiar muito<sup>870</sup> colaboram para o bem ou para agravamento das dificuldades e, ao mesmo tempo, condicionam a vida adulta das crianças. As crianças imitam o comportamento dos adultos: “Se a família é o lugar onde as crianças primeiro encontram o mundo, a família deve ser para as crianças a primeira escola de paz”<sup>871</sup>.

O Reino de Deus aceita o progresso terrestre. A realidade temporal é chamada a abrir espaço para a vida divina e para a salvação que ela deseja comunicar. A tarefa da Igreja é possibilitar a vida divina para a realidade humana<sup>872</sup>. *Familiaris Consortio* declara o valor precioso do matrimônio e da família:

Num momento histórico em que a família é alvo de numerosas forças destruidoras que a procuram destruir ou de qualquer modo deformar, a Igreja, consciente de que o bem da sociedade e de si mesma está profundamente ligado ao bem da família (cf. GS 47), sente de modo mais vivo e veemente sua missão de proclamar a todos o desígnio de Deus sobre o matrimônio e a família, para lhes assegurar a plena vitalidade e promoção

---

<sup>870</sup> Cf. CIFUENTES, R. L. *As crises conjugais*. São Paulo: Quadrante, 2001, p. 5-52. 142-210.

<sup>871</sup> JOÃO PAULO II. *Vá em paz*: um presente de amor permanente; editado por Joseph Durepos. Aparecida: Santuário, 2005, p.125; cf. SANTOS, G. M. de. Matrimônio e Família no magistério de João Paulo II. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C. ALCÂNTARA, M. A. R. de.; (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 17-100; FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004, p. 193-208.

<sup>872</sup> Cf. FC 3.

humana e cristã, contribuindo assim para a renovação da sociedade e do próprio Povo de Deus<sup>873</sup>.

O mistério do matrimônio e da família pode melhor ser compreendido a partir das situações existenciais, sociais e culturais em que se encontram o homem e a mulher de hoje<sup>874</sup>. O dever específico dos cristãos leigos é interpretar e a iluminar o mundo e a história à luz de Cristo, segundo os desígnios de Deus Criador e Redentor<sup>875</sup>. A família, “Igreja doméstica”, assume como própria a missão da Igreja, e:

No plano de Deus Criador e Redentor, a família descobre não só a sua ‘identidade’ o que “é”, mas também a sua ‘missão’, o que ela pode e deve ‘fazer’. As tarefas, que a família é chamada por Deus a desenvolver na história, brotam do seu próprio ser e representam o seu desenvolvimento dinâmico e existencial. Cada família descobre e encontra em si mesma o apelo inextinguível, que ao mesmo tempo define a sua dignidade e a sua responsabilidade: ‘Família, torna-te aquilo que és!’<sup>876</sup>.

Deste modo as tarefas da família estão intimamente ligadas, por vocação divina, a seu ser, isto é, “íntima comunidade de vida e de amor”<sup>877</sup> na busca constante da realização do Reino de Deus, mediante a realidade criada e redimida. A essência e os deveres da família são, diz João Paulo II, “definidos pelo amor”, pois, “é-lhes confiada a missão de guardar, revelar e comunicar o amor, qual reflexo vivo e participação real do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo pela Igreja, sua esposa”<sup>878</sup>. Tudo o que a família faz, expressa de algum modo, sua missão fundamental: o amor. Do amor conjugal e familiar nascem os deveres gerais da família: a

---

<sup>873</sup> FC 3.

<sup>874</sup> Cf. FC 4; GS 4; PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de. (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 17-100; FERRARO, B. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004. Passim.

<sup>875</sup> Cf. FC 5; GS 4; LG 12.35.

<sup>876</sup> FC 17.

<sup>877</sup> GS 48; cf. FC 17.

<sup>878</sup> FC 17.

formação de uma comunidade de pessoas; o serviço à vida; a participação no desenvolvimento, na vida e na missão Eclesial e Social<sup>879</sup>.

### 3.2 A ação da Igreja em favor da família

De posse da identidade e da missão próprias do matrimônio e da família segundo os desígnios de Deus Criador e Redentor, faz-se necessário desenvolver a ação da Igreja em favor da família. Além dos pronunciamentos do Magistério eclesial ao longo dos séculos em defesa do matrimônio e da família, muitas ações foram sendo processadas em seu favor<sup>880</sup>. Cada vez mais a família se torna “via”<sup>881</sup> do homem e da Igreja. Numa ação integrada a Igreja chega à família através do homem e chega ao homem através da família. A certeza da urgente ação prioritária da Igreja em favor da família através da Pastoral familiar, no dizer do Papa, é que “a evangelização, no futuro, depende em grande parte da Igreja doméstica”<sup>882</sup>.

A pastoral do matrimônio e da família dentro da missão da Igreja contemporânea constitui um tema complexo e abrangente, dado a complexidade atual da sociedade e de temas correlacionados à vida matrimonial e familiar como, a sacramentalidade do matrimônio, uniões de fato, divórcio, segunda união entre batizados divorciados, demografia, feminismo radicalista e aborto, questões bióticas, pobreza, políticas familiares e outras situações não menos agravantes. Tais situações desafiam a Igreja em seus princípios e ensinamentos sobre o sentido e a missão do

---

<sup>879</sup> Cf. FC 17; SANTOS, G. M. de. Matrimônio e Família no magistério de João Paulo II. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C. ALCÂNTARA, M. A. R. de.; (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 17-100.

<sup>880</sup> Cf. DPF 1-7.

<sup>881</sup> CtFm 14, (cf. 1-3. 11. 13); cf. RH, 14.

<sup>882</sup> FC 65.

matrimônio e da família. Os esposos, com senso da missão eclesial, são chamados a exprimir na vida conjugal o amor santificador de Cristo e a construir a comunidade de vida e de amor<sup>883</sup>.

A conduta dos cônjuges e da família manifesta a santidade do sacramento do matrimônio e testemunha sacramentalmente a vida de Cristo e da Igreja. O maior desafio da Igreja reside em conscientizar os cônjuges e as famílias a acreditar e a viver o modelo cristão de matrimônio e de família cristã, à luz do Evangelho e do Magistério eclesiástico. Levá-los a compreender a elevada missão do matrimônio e da família dentro da Igreja e do mundo no qual a Igreja deve anunciar e testemunhar o mesmo e único Evangelho de Jesus Cristo, sendo sua presença e atuação de graça e salvação. A preocupação da Igreja com o matrimônio e a família se fundamenta na concepção que ela tem da verdade e da dignidade acerca do matrimônio e da família, uma das necessidades mais urgentes do nosso tempo<sup>884</sup>.

O lugar que a família ocupa na vida de cada ser humano, na sociedade e na Igreja, justifica a exigência em considerá-la fundamental para o êxito da realização da missão eclesial confiada pelo Senhor. Dado a complexidade e amplitude da situação diversa em que vivem os cônjuges e as famílias, justifica-se uma ação pastoral abrangente em favor da defesa e da salvação da família.

### **3.2.1 Abrangência da ação pastoral em favor da família**

As condições socioculturais em que se encontram os fiéis e as comunidades eclesiais dificultam a aceitação por parte dos fiéis do modelo cristão de matrimônio. Neste contexto, entre os maiores e profundos problemas, emergem as separações conjugais. Nas nações onde o

---

<sup>883</sup> Cf. FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 247-265.

<sup>884</sup> Cf. GS, 46-47; FC 6; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 250-256.

cristianismo é religião oficial aparecem conflitos entre o direito civil e o direito eclesiástico matrimonial. Politicamente, surgem controvérsias sobre a questão de direito do estado, direito da família, direito eclesial. Ampliam-se os problemas quando as questões éticas e morais são consideradas no embate sócio-religioso<sup>885</sup>.

A primeira atitude, atitude preventiva da ação pastoral da Igreja, deve estar na prevenção dos males através de uma verdadeira e progressiva ação evangelizadora e catequética sobre o matrimônio e a família, oferecendo condições para que os jovens assumam, de maneira mais consciente e cristã, o matrimônio e a família à luz do Evangelho e do Magistério eclesiástico. A segunda atitude, atitude curativa da ação pastoral da Igreja, deve ser a de minimizar os sofrimentos e buscar alternativas restauradoras da vida humana e familiar. Nesse aspecto a *Familiaris Consortio* e o *Diretório Pastoral Familiar* da Conferência dos Bispos do Brasil, apresentam amplo material e inúmeras sugestões, tanto no campo doutrinal quanto pastoral<sup>886</sup>.

A ação pastoral da Igreja em favor da família deve ser progressiva, de modo a acompanhar a família em todas as etapas de sua formação e desenvolvimento, e contemplá-la em todas as circunstâncias, situações e problemas existenciais, indistintamente, a fim de que lhe seja indicada respostas pastorais efetivas, eficazes e adequadas<sup>887</sup>. A missão primária da Igreja é levar às famílias a verdade de Deus Criador e Redentor sobre o matrimônio e a família<sup>888</sup>. A ação pastoral progressiva segue e acompanha a família “passo a passo nas diversas etapas de sua formação e desenvolvimento”<sup>889</sup>.

As situações em que o matrimônio e a família vivem hoje, suas luzes e suas sombras, e a negação dos valores humanos e evangélicos, desafiam e interpelam a Igreja a assumir sua

---

<sup>885</sup> Cf. FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 258-25.

<sup>886</sup> Cf. FC 65-72; DPF p. 260-271; FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995, p. 260-264.

<sup>887</sup> Cf. DPF 12 e “Plano de Exposição”, p. 27; FC, 65.

<sup>888</sup> Cf. DPF 12; FC, 1-3.

<sup>889</sup> FC 65 (cf. 1-10).

responsabilidade em ajudar a família a anunciar e a testemunhar o evangelho da vida e da família. A Igreja acredita firmemente que o matrimônio como sacramento é a resposta de fé do cristão, adequada para a construção do Reino de Deus e para a solução dos graves problemas emergentes no campo da dignidade humana, da vida e da família. A Igreja deve ajudar as famílias a professar e a viver sua fé, como adesão pessoal a Jesus Cristo e ao Evangelho, numa realidade social com distintos vínculos de união familiar. Ações de grande ajuda são o primeiro anúncio e a catequese familiar<sup>890</sup>.

Nesse contexto, a Igreja propõe à Pastoral Familiar ‘uma ação decidida para defender e promover a família, Igreja doméstica e santuário da vida’ (Santo Domingo 297). Sendo a família a célula básica da sociedade, fonte de vida que abastece as diferentes camadas e categorias sociais e eclesiais, a Pastoral Familiar deverá articular-se, de modo eficaz, como os organismos e Pastorais de cada Diocese, de tal modo que contribua significativamente para o crescimento e consolidação de toda a ação Pastoral. Esta ação ajuda a fortificar e a evangelizar as famílias. Cada família, como sujeito-agente sociotransformador da sociedade, ajuda a vencer eventuais crises e difíceis situações familiares, tanto na sua atuação interna como externa<sup>891</sup>.

Dois conceitos básicos da família são tirados da Tradição: igreja doméstica e santuário da vida. De modo semelhante, nas últimas décadas, a Igreja insiste na defesa e promoção da família. A Pastoral Familiar está inserida no conjunto da ação pastoral da Igreja. Sua prioridade não significa exclusividade, mas meio pelo qual o conjunto das ações pastorais de toda a Igreja poderá alcançar seus objetivos.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na 42ª Assembléia Geral, realizada em Itaici, Indaiatuba/SP, de 21 a 30 de abril de 2004, aprovou o Diretório Nacional da Pastoral Familiar. Fruto de longo e intenso trabalho da Comissão Nacional de Pastoral Familiar e

---

<sup>890</sup> Cf. DPF 1-40; FC, 1-10. 23. 66. 70 e Conclusão; CNBB. *Pronunciamento do Papa na Igreja do Brasil*: homilia durante a Missa, Rio de Janeiro, 1/07/1980. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 46; Puebla, 57. 783; Santo Domingo, 217. 297; EN, 55; CtFm 17.

<sup>891</sup> DPF 25; cf. CIFUENTES, R. L. *As crises conjugais*. São Paulo: Quadrante, 2001, 42-53. 109-210.

resultado dos inúmeros documentos da Igreja sobre a família, especialmente a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* que formulou o pedido de um Diretório<sup>892</sup>.

### 3.2.2 Pastoral familiar: experiências que deram certo

Algumas iniciativas concretas, eficientes e eficazes, fruto do desenvolvimento da reflexão sobre o matrimônio e a família, se espalharam por todo o mundo, expressando, por parte de significativos seguimentos da Igreja, correspondência eficaz aos apelos do Vaticano II e do Papa João Paulo II.

Após o Sínodo dos bispos dedicado à família, em 1980, João Paulo II escreveu a Carta Apostólica em forma de *Motu Próprio Familia a Deo Instituta*, em 9 de maio de 1981, criando o “Pontifício Instituto para a Família”<sup>893</sup>, em continuidade à “Comissão para a Família” empreendida por Paulo VI, em 11 de janeiro de 1973. Paulo VI desejava que a “Comissão para a Família” fosse um organismo de estudo e pesquisa pastoral a serviço da missão da Igreja e da Santa Sé. Com critérios e visão pastoral a Comissão deveria investigar e estudar os problemas espirituais, morais e sociais da família. Tal responsabilidade até o momento da referida Carta Apostólica era atribuída ao Pontifício Conselho para os Leigos<sup>894</sup>.

A criação do Pontifício Conselho para a família veio em resposta aos anseios do povo cristão, expressas pelo Sínodo dos bispos sobre a família de 1980. Os bispos solicitaram ao Papa dar à Comissão para a família, nova fisionomia e estrutura, de forma a corresponder aos novos

---

<sup>892</sup> Cf. DPF apresentação.

<sup>893</sup> JOÃO PULO II. *Carta Apostólica em forma de Motu Próprio Familia a Deo Instituta*. Disponível em: <[http://212.77.1243/holy\\_fther/john\\_paul\\_ii/motu\\_proprio/documents/hf\\_jp-ii\\_motu](http://212.77.1243/holy_fther/john_paul_ii/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu)>. Acesso em: 18 outubro 2006, 10:05:15.

<sup>894</sup> Cf. JOÃO PULO II. *Carta Apostólica em forma de Motu Próprio Familia a Deo Instituta*, n. 2. Disponível em: <[http://212.77.1243/holy\\_fther/john\\_paul\\_ii/motu\\_proprio/documents/hf\\_jp-ii\\_motu](http://212.77.1243/holy_fther/john_paul_ii/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu)>. Acesso em: 18 outubro 2006, 10:05:15, n. 2-3.

problemas e dificuldades da família contemporânea, e de forma a ser instrumento e suporte da atividade pastoral e apostólica num setor tão fundamental para a vida humana.

O zelo apostólico de João Paulo II está fundamentado nas expressões da Carta nestes termos:

A família, instituída pelo Criador Supremo para que fosse a primeira e vital célula da sociedade humana, por intermédio de Cristo Redentor, que se dignou nascer na família de Nazaré, tem sido honrada de tal maneira que o matrimônio, há de ser, a comunidade de amor e vida conjugal, da qual procede a família, foi elevado à dignidade de sacramento, para significar eficazmente a aliança mística de amor do mesmo Cristo com a Igreja (cf. GS, 48). Tendo isso presente, o Concílio Ecumênico Vaticano II define a família como “Igreja doméstica” (LG 11 e AA 11), manifestando assim a função peculiar que a família está chamada a desenvolver em toda a economia da salvação e, portanto, a obrigação que têm os membros da família de realizar, cada um segundo sua própria missão, a tríplice função profética, sacerdotal e real, que Cristo havia confiado à Igreja. Não há de se estranhar, pois, que a Igreja, solícita sempre no decurso da história pela família e seus problemas, vê aumentado hoje tanto os meios para promover a família, como também os perigos de todo gênero a que está submetida, volve seus olhos a ela com solicitude ainda mais intensa<sup>895</sup>.

Em vários continentes surgiu o “‘Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família’ [com o papel de] aprofundar o conhecimento e a verdade sobre o matrimônio e a família à luz da fé e da reta razão, o que exige um treinamento hermenêutico”<sup>896</sup>.

No Brasil o Instituto está sediado em Salvador/BA<sup>897</sup>.

<sup>895</sup> JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica em forma de Motu Próprio Família a Deo Instituta*, n. 2. Disponível em: <[http://www.vatican.va/212.77.1243/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/motu\\_proprio/documents/hf\\_jp-ii\\_motu](http://www.vatican.va/212.77.1243/holy_father/john_paul_ii/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu)>. Acesso em: 18 outubro 2006, 10:05:15, n. 1-2.

<sup>896</sup> AZEVEDO, W. O. de. Família: lugar hermenêutico de confluência. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de. (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 59.

<sup>897</sup> Cf. AZEVEDO, W. O. de. *Família: lugar hermenêutico de confluência*. In: PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de. (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 59-69.

As Conferências Episcopais aprovaram Diretórios da Pastoral Familiar, frutos de longa e penosa caminhada pastoral. A elaboração dos Diretórios, em cada continente, ficou sob a responsabilidade da Comissão Episcopal da Pastoral Familiar.

A referida Comissão, no Brasil, recebeu o nome de “Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família da CNBB”<sup>898</sup>. Chamava-se Comissão Nacional de Pastoral Familiar da CNBB<sup>899</sup>. Ela realizou e realiza, ainda hoje, intenso trabalho junto às Regionais da CNBB: elabora Planos Estratégicos de Ação Pastoral em nível Nacional e Regional; elabora subsídios pastorais; assessora grandes Assembléias Nacionais e Regionais da Pastoral Familiar; elabora e executa cursos temáticos concernentes ao matrimônio e à família<sup>900</sup>; elaborou recentemente o Diretório da Pastoral Familiar, texto aprovado pela 42ª Assembléia Geral da CNBB, Itaici – Indaiatuba/SP, de 21 a 30 de abril de 2004<sup>901</sup>.

A Igreja tem atuado junto ao Congresso Nacional e junto a outros setores sociais em defesa da vida e da família, lutando contra o aborto, por exemplo. Executam excelentes trabalhos em relação a políticas familiares, junto a legislativos influentes e cristãos.

A Diocese de Jundiaí/SP foi pioneira na experiência de acolhimento e ajuda efetiva a casais em segunda união, hoje, espalhada pelo Brasil<sup>902</sup>.

Papa Bento XVI considera, hoje, a família “patrimônio da humanidade”<sup>903</sup>, algo além do âmbito religioso que atinge tanto os crentes como os não crentes. À Igreja, contudo, cabe sempre

---

<sup>898</sup> DPF p. 1.

<sup>899</sup> Cf. CNBB. *A pastoral familiar: biênio 2000-2001*. Goiânia: Redentorista, 2000; CNBB. *A pastoral familiar: 2º Plano Estratégico de Ação, biênio 2002-2003*. Goiânia: Redentorista, 2002; CNBB. *A pastoral familiar na paróquia*. 5. ed. Setor Família e vida da CNBB. Brasília: Bárbara Bela Editora Gráfica e Papelaria, 2000; CNBB. *Pastoral familiar*. Disponível em: <<http://www.pastoralfamiliarcnbb.org.br>>. Acesso em: 27 outubro 2006, 20:30:08 – este site oferece vasto material e informação sobre a ação pastoral familiar.

<sup>900</sup> Cf. DPF 4-11 e Anexos da p. 275-279.

<sup>901</sup> Cf. DPF Passim.

<sup>902</sup> Cf. DIOCESE DE JUNDIAÍ. *Pastoral de casais em 2ª união: uma experiência pioneira*. Jundiaí-SP: Gráfica Rami Ltda, 1998; SCAMPINI, L. *Casais em segunda união: acolhida fraterna na Igreja*. Aparecida: Santuário, 1999.

<sup>903</sup> CNBB. *Pastoral familiar*. Disponível em: <<http://www.pastoralfamiliarcnbb.org.br>>. Acesso em: 27 outubro 2006, 20:30:08.

anunciar o “Evangelho da família e da vida”, pois, “*O futuro da humanidade passa pela família!*”,<sup>904</sup>.

---

<sup>904</sup> FC, 86; cf. BENTO XVI. *Discurso aos participantes na assembléia plenária do Pontifício Conselho da Família*. Disponível em: <

## CONCLUSÃO

A totalidade da revelação de Deus-Trindade diz respeito à Salvação do ser humano, homem e mulher. A família e a sociedade, cada uma a seu modo, constituem o ambiente vital de humanização de cada homem e mulher. A histórica e constante agressividade, principalmente a do século passado até os dias de hoje com mais incidência, contra a instituição divina matrimônio-família, se propõe à sua destruição.

O ser humano está em perigo e, ao mesmo tempo, coloca em perigo a fonte humanizante, a família natural, que, também posta em perigo, compromete o futuro da humanidade, de cada homem e mulher. Diz o adágio popular: “do veneno se tira o antídoto contra o próprio veneno”. Por isso, em várias ocasiões diferentes, João Paulo II sabiamente proclamou de cima dos telhados a Boa-Nova do Evangelho da vida e da Família, nesses termos:

*“o homem é a via do futuro”; “Deus acredita firmemente na família”; “Família, torne-se aquilo que és!”; “Família, acredita naquilo que tu és!”; “Acreditar na família é construir o futuro”; “Ela é a principal fonte de esperança para o futuro da humanidade”; “Acreditem cada vez mais na família fundamentada sobre o matrimônio”; “A evangelização, no futuro, depende em grande parte da Igreja doméstica”.*

Os *Ensinamentos* de João Paulo II foram feitos com autoridade, à luz dos Mistérios Cristãos. A teologia, ainda hoje, tem significado para o homem e a mulher porque pode dizer-lhes algo sobre os desígnios de Deus Criador e Redentor, fonte da identidade e da missão de todo

crente. A cristologia é a explicitação da fé vivida pela comunidade Pós-Pascal primitiva, isto é, no Espírito do Cristo Ressuscitado, a partir da realidade vital de Jesus histórico – vida, prática, ensinamento salvífico, grupo social e familiar (Família – Vila Nazaré), opções ideológicas e religiosas... –, tornando-se paradigma para a experiência de fé da comunidade de vida e amor: a família cristã.

Nos desígnios de Deus Redentor, a família é chamada a redescobrir sua identidade própria e a desenvolver na história as tarefas que brotam do seu próprio ser. Ela representa a Aliança entre Deus e os homens, definitivamente realizada na Nova e Eterna Aliança no Corpo e no Sangue de Jesus Cristo, Filho-Verbo, Encarnado na história.

João Paulo II foi um homem admirável pelas virtudes humanas e cristãs. Sinteticamente, as tônicas essenciais da Evangelização por ele desenvolvida dizem respeito à tríade vida-matrimônio-família. Primeiramente, ao amor pelo ser humano, homem e mulher. O ser humano sente-se ameaçado pelos próprios inventos tecnológicos, mesmo que feitos bons, sendo utilizados para fins maléficos, contrários ao bem comum. A Igreja e cada um de seus membros, precisa ajudar o ser humano a encontrar a verdade de si mesmo. O ensinamento magisterial do Pontífice concentrou-se em anunciar que a verdade do homem encontra-se na Verdade do Cristo Redentor, Senhor da história e do cosmos (cf. RH 1).

Em segundo lugar, ao amor à pessoa e à causa de Jesus Cristo de Nazaré, o Evento Salvífico e Revelador de Deus. Sua primeira Encíclica, em menos de um ano de Pontificado, foi dedicada a Cristo Redentor e ao ser humano: *Redemptor hominis* (1979).

Ao Cristo Redentor elevei os meus sentimentos e pensamentos a 16 de Outubro do ano passado, quando, após a eleição canônica, me foi feita a pergunta: «Aceitais?» E eu respondi então: «Com obediência de fé em Cristo, meu Senhor, e confiando na Mãe de Cristo e da Igreja, não obstante as muitas dificuldades, eu aceito» (RH 2).

No dizer do Pontífice, a única orientação do espírito, a única direção da inteligência, da vontade e do coração, é esta: “na direção de Cristo, Redentor do homem; na direção de Cristo, Redentor do mundo” (RH 7). A direção do homem, do mundo e da Igreja é Cristo Redentor. Sem sombra de dúvida pode-se afirmar em nome do Papa: *na direção de Cristo Redentor deve estar o matrimônio, a família e a humanidade.*

A *Familiaris Consortio*, quando cita os “desígnios de Deus Criador e Redentor” carrega a significação do evento salvífico, fonte e plenitude da revelação. Ela, portanto, não pode ser lida numa ótica isolada do contexto da revelação bíblica e da Tradição vida da Igreja, muito menos, da contextualização existencial e Apostólica de João Paulo II. Sua mensagem cristológica é clara “Para Ele (Cristo Redentor) queremos olhar, porque só n'Ele, Filho de Deus, está a salvação, renovando a afirmação de Pedro: «Para quem iremos nós, Senhor? Tu tens as palavras de vida eterna» (Jo 6,68)” (RH 7). Tudo o que se pode falar ou deduzir de algo significativo, não pode ser dito ou deduzido sem a relação a Cristo:

Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as invisíveis e as visíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. É antes de tudo e tudo nele subsiste. É a Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo. É o Princípio, o primogênito dos mortos, tendo em tudo a primazia, pois nele aprouve a Deus fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz. (Cl 1,15-20).

Em terceiro lugar, ao amor à Igreja, Corpo do Senhor, a quem serve no Exercício do Magistério Petrino com todo amor e dedicação. Para ele, a Igreja, com a nova consciência de si mesma a partir do Concílio Vaticano II (cf. LG e GS), é o Povo de Deus com consciência de sua missão salvífica no mundo. A Igreja existe para servir ao homem nos caminhos da história, a fim de conduzi-lo, no Espírito da Trindade, à Salvação em Cristo (cf. RH. 3).

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Familiaris Consortio*, por certo, não é uma obra especificamente cristológica. Bem fundamentada nas Escrituras e na Tradição, em primeiro lugar, a Exortação, a partir da situação real da família no mundo, expõe a teologia e a doutrina acerca da verdade da família cristã que, “nascida de um matrimônio que é imagem e participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja, manifestará a todos a presença viva do Salvador no mundo e a autêntica natureza da Igreja” (GS 48 e FC 50). Deste modo, “com o anúncio da Palavra de Deus, a Igreja revela à família cristã a sua verdadeira identidade, o que ela é e deve ser segundo o desígnio do Senhor” (FC 49).

Em segundo lugar, a Exortação materializa a identidade da família cristã nas tarefas que ela mesma deverá assumir e desempenhar no âmbito familiar, social e eclesial. Devem ocupar lugar de destaque no amor dos cônjuges, a educação humanizante dos filhos e sua capacitação para o testemunho de Cristo Redentor no mundo e na Igreja. A natureza da *Familiaris Consortio* é ser a mensagem pastoral e o Ensino Magisterial sobre a verdade a família cristã, nascida do matrimônio, à luz dos Desígnios de “Deus Criador e Redentor” (FC 17). Nas palavras conclusivas da *Familiaris Consortio*, em tom de “Exortação”, o Papa diz a todos os filhos da Igreja e aos homens de boa vontade:

*- O futuro da humanidade passa pela família!*

*- Devem amar particularmente a família.*

*- Compete ainda aos cristãos a tarefa de anunciar com alegria e convicção a ‘Boa-Nova’ acerca da família, que tem necessidade absoluta de ouvir e de compreender sempre mais profundamente as palavras autênticas que lhes revelam sua identidade, seus recursos interiores, a importância da sua missão na Cidade dos homens e na de Deus.*

*- A Igreja conhece o caminho pelo qual a família pode chegar ao coração da sua verdade profunda. Este caminho, que a Igreja aprendeu na escola de Cristo e da história interpretada à luz do Espírito, [...], sabendo, porém, que a ‘Boa-Nova’ conhece*

*a linguagem da Cruz. É, no entanto, através da Cruz que a família pode atingir a plenitude do seu ser e a perfeição do seu amor.*

*- Desejo, por fim, convidar todos os cristãos a colaborar, carinhosa e corajosamente, com todos os homens de boa vontade, que vivem a responsabilidade própria no serviço à família. (FC Conclusão).*

É possível e justifica-se, a *Leitura cristológica da Familiaris Consortio*. A família cristã em sua vocação e missão está radicada no desígnio de Deus Redentor. A cristologia, tanto em seu aspecto dogmático quanto em seu aspecto soteriológico, fundamenta a identidade e a missão da família cristã no mundo contemporâneo. O simples fato de a família ser chamada “cristã” caracteriza a realidade fundante de sua vida cristã: Jesus de Nazaré histórico e real que conduz a Cristo Crucificado, Ressuscitado dos mortos, que está à direita do Pai e há de vir, mas que, até à sua nova vinda, comunicou o seu Espírito à sua Igreja para conduzi-la nos caminhos da história como sacramento de salvação. A cristologia é categoria básica capaz de fortalecê-la no embate contra os desafios da “cultura da morte” vigente, e:

*Se a família cristã é comunidade, cujos vínculos são renovados por Cristo mediante a fé e os sacramentos, a sua participação na missão da Igreja deve dar-se segundo uma modalidade comunitária: conjuntamente, portanto, os cônjuges enquanto casal, os pais e os filhos enquanto família, devem viver o seu serviço à Igreja e ao mundo. Devem ser na fé ‘um só coração e uma só alma’ (At 4,32), através do espírito apostólico comum que os anima e mediante a colaboração que os empenha nas obras de serviço à comunidade eclesial e civil. [] A família cristã, edifica o Reino de Deus na história mediante aquelas mesmas realidades cotidianas que dizem respeito e contradistinguem a sua condição de vida: [...] o amor conjugal e familiar. (FC 50).*

Ainda mais, diz o Papa: “Posto assim, o fundamento da participação da família cristã na missão eclesial, é agora o momento de ilustrar o seu conteúdo na tríplice e unitária referência a *Jesus Cristo, Profeta, Sacerdote e Rei*, apresentando por isso a família cristã como: comunidade crente e evangelizadora; comunidade em diálogo com Deus; comunidade a serviço do homem” (FC 50). Estão fundamentados os critérios fundantes de novas relações familiares.

A partir da *Familiaris Consortio*, conforme foi o desejo de João Paulo II (cf. FC Conclusão), com o pluralismo de iniciativas daqueles que se empenham no ideal da família, teólogos e especialistas em problemas familiares, poderão “favorecer uma promoção mais rápida e integral da família” (FC conclusão), especialmente aprofundando dimensões ainda não exploradas dessa realidade complexa e fascinante: a vida-matrimônio-família.

A família, indubitavelmente, é lugar de sentido, “lugar teológico”, “Igreja doméstica e Santuário da vida”. Acima de tudo, a família cristã é comunidade de discípulos de Jesus Cristo, chamada ao seguimento e à vivência da fé que Salva, Liberta e Transforma o mundo.

Sob os olhares desta proposta, pode-se afirmar que João Paulo II tem uma contribuição original para a família cristã, em sua identidade e missão no mundo atual. Jesus é apresentado, acima de tudo, como o Cristo Redentor do homem e do mundo, paradigma da família cristã. A família cristã que nasce do sacramento do matrimônio, deve ser vista à luz do Evento Salvífico, pois, “representa o mistério da Encarnação de Cristo e o seu Mistério de Aliança” (FC 13).

Jesus Cristo é a “*largura e o comprimento, a altura e a profundidade*” da família cristã que, conhecendo o “*amor de Cristo que excede todo conhecimento*”, é plenificada “*com toda a plenitude de Deus*” (Ef 3,18-19). Por meio da Igreja ela deve se aproximar “com toda confiança pelo caminho da fé em Cristo” da “*multiforme sabedoria de Deus, segundo o desígnio preestabelecido desde a eternidade em Cristo Nosso Senhor*” (Ef 3,12), assumindo a linguagem da Cruz com a certeza da Ressurreição.

Em síntese conclusiva, esta proposta poderia simplesmente declarar:

*É necessário que as famílias do nosso tempo tomem novamente altura!*

*É necessário que sigam a Cristo!*

*O futuro da humanidade e da Igreja passa pela família!*

*João Paulo II (sempre presente!)*

## BIBLIOGRAFIA

### I. FONTES PRIMÁRIAS

#### 1.1 Fontes Principais

JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio*. Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a missão da família cristã no mundo de hoje, 1981. 18. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *Gratíssiman sane*. Carta às famílias, 1994. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1994.

#### 1.2 Fontes bibliográficas

BRANICK, V. *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994.

DENZINGER, H; HÜNERMANN, P. *El magistério de la Iglesia: enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus difei et morum*. 2. ed. Barcelona: Herder, 2000.

DIDAQUÉ. São Paulo; Paulinas, 1989.

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997.

FLÓREZ, G. *Matrimonio y familia*. V. 12. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1995.

GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo, Paulinas, 2004.

RATZINGUER, J. *João Paulo II: vinte anos na história*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SCOLA, A. *O mistério nupcial*. Salvador: Bauru: EDUSC; Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, 2003.

SESBÖUÉ, B. (dir.). *História dos dogmas*. V. 1: o Deus da Salvação (séculos I-VIII). São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *História dos dogmas*. V. 2: o homem e sua Salvação (séculos V-XVII). São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *História dos dogmas*. V. 3: os sinais da Salvação (séculos XII-XX). São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Não tenham medo! Os ministérios na Igreja de hoje*. São Paulo: Paulus, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho na Igreja: a tradição viva da fé*. São Paulo: Paulinas, 1997.

\_\_\_\_\_. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Cristo: elementos de cristologia fundamental*. São Paulo: Paulinas, 1997.

## II. DOCUMENTOS

### 2.1 Sagrada Escritura

BÍBLIA: Bíblia de Jerusalém. ed. nov. at. rev. São Paulo: Paulus, 2003.

### 2.2 Magistério

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Dominus Iesus*: Declaração sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. 2000. São Paulo: Loyola, 2000.

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. *Documentos de Pio XII (1939-1958)*. São Paulo: Paulus, 1999.

\_\_\_\_\_. *Documentos sobre a Bíblia e sua interpretação (1893-1993)*. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. *Encíclicas de João Paulo II*. São Paulo: Paulus, 1979.

\_\_\_\_\_. *Documentos de Leão XIII*. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. *Documentos de Pio XI (1902-1939)*. São Paulo: Paulus, 2004.

DOCUMENTOS DO CELAM: *Rio, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004.

JOÃO PAULO II. *Mulieres Dignitatem*. Carta Apostólica, 1988. São Paulo: Paulinas, 1988.

\_\_\_\_\_. *Novo millennio ineunte*, Carta Apostólica. 7ª ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_. Promulgado por. *Cordex iuris canonici*, 1983. 11. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

L'OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, jan. – set. 1978. Editorial semanal, ano IX, n. 43 (464).

\_\_\_\_\_. Cidade do Vaticano, jan. – set. 1980. Editorial semanal, ano XI, n. 39 (565).

### 2.3 Conferências

CNBB. *A pastoral família: 2º Plano Estratégico de Ação*, biênio 2002-2003. Goiânia: Redentorista, 2002.

\_\_\_\_\_. *A pastoral familiar na paróquia*. 5. ed. Setor Família e vida da CNBB. Brasília: Bárbara Bela Editora Gráfica e Papelaria, 2000.

\_\_\_\_\_. *A pastoral familiar*: biênio 2000-2001. Goiânia: Redentorista, 2000.

\_\_\_\_\_. *Comunicado mensal*. Indaiatuba: Itaicí. Ano 5, n. 337, p. 959-963, [out.]1980.

\_\_\_\_\_. *Diretório da pastoral familiar*. (Documentos da CNBB n. 79). São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pronunciamento do Papa na Igreja do Brasil*: homilia durante a Missa, Rio de Janeiro, 1/07/1980. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Pronunciamento do Papa na Igreja do Brasil*: homilia durante a Missa, Rio de Janeiro, 1/07/1980. Petrópolis: Vozes, 1980.

CNBB; CONIC. *Felizes os que promovem a paz!* Texto base da Campanha da fraternidade 2005, São Paulo: Salesiana/Sinodal, 2005.

## 2.4 Dioceses

DIOCESE DE JUNDIAI. *Pastoral de casais em 2ª união: uma experiência pioneira*. Jundiaí-SP: Gráfica Rami Ltda, 1998.

## III. BIBLIOGRAFIA

ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

ALMEIDA, A. J. de. *Lumen gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005.

ALTANER, B.; STUIBER, A. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. 3. ed. São Paulo, Paulus, 1972.

ALVES, J. *O Papa que veio de longe*. São Paulo: Paulinas, 1979.

BAKALAR, N.; BALKIN, R. (org.). *A sabedoria de João Paulo II: a visão do Papa sobre os temas mais importantes para a humanidade*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. V.3.2: os livros poéticos: Salmos, Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. Petrópolis: Vozes, 1985.

BALLESTER, M. G. *A nossa ressurreição*. São Paulo: Paulinas, 2006.

BECKER, V. K. J. *O ministério sacerdotal: natureza e poderes do sacerdócio segundo o magistério da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1976.

BECKHÄUSER, F. A. (Org.). *Tradução Apostólica de Hipólito de Roma*. Petrópolis: Vozes, 1971.

BERGANT, D.; KARRIS, R. (org.). *Comentário bíblico*. V. 1: Introdução, Pentateuco, Profetas Anteriores. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. *Comentário bíblico*. V. 2: Profetas posteriores, Escritos, Livros Deuteronomicos. São Paulo: Loyola, 1999.

- BERNSTEIN, C.; POLITI, M. *Sua Santidade João Paulo II: e a história oculta de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- BETETA, P. *João Paulo II: rumo ao novo milênio*. São Paulo: Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Rumo ao terceiro milênio com João Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BLANK, C. E. *O matrimônio no século 21: falência ou realização?* São Paulo: Paulinas, 1996.
- BOFF, L. *A Santíssima Trindade: a melhor comunidade*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A Trindade e a sociedade: o Deus que liberta seu povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O rosto materno de Deus*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *São José: a personificação do Pai*. Campinas: Verus Editora, 2005.
- BOJORGE, H. *A figura de Maria através dos Evangelhos*. São Paulo; Loyola, 1977.
- BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BRIGHENTI, A. *A missão Evangelizadora no contexto atual: realidade e desafios a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BROWN, R. E.; DONFRIED, K. P.; FTZMYER, J. A.; REUMANN, J. (org.). *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BUCKER, B. P; BOFF, L.; AVELAR, M. C. *Maria e a Trindade: implicações pastorais, caminhos pedagógicos e vivência da espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CAMBÓN, E. *Assim na terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade?* Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2000.
- CANTALAMESSA, R. *Contemplando a Trindade*. São Paulo: Loyola, 2004, 101p.

- CECHINATO, L. *Os 20 séculos de caminhada da Igreja: principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004.
- CHARBONNEAU, P. *Sentido cristão do casamento: ensaio a respeito da espiritualidade conjugal*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1985.
- CIFUENTES, R. L. *As crises conjugais*. São Paulo: Quadrante, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Família: fidelidade-felicidade*. Rio de Janeiro: Marques/Saraiva, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Prioridade e centralidade da pastoral familiar na evangelização do novo milênio: a família: diagnóstico e terapia*. 2. ed. at. Rio de Janeiro: Instituto pró-família, 2002.
- COLAVECCHIO, R. L. *O caminho do Filho de Deus: contemplando Jesus no evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- DOMÍNGUEZ, J.; SÂEZ, J. *O homem de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- DROBNER, H. R. *Manual de patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DURAND, J. *Religiões monoteístas: Judaísmo, Catolicismo, Islamismo, Protestantismo*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- EDWARDS, D. *Experiência humana de Deus*. São Paulo: Loyola, 1995.
- ELIADE, M. *Tratado de história das religiões*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ESCLARÍN, A. P. *Educar para humanizar*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- EUVÉ, F. *Pensar a criação como jogo*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- EVELY, L. *Reinventar o matrimônio*. São Paulo: Paulus, 1998.

- FELLER, V. G. *O sentido da salvação: Jesus e as religiões*. São Paulo: Paulus, 2005.
- FERRARO, B. *Cristologia: iniciação à teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Encarnação: questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004.
- FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. P. (orgs.). *Teologia sistemática: perspectivas católico-romanas*. V. 2. São Paulo: Paulus, 1997.
- FISCHER-WOLLPERT, R. *Os Papas: de Pedro a João Paulo II*. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1999.
- FISICHELLA, R. *Introdução à teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2000.
- FORTE, B. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A Trindade como história*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Nos caminhos do Uno: metafísica e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- FROSSARD, A. “*Não tenham medo!*”: entrevista com João Paulo II. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Retrato de João Paulo II*. São Paulo: Círculo do Livro, 1998.
- GESCHÉ, A. *O Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- GIORDANO, N. *A família, ícone da Trindade*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- GONZÁLES, C. I. *A Boa Nova do Pai: meditações bíblicas*. São Paulo: Loyola, 2005.
- GRELOT, P. *O casal humano na Escritura*. São Paulo: Paulinas, 1975.
- GRENZER, M. *Análise poética da sociedade: um estudo de Jó 24*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- GRESCHAT, H. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2006.
- HICK, J. A. *A metáfora do Deus Encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HORSLEY, R. A. *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova ordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004.
- ICETA, M. *A família como vocação*. São Paulo: Paulus, 1999.
- JOÃO PAULO II. *Levantai-vos! Vamos!* São Paulo: Planeta, 2004.

- \_\_\_\_\_. *Vá em paz: um presente de amor permanente*; editado por Joseph Durepos. Aparecida: Santuário, 2005.
- KÄSEMANN, E. *Perspectivas Paulinas*. 2. ed. São Paulo: Editora Teológica/Paulus, 2003.
- KASPER, W. *Teologia do matrimônio cristão*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- KOUBETCH, V. *Da criação à parusia: linhas mestras da teologia oriental*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- LACOSTE, J – Y (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004.
- LADARIA, L. F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. *Dicionário Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994.
- LECLERCQ, J. *A família*. São Paulo: Quadrante, 1968.
- LIBANIO, J. B. *Cenários da Igreja*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- \_\_\_\_\_; MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Sempre Jesus: a caminho do novo milênio*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.
- LIÉBAERT, J. *Os Padres da Igreja*. V. 1: séculos I-IV. São Paulo: Loyola, 2000.
- LOREMZEN, L. F. *Introdução à Trindade*. São Paulo: Paulus, 2002.
- LORSCHIEDER, A. (et. al.). *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005.
- MACHADO, F. *A família e Jesus de Nazaré*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2000.
- MALINA, B. J. *O evangelho social de Jesus: o reino de Deus em perspectiva mediterrânea*. São Paulo: Paulus, 2004.

- MANOEL, I. A.; FREITAS, N. M. B. de. (orgs.). *História das religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- MASINI, M. *Maria, o Espírito e a Palavra*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- MATEOS, J.; CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MORACHO, F. *A família de Jesus de Nazaré*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994.
- MOSER, A. *Enigma da esfinge: sexualidade*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MÜLLER, U. B. *A encarnação do Filho de Deus: Concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo*. São Paulo: Loyola, 2004.
- PAIVA, V. *Família e Igreja: reconciliáveis?* São Paulo: Paulus, 2003.
- PALACIO, C. *Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo: teologia aos 40 anos do Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2001.
- PETRINI, J. C. *Pós-modernidade e Família: um itinerário de compreensão*. Bauru: Edusc, 2003.
- \_\_\_\_\_; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. de. (org.). *Família XXI: Entre pós-modernidade e cristianismo*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003.
- PRESTIGE, J. L. *Dios en el pensamiento de los padres*. Salamanca: 1997.
- RABIE-AZOORY, V. *Eles amam você, eles não me amam: a verdade sobre o favoritismo familiar e a rivalidade entre irmãos*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- RAHNER, K. *Vaticano II: começo de renovação*. São Paulo: Herder, 1966.
- RAUSCH, T. P. (org.). *Introdução à teologia*. São Paulo: Paulus, 2004.
- REB v. 20, n. 4, p. 888-899, [dez.] 1960.
- \_\_\_\_\_. v. 61, n. 243, p. 568-581, [set.] 2001.
- \_\_\_\_\_. v. 61, n. 243, p. 602-621, [set.] 2001.
- \_\_\_\_\_. v. 64, n. 256, p. 771-801, [out.] 2004.
- \_\_\_\_\_. v. 64, n. 256, p. 822-835, [out.] 2004.

\_\_\_\_\_. v. 64, n. 256, p. 837-864, [out.] 2004.

\_\_\_\_\_. v. 64, n. 256, p. 941-948, [out.] 2004.

REVISTA NATIONAL GEOGRAPHI Brasil. ed. 42-A. Edição de Colecionador – João Paulo II: o peregrino da paz. São Paulo: Abril, 2004.

SANTOS, B. B. dos. *Puebla e a Família*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCAMPINI, L. *Casais em segunda união: acolhida fraterna na Igreja*. Aparecida: Santuário, 1999.

SCHENEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*. V. 1: prolegômenos; doutrina sobre Deus; doutrina da criação; cristologia; pneumatologia. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCHILLEBEECKX, E. *Maria, mãe da redenção*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

SCHIVO, L. *Anjos e Messias: messianismo judaico e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006

SCHNEIDER, R. *Desafios do convívio familiar*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

SÉGUIN, M. *Contracepção e a Igreja: balanço e perspectiva*. São Paulo: Paulinas, 1998.

SPANNEUT, M. *Os Padres da Igreja*. V. 2: séculos IV-VIII. São Paulo: Loyola, 2002.

SPIDLÍK, T. *Nós na Trindade: breve ensaio sobre a Trindade*. São Paulo: Paulinas, 2004.

SUSIN, L. C. (org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SUSIN, L. C. *Deus: Pai e Filho e Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

TERRIN, A. N. *Antropologia e horizonte do sagrado: culturas e religiões*. São Paulo: Paulus, 2004.

TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003.

VIDAL, M. *O Evangelho da vida: para uma leitura da Evangelium vitae*. São Paulo: Paulinas, 1998.

VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. V. 1. São Paulo: Aste, 1973.

\_\_\_\_\_. *Teologia do Antigo Testamento*. V. 2. São Paulo: Aste, 1974.

VV.AA. *Evangelho e Reino de Deus*. São Paulo: Paulus, 1997.

#### IV. SITE

ACIDIGITAL.COM *João Paulo II, 'O Grande' 1920-2005*. Disponível em: <<<http://www.acidigital.com/juanpabloii/>>>. Acesso: 26 outubro 2006, 11:00:00.

BENTO XVI. *Discurso na assembléia plenária do Pontifício Conselho da Família*. Disponível em: <[http://www.vatican.v/holy\\_father/bebedictxvi/speeches/2006/may/documents\\_/hf](http://www.vatican.v/holy_father/bebedictxvi/speeches/2006/may/documents_/hf)>. Acesso em: 18 de outubro, 2006. 16:05:23.

CNBB. *Pastoral familiar*. Disponível em: <<http://www.pastoralfamiliarcnbb.org.br>>. Acesso em: 27 outubro 2006, 20:30:08.

DULLES, A. C. *A Verdade como fundamento da liberdade: um tema de João Paulo II*. Disponível em: <<http://www.acton.org/pop/pubs/dullwa.pdf>>. Acesso em 29 outubro 2006. 10:26:00.

ECLÉSIA. *Memória eterna! Morre Sua Santidade o Papa João Paulo II*. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/news/falecimento\\_papa.htm](http://www.ecclesia.com.br/news/falecimento_papa.htm)>. Acesso em: 27 outubro 2006, 09:30:02.

JOÃO PAULO II. *1920-2005*. Disponível em: <<http://www.dcomercio.com.br/especiais/papa/osanto.htm>>. Acesso em: 27 outubro 2006, 10:20:00.

\_\_\_\_\_. *Carta Apostólica em forma de "Motu Próprio" Família a Deo Instituta*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/212.77.1243/holy\\_fther/john\\_paul\\_ii/motu\\_proprio/documents/hf\\_jp-ii\\_motu](http://www.vatican.va/212.77.1243/holy_fther/john_paul_ii/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu)>. Acesso em: 18 outubro 2006, 10:05:15.

\_\_\_\_\_. *Discurso ao Conselho da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 23 de fevereiro de 1980.* Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1980.pdh](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980.pdh)>. Acesso em 15 outubro 2006, 08:09:00.

\_\_\_\_\_. *Discurso na festa das famílias, 20 de outubro 2001.* Disponível em: <[http://www.vatican.va/john\\_paul\\_ii/speeches/2001/october/documents.hfj](http://www.vatican.va/john_paul_ii/speeches/2001/october/documents.hfj)>. Acesso em 03 novembro 2006, 07:10:09.

\_\_\_\_\_. *Discurso no XI Capítulo Geral das irmãs da Sagrada Família de Nazaré, 06 de julho 2001.* Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/2001/documentis/hf\\_ip\\_spe](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2001/documentis/hf_ip_spe)>. Acesso em 03 novembro 2006, 11:09:00.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[http://www.vatcan.va/holy\\_father/Jon\\_paul\\_ii/index\\_p.htm](http://www.vatcan.va/holy_father/Jon_paul_ii/index_p.htm)> Acesso em: 27 outubro 2006, 11:20:05.

\_\_\_\_\_. *Homilia no início de seu Pontificado.* Domingo 22 de outubro de 1978. Disponível em: <[www.vatican.va/holy\\_father/jon\\_paul\\_ii/speeches/1978/documentis.htm](http://www.vatican.va/holy_father/jon_paul_ii/speeches/1978/documentis.htm)>. Acesso em: 94 outubro 2006, 17:00:00.

\_\_\_\_\_. *Incarnationis mysterium: bula de proclamação do grande jubileu do ano 2000.* 29 novembro 1998. Disponível em: <[http://www.vatican.va/jubilee\\_2000/docs/documents/hf\\_jp-ii\\_doc\\_30111998\\_bolla-jubilee\\_po.html](http://www.vatican.va/jubilee_2000/docs/documents/hf_jp-ii_doc_30111998_bolla-jubilee_po.html)>. Acesso em: 94 outubro 2006, 17:00:00.

\_\_\_\_\_. *Mensagem ao Congresso do Pontifício Conselho para a Família na celebração do 20 ano da “Familiaris Consortio”.* 22 de novembro de 2001. Disponível em: <[www.vatican.va/holy\\_father/jon\\_paul\\_ii/speeches/2001/nov/documentis.htm](http://www.vatican.va/holy_father/jon_paul_ii/speeches/2001/nov/documentis.htm)>. Acesso em: 05 outubro 2006, 17:35:46.

\_\_\_\_\_. *Saudação aos participantes do Pontifício Conselho para a família* (2001).

Disponível em: < [http://www.vatican.va/holy\\_father/jon\\_paul\\_ii/speeches/2001/novemb.htm](http://www.vatican.va/holy_father/jon_paul_ii/speeches/2001/novemb.htm)>.

Acesso em: 04 outubro 2006, 17:00:43

LÓPEZ TRUJILLO, c. A. “*O Evangelho da família e da vida no Pontificado de João Paulo II*”;

*Encarte “Conjuntura Social e Documentação Eclesial” – nº 709*. Disponível em:

<[http://www.cnbb.org.br/estudos/enca\\_709.html](http://www.cnbb.org.br/estudos/enca_709.html)>. Acesso: 10 janeiro 2005 – 17:00:00.

LÓPEZ TRUJILLO, c. A. *O evangelho da família e da vida no pontificado de João Paulo I*.

Disponível em: <<http://www.presbiteros.com.br/Artigos/O%20Evangelho%20da.fam.htm>>.

Acesso em: 13 janeiro 2006, 10:05:15.

SCHOTTE, J. P. *Lineamenta: Sínodo dos Bispos X Assembléia Geral Ordinária, 23 de fevereiro*

*de 1980*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/jonh\\_paul\\_ii/speeches/1980.pdh](http://www.vatican.va/holy_father/jonh_paul_ii/speeches/1980.pdh)>.

Acesso em 15 outubro 2006. 08:09:00.

SOTER. *Cristologia* Disponível em: <[http://www.redemptor.com.br/~soteer/ementario/](http://www.redemptor.com.br/~soteer/ementario/Ementariosistemica.htm)

[Ementariosistemica.htm](http://www.redemptor.com.br/~soteer/ementario/Ementariosistemica.htm)>. Acesso em 02 novembro 2006. 06:08:00.

ZENIT.COM *Morte do Papa*. Disponível em: <<http://www.zenit.org/portuguese.htm>>. Acesso

em 27 de outubro de 2006, 15:00:43.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO**  
**Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção**

**JOSÉ SETEMBRINO DE MELO**

**Leitura Cristológica da *Familiaris Consortio***

**São Paulo – 2006**